

MIGUEL GULLANDER



ATRAVÉS DA CHUVA

TENDO PERDIDO
A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO
DE VIDA ENCARCERADO NUM ESTRANHO COMA,
O SENHOR **SVART** DESPERTA EM ESTOCOLMO COM
UM ÚNICO OBJECTIVO: VER UMA **PALANCA NEGRA**
GIGANTE NO CORAÇÃO DE ANGOLA.

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

MIGUEL GULLANDER

ATRAVÉS DA CHUVA



TENDO PERDIDO
A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO
DE VIDA ENCARCERADO NUM ESTRANHO COMA,
O SENHOR **SVART** DESPERTA EM ESTOCOLMO COM
UM ÚNICO OBJECTIVO: VER UMA **PALANCA NEGRA**
GIGANTE NO CORAÇÃO DE ANGOLA.



Ficha Técnica

Título original: *Através da Chuva*

Autor: Miguel Gullander

Edição: Cecília Andrade

Revisão: Clara Boléo

Capa: Rui Garrido

Fotografia do autor: © Carmo Montanha; graciosa cedência da Câmara Municipal de Oeiras

ISBN: 9789722054843

Publicações Dom Quixote

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Miguel Gullander e Publicações Dom Quixote, 2014

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

Este livro segue a grafia anterior ao Novo Acordo Ortográfico.

PARTE 1

O teu corpo sendo uma projecção mental é incapaz de morrer, mesmo que seja decapitado e esquartejado. Na realidade, o teu corpo tem a natureza do vazio, portanto não precisas de ter medo. Os Senhores da Morte são apenas as tuas próprias alucinações. O teu corpo desejante é apenas um agregado de propensões e vazio. O vazio não pode afectar o vazio, a ausência de essência não pode afectar a ausência de essência. À parte das tuas próprias alucinações, na verdade, não existe nada fora de ti próprio, não existe Senhor da Morte, nem deus, nem demónio. Age de forma a que reconheças isto.

(Bardo Thödol)

Quando o jovem avistou o velho, sentiu o que os homens sentem quando se cruzam com outros homens.

Vontade de aniquilar.

Ao longe, o velho já tinha visto o jovem chegar sem o reconhecer – aproximando-se rápido sob o sol, sal e areias do deserto.

O velho sentado a contemplar o mar pela janela da ruína colonial, ali no deserto do Namibe, frente à foz do rio Cunene, na fronteira com as gigantes dunas da Costa dos Esqueletos.

O corpo do velho encolhido. O velho tinha atravessado toda a planura do deserto através daquele calor e uma sufocação terríveis. É fácil ver o jovem que se aproxima, toda a paisagem está despida de árvores e plantas. Apenas destroços de madeira, carcaças de animais cuspidos do mar, e barcos apodrecidos. O céu, escuro, está carregado de nuvens baixas e velozes. É cinzento como um canal de televisão sem sinal. Quando entardecia o velho e a mulher tinham-se instalado na ruína do tempo colonial, uma casa só com três paredes, sem tecto, junto à foz do rio cuja água nenhum vaso pode conservar. Enquanto se bebe esquece-se de tudo, assim dizem.

Ouve-se um trovão – e a ponta da arma fumega. Surge o jovem camuflado. Afinal não é o homem que se esperava, não é o homem de contacto, que vinha salvá-los. Afinal é um homem com um nome de código. Um exército de um só homem.

De repente, a mulher partiu dali, para o alto, brilhando como uma estrela.

O homem velho, atingido, sangra para dentro da água do rio. O jovem segura, suavemente, a cabeça do velho e empurra-a para dentro do rio.

«Esquece-te de tudo. Esquece-te de quem és», o vento leva as palavras.

O jovem camuflado pressiona a cabeça ainda mais para o fundo das águas. Debaixo de água, o rosto do velho grita em silêncio.

Tenta respirar. O cérebro dispara imagens. Toda a sua existência corre em segundos diante dos seus olhos.

O jovem tem suor na testa. O seu hálito tem uma mistura de erva e álcool. O jovem está a segurar, firme, a cabeça do velho, não sabe que o velho tem uma arma no bolso. Empurra a cabeça do velho debaixo de água enquanto procura a mulher. É nessa altura que vê algo entre a chuva.

Contempla-os, ali.

Respirar. Tenta respirar.

O velho sabe que vai desistir. Procura a granada no bolso e puxa-lhe a cavilha. Tenta respirar. Inspira, expira. Engole água do rio, afoga-se no esquecimento.

Ouve-se um trovão.

Tenta respirar. Inspira, expira.

E o velho continua deitado sem se mexer.

O velho não se mexe. Está em coma, mas ouve tudo.

O velho Svart não pensa, mas está consciente. Faz vinte e cinco anos. Sem mexer um único músculo. Já é herdeiro de todo um passado, de toda uma história. Tal como nós quando nascemos: negros ou brancos, mulheres ou homens, bonitos ou feios, filhos de ministros ou de assassinos, de revolucionários ou conservadores – todos nós somos, à partida, a actualização de uma infinita cadeia causal – uma herança.

O que vais fazer com a tua herança, a tua história?

O matrindinde fêmea passeia junto do ouvido do senhor Svart, na almofada imaculada do hospital Karolinska, em Estocolmo. Ninguém liga ao senhor Svart, faz mais de duas décadas que está ali deitado. É uma caneca velha de café que foi esquecida numa bancada de cozinha. Não vale nada. Infelizmente, não há uma máquina para que se possa desligá-lo.

Quem vai reparar no pequeno insecto que lhe passeia junto ao ouvido, zumbindo, um minúsculo berbequim eléctrico? Quem poderá adivinhar que este insecto está activamente a contribuir para que Herr Svart seja estimulado, em pleno hipotálamo, por uma pequena voz que o chama para acordar? Como nas manhãs frias de Inverno quando a filha mais nova, com a sua pequena voz aguda, nos chama do fundo da noite, para que nos levantemos e cumpramos o nosso dever de pais.

Podemos conseguir dormir com o vizinho a gritar. Podemos dormir ao lado duma coluna de música num bar cheio de fumo e gente. Até podemos sonhar enquanto o despertador toca incessantemente pela hora de expediente adentro. Mas ninguém consegue manter-se no ninho do sono profundo quando uma criança chama por nós. Quem tem filhos sabe-o. Aquelas vozes amorosas furam-nos os tímpanos, como brocas de ponta diamante, e na nossa mente acende-se uma lâmpada de halogéneo. No segundo anterior não estávamos aqui – e logo, de repente, já cá estamos. O universo inteiro volta a existir e com ele o nosso corpo, no meio da cozinha, a preparar os cereais, a beber uma caneca de café, a meter livros dentro duma mochila cor-de-rosa, a dar ordens, a receber ordens, a dar beijinhos, a receber empurrões, a guiar, a fazer recomendações – e a receber todo um mundo de impulsos – uma vozinha incessante entre semáforos – passeadeiras, crianças, gente e mais gente, as curvas da cidade, os ângulos das rotundas, os portões de escolas, telemóveis a tocar, e a vozinha incessante da criança mais linda e mais insuportável do mundo: a nossa querida filha.

Svart não sabe dessas coisas. Nunca foi pai. No entanto, esta voz de matrindinde é tão insuportável e impossível de ignorar quanto a voz desse alguém, assim querido e íntimo. Quem tem filhos bem o sabe. Até demais.

Respira. Inspira. Expira. Levanta-te.

Zumbe insistente a voz aguda do matrindinde, vinda do sem fundo da

noite. Uma noite escandinava, sem fundo, portanto. Mas com um fim! Demorou, a Primavera está para chegar – e em breve o sol abrasará. Herr Svart voltará a saborear a luz.

O matrindinde salta para fora da almofada – e desaparece caminhando nas suas múltiplas patas rápidas, por entre os pés das enfermeiras, as rodas de borracha das macas, enquanto os olhos panorâmicos controlam eventuais pisadelas, para fora das portas automáticas e pesadas do hospital.

Tudo fica completo – de novo e de novo e de novo.

Dentro do hospital, na ala de residentes do Karolinska, o velho Svart já mexeu um músculo: apenas um. Um dedo, um indicador em garra, que saca uma cavilha, dispara um gatilho, escava a saída do sepulcro, rasga o tecido da mortalha, arrasta-se numa ascensão, como quem vem a nadar da última cave escura do oceano frio, ou se alça ao mais alto cume duma parede de rocha de escalada. Tudo num só dedo.

O matrindinde poder-se-ia dar por feliz. A sua voz é insuportável, e acorda Lázaros.

Ao lado do rosto do velho Svart está a caixa de fósforos de onde saiu o insecto. É uma pequena caixa de cartão como aquela que ele costumava levar no bolso, nos tempos em que vivera em África. A diferença é que esta tem a seguinte frase escrita na tampa:

«20 Buscar».

Vim-te Buscar.

3.

Seis meses após ter acordado do seu coma, Herr Svart ainda era famoso por todo o hospital Karolinska, em Estocolmo. Fora trazido há décadas, um menino sem nome, sem identidade, resgatado dos desertos africanos, e com o tempo tornara-se um elemento familiar e contínuo. Tudo o que é contínuo tem o pendor de criar segurança. Muitos enfermeiros simpatizavam com ele e davam-lhe um mimo extra, tal como trazerem-lhe o jornal ou deixarem-no deambular, com excessiva liberdade, pelo hospital. Servia de treino para as articulações e, assim, Herr Svart começava a ganhar coordenação.

Herr Svart era alvo de muita compaixão. Dera entrada no hospital enquanto jovem, vindo de África após um qualquer evento horrível e misterioso e, agora, acordava um homem idoso. Deixara de ser jovem no tempo que dura um desmaio. Para quem desmaia, esse tempo não dura nada. Herr Svart deixara de ser jovem num nada. E deixando de ser jovem deixou também de acreditar em muita coisa. É um processo automático que está relacionado com as alterações químicas do próprio corpo: com a idade algumas certezas e interesses desaparecem. Outras certezas surgem, fruto da experiência. A experiência de Herr Svart podia não ser muita, mas era sólida. Definitiva: agora sabia que não se é jovem para sempre, ele deixara de o ser num instante, e que a mortalidade nos alcança a qualquer momento.

Agora Svart vivia nessa iminência, essa imponderabilidade, justificada pela experiência directa – a dureza irrevogável do empirismo – de que se pode acordar para esta manhã ser a última. Ainda no outro dia, na ala dos tratamentos paliativos, Herr Svart vira um homem respirar pela última vez. Aquele sopro final não o aliviou, asfixiou-o, sentiu que ficara preso na espera de sentir o peito recolher mais ar, e isso nunca mais aconteceu. O que aconteceu *àquela* consciência?

Acidentes, doenças, ataques cardíacos, crimes – ou a simples morte súbita sem causa aparente: estão vivas, as pessoas, dão uma expiração – e foi a última. Respiram e depois morrem. Estava acordado e, Svart entrara em coma e nem se lembra como. Como por acaso, acorda de novo, para ficar consciente de que estivera inconsciente, para descobrir que morrera por vinte e cinco anos, e que um pedaço de História tinha acontecido, para todo o resto do mundo. Perdera uma vida – e pôde voltar para o saber. A maior parte não volta, por isso nem sabe que morreu. Agora Svart sabe o quanto é fácil morrer – porque também lhe aconteceu a ele, e não apenas aos outros.

O coração bombeia e depois pára.

Herr Svart passeia-se pelo hospital e sente-se o homem mais roubado do mundo. É isso envelhecer sem se ter feito nada de jeito: um desperdício, um roubo. É isso ser-se assassinado ou escravizado: um roubo.

«Veja Herr Svart», diz o simpático enfermeiro com uma tatuagem de uma granada no antebraço. Herr Svart não cessa de se espantar como deixam pessoas com esse aspecto trabalhar num hospital. «Veja que tem um artigo sobre um animal raro que foi descoberto em África. Por estranho que possa parecer todos os que o avistaram desapareceram. Havia um descendente de suecos na equipa. Também desapareceu.»

Svart pousa os olhos sobre o jornal agradecendo.

«Tack so mycket.»

«Herr Svart era um batracólogo, ou aracnólogo, em África, não era?»

«Não», Herr Svart não gosta do pretérito imperfeito da frase. Prefere o presente do indicativo para tempo verbal da resposta: «A minha área não *é* rãs, nem aranhas. A minha área *é* avistamento de espécies raras. Eu *sou* criptozoólogo...»

A tatuagem da granada afasta-se. Cartoon ambulante, pensa Herr Svart.

Dois velhos discutem acesamente um com o outro.

«Podem fazer silêncio?», grita também Herr Svart. «Gostaria de ler o jornal!»

«Cala-te tu, velho! Não vês que temos coisas mais importantes para discutir do que a tua merda de jornal!»

«Eu não sou este velho», pensa Svart olhando os braços. «Sou outro...»

Está escuro e está frio. A neve rodopia lá fora.

«Hoje de manhã estive com Deus!», grita o primeiro.

«Não estiveste não!», responde a segunda voz, suave, sorrindo um pouco.

«Juro-te que estive», grita o velho exasperado, perdendo controle.

«Não estiveste, não senhor!», confirma a voz suave, com alguma ironia.

«ESTIVE COM DEUS ESTA MANHÃ!!!»

«Não estiveste não, pois não me lembro de teres vindo comigo esta manhã.»

Herr Svart baixa os olhos para o jornal, já aberto na página certa.

«Palanca Negra Gigante é avistada na reserva natural da Cangandala. Grupo que efectua descoberta desaparece sem rasto.»

4.

Herr Svart, o criptozoólogo, inclina-se para trás. Beberica o chá e prepara-se para ler o seguinte artigo:

«Equipa de criptozoólogos desaparece nas matas da Cangandala

após descoberta da Palanca Negra Gigante. Os últimos registos foram encontrados num computador portátil e num pequeno gravador Samsung. O gravador Samsung encontrava-se a muitos quilómetros de distância mas a relação entre estes objectos foi estabelecida. Todos os elementos do grupo desapareceram.»

Herr Svart lê com redobrado interesse. O artigo, extenso, inclui fotos da incrível Palanca Negra Gigante e dos elementos que completavam a expedição. Um descendente sueco também lá estava presente. O avistamento, feito pela primeira vez em mais de trinta anos, comprovou que a espécie ainda não está extinta, ao contrário do que se pensava. É uma descoberta da maior importância.

O relatório encontrado no computador, escrito pelo famoso perito em Palanca Negra Gigante, Pedro Vaz Pinto, diz o seguinte:

«Novembro foi altura de fazermos mais uma tentativa para capturar a primeira palanca e marcá-la com uma coleira GPS. Mais uma vez, tivemos connosco o famoso criptozoólogo e capturador de animais de grande porte, Peter Morkel, a coordenar todos os procedimentos veterinários. O Jeremy Andersen, director do Kruger Park, também se juntou a nós para fazer uma avaliação das necessidades do parque em termos de gestão e construção futura de vedações. O general Nito Rocha e um escritor de ficção científica, chamado Miguel Gullander, completaram o grupo. Ficámos por 10 dias no parque da Cangandala. As chuvas tinham sido generosas até ao momento, permitindo o ressurgimento anual dos cogumelos, e os primeiros dias foram bastante molhados e lamacentos, mas nos dias derradeiros a chuva parou por completo e a terra secou rapidamente.

Apesar do nosso esforço, em especial do Peter Morkel, mais uma vez as palancas demonstraram ser demasiado esquivas e imprevisíveis e falhámos de novo. Estes são os últimos animais sobreviventes de uma linhagem encurralada, sujeita a largos anos de caça furtiva intensa e impiedosa. Os primeiros dias foram consumidos a tentar localizar a manada de palancas/híbridos, enviando equipas de pastores em diversas direcções. Uma vez isto

conseguido, passámos então seis dias consecutivos na perseguição da manada, sempre em cima do rasto mais ou menos fresco. Todas as manhãs começávamos por retomar o rasto da véspera e caminhar nele todo o dia, por vezes não sempre, com uma breve interrupção para lanchar. A principal equipa de assalto era constituída pelo Peter Morkel e um ou dois dos melhores pastores pisteiros. A equipa de apoio era constituída por mim, o escritor, e mais dois pastores.

A caminhada diária foi em média superior a 20 km, geralmente seguindo uma linha de progressão bastante tortuosa, frequentemente zigzagueando e até chegando a forçar-nos a cruzar a nossa passagem anterior e numa ocasião fazendo um perfeito «8». O facto de a manada se mover tanto, de uma forma tão imprevisível, aliado a ventos frustrantemente inconstantes, tornou quase impossível a aproximação final aos animais sem os alertar da nossa presença. A melhor oportunidade talvez tenha sido no primeiro dia de caminhada a sério quando à hora de maior calor chegámos muito próximo do local onde descansavam à sombra. Já estávamos no rasto há algumas boas horas e sabíamos que estávamos cada vez mais em cima delas. Mesmo assim acabámos por subestimar quão próximo estávamos. Quando os pastores viram os animais no descanso, tudo se precipitou, e enquanto o Peter Morkel tentava a aproximação, a coberto de grandes morros de salalé, termiteiras, uma brusca mudança da brisa deitou tudo a perder e a manada desapareceu em segundos. Nos primeiros dois dias de caminhada séria, as chuvas ocasionais mantiveram o solo bem húmido e seguir os rastos era assim mais fácil. À medida que as caminhadas progrediram sem chuva, os rastos começaram a ser mais difíceis de seguir e as palancas passaram a deslocar-se por distâncias maiores, tornando bastante complicado manter o ritmo de perseguição. Em resultado disto, o Peter Morkel viu as palancas em quatro ocasiões nos primeiros dois dias, não nos dias subsequentes. Eu tive uma observação fugaz no primeiro dia, e um encontro inesperado nos estava ainda reservado para o quarto dia.

No quarto dia de caminhada, e depois de uma breve pausa para comer, deixámos a equipa de assalto para retomar a perseguição. Parámos junto de uma anhara já que parecia um bom lugar, com boa visibilidade. Pouco depois de sairmos do carro, tínhamos um grupo de cinco a seis palancas, correndo à nossa frente a não mais de 100 metros de distância. Os cornos e o contorno característico foram perfeitamente visíveis e pelo menos as últimas duas pareceram-me claramente ser fêmeas puras. O escritor de ficção científica mal conseguia acreditar no que via... já que por essa altura já tinha interiorizado que as possibilidades de chegar a ver uma palanca na sua primeira viagem eram pouco mais do que zero! O Jeremy não teve tanta sorte porque foi demasiado lento a contornar o lado da árvore onde se encontrava encostado, e o Nito havia voltado na véspera para Luanda – veio à Cangandala mais que uma centena de vezes e nunca conseguiu ver uma palanca.

Se nada mais, esta operação ensinou-nos muito sobre o comportamento das palancas na Cangandala, e tornou-se evidente que se deslocam bastante

dentro da sua área vital (o espaço utilizado pela manada). Pudemos não apenas confirmar a área vital de que suspeitávamos, inclusive estendê-la no seu limite sudoeste. Surpreende verificar que pelo menos parte dos animais percorreram todo o território de milhares de hectares, em menos de uma semana.

Antes de sairmos da reserva recebemos também notícias bastante perturbadoras, em resultado de relatos que se espalharam entre as populações locais como fogo no capim. Enquanto estávamos no parque, dois caçadores furtivos entraram no norte do parque junto de Kulamagia (como é habitual, a zona mais atingida pela caça furtiva), e de alguma forma um dos caçadores conseguiu atingir com um tiro de uma carabina Mauser o seu colega, tomando-o por um antílope.

O infeliz furtivo atingido foi transportado para o Hospital Municipal de Cangandala e de seguida evacuado para Malanje dada a gravidade dos ferimentos (a bala entrou-lhe pelas costas e acabou alojada na coxa). Isto não poderia passar despercebido, e o atirador foi imediatamente preso (receio que mais por ter acertado em alguém que por estar a caçar dentro do parque da palanca). Contudo, esta história ficaria ainda mais picante, de acordo com o que os pastores apuraram e um dos pisteiros mais tarde confirmou em entrevista ao furtivo ferido, estimulando-o a falar por meio de uma catana posta no lume. Parece que foi o comandante da polícia da comuna de Kulamagia, quem forneceu primeiro uma AK-47 aos caçadores para irem buscar carne fresca ao parque. Aparentemente esta arma não funcionou bem, e os caçadores acabaram por voltar ao chefe Vidal que lhes trocou desta feita a arma por uma carabina Mauser. Esta situação é tão mais séria quanto as armas tinham sido confiscadas às populações numa medida urgente, ainda a decorrer, das autoridades para desarmar a população civil em todo o país.

As últimas notícias vindas de Malanje davam conta que o chefe Vidal tivera um acidente de moto, e estava desaparecido... esperamos que um exemplo possa resultar deste incidente, ainda receio que tudo seja abafado.

Cumprimentos, Pedro Vaz Pinto»

Herr Svart continua ainda a ler a cópia impressa dos últimos relatórios encontrados, antes do desaparecimento dos tais indivíduos: o zimbabuano, o sul-africano, o português e o descendente sueco.

Dizem que a única coisa encontrada no lugar foi uma caixa de madeira. Segundo os supersticiosos relatos locais a caixa tinha uma velha feiticeira lá dentro, uma múmia dos primeiros tempos da primeira colonização branca. Supostamente todos os membros da expedição tinham desaparecido porque haviam sido comidos para *dentro* da caixa, pela velha. Herr Svart lembra-se da velha canção infantil:

Velhinha na caixa, velhinha na caixa...

O que fazes tu aí dentro?...

O contingente de homens desaparecidos arrancara na direcção de Malanje a 11 de Novembro, a partir da ilha de Luanda, às 3 horas da madrugada. Entrara por um território de 60 000 hectares, onde existem no máximo 5 palancas, ou seja, um animal por cada 12 000 hectares. E o tal escritor de ascendência sueca tinha, logo à primeira, visto uma Palanca Negra Gigante.

Svart sente a correr-lhe no sangue algo com que não conta: inveja.

Um grupo de indivíduos conseguira concretizar o seu maior desejo de criptozoólogo: avistar o maior e mais raro antílope do planeta. E um escritor obscuro, de ficção científica, conseguira realizar, sem querer, nem calcular a improvável sorte, um desejo pelo qual muitos dariam a vida.

Aposto que já nem pensa nisso, medita com amargura Herr Svart.

Caçar ou capturar uma Palanca Negra Gigante é o maior troféu entre todos, pois este é o maior antílope do planeta. Frank Varian foi o inglês que deu a vida para tentar provar a sua existência. Percorreu todo o continente em busca de quem era dono dos impressionantes cornos que, por coincidência, encontrara entre despojos de uma caçada. Morreu sem descobrir a localização do grande animal. O Conde de Barcelona foi um obcecado por este animal a ponto de ter enlouquecido e destruído a fortuna. O embaixador do México nas Nações Unidas, durante o período fascista, ofereceu o seu voto, favorável a Portugal, relativamente à questão colonial – em troca de o Governador de Malanje autorizar um grande fazendeiro mexicano a tentar caçar uma palanca: o mexicano falhou.

O animal sempre foi muito respeitado – com pena de morte para quem o tentasse apanhar. Não havia distinção social ou racial na questão da Palanca Negra Gigante. Aconteceu um abastado grossista branco, português, ter morto uma por engano. Voltou a casa, matou a mulher e filhos, e depois suicidou-se.

Matar uma Palanca Negra Gigante é o fim.

Ver uma é conquistar o maior avistamento com que um criptozoólogo pode sonhar. É o coroar de uma carreira. A carreira que Herr Svart deixara perder nas terras de África.

5.

O coração bombeia e depois pára.

Sete meses depois de Svart sair do coma de mais de vinte e cinco anos, começa a ver como ficou feio: as centenas de horas de fisioterapia conseguiram desencaracolá-lo e levá-lo do mundo dos mortos. Ficara um tudo-nada mais curto, mais tenso e quebradiço – Svart é como um arame que foi enrolado em espiral, até enferrujar, e agora esticam-no como uma mola.

Herr Svart já se passeia na cidade a conselho médico. Tudo lhe parece excessivo: o trânsito, o ruído, as cores, os anúncios, as roupas e penteados das pessoas. Tudo parece ter sido preparado com um toque porno circense.

Herr Svart deambula já embrenhado nos seus próprios planos e projectos, nomeadamente recuperar a memória do seu passado, e coroar de glória a

carreira interrompida. O artigo da Palanca Negra Gigante fustiga-lhe a vontade. A estranheza do desaparecimento colectivo da expedição também o intriga.

Herr Svart termina mais uma das infinitas sessões de fisioterapia com os panos aquecidos a chumbo por dentro; as tracções de cordas; elásticos com pegas; manipulações para forçar as articulações a dobrarem – e as máquinas; cada ginásio de fisioterapia é uma arena de combate – a dor e as lágrimas, a frustração e a esperança. Um processo sem fim dos suplícios de Tântalo, de puxar, remar, pesos, resistências, ferros e máquinas – uma considerável quantidade de energias dispendidas, ali naquelas salas de gemidos, que provavelmente dava para alimentar um gerador e iluminar uma pequena vila por horas.

O coração bombeia e depois pára.

Herr Svart bebe um whisky em Gamla Stan e desdobra a página da National Geographic com a foto da imponente Palanca Negra Gigante. Vê as pessoas que correm. Algumas são jovens e devem ter projectos de trabalho, desejo de construir uma família – para depois a destruírem. Os velhos que lhe passam pela frente lutam pela sobrevivência, com os seus sacos repletos de remédios, e vodka comprado no System Bologat. O que farias, hoje, se acordasses com a sensação – talvez a certeza – de que esta seria a tua última manhã? Escreve isso no vidro da casa de banho, depois do duche. Lê o vidro da casa de banho, antes que o vapor se dissipe e a tua coragem também. Esta é uma questão – um chicote para escravos, um tambor na galé dos condenados – questão que açoita Svart na pele, ressoando uma invocação de deuses atroz, um comando para avançar sem medo, suicida sob fogo inimigo, as balas são água – e assim um homem avança pela maré adentro, noite fora.

Assim medita Herr Svart enquanto pede o terceiro Glenfiddich.

6.

Svart apanha o metro do hospital, no centro de Estocolmo, Karolinska Institutet, para Sollentuna, nos subúrbios desolados e frios da capital báltica. São três da tarde e a noite, junto ao chão, começou. O céu ainda está transparente como gelo, com um azul eléctrico semelhante ao dos olhos de uma moça que se senta diante de Svart no comboio. Ele compara-lhe os olhos com o céu: são da mesma cor.

Os telemóveis dentro do comboio apitam, piscam, vibram e tocam. O comboio está cheio de árabes e gente escura – não era assim a Suécia de que se lembra. Svart fita os grupos de rapazes morenos de cabelos negros e barbas descuidadas. Chega-se à frente. Sussurra

à miúda de olhos fixos no telemóvel, escrevendo freneticamente com um só dedo. Tudo pisca e emite sinal.

«Porque é que isto está cheio de árabes?», a miúda assusta-se e levanta-se de um salto. Afasta-se imediatamente, sem sequer olhar para trás. Espantado

com a reacção de desconfiança, Svart vira-se, interrogativo, para o rapaz que está no lugar ao lado. O rapaz está com os ouvidos tapados por uns gigantescos *phones* Sony, que deixam transbordar um som de metralhadora. O olhar permanece fixo na distância – mas já tem um dedo levantado, para responder seja ao que for.

«Fuck you», soletram silenciosos os lábios do rapaz de olhar desviado.

Ninguém olha ninguém. É assim o mundo das redes sociais. O mundo filho dos totalitarismos e da bomba H.

Ninguém confia em ninguém. Ninguém olha ninguém nos olhos. Só emitem sinais: fuck you.

Entram cinco miúdos fazendo um tumulto. Dois são negros, outro bem escuro e os outros dois, qualquer outra coisa. Talvez eslavos, talvez bósnios. Talvez suecos.

Svart folheia desconfortável um jornal gratuito abandonado no assento.

«Escolas livres de Estocolmo integram estudos corânicos», anuncia um dos títulos, na secção da educação.

A perplexidade de Svart cresce.

Conhece a aversão natural que o seu povo tem a tudo o que é estrangeiro. O sueco só gosta do «estrangeiro» a menos que o sueco esteja lá no estrangeiro com ele – com o tal estrangeiro metido no seu próprio lugar. Svart sabe bem que o seu povo chama aos estrangeiros «invandres».

E agora? O que é isto? Estas promiscuidades com estruturas ideológicas intolerantes? Escolas com currículo adaptado à mais tosca das religiões-do-livro, o islão? Islamismo na Escandinávia? Uma mesquita em Estocolmo?

Andamos a fingir-nos de bonzinhos, é o que lhe passa pela cabeça.

Os suecos desprezam o papa dos católicos mas lambem o cu islâmico em nome do respeito pelas outras culturas. Curioso.

«Isto é propaganda ou quê?!», exclama alto e logo se arrepende quando, como por artes marciais, um murro de vento mágico, o círculo de gentes à sua volta se encolhe e afasta meio passo da sua proximidade.

«Somos ou não somos tolerantes à intolerância?!»

Herr Svart continua a folhear enquanto algumas pessoas o controlam de soslaio, não vá levantar-se, sacar de um machado escondido debaixo do casaco.

Agora lê outra notícia que o deixa ainda mais espantado: um casal de homossexuais adoptou um bebé e um dos parceiros está a fazer um tratamento hormonal e de estimulação mamária para ver se consegue dar leite.

«Paneiros a dar leite?!», rosna Herr Svart a transbordar desdém.

«Idiota!», começa a ouvir-se pelo comboio. «Primitivo!»

Herr Svart chega a Sollentuna apressado entre silvos mal disfarçados, pessoas de cabeça baixa e olhar escondido, que lhe lançam insultos:

«Racista! Homofóbico!» e pior ainda. «Feio! Velho!»

Herr Svart sai para o escuro e pisa a neve molhada e castanha.

Espantado com esta viagem de comboio, Herr Svart vai cambaleando por entre a neve e olhando as lojas chinesas, pizzarias italianas, padarias portuguesas, falafel israelitas, mercearias somali.

«Compreendo a tal de globalização...», pensa o velho. «Não terei o direito de ficar um pouco surpreendido por ver kebab à venda nas ruas suecas, à mistura com as salsichas de porco embrulhadas em puré de batata?», protesta em voz alta.

«Fecha a boca, peido velho!», ouve em sueco quebrado e leva com uma bola de neve que o derruba. Os miúdos de origem curda fogem a rir e Svart vê que sangra um pouco da cabeça. A bola de neve estava bem compactada – fora molhada com água, para ficar em gelo, e tinha uma pedra no centro.

Herr Svart levanta-se do chão num país onde percebe que agora é estrangeiro.

Chega a uma zona de prédios sociais. Herr Svart lembra-se de serem construídos do chão. Nessa altura, ainda não era estrangeiro no seu país. Era ele quem recebia os estrangeiros, de braços abertos, em nome de ideais em que já ninguém acredita, porque nunca funcionaram. Se tivessem funcionado, continuavam por aí: é como a roda e o sexo. Funcionam, logo continuam a ser usados.

Nessa época em que foram construídos, os prédios sociais albergavam centenas de refugiados chilenos. Agora tinham gente de todo o tipo de grão, era uma praia de cores, incluindo prostitutas louras de Talin e casais de bêbados suecos, com os seus bebés delinquentes.

Antigamente, no rés-do-chão daquele prédio, havia uma cafetaria para onde iam discutir Trotsky. Agora há um ginásio de artes marciais. Ao lado vivia a menina Anderson que adorava ler Astrid Lindgren, Tagore, Kropotkin e Tolstoi, e a quem ninguém do núcleo de quatro associados de Svart levava a sério – mas a menina Anderson cozinhava deliciosos bolos de gengibre acompanhados por café forte. Nesse espaço, onde vivera a menina fantasista, há agora um videoclub, uma coisa estranha de nome blockbuster. Por todos os vidros anunciam boxe tailandês e Vale Tudo brasileiro. As fotos da montra mostram indivíduos, de rostos em esgar, a esmigalhar outros indivíduos de rictos infelizes. Vê-se também os heróis americanos dos filmes de porrada e umas mulheres nuas com expressões de excessivo prazer mais parecendo os infelizes do Vale Tudo.

«Já levaste nos cornos.»

Uns rapazes em calças de fato de treino e T-shirts de alças fumam na entrada do ginásio. Têm as luvas penduradas ao ombro. Tatuagens por todo o lado do corpo, que vão de mickeys a caveiras, incluindo cafeteiras e retratos das caras de avós. «Devias vir aprender connosco, velho. Ensina-mos-te a dar um murro especial. Faz o outro cabrão engolir a língua.»

Herr Svart não responde e sobe as três primeiras escadas o mais rápido que as magras pernas lhe permitem.

«Gostavas de conseguir fazer alguém engasgar-se com a própria língua?», ainda ouve.

Sobe a custo, pois o corpo encaracola-se e dobra-se sobre si mesmo. A mola enferrujada que tem por dentro encolhe-se e as forças faltam tal como o fôlego. Sente-se sufocar. Devia ter apanhado o elevador. A memória diz-lhe que sempre subira pelas escadas. Antes era em passos largos, de conquistador e agente de cooperação: o mundo-melhor-que-estava-mesmo-aí-a-chegar.

O escritório da ADSA era já no primeiro andar.

«Já bebo um café com aguardente e fico como novo», pensa Herr Svart para se animar.

O prédio tinha várias salas atribuídas a Grupos de Estudo. Os Grupos de Estudo são uma cultura que remonta aos séculos anteriores e sempre foram apoiados pelo estado sueco. Há mais de 60 mil grupos de estudo na Suécia.

Começa a espreitar as salas – olha por entre as frinchas das portas e espreita fechaduras. Existem grupos de estudo para variados temas como «bolos típicos suecos», «literatura policial», «Wittgen-stein e Popper», «Krishnamurti» – e basta as pessoas juntarem-se num grupo de interesse comum e pedir o estatuto de Grupo de Estudo que o estado arranja um alojamento e uma verba mensal.

Por sorte, Herr Svart veio mesmo na altura em que o grupo de estudo da ADSA tem as suas horas marcadas. Para ter a certeza, Svart espreita pela fechadura. Vê ao fundo um cartaz com o logótipo da ADSA. Ao lado vê uma foto de um indivíduo deitado como um verme e várias pessoas a segurarem-no carinhosamente. Se tivesse chegado uma hora depois Herr Svart tinha encontrado o grupo de «rebirthing», uma técnica para fazer adultos reviverem os momentos iniciais do seu próprio parto sendo, neste caso, re-nascidos mas de forma consciente, o que permite fazer uma catarse dos traumas de infância e associados ao parto.

«Talvez eu precisasse de ser reparado também», desdenha Herr Svart perante a bizarra técnica. «Com cinquenta anos a menos...»

Svart entra na sala do Grupo de Estudos da ADSA depois de trinta anos ausente. O seu núcleo de associados está mais pequeno, tanto em número como em tamanho real. Tudo parece mais pequeno de altura. Mirrado mesmo. Dos três elementos do costume, só lá estão duas pessoas cujos corpos se transformaram em morangos silvestres, redondinhos, pequenos e vermelhos.

Herr Holger e Fru Pia levantam a cabeça para verem Svart entrar.

«Olha, olha o Svart», dizem sem entusiasmo. «És mesmo daqueles que diz que vai comprar cigarros e aparece de volta passados trinta anos», dizem.

Apertam mãos, fazem pequenas vénias e preparam café. Herr Holger hesita um instante quando Herr Svart lhe oferece *snus General*. Herr Svart, prontamente, enfia mais uma bola do intoxicante e azedo tabaco molhado para debaixo do lábio superior, ficando com uma expressão de macaco tal como Herr Holger. Fru Pia olha com um ar de quem foi atraída por Herr Holger.

Herr Svart atira com a página dobrada da Palanca Negra Gigante para

cima da mesa. Abre-a com um dedo que aponta.

«Ainda quero ver isto», diz Herr Svart secamente.

Bebem café, enfiam mais *snus*, e fazem pequenas vénias. Ninguém fala e evitam olhar-se. Herr Svart estranha não lhe oferecerem um «cheirinho» para o café. Afinal, está com tanto frio nos ossos dos tornozelos.

«Ya sa...», murmura a senhora Pia. «Ah, pois...»

«Enfim...», diz Herr Holger.

«Portanto...», confirma Herr Svart.

Falam, então, do clima, o assunto preferido dos suecos.

«Está muito frio.»

«Está muito escuro.»

«Ah, pois....»

«Enfim....»

«Portanto... o que têm feito vocês? Quais os assuntos quentes? Guiné? Cabo Verde? Moçambique? A Ulla? O Movimento Anarquista? Ouvi falar de um Black Block e de uma tal ATTAC...» Herr Svart entusiasma-se.

O *snus* faz o seu efeito mais a aguardente que agora decidira juntar ao café. Como ninguém lhe oferecia, Herr Svart decidira servir-se da garrafa que trazia no bolso interior do casaco. Reparara no olhar reprovador dos amigos ao tirá-la do bolso.

«Nestes meses aprendi a mexer na Internet e tenho visto coisas incríveis! Contem-me todas as políticas em que a ADSA anda a combater!»

A sala silencia por um longo instante enquanto Herr Holger e Fru Pia trocam olhares.

«Sou avô!», exclama com genuína alegria Herr Holger. «A minha neta tem dois aninhos e já diz corta-unhas! É um bebé índigo ou cristal. Sabes, agora as crianças já vêm com mutações evolutivas que as tornam mais inteligentes!»

«O futuro já não está nas melhores ideologias ou sistemas sociais, mas na própria inteligência da Terra, que já se está a defender contra nós, humanos, transformando-nos, por meio de mutações, numa melhor genética e melhor sistema escrito do genoma...», avança Fru Pia. «A Mãe Gaia está a providenciar essas mudanças de forma automática. Os novos bebés são especiais... nem todos, claro.»

Lança um olhar a Herr Holger.

«Algumas pessoas é que têm tendência para ver o que lhes convém onde não existe, pois quem feio ama bonito lhe parece...» Fru Pia disfarça mal a inveja que tem da netinha de Herr Holger. Mas Fru Pia, nos tempos de luta sindical, e radicalismo feminista, decidira não ter filhos. E sem filhos... não há netinhos para as velhinhas.

«Para a macaca o seu bebé é lindo, não é?», diz Fru Pia olhando para Herr Holger.

«A Mãe Gaia?», pergunta Svart. «Bebés índigo e cristal?... Não me parece que esses sejam objectivos políticos ou de acção. Isso é *new age*. Não há

acção directa aí! Não há boicote das redes de televisão ou satélites – não há ataque aos pontos nevrálgicos do complexo industrial – não há propaganda pela diminuição populacional... Não há...» Herr Svart interrompe-se.

Herr Svart vê os brincos de jade de Pia que combinam com uma pedra na pulseira e outra no pescoço. Ela repara na curiosidade dele.

«São feitos da pedra que corresponde ao meu anjo-da-guarda tutelar. Canaliza as energias do coração, sintonizando-o com as energias do cosmos...»

Agora Herr Svart repara em tantas coisas novas: a rede índia para apanhar sonhos maus, pendurada na janela; o café descafeinado de comércio livre; as caixas de chá para limpar a aura; na parede, em vez da foto do Amílcar Cabral, uma foto de alguém chamado Eckart Tolle; desaparecidos os livros de Marx, do subcomandante Marcos, de Ivan Ilitch, de Ignatio de Ramonet, do Unabomber, e uma data de outros autores de combate, dá-se lugar a uma colecção de livros que inclui homeopatia quântica, tantra de Caxemira na linha de Sri Nisargadatta Maharaj, tarôs dos anjos de inspiração em Azazel ou o *Capitalist Nigger* do Dr. Chika Onyeani.

«Sabes... mantivemos o nome ADSA para não ter de passar por burocracias – sabes, nisso ainda somos muito socialistas aqui na Suécia, a burocracia é tremenda – e, por outro lado, estão também a limitar os Grupos de Estudo... por causa do dinheiro... O sistema de previdência está a rebentar pelas costuras... demasiada gente a viver de subsídios e reformas... isto afinal não está a dar para todos... somos fatalmente demasiada gente neste mundo... chegámos aos nove mil milhões de bocas e cus – tudo a querer comer e cagar, em quantidade e qualidade...», justificou-se Herr Holger. «Aqui na Suécia a proporção também está complicada: apenas um trabalha para sustentar os outros sete...»

«Já não estamos muito ligados à actividade política. Já não há política possível para o estado de coisas. Vai ter de haver uma cena trágica, estilo *deus ex machina*, que desce no meio do palco,

em plena catarse e limpa com tudo... Não há políticas possíveis para o mundo em que estamos. O dito terceiro mundo aumentou sem precedentes desde que se começou a querer ajudá-lo. Um dos maiores erros foram as vacinas. Claro que ninguém diz isso, mas o número de miseráveis e destituídos que se criou foi totalmente imprevisível... Milhões de pessoas, que teriam inevitavelmente morrido sem os químicos das sociedades tecnológicas, começaram a sobreviver...»

«Isso de política de cooperação...» suspirou Holger. «Aumentam aos milhões os órfãos e países cuja metade da população está abaixo da idade de votar... Não vale a pena insistir com isso de usar o preservativo: a maior parte dos negros e indianos não vai meter, perdão, a pila numa tripa de látex, muito menos vai ser monogâmico ou fiel. Vamos rebentar pelas costuras... Educação para todos? Com professores de dezassete anos?»

«Ainda assim... mantemos algum contacto com parceiros e amigos

africanos. Recebemos cartas todo o tempo. No geral, a pedir financiamento», acrescenta sem entusiasmo Fru Pia, apontando para um monte de papelada.

«Seguramente haverá por aí algo relacionado com projectos relativos a bichos raros», diz Herr Holger. «Mas isso dos bichos raros também está a ficar fora de moda. Quando desaparecerem todos, a moda acaba, graças a Deus.»

Svart folheia as cartas que, às dezenas, enchem as mesas. Estão todas por abrir.

Apanha um sobrescrito de Cabo Verde.

«A associação de mulheres que criámos já fechou. O espaço tem agora uma discoteca», diz Fru Pia.

Olha um sobrescrito da Guiné.

«A peixaria foi desmantelada. Os estúdios de música deixaram de gravar. Tudo desapareceu até ao último microfone», explica a velha.

«Nem um parafuso sobrou!», confirma Herr Holger.

Svart continua a folhear os envelopes enquanto os seus dois amigos gemem uma ladainha de projectos abortados, falhados ou que, simplesmente, desapareceram sem deixar rasto. Pega em várias cartas mais grossas. Uma de Cabo Verde, outra da Guiné, outra de Timor, outra de Macau, outra de Moçambique, outra de São Tomé, outra de Angola. Tudo ex-colónias portuguesas, a especialidade da ONG de Herr Svart. Uma delas cai no chão. Vem da maior das ex-colónias. Pega no envelope. Tem escrito por fora em letras grandes:

ESTAMOS A DIZER. NÃO NOS IGNOREM. ESTAMOS A DIZER.

«A maior parte das ONGs deixou de trabalhar com essa ex-colónia. Eles são imensamente mais ricos do que a maioria de nós, todos juntos. Apenas não sabem gerir o que têm, isso não cabe aos estrangeiros arbitrar. Relativamente aos projectos financiados por nós também não querem ouvir sugestões do modo como devem usar o nosso dinheiro. Apenas querem o dinheiro. Existe um consórcio empresarial de filiação evangélica que parece ter algo de preservação da natureza e de quem recebemos *essa* carta. Precisam de um criptozoólogo para ajudar na procura de um animal supostamente extinto, que é, também, o símbolo do próprio país.»

«Sim, o símbolo do país desapareceu-lhes, ou foi exterminado. Pedem muito encarecidamente que se lhes envie um perito para ajudar ao avistamento do tal animal...»

Herr Svart aponta a foto da Palanca Negra Gigante.

«É deste animal que se está a falar», explica Herr Svart. «É o maior antílope do planeta.»

«Olha, na altura em que surgiu este pedido, até nos cruzou o espírito que este seria o tipo de missão que te interessaria...» Fru Pia mente. «Dado o teu trajecto académico de juventude... como perito em ver animais inexistentes... E entretanto, acordaste...»

«O problema é que o financiamento é praticamente nulo... o apoio que te

daremos é mais moral do que outra coisa qualquer. E é apenas isso: ajudares no avistamento da criatura e mais nada. Não há quaisquer créditos associados. Ninguém vai escrever sobre ti, nem garantir nova missão a seguir a essa... Voltas para aqui e...»

E não há nada mais de jeito para fazer. Acabou-se a cooperação. Já não existe solidariedade com os povos oprimidos. Já não há povos oprimidos no terceiro mundo. Agora estão por todo o mundo: do primeiro ao último é tudo terceiro mundo. Agora, basta ser povo e já se é oprimido. E não há nada a fazer. Junta-te ao Facebook, faz uma massagem quântica.

Svart contém uma crescente exasperação enquanto olha para os livros de Tarô dos druidas celtas – e Fru Pia está a sentir como toda a progressiva descrença, desinteresse e desistência, que nos últimos anos a ADSA sofrera, está a cair de uma forma abrupta e total em cima de Svart, num só golpe. No caso deles fora um acumular de falhas. No caso de Svart é a própria avalanche a acertar-lhe de uma só vez em cima. A maior parte dos projectos de cooperação falha em termos de objectivos estratégicos. O principal a beneficiar da experiência é o próprio agente que, se tiver sorte, talvez aprenda alguma coisa.

Por isso, Fru Pia tenta manter um interesse vivo – uma esperança

activa, um projecto realizável, um sonho alcançável. Há que manter o espírito optimista. Fru Pia, que deixou de acreditar no positivismo científico das reformas sociais, acredita agora na atitude positiva do espírito como lei de atracção daquilo que é importante. E tudo, no fundo, lhe parece importante, pois tudo está relacionado com tudo o resto:

«É um projecto de relevância, para nós, suecos, esse, em Angola!», justifica Fru Pia.

«Porque me estão a tentar convencer?», pergunta Svart irritado com o seu falso entusiasmo e com a tentativa de o fazerem interessar-se por um tema que sabem muito bem, já à partida, que o apaixona. Mas que Svart sabe não ter qualquer interesse para eles.

«Porque a flora e fauna de Angola têm uma importância histórica para nós, suecos, em ligação com a Sociedade do nosso grande Lineu!»

«De que forma?», pergunta Herr Svart sarcástico.

«Porque no dia 1 de Julho de 1858, quando a teoria da selecção das espécies de Darwin foi apresentada ao mundo, no anfiteatro da Sociedade de Lineu – nesse mesmo dia – foi também apresentada uma palestra sobre a flora e fauna... em Angola...»

«E?...»

«A relação histórica destes extraordinários eventos demonstra uma clara sincronia e sinergia de forças dinâmicas que ultrapassam a nossa compreensão – que fazem sentido!», resume Fru Pia.

«Há uma coincidência inacreditável... Embora sabendo que coincidências não existem...», acrescenta Herr Holger.

«Mais o facto de aqui teres vindo e apanhado ainda essa carta...», insinua

Fru Pia.

«Uma sincronia cósmica!!!», gritam excitadíssimos os dois velhos, que redescobriram a fé no metafísico depois de décadas de materialismo dialéctico, e estão perante a revelação do desígnio último duma inteligência matemática subjacente a tudo e que explica como se podem ver livres dum antigo amigo que se tornou um incómodo, arranjando-lhe o que fazer.

«Ah... e a Inteligência Superior ia utilizar a Sociedade do Lineu, no mesmo dia em que o Darwin lá esteve a falar de macacos, para nos fazer compreender a importância da flora e fauna em países com que a ADSA, praticamente, já não trabalha?...»

Ficam todos em silêncio. Fru Pia vai queimar um pau de incenso.

«Para afastar energias negativistas...»

«Que bicho impossível de avistar é esse?», pergunta ingénuo Herr Holger.

Herr Svart arqueja controlando a frustração com uma tentativa de manter um diálogo.

«Um antílope de cornos gigantes. A Palanca Negra Gigante», avança, rápida, Fru Pia. «O maior troféu de caça dos dias de hoje. Um animal valiosíssimo. No ano passado foi vendida ao engano uma palanca zambiana, por quatro milhões de dólares, nos emiratos árabes unidos. Isso por pensarem que era o teu bicho...»

«O *teu* bicho», pensa Svart. «Já é o *meu* bicho. Apesar de não me terem ouvido dizer uma palavra por mais de três décadas... Conhecem-me bem.»

Fora da janela está uma treva total. O céu não tem estrelas e a neve cai em pequenos flocos que se iluminam ao cruzarem com o feixe dos candeeiros de luz branca e fria.

«E a Ulla? Onde se posiciona a Ulla no meio disto tudo que estou para aqui a ver?!», pergunta Svart com a voz um tudo-nada mais alta do que é costume.

«Ulla desapareceu pouco tempo depois de teres entrado em coma no Karolinska», conta Holger. «Eras um autêntico Rip Van Winkle. Ninguém sabia porque andavas no meio de África perdido, apenas se sabia que tinhas sido recolhido do meio de cena muito feia. Já inconsciente. Um menino sem nome.»

«As tuas últimas cartas já indiciavam que te estavas a meter em algo muito errado e que perderas a imparcialidade. Falavas de estar apaixonado e de teres de tomar medidas de acção directa, talvez de carácter violento, para remediar erros dos quais, directa ou indirectamente, todos nós éramos responsáveis.»

«Depois deixámos de ouvir falar de ti durante meses a fio. Quando fomos à polícia para notificar o desaparecimento de Ulla soubemos que se encontrava no hospital Karolinska um desconhecido que viera do mesmo país em que Ulla também desaparecera. Aí reconhecemos-te.»

«Encontraram-te num caixote endereçado à embaixada sueca de Luanda.

Estavas lá dentro todo encolhido quando na embaixada decidiram investigar a estranha encomenda.»

Todos se mexem desconfortavelmente por um longo instante. Pia acende mais um pauzinho de incenso.

«Foste encontrado, embrulhado, dentro desse caixote de cartão, dentro de uma ruína de uma casa, no meio do deserto.»

«Depois, na embaixada sueca em Luanda, houve quem te reconhecesse de vista, apesar de ninguém saber o teu nome, pois não estavas inscrito na área consular, estilo um mercenário.»

«Erro crasso cometido por ti, de propósito, julgo.»

«O que aconteceu com a Ulla?»

«Foi morta por um menino-sem-nome... Mais não sabemos...»

«E vocês que fazem? Qual o vosso trabalho real nestes dias, além de lerem cartas astrológicas e negarem financiamentos?»

«Damos apoio aos tempos livres de algumas escolas...»

«Temos o centro de artes marciais, lá em baixo...»

«... e o clube de vídeo também...»

O tempo passa devagar na sala do Grupo de Estudos dos velhos amigos dos projectos de apoio ao desenvolvimento e luta pela autonomização dos povos oprimidos. Eles próprios se sentem oprimidos com o encontro.

«Ah, olha, agora temos de vagar a sala...»

«Além de que temos, nós próprios, outras reuniões com outros grupos de estudo...»

«Eu vou para o grupo de estudo de Regressão a Vidas Passadas do Brian Weiss...»

«E eu vou para o grupo de estudo de Preparação para os Bardos do *post-mortem* do Sogyal Rinpoche...»

Herr Svart suspira fundo.

«Só vos peço um último favor por todos estes anos... Marquem-me um voo de ida, sem volta – para ir fazer o tal avistamento da palanca», diz Herr Svart pegando no grosso envelope de Angola. «Uma última missão da ADSA...»

Já a levantarem-se ainda falta fazer uma pergunta. Pia está constrangida mas não resiste:

«Chegaste a comunicar com algumas entidades dos planos superiores enquanto estavas em coma? Sabes... nesse estado podem-se ter revelações muito importantes sobre a Segunda Vinda...»

«A Segunda Vinda?»

«Sim. Esse é dos principais temas que nos interessa agora!», afirma Herr Holger.

«Jesus está de volta. Ou melhor, o seu avatar, a manifestação actualizada do Amor. Em cada era Jesus regressa sobre uma nova forma, um novo corpo. A Primeira Vinda é a histórica e de dimensão colectiva, relatada nos Evangelhos. A Segunda Vinda é íntima e eminentemente pessoal – é o grande

encontro espiritual reservado para alguns. Em cada geração muita gente tem a preciosa oportunidade de um encontro face a face com o actual avatar de Jesus...», argumenta Fru Pia.

«Jesus está de volta???», Herr Svart começa a afastar-se rápido para a porta.

«Pelas nossas contas... e acredita, temos dedicado muito tempo neste escritório a isso... deve ter cerca de quinze a dezassete anos, sabes?», explica Fru Pia.

«Tiveste alguma premonição acerca do futuro? Ouvias o que te diziam as pessoas ao teu redor nesse estado intermédio que é o coma?», excita-se Herr Holger.

«Vias o teu próprio corpo a partir do ponto de vista do tecto do quarto?», insiste Fru Pia.

Svart está de saída, ainda ouve a voz de Herr Holger, ao bater com a porta atrás de si:

«Viste, ao menos, uma luz ao fundo do túnel?», gritam em eco.

8.

As fogueiras entre as palmeiras, na noite. Cheiro a flores e sal.

O rio, fluindo sem fim, o desfileiro, as lavadeiras cantando com as cores dos tecidos entre os dedos negros e pulsos molhados. Brilhantes.

A prata sobre o rio – o reflexo que segue o olhar – a descoberta de que todo o rio está iluminado. O vale cheio de cana-de-açúcar e o mar, ao longe, entre nuvens e linhas sem limites. Os relâmpagos acendem o horizonte com mensagens de fulgor branco.

É assim até que a natureza se aproxima da cidade de Benguela, para ser agredida na sua curiosidade. A natureza, como as crianças, é curiosa. Aí a paisagem começa a esboroar-se, o chão fura-se como uma filigrana de ferrugem, e a pestilência dos pântanos sobe por entre as brechas dos passeios.

A casa de Verónica é junto à Baía Azul, abandonada dentro de uma enorme mata selvagem esquecida pelo governo provincial. A casa está longe do esgoto a céu aberto da cidade. Normalmente já está o sol a começar a fazer as águas paradas cheirar, quando Verónica acaba de ver. O sol brilha no céu quando ela estilhaça as últimas imagens.

As imagens horríveis.

Verónica fecha os seus olhos, rasgados a gato. Está com eles a arder. Tem-os cansados de os ter mantido abertos por tanto tempo. O rosto negro da menina está marcado por lágrimas que secaram faz muitas horas.

É uma máscara impassível e a linha das pálpebras longa e curva.

Descansando os olhos, levanta a cabeça e faz face à parede rachada e manchada de humidade pelas chuvas que antecedem o cacimbo. Choveu muito este ano e há gente ainda a morrer da cólera que infesta os bairros suburbanos, os musseques da cidade. Sob as pálpebras ainda explodem os fosfenos e clarões das imagens que lhe ofuscaram as retinas durante horas.

As imagens horríveis que só Verónica deve ver.

A bacia de plástico é vermelha, e dentro a água está suja de poeira.

É apenas água, apenas água, tenta Verónica dizer a si mesma. Mas os olhos queimados viram, na película da água, o espelho de coisas incompreensíveis. Debaixo da bacia de plástico está uma caixa de madeira, bem rija, bem trabalhada.

Dentro da caixa, debaixo da bacia de água, está a avó de Verónica.

A avó de Verónica está fechada dentro dessa caixa de madeira faz muito tempo. Tanto que dizem que nunca mais vai sair, tal como ninguém se lembra, exactamente, como lá foi parar.

Dizem que a culpa foi de Verónica. Verónica é tão menina, que teria que ter sido noutra vida. Por isso, de vez em quando Verónica abre a caixa e canta para a avó, pela estreita abertura, pois ela gosta muito que lhe cantem. Apenas de vez em quando.

Velhinha na caixa, velhinha na caixa

O que fazes tu aí dentro?

Velhinha na caixa, velhinha na caixa

Como ficaste aí fechada? Como te meteste aí dentro?

Velhinha dentro da caixa

Velhinha dentro da caixa

Velhinha dentro da caixa

Que nem sabes porque aí estás

Apenas vês as três paredes

Nunca reparando na mais-outra

Que te está por detrás

Tens de sair da caixa para vê-las a todas

Todas duma só vez, duma só vez

Pois nem sabes que aí estás presa

Velhinha dentro da caixa

Velhinha dentro da caixa

Dentro da caixa está a avó, toda encolhida e mirrada, a múmia de um feto.

Por cima da caixa de madeira está pousada a bacia de plástico vermelho. Foi a avó que mandou que fosse colocada justamente aí. Depois, todos os dias lhe mudam a água, que é sempre igualmente castanha da poeira da cidade. São estas as ordens da venerável senhora. E aí da Verónica se se atrever a desobedecer à avó.

«Vem olhar para a bacia!», gritara sem som a avó nessa noite.

Imagens horrendas que apenas Verónica deve ver, exactamente porque ela tem olhos de gato. Aqui nesta terra toda a gente sabe que os gatos e os seus

olhos apenas vêem o mal. São os olhos do próprio mal.

Desta vez é cedo e ainda há uma réstia de luz do curto crepúsculo dos trópicos, onde a noite cai rápida, sempre à mesma hora, todo o ano, todos os anos.

Praticamente a noite nem começou, pois ainda não se ouvem os geradores dos prédios junto ao mercado. Apenas quando fica mesmo escuro se inicia o coro geral dos geradores a gasolina ou a gasóleo. Os de gasolina, vendidos pelos chineses, são os mais agressivos. Um coro de máquinas rosnadoras que garantem luz e água corrente aos habitantes do triste prédio com mais de cinquenta anos, sem qualquer tipo de manutenção. Um prédio abandonado às pressas pelos seus inquilinos brancos. Aquando da grande debandada de brancos que fugiam da guerra civil, sequente à independência recém-conquistada nesta terra de rostos negros.

Verónica obedece à avó. Verónica é o que consideram uma má menina, que por isso não tem direito a contestar os pedidos de ninguém, mesmo que isso implique ficar acordada toda a noite a olhar para a água da bacia.

«Vem olhar para a bacia!», ordenara telepaticamente a avó de dentro da caixa.

E Verónica ajoelha-se diante da caixa da avó, colocando uma manta por debaixo dos joelhos. Senta-se sobre os calcanhares e inclina o rosto para diante, espreitando a orla da bacia de plástico. Nas águas algo começa a perturbar-se. É assim todas estas noites que a velha na caixa decide que a neta lhe descreva o que vê nas águas.

É manhã quando ela levanta o rosto das águas perturbadas.

Verónica agora sabe que alguns terão de morrer e outros de nascer, como ondas num oceano sem fim, antes do final da estação do cacimbo.

Na película frágil das águas Verónica vê imagens confusas, misturadas, probabilidades de futuros que podem ou não ocorrer. Os dados foram lançados. Todos somos herdeiros dos actos passados, o número de futuros alternativos é infinito. Depende do que a vontade faz da determinística herança dos actos cometidos no passado. Verónica vê o que já existe como múltiplas possibilidades sobrepostas, em palimpsesto de futuros alternados, intermitentes. Verónica vê um ritual incompreensível, vê uma estrutura, talvez um cadafalso ou aquário. Dentro da estrutura de aço e vidro, uma máquina move lentamente uma bomba viva, uma bomba obscena, para marcar todos os que testemunham a sua difusão, centrífuga, venenosa. Um corpo de mulher, nu, é acompanhado pelo corpo de um antílope gigante. Mas o corpo da mulher tem uma cabeça com cornos, os olhos esbugalhados, o pêlo, a cabeça errada agrafada na delicada carne de mulher. Uma decapitação e um enxerto bruto. Depois vê um velho homem branco, desesperado, porque se lembrou, tarde demais.

Verónica sabe que a maior das dores vai ser provocada dentro do peito de muitos: a dor que resulta de lembrar.

Lembrar é assustador. De súbito todos os mínimos contornos dos actos – e

suas consequências – surgem numa complexa teia causal de reverberações, sem princípio, ecoando por todo o tempo. Uma amnésia é apenas superficial, porque dentro, bem por dentro, no fundo da caixa, está lá: a memória completa. A película integral do filme, dentro do carreto, uma cobra aninhada sobre si mesma. Como a velha dentro da caixa. A tentativa de manter a amnésia, até que alguém se lembre.

E há sempre alguém que se lembra.

9.

E assim a avó de Verónica meteu-se dentro da caixa, bem encolhidinha, como que dormindo. Esperaram muito e muito tempo para ver se saía da caixa. Até que pediram a Verónica para fazer alguma coisa: ou enterrá-la ou deitá-la no lixo. Os vizinhos e conhecidos disseram que aquilo não era normal e que se ela queria continuar naquele bairro tinha de arranjar uma solução.

Verónica passou três noites e três dias junto da caixa, inclinada lá para dentro com a mão na cabeça da velha. O fenómeno era de tal forma perturbador que Verónica tinha de tentar descobrir por que razão a avó adormecera assim. Tinha a certeza de que ela passara por coisas terríveis, mas a rebelião a acordar era de outra ordem. Líquida, como um sonho, introduziu-se pela mente da velha e ligou-se com o seu espírito. O truque não é difícil: basta ter capacidade de concentração e resvalar, suave, para aquele estado intermédio entre a vigília e o sonho, sem cair no sono profundo. As imagens correm livres, como nuvens no céu, reflexos num rio e, cada vez mais, vão-se conjugando em constelações comuns a todos os seres – emergindo acima do caleidoscópio de imagens íntimas e desconectadas da pessoa sozinha. Entra-se no sonho colectivo, o leito subterrâneo desse rio que, por baixo de todas as pessoas separadas, liga as raízes de todas – e de onde todas bebem.

Verónica dirigiu a sua mente até níveis profundos, os lençóis freáticos onde as consciências individuais se tornam unificadas pelo consciente colectivo. Desceu por longos corredores de memórias e viu a ascensão e queda de líderes. Viu a construção e queda de monumentos e Coprólitos e como o mundo de uma jovem mulher terminou e ela se tornou uma velha – esta velha adormecida com um veneno alojado no tabernáculo do coração. E então descobriu algo espantoso. A avó sonhava continuamente que estava acordada, não tendo a mínima noção de que dormia. No sonho a avó via-se aninhada num canto duma ruína, bem escondida e protegida, entre as paredes enegrecidas pela guerra e manchadas de sangue.

Para a avó a guerra ainda não acabara.

Uma vez experimentada a guerra, como cicatriz, nunca passa.

A avó aninhada dentro da caixa sonhava que estava acordada.

E nesse pesadelo via-se a tentar apanhar qualquer coisa para comer, beber, numa ganância voraz e desesperada. Via-se a tentar cativar crianças com fotos de pratos deliciosos de comida, bolos, doces, chocolates – e via-se no meio das crianças, com uma fome canibal, apertando-as entres as garras,

preparando-se para lhes roer as carnes infantis e tenras. E os farrapos de livros de gastronomia ardiam lentamente em fogueiras enegrecidas pela gordura e pêlos de criança.

10.

A jovem mulher, precocemente envelhecida pela fome e guerra, aquece as mãos numa minúscula fogueira de livros rasgados. Os papéis em farrapos exibem fotos coloridas de legumes, massas, nacos de carne com pedacinhos de alho. Equivalências, placebos para a imaginação de quem não tem mais como cozinhar, a não ser pela fantasia.

E cada um é aquilo que come.

A ruína à sua volta está enegrecida pelas cicatrizes, o ruído solidificado em pedra pelos combates. Manchas que sobem até ao tecto. Podem ser ferrugem, labaredas lambidas de antigos fogos, ou mesmo sangue.

Num círculo apertado pelo frio e fome, o grupo de crianças fixa a mulher – todas elas famintas.

«Vê-se que outrora houve aqui uma família feliz», diz com a voz num sopro rouco enquanto remexe os farrapos dos livros de culinária que, ardendo devagar, lhe aquecem as garras.

Todas as crianças a observam na expectativa duma palavra. Ainda com poucas décadas de vida, ela já é a mais velha. Uma anciã, responsável por alimentar os espíritos e, porventura, os corpos destas crianças.

«Está bem», ela concorda nessa sua voz rouca e abafada. «A história de amor será contada...»

Remexe um pouco mais o fogo onde arde uma receita de bife tártaro, aspira o fumo preto pelas narinas sonhando com o aroma – e dos olhos apenas se lhe vê, agora, o branco. Olhos que apontam para dentro e para o alto. Visões em transe.

«Foi assim que eu conheci o meu amor...», murmurou numa voz diferente: agora uma doce voz de menina, totalmente outra.

«Eu conheci o meu amor provavelmente no dia em que a última árvore da Terra foi deitada abaixo pelo Governo, para acrescentar mais um andaime para se elevar o Monumento.»

Ninguém sabe o que pensou o homem ao deitar a última árvore da cidade abaixo. Talvez não tenha pensado nada, nem imaginado que aquela, de entre tantas outras já abatidas, fosse exactamente a última. Talvez achasse normal.

O Monumento, claro, era dedicado ao Grande Homem, tal como a História nos contava. Do outro lado da fronteira, dizia-se, um Falso Grande Homem estava também a levantar um Monumento, explorando os recursos do seu povo numa farsa de grandiosidade e glória. Do outro lado também houve um homem que derrubou uma última árvore do seu país. Sendo isso normal em todo o lado, talvez ele nem se tenha dado conta de que o seu acto era histórico. Talvez estivesse antes a pensar no que comeria ao jantar enquanto a derrubava.

A História, deste lado do muro, só conta histórias de Grandes Homens. Porque do outro lado do muro, a História insiste em nos contar as desventuras de Filhos-da-Putá?

Na praça junto à minha casa também existia outra estátua do Líder, esta representando-o ainda jovem, revolucionário, como quando costumava prometer dar tudo de si, uma entrega total ao povo, como um messias socialista, de camisa aberta, peito às balas.

Tomai e comei, isto é o meu corpo...

E foi sob a sombra do Monumento ao Líder, lembro-me tão bem, *quando a vi pela primeira vez*. Luz sob a treva. O vidro do meu quarto tinha uma pequena imperfeição, uma bolha de ar que eu utilizava como lupa para ver as coisas que passavam na rua. Dentro dessa bolha de ar, um mundo de cristal protegido, o meu primeiro amor ocupou todo o espaço iluminando-o. Luz dentro da treva.

E lembro-me de que, ao vê-la, me senti chocada, pois ela era de uma cor tão diferente da minha. Tão mais linda, a sua cor era tão deliciosa que me apetecia tocar-lhe com a ponta da minha língua. Quando já éramos muito próximas eu molhava o meu dedo na boca e passava-lho na pele do braço para ver o efeito húmido e brilhante, sob o sol escaldante das manhãs de Inverno.

Nessa altura, começava-se a descobrir que não havia para onde fugir. Começava-se a compreender que o nosso mundo é um balão, bem sozinho, esquecido no meio dum pátio vazio de crianças, onde o vento sopra e a festa já acabou.

Tomai e bebei isto é o meu sangue...

E tal como o Monumento do nosso Líder, tudo o resto também funcionava por equivalências, por placebos. O Monumento *não era* um Líder. O Líder não era um líder. Nada era verdadeiro, tudo era fantasia. Nada era original, tudo era repetido e repetitivo. A nossa civilização vivia da fantasia que encobre o nosso vazio interior, com novos estímulos, novos brinquedos, novas drogas, novos parceiros, novas sensações – que logo se tornam, também, em monotonia e tédio. Só numa civilização industrial, como esta, onde impera a lei-dos-números, a lei-da-quantidade – só aí, nesse reino de industrial consumo, a repetição em série tem importância. E a repetição da monotonia – desde o sexo a outras drogas – é o falso infinito.

O falso infinito é o próprio inferno.

O Monumento e a replicação das sensações são a superficial tentativa de criar, pela repetição, uma falsa eternidade. Na profundidade, no subterrâneo caudal da existência, tudo é mudança. A existência é como um rio que não cessa de correr – torrencial. E nada permanece igual, de um momento para o outro, nesse rio subterrâneo. Apenas o Amor.

O meu primeiro amor foi como um rio subterrâneo – silencioso, fresco e invisível. À superfície tudo apenas reflectia as próprias leis profundas, vitais, e os capins eram verdes, a terra era fértil e tudo tinha um brilho viçoso de orvalho. Os nossos rostos resplandeciam como dois espelhos solares, quando

nos encontrávamos, face com face. Era uma paixão persistente, inextinguível que transformava por dentro – e imaculada por fora – não dominada pela ansiedade, pressa ou medo de perda. Éramos livres, autorizadas a ser felizes, rir ainda não era crime, e a miséria ainda não se tinha tornado materialmente universal.

Vamo-nos casar as duas, não é?

Sim, um dia será possível fazermos isso. Mas não vamos poder ter filhos.

Isto não é mundo para ter filhos.

Já aí há tantas crianças que precisam de uma verdadeira mãe...

Vamos cuidar duma dessas crianças! Assim vai ter duas verdadeiras mães!...

Lembro-me de vê-la e, por cada primeiro instante, o coração trocar o passo por uma vez – esse *um momento de reconhecimento mútuo* –

e eu não temia perdê-la uma vez que não se pode perder aquilo do qual não se tem posse – quando não havia pensamento, cálculo, expectativa de futuro, nada – apenas aquela deliciosa dor que eu sentia, naquela curiosidade de bicho, que iluminava os dias, ao conhecer outro ser tão incrível, tão parecido, tão estranho.

Tudo é tão estranho. Tanto o bem como o mal. Estranhamente simples: a nossa sociedade era corrupta e podre como um drogado reincidente – mentirosa e carente como uma prostituta viciada. Pois, a seguir a um copo, vem sempre outro copo.

A seguir a um corpo, vem sempre outro corpo.

Universalmente autodistribuída, uma dor crónica entediava de ansiedade os dias e corações de toda a gente. Tédio de nós mesmos. Só pela droga se tira a dor. A seguir a um copo, vem sempre outro copo.

A seguir a um corpo, vem sempre outro corpo. Como droga.

Ter que tê-lo era a principal segurança psicológica a ser garantida e protegida – pois sem isso ninguém vive. É uma necessidade. E...

Qualquer sociedade que abdique de um pouco de liberdade para ganhar um pouco de segurança não merecerá nenhuma e perderá ambas.

Sussurrar tal rebelião já seria uma pesada blasfémia. A sexualidade era a expressão da segurança e posse por excelência – um valor autotélico, perfeito em si mesmo. A solução para todos os problemas: o importante era ter libido, fome. E quando se tem fome, come-se de tudo, papel, lixo, frutos venenosos – para enganar uma carência sem fim.

Todos eram obrigados a venerar, adorar, a investir todo o esforço e inventividade pessoais no deus do sexo – e o seu materialismo carnal – pois dizem que a carne humana é a mais deliciosa de todas.

E essa felicidade tinha de ser alcançada antes de se arriscar perdê-la, por isso não havia tempo a perder – dizia-nos a propaganda da liberalização das drogas, sendo que a principal era, claro, a libido. Não há tempo a perder! Não há tempo! gritava-nos a sociedade na cara, todo o tempo.

Não há Tempo! Entrega-te! Não tens Tempo! Já!

Tomai e comei isto é o meu corpo.

Eu e o meu primeiro amor não sabíamos nada de drogas, nem de falta de Tempo. Ainda não fôramos obrigadas a submeter-nos às leis das relações-como-entretenimento-e-terapia-compulsiva. Como poderíamos, na nossa inocência, saber de tóxicos quando tudo em nós era puro? Nada era estranho em nós, tudo era original. Um amor primitivo, directamente ligado às límpidas e pristinas fontes da vida, onde não havia carência, nem simplificações grotescas do sagrado.

O Deus do Consumo-e-Progresso, bem representado pelo Monumento que suporta o Líder, o gigantesco Coprólito no eixo das nossas Capitais, esse Deus exige uma só coisa em troca: *Tempo*.

Tens tudo o que materialmente queres, mas em troca darás todo o teu Tempo. Já não chega dar o corpo, o suor do rosto e costas, para ter as coisas.

Tens de dar o teu Tempo.

E nada é tão precioso como o Tempo. Por isso todos nós temos saudades da infância. Era essa a sua principal riqueza:

Tempo.

Com o tempo, a minha querida amiga ia ficando magrinha, e isso era o que mais me doía. Queria dar-lhe a minha carne para lhe preencher aqueles lindos braços, e arredondar-lhe, de novo, o sorriso. Não tínhamos dinheiro, não tínhamos ninguém que nos explicasse nada, não percebíamos nada do que acontecia à nossa volta. Éramos as pessoas mais felizes do mundo. Nós éramos tão felizes *apesar*! A vida levava-nos na sua torrente de descoberta – dias em que tive tudo, pois não tinha mesmo nada a perder, porque nunca sequer imaginava o que houvesse a perder... Ela era minha para sempre. Tal como agora ainda é, para sempre.

Brincava-lhe com os caracóis, e as madeixas soltavam-se das raízes, deixando-me cachos inteiros de cabelo entre os dedos. Sorrindo anémica ela ia ficando careca e agora raramente se levantava para não gastar as forças. Se conseguíssemos comida a cada dois dias era um milagre. Precisávamos de um milagre. Metíamos mãos cheias de terra pela boca dentro, roíamos os cintos, mastigávamos roupa. Porque quando se tem fome, come-se de tudo, papel, lixo, frutos venenosos – para enganar uma carência sem fundo, sem fim. Um lugar no fundo do estômago onde precisamos de um maná dos céus. De um milagre.

Paixão, imolação, redenção.

Eu queria ficar com o meu primeiro amor para sempre, nunca sair de junto dela. Nunca sair dela, nem ela de mim. Duas meninas que se amam. Queria que o meu corpo fosse o seu corpo. Que a minha carne fosse a sua carne – esta moldura de corpo dissolvendo-se como uma nuvem de pirilampos pulsando, em estranhas coreografias, pelos túneis de vento do Tempo.

Uma ressurreição em carne – enquanto o caos se aproximava, com sirenes e tiroteios, manifestações e vidros partidos. Finalmente o vidro da minha janela explodiu pela metade, deixando a pequena bolha de cristal exposta,

devassada – como uma estrela que se apagou, um olho que foi furado.

No centro das grandes praças de Capitais, o Monumento que servira de eixo entre os bairros foi derrubado por uma junta militar: apontando a cabeça do Líder a uma placa de pedra, de modo a partir-se pelo pescoço – cabeça e corpo separados, o gigantesco Coprólito espalhado em pedaços pelos passeios – tal como os bairros divididos, em tribos de provisória cumplicidade, com os vizinhos combatendo rua a rua, corpo a corpo, olhos nos olhos. Em 48 horas tínhamos instalada uma guerra civil que como um vírus se alastrava a todas as cidades, de todo um mundo fragmentado. Cidades sem combustível ou electricidade. Apenas pedaços de coprólitos espalhados por todo o lado.

O próprio Líder já não tinha seguidores e todos se traíam uns aos outros pelos últimos e ínfimos recursos. Dizem que foi morto de forma horrível, esse nosso Líder. Os seus generais, e toda a elite, escondeu-se onde pôde, tentando ainda reivindicar os seus direitos e soberanias herdadas à força da estupidez colectiva. Na verdade, o derradeiro privilégio que conseguiram reivindicar para si mesmos foi o de serem dos últimos a morrer de fome. A sua agonia foi pois mais prolongada.

Lutava-se, rua a rua, em motins e emboscadas. Vizinhos contra vizinhos. Grupos de saqueadores e violadores, organizados em pequenas milícias piratas conquistavam nichos de água, remédios e comida. Apoderavam-se de escolas e hospitais onde era fácil controlar e submeter os que, progressivamente, lhes serviriam de alimento.

Depois de se liberalizarem as drogas, liberalizou-se um outro acto, muito mais difundido e antigo:

Tomai e comei, isto é o meu corpo.

Livro dos Reis 6:25-30.

Nós nunca chegámos a brincar entre as árvores feéricas das florestas, nas suas brumas e nevoeiros, entre folhagens de todos os tons de verde – nas sombras e musgos, onde o cheiro é sempre fresco de perfume e mistério. Toda a água que bebemos, entre as conchas das nossas pequenas mãos, sempre foi salgada e turva.

Aconteceu, assim, que toda a gente começou a comer gente – como as mulheres da Samaria, na Bíblia. Gente que comeu gente, quando já não havia árvores para agarrarem a terra fértil – e a água pura, e culturas de onde nascessem frutos. Tudo se transformou em sal, e comparativamente a comer areia, beber mar – a carne humana é a mais deliciosa de todas.

O Monumento dos nossos Líderes cresceu até ser possível vê-lo da lua. O maior Coprólito da História Humana, em honra daqueles que nos levaram em direcção ao Grande Progresso.

Até que se abateu a última árvore da terra para guindastes. E...

Um dia nunca mais vi o meu primeiro amor.

O meu corpo dissolveu-se no seu – e antes da minha treva eu contemplei-lhe a forma do corpo como uma galáxia de pirilampus pulsando, em sincronia, na noite.

Nunca lhe cheguei a dizer como gostava dela. Estou certa de que ela o sabe – nunca disséramos nada, porque somente esperávamos – esperávamos, silenciosas, curiosas, pelo despontar duma semente em flor... tínhamos todo o tempo do mundo... e depois nunca mais a vi. Mudou-se tudo e perdi-me de mim, para poder manter vivo aquele lindo corpo de menina, como milhões de estrelas que brilham na treva. Como não?

O meu primeiro amor sacrificou-se por mim para que, de nós as duas, ficasse alguém para contar o que de novo – e de novo e de novo – se passou e há-de passar. Ela ficou para relatar o que teve de me fazer para que continuássemos a contar acerca da natureza humana.

Tomai e comei, este é o meu corpo.

«Tínhamos cinco anos quando conheci o meu primeiro amor. Tínhamos pouco mais que sete anos quando ela me comeu a carne. Eu fiz dela uma mulher. Foi assim o meu primeiro e único amor...»

O fogo crepita iluminando os rostos do grupo de crianças famintas. Todos compreendem esta história de amor e quem a conta.

«A voz do meu amor, que deu a vida por mim, ainda fala através de mim após todos estes anos...», diz a mulher, a jovem sobrevivente envelhecida pela fome, guerra e seca, que abre os olhos saída do transe. A voz de menina com que falara dissolve-se e agora tudo o que lhe sai pela boca é um rouco silvo, como uma cobra:

«Estas são as palavras daquela que vive em mim, para que eu seja.

Eu sou por tua causa, eu existo porque tu és.

A minha amiga que se deu por mim e fala através de mim. Desde o dia em que a última árvore da Terra foi deitada abaixo. É esta a Natureza da carne humana.»

Famintas, as crianças aproximam-se fechando ainda mais o círculo em volta da fogueira e da mulher. No escuro, aquilo que parecem ser sorrisos são os dentes das crianças a rosnarem suavemente de fome.

«Devia-se aproveitar e atirar, logo de uma vez, com os velhos dos aviões de longo curso», vocifera Herr Svart. «Caíam no mar e nunca mais davam problemas.»

O senhor Svart é aquele passageiro que toda a gente teme ter a seu lado.

«Isso seria um verdadeiro *ättestupa*, com qualidade!», explica o senhor Svart. «O verdadeiro *ättestupa*! Não esta eutanásia camuflada», e aponta com desdém para o hospedeiro que lhe recusou o whisky.

Herr Svart está num avião da TAP para Luanda, em África. Bebeu demais antes de embarcar e cheirou 80 euros de coca, comprada em Gamla Stan a um madeirense. Agora fala excitado com um estudante, bolseiro angolano, que entrou em Lisboa, e que está a tentar dormir, com auscultadores nos ouvidos.

«Andam a matar-se as pessoas, devagar, porque é economicamente mais rentável. Uma fome lenta, uma amnésia da paisagem, uma eutanásia que dura a exacta medida da carteira da vítima. Eutanásia económica, chupista. É um tipo de eutanásia cruel, lenta, sanguessuga», gesticula Herr Svart. «Há trinta anos, antes deste novo sistema de eutanásia velado, viajava-se de avião como se fôssemos hóspedes! Davam-nos de comer, beber e fumar, fosse o que fosse, tudo servido por hospedeiras de bordo elegantíssimas, num banco onde cabiam dois como eu.»

Herr Svart arranha o seu português. Faz tempo que tem andado a treinar com o seu *dealer* madeirense. Herr Svart aproveitou os últimos meses de preparação antes da viagem para recuperar, na totalidade, algumas das coisas interrompidas no passado: a língua portuguesa, o álcool e as drogas. Herr Svart é ainda um jovem dos seus tempos, de um mundo efervescente de revolução. Outros tempos.

«Agora o ordálio começa logo ao chegar ao aeroporto! Porque não nos matam de uma vez?», vocifera Herr Svart ao jovem que terminou os exames na véspera e não quer saber de comparações entre as companhias aéreas actuais e as de há trinta anos. «O *ättestupa* era o maior sistema de segurança social do mundo, foi inventado pelos gloriosos vikings. É a razão porque tenho uma foto da Fenda da Tundavala, no Lubango, colada na capa do meu diário de criptozoologia. Se não encontrar a palanca num espaço de tempo razoável, *ättestupa* e a Tundavala serão o meu próximo nobre – e digno – objectivo.»

«Desculpe, o senhor está a dizer que se vai matar na Fenda da Tundavala?», o jovem questiona incrédulo. «Realmente isso há-de ser óptima publicidade para a província da Hufla. Já não bastam os estrangeiros degenerados que atraímos, agora também vamos ter velhos suicidas vindos da Escandinávia a saltarem dos precipícios!»

Herr Svart lambe pausadamente as últimas gotas do seu primeiro whisky, poupando-o, pois sabe que não lhe darão mais. Herr Svart olha para a foto da impressionante Fenda da Tundavala, na província da Hufla, no extremo sul do

país. A Fenda é causada pela separação de duas placas massivas, sendo que uma delas distancia, devagarinho, toda a ponta sul do continente do resto do seu corpo. Tal fractura não é visão comum.

«No tempo dos vikings, quando a Suécia ainda era um país viril, não se morria de velho. Nesses tempos não era considerado “retrógrado” ou “terceiro-mundista” ou “machista” um homem sentir ciúmes; nesses tempos era natural um homem não gostar de cozinhar enquanto a mulher via a novela; nesses tempos era natural ficar aborrecido porque ela ia sair à noite, para os copos, com o ex-namorado, enquanto o homem ficava em casa a tomar conta dos filhos; nesses tempos não era politicamente incorrecto achar mal gays adoptarem crianças; nesses gloriosos tempos ainda acreditávamos em Odin e em Valhala e nas consequências futuras, além-túmulo, dos nossos actos heróicos – nesses tempos viking a pior das desonras, a seguir a ser encornado, era a de se morrer de velho, na cama.»

«*Nesses tempos*, isso de vikings eram uns gajos com cornos, não eram?», aponta o jovem tentando terminar com a conversa. O senhor Svart decide ignorar.

«Se um homem tivesse sorte, seria morto em batalha e o seu crânio transformado em caneca de hidromel, de onde o seu melhor inimigo beberia em sua memória e honra. Skall!», o senhor Svart faz uma saúde com o seu copo na direcção do jovem. «Caso contrário, um homem contava que um dos seus bravos filhos o empurrasse por uma

ravina abaixo. Esta ravina, falésia, em sueco chama-se *ättestupa*. Literalmente: o Precipício Ancestral. Pelo que sei, a Tundavala, essa fenda do Lubando, serve perfeitamente, acaso eu não seja agraciado com uma morte no mato, após contemplar a Palanca Negra Gigante.»

«Estranho desejo esse... ver uma Palanca?», o jovem interessa-se um pouco pela conversa. «Não é qualquer tosco que vê uma Palanca Negra Gigante, só porque assim o decide!»

Herr Svart ignora. O importante é provar a este jovem como os tempos antigos eram melhores. Até a matar velhos os tempos antigos eram mais dignos. Agora vampirizam os velhos com contas de hospital e comprimidos, até eles ficarem sem dinheiro. E depois deixam-nos morrer sozinhos num corredor das urgências, ou num quarto bafento do lar de terceira idade. Senhor Svart continua o seu argumento:

«A contemporânea Suécia tem uma taxa de natalidade que ronda o negativo, com uma expectativa de vida que ronda os oitenta e tal anos para as senhoras e os setenta e tal para os cavalheiros, juntando a isso o mais espectacular sistema de reformas e segurança social do mundo, chegamos a uma equação que, em termos político-ideológicos é fabulosa, que matematicamente é inviável. A não ser para enganar velhinhos, dizendo-lhes que receberão 60% do seu mais alto salário durante toda a reforma – ou explorando a futura geração de jovens trabalhadores. A força de trabalho activa, que garante a subsistência do crescente número de idosos de luxo, é

exponencialmente menor em cada ano que passa. Neste momento, cada cidadão activo que trabalha desconta em pesados impostos para sete pessoas que ficam em casa, incluindo milhares de refugiados políticos, bêbados e deprimidos. E a Suécia, garanto-te, está cheia de deprimidos. Acho que certas medidas ancestrais andam a tornar-se, subliminarmente, mais populares...»

«Ó, senhor, por favor, porque não aproveita para descansar?!», implora o jovem que se começa a sentir francamente maçado.

Herr Svart não pára de falar e agora começa a apetecer-lhe fumar também.

Exasperado o jovem aperta freneticamente a manta e esfrega as solas dos sapatos no apoio dos pés.

«Agora não paro de pensar no *äitestupa*. Porque não nos matam de uma vez? Porque nos torturam lentamente e ainda cobram? Entrei no avião ainda a apertar o cinto das calças, que me obrigaram a tirar no controle, para me fazerem um raio-X, como se já não houvesse suficiente cancro. Claro que as moedas foram pelo chão fora e não as tentei recuperar para não me arriscar a ficar sem calças, de cuecas. Imagina-me, de quatro, entre as centenas de pessoas e malas a apanhar trocos do chão! Enquanto gemia de me imaginar a mergulhar para as moedas, uma querida menina, com trancinhas à Pippi das meias altas, disse:

«Eu apanho.»

«Obrigado», respondi feliz. «Em vez de me devolver o dinheiro a desgraçada da miúda meteu as moedas ao bolso e foi-se embora.»

«Despacha-te velho que estás a provocar fila», riu-se ela à distância. «O que se pode dizer disto?»

«Eu diria que ela fez bem», diz o jovem ao lado de Svart.

«Enfiaram-me num banco onde tive de abrir, de novo, o cinto e as calças, depois de respirar fundo para passar para a janela, sem esfregar a braguilha na cara dos outros dois passageiros. Mal me sentei percebi que estava no lugar errado e já a precisar de ir de novo à casa de banho. Tive de desapertar o cinto do avião e começar a apertar as calças e o meu cinto outra vez. Entretanto as minhas mantas e a almofada já estavam em cima dos outros passageiros que, desta feita, preferiram levantar-se a levar com a fivela do cinto e a braguilha aberta na cara. De qualquer forma saí, de rabo para eles, com a braguilha virada para os bancos da frente.»

As queixas do velho Svart não têm fim.

«Ó, senhor, veja lá se se cala!», implora o jovem.

«O hospedeiro, esse puto português que claramente passou a viagem toda a cheirar coca, vê-se gostar de homens, apesar de não ter gostado de mim», aponta o senhor Svart, sem pudor, para o hospedeiro. «Um velho já não é nem homem nem mulher: é um velho – e está a ser um problema para fazer ver a esse larilas de *piercing* e tatuagem-de-asinha-de-anjo que, se já não posso fumar a bordo, pelo menos tenho de beber uns cinco whiskys. O larilas apresentou-me um menu inflacionado a 200% e disse-me que escolhesse.

Escolhi mandá-lo à bardamerda. Como viste não comi o almoço, que era uma espécie de refeição para marinheiros castigados ao porão. Estou suado e com claustrofobia. Ai, como tudo mudou tanto em trinta anos! Que falta de qualidade e requinte! Já nem se podem usar os cinzeiros dos bancos!»

«Foda-se, este velho não se cala!», grita o jovem. Herr Svart continua, impávido.

«Ainda pensei ir até à casa de banho e tentar fumar a pequenina pedra de haxixe que trouxe colada na parte de trás da bateria do meu simulador da WildCall. Um haxixe afegão, comprado em Christiania, Copenhague. Também trouxe um pouco de coca, para duas snifadelas, gastei-a toda no aeroporto. Fiquei com medo, agora está tudo controladíssimo. Com os cinco whiskys teria feito uma viagem bem relaxado. Mas tudo me parece controlado e tenso. Percebi que seria provavelmente apanhado se fumasse. Achas que seria, ou fui paranóico?»

«Não protestes muito, senão, quando aterrares, enfiam-te o dedo de látex mais gordo do mundo pelo cu acima para ver se trazes drogas. Não penses que por seres velho te safas de suspeitas! Eles já repararam que não almoçaste e que transpiras como o caralho. Cuidado, cota, que ainda te fazem a folha logo à chegada», grita o jovem, francamente incomodado. «Além do mais não gosto de conversas sobre drogas.»

«Vocês, putos de hoje em dia, devem-se esquecer que quem inventou as drogas como conceito de recreação, passatempo e consumo diário consistente foram as pessoas da minha geração», responde Herr Svart com orgulho. «Já o Miles Davis...»

«Foda-se! Foda-se!» e o jovem começa a passar mal. Os olhos reviram, a boca espuma e o jovem é projectado para o chão, como electrocutado. Herr Svart assusta-se e tenta agarrar a cabeça do jovem. O jovem geme e grunhe com um ataque epiléptico. Passageiros levantam-se, chamam-se os hospedeiros. Aproxima-se já o hospedeiro com a tatuagem da asa de anjo.

«Estávamos tão bem a falar quando lhe aconteceu isto!», explica Herr Svart. «Estes jovens de hoje em dia têm muitas maleitas congénitas!»

«Ah, cala-te velho!», grita o jovem a partir do chão.

Tentam afastar o senhor Svart. Compreendem que catalisa o mal-estar no jovem.

«Cala-te! Pensas que sabes tudo e não sabes nada. Nada!»

Os olhos, muito brancos, revirados, o dedo negro que aponta, a boca que espuma.

Svart tem diante de si um oráculo africano.

«Pois tenho isto a dizer-te: não vais ver a Palanca Negra Gigante! Só há uma Palanca fêmea e tem mais de trezentos anos. É a última! E não a vais ver. Mas, sim, vais levar um feitiço que te vai imobilizar, e vais ficar a viver um pesadelo circular dentro dessa tua cabeça ruidosa! A circular, fechado, dentro dessa cabeça louca! Kakutassanda! Kakutassanda! Estás com o espírito amarrado!»

Herr Svart é levantado pelo hospedeiro da asinha para uns bancos na parte de trás do avião, deixando-se o jovem deitar-se ao longo dos dois assentos vazios.

«Kakutassanda! Kakutassanda!», ainda grita o jovem num estado de imensa convulsão, até que adormece. «Kakutassanda...»

Sentado pesadamente no seu assento, Herr Svart está com uma enorme ressaca. Todo o corpo lhe dói e sente a sufocação de quem está sentado mais de catorze horas.

Kakutassanda. Estás com o espírito amarrado.

12.

Durante todo o terço final da viagem o senhor Svart foi votado ao ostracismo, sendo informalmente proibido de se levantar ou meter conversa com quem quer que fosse. O hospedeiro da asinha de anjo tomava conta dele e até lhe serviu mais dois whiskys para o manter calado.

Sentado sozinho, Svart descobre que não conhece ninguém no mundo, nem ninguém se preocupa se realizará o seu sonho ou não. O seu sonho não conta para ninguém, logo não terá ninguém com quem partilhar o seu sucesso, ou fracasso.

O episódio com o jovem tinha causado algum transtorno a bordo, especialmente porque o jovem ainda ficou a balbuciar o seu oráculo, em língua banta, durante mais uma hora.

Kakutassanda... Kakutassanda.

E os passageiros africanos começaram a ficar com genuína repulsa pelo velho sueco. Os restantes já a tinham.

A viagem não está a começar bem para o velho Svart. Nos últimos meses na Suécia, Svart adiou e adiou a decisão de partir. As decisões, frequentemente, são mais difíceis de tomar do que realizar as acções, elas mesmas. Quando Herr Svart se decidiu a partir, surpreendeu-se com a relativa facilidade como tudo aconteceu. Perguntou-se porque demorara tanto a decidir o óbvio e importante. Concluiu que a maioria das acções nesta vida estão, mais do que julgamos, ao nosso alcance – as decisões é que exigem força de vontade. O difícil é dar aquele toque na peça do dominó, tudo o resto acontece, depois, em cascata...

Só que avistar a Palanca Negra Gigante é um outro problema. Não é como mudar de casa, apanhar um avião, e ir passear até outro país. Ver a Palanca Negra Gigante já não depende nem da sua decisão nem da sua acção.

Há o contexto do país, acabado de sair de uma guerra civil de trinta anos; há o facto de o senhor Svart ser um branco em território negro; há o problema logístico, no qual ele depende totalmente das condições oferecidas pelo tal consórcio empresarial de filiação evangélica (CEFE), cujo objectivo é fazer um documentário do avistamento da Palanca Negra Gigante, como meio de atrair publicidade ao novo canal de televisão que irão inaugurar.

Muitas variáveis fora do seu. Logo, muita coisa já não depende nem da

decisão nem acção suas. Isso, o senhor Svart, criptozoólogo, ainda não compreende, apesar de ter sido avisado. Tal como a maioria de nós nunca compreende os avisos relativamente àquilo que importa e mexerá com a nossa vida.

Todos nós andamos a viajar em território estranho.

Chegar a Luanda é como entrar num filme cuja película, ela própria, foi danificada, amachucada, quebrada. Não se trata apenas das imagens da cidade, mas sim do substrato ao filme que foi fisicamente amachucado, ainda dentro da bobine.

Aproximam-se quando começa a alvorada. Quando aterraram, o velho Svart já está ansioso por uma casa de banho. Ser velho tem implicações directas na perseverança da bexiga. E não só. Tudo se torna francamente urgente quando um velho necessita, seja do que for. Com vários departamentos do organismo a entrarem em colapso, os que restam tornam-se especialmente caprichosos. As horas de comer, de dormir e excretar não devem ser abusadas, nem consideradas levemente.

O avião está cheio de homens – todos homens e mais homens e mais homens. Negócios, dinheiro, esquemas – e muito mercenário em busca de fortuna. Ninguém fala, e ninguém sorri. O velho está aflito para ir à casa de banho e alguns homens olham-no inquirindo-se sobre qual será o seu ramo de negócio.

A luz surge, vermelha, entre a poeira e uma paisagem de bairros de lata – sem fim, em todas as direcções. Bem-vindo a uma das pobres nações mais ricas do mundo. Logo à saída do avião a mudança de temperatura é de tal modo brusca que se condensou vapor no cristalino da retina.

Como um relâmpago, o senhor Svart lembra-se da primeira vez que aterrara na ex-colónia: a sala da imigração estava cheia de mosquitos, moscas e polícias que, de cima dos púlpitos, trabalhavam com uma propositada lentidão que exigia treinada perícia. A guerra vinha aí. Pressa para quê? Examinavam demoradamente cada documento, para trás, para a frente, para trás de novo – levantavam-se, iam lá dentro falar com um superior, voltavam, consultavam dossiers (alguns dos quais vazios, ou com os papéis virados de pernas para o ar, o que importa é a encenação) e reiniciavam a leitura, minuciosa, do documento. A sala tinha centenas de passageiros à espera e que ficaram ali, horas, a serem ferrados pelos insectos infectados de malária, enquanto as bagagens eram atiradas a monte e deixadas sozinhas, numa outra sala.

«Este documento é seu?», perguntavam desconfiados a muitos dos passageiros. «O que vem fazer ao nosso país? Vem roubar-nos os recursos, não é? Diga! Não é?»

Devolviam o passaporte sem o carimbar.

«Não. Falta uma página a esse passaporte.»

Os mais batidos no esquema poupavam tempo e, logo à primeira, entregavam o passaporte com uma página extra.

Herr Svart nem compreende como, agora, lhe veio esse gesto, automaticamente, entregando o passaporte sueco com 100 dólares lá dentro. Mas talvez já não seja necessário. Os tempos são outros, passaram quase trinta anos. O aeroporto já está modernizado, com computadores e painéis de publicidade. Devolvem-lhe o passaporte sem a página extra lá dentro.

Nos outros tempos, lembra-se o senhor Svart, passavam para a zona de controlo de vacinas e dos passaportes, de novo. Iam metendo as pessoas, uma a uma, numa salinha pequena, com dois polícias à entrada e outros dois lá dentro, com um enfermeiro, de bata aberta e palito na boca.

«Toma, estás vacinado» e com um carimbo aprovavam a febre amarela ou meningite, após troca de dinheiro.

Lembra-se que, uma vez, à sua frente, uma miúda, missionária dos Leigos para o Desenvolvimento, estava com problemas. Porque é que as brancas têm a mania de ir «ajudar para África», lembra-se o senhor Svart de ter pensado, com desprezo.

«Dólares?», perguntaram os polícias.

«Não tenho», murmurou delicamente a menina, com uma Bíblia e uma guitarra.

«Libras?», insistiram. «Vais ficar mesmo doente... estas vacinas estão incompletas. Escudos, pronto.»

«Também não», confessou.

«E isso que tens aí? É uma guitarra, não é?», riram os funcionários do serviço de migração e estrangeiros. Alguns passageiros também riram para mostrar solidariedade com os funcionários. Se eles riem, é para todos rirem.

«Então agora vais cantar para nós uma canção.»

A miúda cantou – o Senhor é o meu pastor, nada me faltará – e todos riram com gosto. Os chapéus inclinavam-se nas cabeças, prestes a cair, as bocas bem abertas, as mãos batiam palmadas nas costas dos colegas, alguns batiam palma com palma, celebrando um golo inexistente. A gargalhada entre polícias e funcionários foi geral, até que ficaram sérios de repente. O lábio de cima estica, orgulhosamente, a carranca ficou repentinamente pesada.

«Você, aí, avance. Está à espera de quê?»

O senhor Svart acorda das suas recordações. Este é outro mundo, com outro aeroporto, outro destino. Passaram trinta anos. Trinta anos numa fila para lado nenhum.

Agora no tempo presente, chega a vez de o senhor Svart ser revistado. A sua bolsa de remédios, cheia de líquidos, mais um pequeno gravador de voz Samsung e um aparelho sul-africano, da WildCall, para imitar o chamamento de crias de palanca, obrigam a uma revista mais apurada. Afortunadamente Herr Svart encontra o recibo do gravador e do aparelho da WildCall, para comprovar que não são produtos para vender, mas de «uso pessoal». Devia tê-los tirado dos plásticos protectores antes de embarcar. Avança e o seu boletim de vacinas é rapidamente carimbado pelos serviços de saúde do aeroporto.

Isto já é quase outro mundo, alegre-se.

À saída da sala dá-se conta que lhe desapareceu a bolsa dos remédios.

«É só andar para a frente. Andar para a frente, ó senhor! Está a empatar – avança, caralho!»

O senhor Svart ainda tenta implorar aos funcionários e polícia. A fila atrás dele começa a bufar e a fazer barulho.

«Desapareceu-me a minha bolsa de remédios!», grita Svart para os portugueses que, atrás dele, o começaram a empurrar para avançar.

«Avança mas é, ó caralho!», dizem os homens das obras portuguesas.

«Tinha Tramadol contra as dores gerais; Voltaren Rapid cápsulas e também o gel, para dores musculares; Guronsan para as ressacas, enjoos, incómodos de fígado, e falhas anímicas; Zyrtec para as rinites; Lorazepam, Xanax e Sedatif PC para a ansiedade; Aripiprazol e Olanzapina para os torpores resultantes da síndrome de Swedenborg; Imodium e Dimicina para as diarreias», argumenta o velho, desesperado. A espessa coluna de portugueses logo atrás de Svart, faz o favor à polícia de se livrar do queixoso, começando numa gritaria geral:

«Ó caralho, não temos o dia todo! Avança lá, ó caralho!»

O velho Svart ainda não sabe, mas esta cidade, capital de ex-colónia, está cheia de portugueses. É fácil identificá-los entre todos os outros estrangeiros: são o povo mais feio. É incrível como estes homens feiíssimos conseguiram contribuir para misturas de extrema beleza exótica, como a do povo cabo-verdiano e brasileiro.

Esses machos lusos, têm em comum (além do aspecto arcaico e boçal) um modo único de se organizarem: andam sempre em casalinhos de três. E é impossível chegar a um veredicto estético e premiar um deles. Seguramente esta parada de monstros é seleccionada no aeroporto de Lisboa, pois é inconcebível que estes indivíduos sejam representativos duma nação inteira! Porque, se isto é a montra, o que será o armazém de onde eles vêm?! No terreno, para os africanos e para os estrangeiros, estes são, sim, os verdadeiros tugas.

Como são piores, em relação ao seu país de origem, mas, paradoxalmente, idênticos e parecidos entre si, aqui, neste território! Distinguem-se à milha, os tugas!

Decorrente da qualidade única deste espécime, apesar de serem em número muito limitado, o seu impacto faz parecer que metade da cidade é portuguesa. Eles conseguem aparecer por todo o lado – os seus bigodes sempre a espreitarem das rachas nas rochas –

nos restaurantes, nas esplanadas, nas lojas de peças de automóveis, no comércio grossista, nas transportadoras, nas clínicas, nas discotecas e praias – os bigodes a espreitarem por cima das grandes barrigas. E a outra metade da cidade é chinesa, se bem que estes, em infinitamente maior número, parecem ser muito menos, pois são alienígenas de pantufas, discretamente à espera do dia D, em que o apito da nave-mãe os mandar sair dos seus casulos e

buraquinhos de térmitas, e fizeram uma colonização aberta e absoluta.

Os tugas, esses são uma gente eleita, de elite, que foi cuidadosamente escolhida, seleccionada a dedo, antes de embarcar e partir para África. *Crème de la crème* do mundo da emigração. Sobrecarregados de sacos e mochilas, curtos e inchados dão a curiosa impressão de terem apenas quatro dedos para agarrar tudo aquilo que transportam. Olhando-se-lhes a grossura dos dedos é impossível conceber onde possa caber um quinto dedo, sem que este fique a apontar para trás. Deveriam ter sido gerados como os bonecos de *cartoon*, que só têm quatro dedos.

«Avança lá, ó caralho!», gritam ao velho Svart que é empurrado para fora da área das vacinas, para a zona da recolha das malas. Ficou sem a bolsa, ainda tem o gravador Samsung e o aparelho para imitar as palancas bebês.

«Caralho! Foda-se!», ainda ouve o velho Svart, atrás de si. «Velho, chato como o caralho!»

Ah, a maravilhosa economia minimal da sua grosseira linguagem, que utiliza a palavra «caralho» como os gnomos azuis utilizam a palavra *estrumpfe* como sujeito, verbo, complemento directo, indirecto ou adjectivo:

«É do caralho!»; «anda cá, ó caralho!». São frases típicas dessas constelações de três indivíduos. *Estrumpfe!*

«Caralho! este caralho é mesmo do caralho!» Interjeição, sujeito e predicativo de sujeito com objectivo de adjectivação, tudo com o mesmo caralho. Que domínio linguístico. E livram-se de Svart entre palavrões.

Por todas as paredes vêm-se os cartazes orgulhosos desta ex-colónia que se afirma como gigante na África austral. Empresas, construção, eventos, galas, festas, conquistas e mais conquistas, tudo isso em cartazes, grandes, por todo o aeroporto, não vá haver quem não se dê conta, quando sair, lá fora, para o meio do musseque. Chegar ao aeroporto desta Capital é como aterrar num campo de refugiados – considerando os factos, a maioria da população são fugidos de guerra, deslocados, que se reuniram aos 8 milhões numa cidade concebida para 450 mil pessoas.

Lá fora, Svart logo repara nas crianças, um mar delas, de tamanho errado.

O admirável mundo novo.

Svart acabou de sair a porta do aeroporto e de entrar no território de Caliban.

13.

Svart é, por fim, parido para fora do aeroporto e sai para a luz, onde milhares de pessoas se amontoam esperando os recém-chegados da Ásia, Europa e Brasil. Como o aeroporto não tem passagem interior, entre o voo internacional e o voo doméstico, toda a gente *tem mesmo* de sair, atravessando vários bairros de lata, contornando de volta para o aeroporto algures do outro lado da confusão – portanto, taxistas, maleiros, paquetes de empresas, carteiristas ou, simplesmente, curiosos que não têm mais nada para fazer – todos se amontoam ali esperando a desova dos aviões.

Transtornado com o desaparecimento da preciosa bolsa de remédios, Svart procura um cartaz com o seu nome, e nada vendo, teme que os seus anfitriões se tenham aborrecido de o esperar. Provavelmente mandaram um desses motoristas miúdos e ele já aproveitou o carro para ir dar uma volta e engatar meninas.

Entretanto, faz a experiência de usar o seu gravador Samsung pela primeira vez, para que, pelo seu uso, garanta a propriedade do mesmo, evitando que lho tirem.

Gravador Samsung #1 (em sueco no original):

«A vibração deste território é de difícil descrição. Sinto o meu corpo tremer de emoção. Acabo de ver uma Toyota Hiace azul, funcionando como transporte público, toda perfurada de balas. Vejo que as motas também fazem de táxi, individual ou colectivo. Uma mota chega a levar cinco pessoas, três adultos e duas crianças. Não vejo ninguém do consórcio empresarial de filiação evangélica, CEFE.»

O senhor Svart continua a procurar o seu transporte, não vendo ninguém. Não lhe apetece ter de apanhar uma moto.

Um grupo de portugueses, um casal de três bigodes, ruidoso e bem disposto, comenta tudo e mais alguma coisa em altas gargalhadas. Não são trochas, são de um escalão acima, talvez engenheiros.

«Isto é uma maravilha!», abana o bigode preto de um deles.

«Cheira a qualquer coisa que não consigo identificar!», grita outro bigode, o castanho, e todos riem ainda mais.

«Será que têm lagosta no hotel?», inquire o terceiro bigode, cinzento, preocupado e fazendo do polegar uma chupeta, de quem quer beber umas cervejas.

Svart anda de volta dos grupos de estrangeiros, empresários e homens de fato, tentando ver se alguém está à sua espera, ou o procura.

«Está perdido, amigo?», perguntam os bigodes em coro. «Somos empresários de telecomunicações que viemos para um encontro com a CEFE. E o amigo? É que está aí com cara de parvo a olhar para nós...»

«Sou um criptozoólogo, e espero que esteja alguém da CEFE...»

Nesse momento Svart já tem dois miúdos combatendo por transportarem a sua mala.

«Venha só, ó cota!», comanda um deles, com gorro de lã, que conquistou o manípulo da mala.

«Mas eu não devo ir para lado nenhum!», protesta Svart não conseguindo recuperar a mala. «Eu não quero ir para aí!»

«Olha, estão a chamar-nos ali!», grita um dos esfuziantes bigodes. «Isto é mesmo uma maravilha!»

Um rapaz de olhos em bico, com um cartaz que diz «CEFE multimédia»

deambula entre os vendedores de amendoins, pacotes de whisky, pintos vivos, em frente aos estrangeiros esperançados em verem o seu nome num papel. Os portugueses arrancam a toda a velocidade atrás do rapaz de olhos em bico – e a mala de Svart também.

«Vem cota, está ali o teu carro», diz o miúdo de gorro de lã. «Confia só, cota, eu conheço o meu trabalho!»

Protestando, aos tropeções e suando em bica, Svart segue a mala, que segue o miúdo de gorro de lã, que segue os portugueses eufóricos, que seguem o rapaz de olhos em bico, que sacode o cartão da CEFÉ como um leque.

Chegam a uma Toyota Hiace azul, com o nome de «20 Buscar». Os senhores engenheiros não escondem o desapontamento que a viatura lhes causa. Esperavam um Humvee, pelo menos. A pressa do rapaz corta os pensamentos.

«Entrem todos!», diz o rapaz de olhos em bico, pouco entusiasmado. «Senhor velhíssimo, entre também!»

A carrinha arranca fintando oito carros, tudo num espaço de quatro metros quadrados.

«Akta!», grita Svart encolhido, já sentindo o impacto do acidente iminente. «Cuidado!»

O rapaz, de olhos em bico, olha para trás e fica um bom tempo a conduzir enquanto fita Svart.

«Senhor, tenha calma, o nosso trânsito na Capital não é para qualquer um» e enfia por cima do passeio, dribla dois peões, e mete-se por entre dois carros fintando outros três, abre a janela grita, insulta, diz adeus, e finta mais três carros arrancando o espelho retrovisor a um. «Eu sei o que estou a fazer», conclui fitando fixamente Svart com a cabeça toda virada para trás, enquanto a Toyota Hiace azul continua a driblar a alta velocidade. «Não te preocupes com o espelho. Ele também não o utilizava. Ninguém utiliza.»

«Isto é uma maravilha», abana o bigode lusitano com um olhar aterrorizado.

A Capital: Svart, também, está aterrorizado. Não era assim a sua lembrança das cidades africanas. Não era por isto que a sua fraca memória sentia carinho. Tinha-se preparado na Suécia quando lhe explicaram que muitos dos movimentos independentistas, muitas das revoluções populares não haviam propriamente resultado no que os seus sonhadores tinham planeado, nem como utopia para os povos oprimidos. Alugara documentários, mas isto é diferente do que se vê nos filmes. É como imaginar a cara de alguém de quem ouvimos a voz ao telefone. Conhecemos bem a voz, mas quando vemos a cara, ao vivo, é sempre diferente. Esta cara também resultava muito diferente do que tinha ouvido à distância.

Bem-vindo à utopia dos pobres, sonhada pelos ricos. Pela janela vêem-se empreendimentos de luxo que nascem ao lado dos musseques. Está-se na Capital de um território de catorze milhões de almas, calcula-se. Segundo a

UNICEF onze milhões vivem abaixo da linha da pobreza – e isto não é preciso calcular-se. Vê-se.

Resistentes à pressão dos musseques e dos bairros de lata, que cercam a cidade, vêem-se nascer, entre uma floresta de gruas, prédios e mais prédios de luxo no centro da Capital, onde a falta de espaço obriga a que a conquista seja necessariamente feita para o alto.

«Com vinte e quatro andares e cento e cinquenta metros de altura, o edifício Espírito Santo custou cento e quinze milhões de euros», explica o rapaz enquanto conduz a Toyota «20 Buscar».

Tem uma zona comercial, com lojas e esplanadas, e escritórios, entre o quarto e o décimo sexto andares. No topo, com vista privilegiada sobre a baía, foram construídos quatro apartamentos cujos valores oscilam entre os dois e quatro milhões de dólares. O preço dos escritórios é ainda mais elevado: três vezes o preço do andar mais caro.

«Estão todos vendidos!», diz o condutor e pisca o olho em bico aos empresários portugueses, que não cabem em si de alegria.

«A propósito», diz o rapaz de olhos em bico. «Eu sou o Chilato, e estou a levar-vos num passeio para chillar. É um chill out, porque é fora de casa, claro!»

Olha para Svart.

«Sabe o que é um mistura de um negro e um branco?»

«Um mulato!», gritam os empresários felizes por roubarem a resposta ao camone.

«E um chinês misturado com negro?»

Ficam todos calados.

«Um Chilato!», grita o rapaz de olhos mesmo em bico. «Sou uma mistura, uma contradição. E gosto de me assumir como um louco, pois com os loucos partilho esse bem comum: o direito à contradição. Vou fazer uns comentários à Capital, todos verdadeiros, noutro dia direi o oposto, caso alguém me queira comprometer, compreendem? Eu contradigo-me com frequência: é uma forma de manter a liberdade nesta terra. Não lhe chamo mentira, pois aqui ninguém é mentiroso mesmo, como vocês, lá da Europa, que mentem de propósito. Nós aqui protegemo-nos, sabem? Muitos anos de guerra. Por isso contradizemo-nos de um momento para o outro. Idiota ou louco? Talvez ambos – Chilato Chillout!»

Passam com a Toyota no embarcadouro do Mussulo. Os portugueses dão guinchinhos de satisfação.

«Lagosta», gritam eles.

«Apenas dois tipos de pessoas têm acesso a estes empreendimentos que proliferam pela Capital: os ricos, altos cargos de empresas estrangeiras, e os muito ricos, nomenclatura e generais que ascenderam durante a guerra civil», explica o Chilato. «É bonito, não é? Não é para mim!»

«Ah, isto sim é vida. Aqui um homem é um Homem!»

«Nunca mais! Porra, lá em Portugal um gajo mal sai de casa está sempre

em risco de ter de andar à porrada com outro gajo. Seja no trânsito, seja no restaurante ou discoteca. Aqui, vamos ter respeito. Respeito com dinheirinho!»

Chegam ao centro da cidade, o bairro de Miramar – onde o Presidente tem mais uma das suas residências não oficiais – e vê-se erguer uma torre imponente.

«Vai ser ocupada pela Wayfield», explica o Chilato. «Dizem que são empresas de fabrico e comércio de produtos alimentares. A nossa agricultura está parada. Que venham os estrangeiros cavar.»

«Ai, essas lagostinhas onde andam?», geme o empresário. «Estamos a precisar de dar ao bigode. Todas estas aventuras abrem-me o apetite!»

«Para os últimos andares foram projectados dois duplexes de mil e cem m² com casas de banho revestidas de pedras semipreciosas», explica o Chilato apontando para o alto. «Um deles já tem dono: o líder dum grupo, um português.»

«Filho da mãe!», suspiram em coro cheios de inveja.

«Eu sempre sonhei mijar num urinol de diamante!»

«E eu cagar numa sanita de ouro!»

«E eu lavar o cu num bidé de prata!»

«E você?», viram-se todos para Svart. «Está tão caladinho!»

«Eu sempre sonhei ver uma Palanca Negra Gigante», diz Svart candidamente. «A Palanca Negra Gigante, cuja taxonomia latina é *Hippotragus Niger Variani*, foi baptizada em 1916 pelos portugueses, pois o nome até então fora Sumbakaloko. Eu quero ver esse grande animal – chamado por vocês de Palanca Negra Gigante!»

«Por amor de Deus!», exclamam todos em coro. «Que estupidez de sonho! Quem quer ver um bicho de 1916, com tanta gaja boa aí à solta?!»

Gargalhada geral.

«Isso de Palanca Negra Gigante já não existe faz muito muito tempo!», grita o Chilato todo virado para trás, de novo. «Isso é como... como querer ver a Rainha Ginga ou a Nossa Senhora de Fátima. Só se beberes caporoto destilado em casa e fumares uma erva, daquelas bem fortes! Aí, até vês manadas de Palancas!»

Riem todos do velho que se encolhe ainda mais para junto da janela e abraça com ainda mais força a sua mala.

«Enfim, os três estágios clássicos das grandes descobertas científicas», atormenta-se Svart. «Primeiro as pessoas negam que seja verdade; depois negam que seja importante... e depois dão o crédito da descoberta à pessoa errada. Que pensamento horrível!», pensa Svart. «Ainda por cima já não tenho a bolsa de remédios! Como aguentar tanta sacudidela nestas estradas esburacadas?»

«Aqui», aponta o Chilato para uma rua de moradias. «O preço do aluguer de uma moradia não é menos do que dez mil euros por mês e como a capital é demasiado perigosa e assusta muitos dos senhores empresários, estes evitam

comprar casa e, tal como vocês, preferem a comodidade e segurança de se instalarem num hotel. Tudo custa uma fortuna aqui, pois estamos sobrepovoados, inclusive de europeus.»

A capital fora projectada para quinhentos mil habitantes, num tempo em que poucos tinham carro. Hoje tem cerca de oito milhões de pessoas e o grosso dos engenheiros, advogados e arquitectos estrangeiros que estão instalados no centro da cidade, na zona de Kinaxixi, pagam em média três mil dólares por mês por um T2 em prédios com mais de quarenta anos, elevadores entupidos de lixo, infiltrações, rachas, entupimentos e ausência de energia ou água de rede pública.

O senhor Svart contempla os prédios de luxo e os telhados de zinco das barracas por baixo. O calor é insuportável. Um cão famélico é apedrejado por um bêbado e cai no chão, com o crânio esmagado. As crianças correm, às dezenas, perninhas bamboeantes, a atirar umas pequenas pedras para cima da carcaça do animal.

O senhor Svart liga o gravador e coloca-o do lado de fora da janela. O ruído gravado assemelha-se ao de um imenso enxame, com um fundo grave de percussão. Um *drone* de discoteca do submundo.

Os altos quadros de empresas estrangeiras e os milionários vivem barricados em condomínios de luxo no sul da Capital a dezassete quilómetros do centro da cidade, protegidos dos musseques que os cercam. Antigos combatentes armados são contratados para estar à porta vinte e quatro horas por dia, piscina nas traseiras e heliporto no quintal isolam a Gomorra dos ricos do resto de Sodoma.

Hei-de meter peixes candiru nas vossas piscinas.

«Está-se a passar ou quê, senhor?», perguntam os três empresários olhando Svart. «Está-se a sentir bem, ou costuma gritar, assim, de repente?»

Svart gritara, não se lembra do quê.

Fora da janela uma ostensiva película mínima da sociedade desloca-se em seus Hummers e Porsches de vidros fumados, com um olhar infelicíssimo. Uma percentagem mínima de pessoas concretizam o sonho de milhões, de ter roupa e carros caros. Óculos de marca. O seu olhar parece ser de húbriis, de arrogância, é infeliz, apenas isso, imensamente triste, insatisfeito.

Talvez sintam tristeza pelo facto de oitenta por cento da população da cidade não ter energia eléctrica. Talvez se sintam tristes porque os seus condomínios, em forma de trevo, com as suas piscinas de um azul profundo se destaquem entre a imensidão dum infinito musseque que, do céu, parece um amontoado de lata velha. Talvez.

Não. Eles, esses pouquíssimos, sentem-se tristes porque o que têm ainda não é suficiente e conhecem alguém que tem um pouco mais. Porque o que têm ainda não lhes chega para comprarem a vida eterna. Não são felizes e aquele de quem mais gostam no mundo continua a ser o euzinho – e, no

fundo, nem gostam assim tanto dele. Ainda têm problemas e a infidelidade é uma coisa sempre feia. Porque tentar encher um buraco na areia, com a areia do mar, é impossível, e é isso que eles sentem dentro de si: um eu, que é um buraco impossível de saciar. Porque a necessidade de consolo continua a ser impossível de satisfazer. Porque quando vomitam nas suas sanitas de ouro a bília é igualmente ácida – e queima ao sair pelo nariz.

Hei-de meter peixes candiru nas vossas piscinas.

«Sim, foi isso que você gritou», explicou o Chilato.

«Isso de peixe candiru fica melhor grelhado ou frito?», pergunta o bigode cinzento.

«O peixe candiru é um parasita das águas quentes dos rios tropicais. Com as suas espinhas em formato de guarda-chuva, são atraídos pela urina, subindo pela uretra das vítimas, numa tentativa horrível de se alojarem nas suas bexigas. E ali fica a alimentar-se. Até que as matem. Às vítimas, claro», explica um dos bigodes. «Vi no canal Odisseia.»

«Nos bons tempos, homens de valor costumavam meter destes peixes nas piscinas de cleptocratas e bilionários», Svart comenta pensando nos actos de William Burroughs.

«Porra, este biólogo é um tarado!», gemem dois dos bigodes, apertando reflexamente a braguilha.

«Não sou biólogo. Sou criptozoólogo», protesta Svart.

«Calem-se, que isto é uma maravilha!», exclama outro bigode já mais confiante e relaxado.

«Afinal vocês vêm para quê?», pergunta o rapaz dos olhos em bico aos empresários.

«Conheces as teorias de L. Ron Hubbard?», pergunta um dos empresários.

«Conheces a teoria da atracção do Bob Proctor?»

«Conheces a obra do ex-presidente do Banco da Índia, Ramesh Balsekar?»

O rapaz dizia a tudo que não. Svart acompanhava satisfeito a ignorância do rapaz, assim também a sua seria saciada quando esclarecessem o rapaz.

«Pois bem, a CEFE é um consórcio empresarial que também lida com energias mentais», explicam os empresários. «A CEFE quer ter um impacto cultural profundo. Por isso estamos aqui: para construir uma antena de difusão televisiva. O melhor lugar estratégico, dizem-nos, para a colocação da antena é dentro da reserva natural da Cangandala. É o coração do território e tem óptima abrangência difusora.»

Os engenheiros estão satisfeitos com a explicação dada.

Svart não sabe o que pensar. Uma antena dentro de uma reserva? Isso é permitido?

«A CEFE terá um canal de televisão. Isso é o maior poder. Poder sobre a

informação e conteúdos culturais. Principalmente, poder sobre as imagens. A imagem é o maior poder, a maior identidade. Criamos a nossa própria identidade imitando imagens que nos impressionaram e marcaram. Todos nós somos fruto de imagens e vivemos para passar uma imagem. O poder da imagem», explica o bigode cinzento, mais velho, logo, mais articulado e capaz deste tipo de filosofias razoavelmente elaboradas.

«Poder, portanto...», conclui o rapaz sem grande entusiasmo. «Não vos faltarão competidores aqui.»

Eles passam um panfleto ao rapaz e outro a Svart. Svart sente um aperto no peito:

CEFE. As Leis do Querer e Obter, segundo as teorias revolucionárias de Doutor Branco.

«Doutor Branco?», pergunta Svart a um dos bigodes empresariais.

«Sim, o autor do *Manual de Camuflagem para a Revolução Perpétua*. Entretanto já escreveu mais, pessoalmente nunca li nada. Está na Internet, no Facebook da CEFÉ. Apenas leio os comentários do Brigadeiro-e-Bispo. “Projecte o Seu Querer e Seja o Boss!” é o meu artigo favorito.»

«O Doutor Branco foi quem me mandou vir buscar-vos a todos vocês», explica o Chilato. «A si também, senhor Svart. Porque está com esse ar? Sente-se mal? Conhece o Doutor Branco?»

«Poderia pensar que sim... Poderia pensar que conheço, só depois de beber um caporoto e fumar a tal erva...», murmurou Svart, mais para si do que para o Chilato. «Como podemos conhecer um fantasma?»

Voltam a olhar pela janela.

Hei-de meter peixes candiru nas vossas piscinas.

Na baía da Capital os novos prédios que se erguem com vista sobre o mar são luxuosas sedes de grandes empresas como a BP e a Exxon Mobil. Não há uma única coisa com um nome humano.

O jovem ainda está com a curiosidade insatisfeita.

«O senhor Svart faz o quê? Não compreendi a sua área de trabalho», admite o jovem Chilato.

«Sim, faça lá o favor de explicar isso das palancas!», diz o bigode preto.

«De facto o senhor não parece ser uma pessoa normal... Deve ser cientista ou doutor de uma coisa qualquer esquisita, do tipo, fazer crescer pilas em mulheres», avança outro bigode, o castanho, para gargalhada geral.

«Você anda a caçar animais raros para, depois, meter os cornos nas paredes, não é, ó seu tarado?», todos ainda riem.

«Eu sou criptozoólogo», começa calmamente o senhor Svart. «A criptozoologia é um saber profundo. Graças a ela os senhores sabem da existência do Ieti, o abominável homem das neves, e do Monstro de Loch Ness, para citar alguns avistamentos famosos. Raridades que foram apenas descobertas no último século: o Riwoche, uma espécie de cavalo do Tibete. O

Megatério, uma espécie de

besta do solo gigantesca, quando em pé fica tão alta como uma girafa. O Takahe, uma ave não voadora da Nova Zelândia. O Okapi, uma espécie de girafa das florestas do Zaire, nunca antes descoberta até ao século XX.»

E assim o senhor Svart continuou a falar da criptozoologia até chegarem ao destino. Ao chegarem ao hotel os empresários chegam-se para a frente e perguntam ao rapaz:

«E gajas, não há gajas? Como é o esquema aqui? Não tens umas amigas para nós?»

«Eu sou muito selectivo», corta o Chilato com ar triste. «Não ando assim com mulheres à toa. Escolho, não sou escolhido.»

«Deixa-te de coisas, todos os pretos são bandidos com as mulheres!», riem alto. «Qual escolher! Um homem nunca nega uma mulher!»

«Ao contrário do que os europeus possam pensar, nem todos os africanos são atletas dos pornolímpicos. E ao contrário do que os africanos possam pensar, os europeus não são tão espertos como se julgam.»

Os empresários saem a tentar perceber se lhes terá escapado alguma dica, ou se apenas o rapaz tem uma sintaxe complicada.

«O que é que o puto disse? Não percebi... atletas dos porno quê?»

Svart chega-se perto da janela do condutor.

«Conheces o Doutor Branco?»

«Nunca o vi pessoalmente», responde o rapaz com pouco entusiasmo. «Contrariamente ao nome, só sei que é transparente e evasivo como um fantasma...»

«Sou velho, estou-me a sentir subitamente doente e preciso de comprar uns remédios», explica o senhor Svart. «Se vieres aqui, vamos às compras, pois dei-me conta que conheces bem a capital. Vem ter comigo e pago-te 50 dólares pela volta.»

«A farmácia está mesmo atrás de si...»

«Eu preciso de remédios mais... tradicionais. Falamos depois, pode ser?»

«Volto à noite.»

E o Chilato arrancou com a sua Toyota azul.

20 Buscar.

14.

Quando ia dentro da Toyota Hiace isto foi o que o senhor Svart disse aos outros passageiros, tendo deixado o jovem Chilato muito impressionado:

«A criptozoologia é o saber de maior demérito de todos os saberes. É a irmã feia e esquisita acerca da qual ninguém faz elogios. É chamada de pseudociência como se fosse algo no campo oposto da psicologia, da economia ou da teoria das cordas subatómicas... E sempre que esta irmã faz algo de bom atribuem-no à excelente educação que recebeu da “família” – a comunidade científica e o contexto tecnológico do qual parasita os seus métodos – ou seja, não é por mérito próprio, nunca. Se faz um erro, se diz

algo bizarro, logo se comprova todo o mal-estar bem fundamentado que se tem contra ela. E pior: muitas das coisas positivas que esta excêntrica irmã descobre são logo apropriadas pelas suas outras irmãs invejosas, como a biologia ou a conservação ambiental, sendo incorporadas como vitórias e troféus destas outras ciências. Se erra numa hipótese – coisa naturalíssima no método experimental – dizem-lhe que deve deixar de existir, que a criptozoologia é um tal aborto da ciência que, no mínimo, deve ser considerada um embaraço inviável – se acerta, se descobre, de facto, um celacanto, um tubarão de megaboca, ou um demónio alado provindo das profundezas abissais do oceano atlântico, então, imediatamente a criptozoologia é roubada do seu achado e tesouro.

É quase um paradoxo: os cépticos da criptozoologia justificam a sua descrença citando a falta de artigos certificados pela comunidade científica e pares académicos idóneos – criticam os criptozoólogos de não publicarem as suas descobertas nos jornais de ciência (que são a principal forma de validar e expor em fórum as descobertas científicas) – mas, por outro lado, são estes mesmos cépticos os responsáveis directos da recusa de publicação de muitos dos artigos de assuntos criptozoológicos, considerando-os «fantasias doentias» e «fabricações bizarras». Nenhum criptozoólogo considera uma fantasia doentia avistar uma garuda, um dodó ou uma salamandra de dois metros – mas sim uma conquista científica. Do mesmo modo seria avistar uma Palanca Negra Gigante, um animal já considerado extinto. Mas o anátema da pseudociência não sai

de cima da criptozoologia que é tratada como ocultismo – e, mal um dos seus cientistas atesta e valida uma descoberta como sendo unanimemente «científica», logo, *já não é* criptozoologia, mas pura biologia dos banais manuais e infindos inventários de seres vivos catalogados.»

Svart sabe dentro de si que o que quer descobrir não é catalogável. Comprová-lo cientificamente, essa necessária revelação ao mundo, destrói a própria arte de encontrar algo impossível. Conseguir comprovar um milagre é matar o milagre. Como se pode comprovar como verdadeiro, pelas mecânicas leis da física, algo impossível? Dizem os positivistas que o que não é comprovável não existe. Todos nós sabemos que há coisas impossíveis, incompreensíveis e inexplicáveis – tal como a matéria negra no espaço. Não se sabe o que é, mas está lá. Há infinitos universos paralelos de uma paisagem cósmica inalcançável à mente humana. Somos como pinguins a tentar compreender a teoria da relatividade. Portanto, na lógica do senhor Svart não é obrigatório que se consiga explicar uma coisa para que se tenha de admitir que ela exista.

«Logo, na criptozoologia não é fundamental “comprovar” para que se saiba que existe. No entanto, sabemos perfeitamente que o testemunho alheio não nos satisfaz na nossa necessidade pessoal de saber da sua existência», continua o senhor Svart, tendo como principal ouvinte o jovem Chilato.

Com os outros três passageiros o senhor Svart ainda está a passar pelo

processo de aceitação típico definido por Schopenhauer aquando da apresentação de uma nova teoria: primeiro ser ridicularizado, depois sofrer uma oposição agressiva e, derradeiramente, ser aceite como óbvia – como se todos a tivessem aceite, desde sempre.

«Ou seja, mesmo que não se consiga explicar, nem comprovar, pelo menos, eu – eu! – eu tenho que ter tido uma oportunidade de ter visto. Eu – eu! – eu tenho de saber da sua existência, mesmo que seja a sua única testemunha. E o que os outros viram, ou não, já me interessa pouco. Eu terei uma convicção íntima que supera qualquer necessidade de comprovação perante terceiros.

Poderei analisar e comprovar algo, um evento – mas logo na sua exposição e revelação, por essa mesma acção, deixa imediatamente de ser algo extraordinário. Deve ser tudo uma questão de linguagem: pois descrever o vasto oceano, no essencial, como H₂O como que mata o mistério da sua imensidade. Subitamente parece que sabemos o que, afinal, o mar é: H₂O – e esta explicação científica e soberbamente feia na verdade não explica nada, é como a história do rei que foi informado de que o mundo era suportado sobre as costas de uma enorme tartaruga. E onde essa, por sua vez, pousa as suas patas? A água é H₂O – e o hidrogénio é o quê? E o oxigénio? Onde pousa o mundo? Nas costas de uma tartaruga. E a tartaruga pousa onde? Nas costas de um elefante... A tendência ginecológica de esventrar os segredos da mãe natureza alimentam-nos a húbri, a arrogância trágica, não explicam nada de nada. A ciência fez muita arte de prestidigitação, e ainda não conseguiu resolver a calvice nem a caspa. O que não falta aí é casacos cheios de repugnantes flocos de caspa e montes de carecas infelizes. A grande maioria das coisas é incompreensível – e na melhor das hipóteses apenas descritível. Conseguimos explicar a probabilidade dos eventos, não a sua causa primeira. E esse é exactamente o seu valor: existir apesar de não ser comprovável, pois é impossível remontar à causa primeira – e essa é, na verdade, a raiz das coisas, a primordial realidade, o rés-do-chão das nossas inúteis fantasias e explicações. E por detrás destes jogos todos, apenas a certeza da existência, aqui. É a maior certeza do mundo: a minha própria consciência. Estou consciente e estou consciente de que estou consciente. Estou consciente de que estou consciente e de que estou consciente de outros objectos inseridos neste campo de consciência, também. Consigo explicar os comportamentos recursivos de alguns dos eventos em meu redor – o ciclo solar, o copo que cai se o largo da mão – só que não consigo explicar o facto de estar consciente, nem o que é isso de estar consciente, nem *aquilo* que está consciente de eu estar consciente... Este é o grande valor das coisas e *daquilo* que delas dá conta o sujeito subjacente: que existe, e não é analisável, tal como não é possível o olho ver-se a si mesmo, nem um indivíduo levantar-se a si mesmo do chão puxando pelos atacadores dos sapatos. A consciência começa e termina em si mesma. O limite máximo da ciência é a consciência do próprio indivíduo que tenta interpretar o mundo em seu redor, frequentemente

esquecendo o fulcro a partir do qual vê esse mesmo universo. Mas, um dia lá chegará:

Quem sou eu?

Eu também sou a Palanca Negra Gigante, já que o seu avistamento assimila-a, na minha carne. Volto a ser jovem. Volto a viver integralmente. Objecto de visão torna-se fibra intrínseca do próprio observador.

Quando o sueco Carl von Linné concebeu o seu sistema de classificações botânicas, Goethe disse-lhe: “Tens todos os elementos nas tuas mãos, infelizmente o espírito, que é o elo entre tudo, está a faltar.” O que Goethe chamava de “espírito” é a realidade que subjaz aos nomes e formas, ou seja, o fundamento que a nossa ciência convencional completamente despreza.

O objecto da criptozoologia não é comprovável... nem provável. Os seus objectos de estudo, os seus animais têm o dom da cripsis, ou camuflagem – a habilidade de um organismo evitar ser observado. Porque o que é provável é o banal, é a sintaxe rígida duma linguagem sem agramaticalidade. A criptozoologia é um manifesto de Prometeu, é trazer um fogo secreto do seio dos deuses e mostrá-lo aos homens – é ensinar o verbo, a palavra aos macacos – é subverter a linguagem para conseguir enunciar, de forma subentendida, intuída nas entrelinhas, algo maior que a linguagem das regras não abarca. A linguagem dos macacos não tinha conceitos, a dos cientistas não tem coisas inaceitáveis – não aceitam as coisas que afectam a matéria, mas que estejam totalmente para lá da física. Para eles o não conceptualizável é inaceitável, é inexistente, portanto movem-se num universo minúsculo de probabilidades, na incessante busca da segurança das cinco balas ausentes na câmara da pistola da aposta. Ainda sobra sempre uma bala... E é provável que me dê um tiro na cabeça. É provável que chova. É provável que adoeça. É provável que morra...

É a estatística.

Dizer: “É improvável que morra porque ainda não chegou a minha hora”, é como dizer “é-se mortal, no entanto existe-se para sempre”... “morreu, e renasceu, continua a existir”... É improvável, mas acontece mesmo, e isso é extraordinário, belo e milagroso.

É criptozoologia.»

E a Toyota Hiace pára em frente ao hotel.

15.

São duas da manhã e o calor faz o suor escorrer sem pudor. As ruas estão nas trevas, e os geradores fazem um coro, digno da Gehenna, que ocupa todo o espaço sonoro. É como um campo de batalha com vários níveis de som sobrepostos – daqui: deste cão que ladra, até ali: ao longínquo gerador de 7 kavaiares.

Svart vê a paisagem alienígena do quarto de hotel. Tão diferente do que julgaria ser o futuro daquele país. Fez uma viagem no tempo. Colapsou várias gerações e deu um salto para o futuro. Da última vez que ali estivera – ontem

por assim dizer – o mundo sonhava algo diferente daquilo que agora via. Agora, via arranha-céus com desenhos animados chineses, heliportos, e gigantescos monumentos fúnebres aos líderes. Em betão, esses Coprólitos de inspiração soviética ocupam a paisagem, tentando perpetuar pela memória aquilo que já não existe, pois o corpo desses homens morreu e a sua alma nunca existiu. A alma nunca existiu para ninguém, pois todos nós somos robôs de carne, e a única diferença entre os humanos e os animais é que os últimos não têm problemas mentais.

Este estado-nação foi herdado, já inteirinho, como é agora: tanto em fronteiras como em nome de baptismo. Este território africano, como a maioria de todos os territórios do mundo, foi infamemente explorado durante anos, pela escravatura e colonização.

O primeiro presidente foi o heróico conquistador da independência, mas depois teve problemas com os seus próprios colegas de revolução. Fez-se uma purga dentro do seu próprio partido, matando algumas dezenas de milhares de pessoas, e torturando umas outras tantas (livrando-se da maioria pela Fenda da Tundavala abaixo), mas isso foi o suficiente para ser repreendido publicamente por Leopold Senghor no Conselho da União de Países Africanos. Ficou surpreendido e triste por ter sido acusado de genocídio e passados uns tempos morreu. O seu monumento funerário marca toda a cidade, sendo como um gigantesco foguetão soviético rasgando a trama de um tecido velho, onde os milhões de telhados dos bairros de lata parecem lantejoulas num pano empoeirado – com o dito monumento alçado, pelo meio.

Da sua janela de hotel o senhor Svart espera, faz três horas, o jovem Chilato. Já escureceu e o velho está no paroxismo da inquietude. Quer beber, quer fumar, e algo mais se se arranjar. O jovem prometera voltar, e fá-lo-á. Talvez com vinte e quatro horas de atraso. Svart começa a desesperar de calor, sede e dores no corpo. Começa a ponderar sair por si mesmo, pois a vibração da noite chama-o.

Desce do prédio e entra no caldo de ruído. Por entre a névoa, de poeira batida pelos faróis dos carros, vê-se gente por todo o lado, pares escondidos nos becos, debaixo dos candeeiros fundidos, negociando a troca de números de telemóvel, combinando encontros para mais tarde, questionando intenções e direcções – e grupos ruidosos de rapazes, com as motas em cavalo, a fazerem derrapagens –

ganges de adolescentes em cachos de vinte elementos, olhando, controlando, comparando, criticando, gozando, dizendo obscenidades. Grupos ruidosos de bêbados cruzam-se com os Hummers e V8s e Rav4s, com as motas furando e driblando pelo meio, como insectos nervosos e insistentes.

Todos se exibem o mais ruidosamente que conseguem.

É uma multidão estridente, e todas as máquinas emitem a sua própria fonte de música: batida, brasileira, pimba, kuduro, rap – tudo passando em *doppler*, fundindo-se no clamor da distância – como um enorme campo de

batalha, com milhares de níveis de som sobrepostos, uns surgindo e misturando-se e, outros, fundindo-se na distância – mas todos contribuindo para uma acumulação total e oceânica de ruído ensurdecedor.

Chegou a grande noite de sexta-feira. A sexta-feira é considerada o «dia do homem», uma espécie de feriado nacional, só que todas as semanas repetido. A vantagem ética da sexta-feira é que «é proibido proibir» – logo, a palavra «adultério» passa a ser apenas uma má interpretação da Bíblia, pois afinal já os grandes patriarcas tinham várias gajas, e assim os homens fazem o-que-um-homem-tem-de-fazer, em noites que são mais longas, para garantir o maior número possível de golos – e, ainda bem, ao sábado não tem que se fingir que se trabalha. Pode-se ostentar a ressaca, sinais de um combate assumido.

Esta é a grande hora, da grande noite da semana, a hora do cio total, do acasalamento. A hora do tráfego aberto, dos esquemas frenéticos, a vontade desesperada por arranjar uma parceira para o coito. A parada é multicolor e inventiva: mini-saias de napa cor-de-rosa, tão curtas para que se veja a cueca brasileira em fio dental a espreitar, e as meias de renda de malha-à-pescador, sobre saltos altíssimos, que emitem luz azul a cada passo, a partir do calcanhar de plástico transparente – os chapéus de cowboy sobre óculos escuros Dolce & Gabbana – os *tops* com o coelhinho da *Playboy*, umbigos com um palmo e meio de carne visível por debaixo, com a cintura do calção de ganga apertada apenas a partir do segundo botão, já abaixo da linha púbica, rapada.

As discotecas estão a rebentar como ovos com salmonela, com centenas de pessoas compactadas umas contra as outras, corpos musculados, tensos, desejantes, esfregando-se numa tarrachinha colectiva. A tarrachinha é um preliminar sexual disfarçado, por conveniência nominal, de dança. Dizer que a tarrachinha é uma dança é como meter um prato na mão de um gajo enquanto ele está a cagar e dizer-se que ele está a guiar um carro.

Tarrachinha. Tarrachinha.

Homens com ataques de priapismo convulsionam, involuntariamente, as cinturas, para a frente e para trás, sem parar – e as mulheres mandando gargalhadas, sacodem os seios e nádegas, rápidas e duras, em movimentos circulares, enquanto se dobram e agacham, quase de quatro, e os homens as tomam por detrás, agarrando-lhes firmemente os ossos das ancas, como pegas, puxando-as, para trás e para a frente, ao som das músicas da moda.

À porta das discotecas, os carros são bancadas para DJs de improviso – e as mulheres e homens esfregam-se, diante dos faróis dos carros – elas ondulam de pernas abertas, com eles pelo meio, como fazem as *strippers do lap-dance* – enquanto eles, a tentarem ficar tesos, se apoiam nos capôs quentes dos jipes – por detrás dos quais, cães fazem amor com rosnadelas, dentadas e ganidos. Hálitos pesados, arquejantes, e os homens praguejam, de copo de whisky na mão – enquanto elas sobem e descem, dançando verticalmente, para cima e para baixo, ao longo do colo e das braguihas deles – dióspiros

maduros, prestes a rasgar a pele – ou, para cima e para baixo, por cima de uma garrafa de cerveja, apontada erecta a partir do chão, no centro do grupo de fêmeas – enquanto eles, excitados e críticos, quase imóveis, apenas lhes avaliam as chuchas ou as nádegas, a cada vez que elas se viram de frente e de trás, rodando o bife de ambos os lados, sob a grelha dos seus olhos.

Tarrachinha, tarrachinha.

E toda a cidade é uma cloaca de vapores e emanações escaldantes, um caldo primordial e fétido de feromonas e testosterona. Qualquer criatura que queira, ali, consegue encontrar um par, um corpo que esteja tão carente quanto o seu próprio.

O velho Svart está carente, e o corpo velho dói-lhe demais.

Começa a ansiar por uma bebida ou duas, mais um charro e, pelo menos, uma linha de coca. É por razões médicas, para aguentar. Parece-lhe que algo de estranho aconteceu ao mundo. Tudo se transformou num videoclipe de pornochachada, mas ao vivo. Nunca antes tinha visto as pessoas em tal frenesim sexual, em público.

Svart sente-se numa Sodoma ou Gomorra, em versão *iphone* e unha-de-gel, cheia de mulheres com caras de anúncio televisivo e jovens musculados do ginásio. Svart pragueja alto quando duas raparigas embatem contra ele, como se ele não existisse. Continuam

sem sequer lhe pedirem desculpa. Uma delas veste uma rede vermelha e Svart vê-lhe os seios negros e perfeitos. As pontas dos mamilos espreitam entre as malhas. Tem pernas compridas e esculturais com queimaduras do tubo de escape de motorizada... Algo enoja e atrai Svart. Sente, em simultâneo, avidez e aversão. Vê as

miúdas de catorze anos, mulheres feitas de corpo, a dançarem lascivamente com homens de quarenta e tal. Homens de olhos confusos e famintos. A tarrachinha na vertical antecipa o tango na horizontal, mais logo.

Numa mesa de esplanada um homem obeso e gigantesco está acompanhado por três misses, miúdas de treze a quinze anos. Meninas lindas, delicadas, corpos perfeitos e carinhas de anjo. Comem em silêncio ao mesmo tempo que teclam, incessantemente, no telemóvel, mantendo o lume vivo, por meio de sms aos namorados e pretendentes e recém-conhecidos, a quem deram o terminal e que agora as procuram – e a quem elas provavelmente já fizeram promessas.

Xtou em casa. Hje n vou sair. Nha mãe n deixa. Amanhã falms. Bjs n boca, dizem os sms para os namorados, pretendentes e recém-conhecidos que têm de ser mantidos em jogo, em vários tabuleiros paralelos, como universos de esquizofrenia, da teoria das cordas, onde vivemos muitas vidas e somos muitas pessoas em simultâneo. E não somos ninguém de verdade. O mesmo sms é reenviado para cinco ou seis homens diferentes.

De olhos postos na estrada, o gigante de 120 quilos nem as olha. Já lhes pagou o jantar, e de seguida levá-las-á para um quarto de pensão e dar-lhes-á whisky e licor de amarula. As miúdas adoram amarula e *spins*. Agora as

crianças têm gostos sofisticados.

Enquanto come, o homem limpa o suor das pregas de gordura que tem na imensa e carnuda nuca. Come com uma colher, com os olhos fixos na estrada, nos outros homens e nos seus carros e mulheres que os acompanham. Come com voracidade, mas sem gosto, o paladar é-lhe indiferente, mastigando como quem ralha sozinho, como quem rosna palavrões – e a mão pousada na mesa, ao lado do prato, vai esmagando o lenço de papel com que limpa o suor das pregas da nuca. A mão é brutal, forte, e esmaga, esmaga, esmaga o papel empapado de suor.

Svart desce a rua e cruza os olhos com uma miúda. Ele nota que ela o fixa. Pelo olhar dela intui que ela já o estava a olhar muito antes de ele se dar conta.

«Boa noite», diz ela.

«Boa noite», responde ele.

Ela tem um vestido muito curto de zebra.

Ela dá uma volta diante de Svart. O coração de Svart começa a bater com mais velocidade. A prostituta de cabeleira loura e vestidinho de zebra está praticamente encostada a Svart. Svart ainda pensou que o seu cabelo fosse falso, mas olhando de perto surpreende-se pela impressionante juba dourada da mulher. É uma aura de anjo.

«Onde vais?», pergunta ela.

«Passa, de novo, assim, em frente de mim», responde Svart querendo dizer algo másculo, que lhe faça ganhar algum tempo.

A prostituta levanta a curta saia ao longo da perna, expondo a coxa até à virilha, sem roupa interior. Dobra o joelho tocando com a perna nua entre as pernas de Svart. Com uma mão em taça e unhas afiadas, arranha-o, de baixo para cima, na braguilha. O corpo de Svart não reage. Talvez Svart quisesse que o corpo reagisse, mas Svart já não é o mesmo – ou talvez o seu querer já não seja o mesmo e quando o querer muda também se muda o ser, aquilo que se é. Porque nós somos aquilo que queremos – e o nosso ser é a própria intenção que subjaz ao nosso querer. Svart não tem a intenção de usar esta mulher. Gostaria de estar com ela, apenas pela companhia, para estar com alguém a quem não precise de pedir autorização para abraçar, nem se arrisque a levar uma chapada por ter dado um beijo.

Durante os segundos de hesitação Svart perde a oportunidade de dominar a mulher e livrar-se dela. Tal como acontece nos mercados: quem olha demais está lixado, pois os vendedores não o largam mais.

«Onde vamos?», pergunta ela.

Svart começa a explicar como é velho e que as meninas novas não devem dar confiança aos velhos, porque os velhos são libidinosos e há situações perigosas em que eles as embebedam e podem fazer-lhes mal. Há velhos que gostam de fazer mal às meninas novinhas, coitadinhas. Até já houve um velho, que Svart conheceu, que matou uma menina porque ela tinha metido conversa com ele, e ido com o tal velho dar uma volta de carro... Ela

aparecera toda cortada e esmurrada. E também queimada nos pés com um cigarro e...

Ela olha-o estupefacta.

«Estás a ameaçar-me, cabrão?», grita ela. «És um nojentto! Eu não faço dessas coisas! Eu sou séria, não admito que me batam! Não sou suficiente boa para ti, é? Precisas de me bater? Cobarde! Estás a desprezar-me! És um racista?»

Não, por Deus, oh meu Deus, oh meu Deus, oh meu Deus. Svart não sabe o que fazer.

«És linda! É por isso. És uma miúda linda e... Estou preocupado contigo e...», Svart atrapalha-se. «Não, pelo contrário. Quero tudo de bom para ti!»

«Então, onde vamos?», insiste ela ofendida. «Nunca fui tratada assim! Estou aqui porque quero, compreendes? É o meu segredo! Não tens segredos?»

Svart quer ainda explicar o anterior mal-entendido e mostrar-lhe que seria incapaz de fazer mal a uma mulher. Pelo contrário, lamenta imenso que haja mulheres que tenham de se expor, de se aviltar e arriscar desta forma porque existem homens que gostam de as usar como objectos de prazer – e, pior ainda, gostam também de lhes fazer

sevícias para as magoar! Animais! A miúda começa de novo a ficar com ar furioso e Svart percebe que tudo se está a confundir de novo.

«É esse o teu segredo, seu tarado?», inquire a miúda da aura de anjo.

A situação está a ficar muito desconfortável e do escuro olhos atentos seguem os movimentos de Svart.

Neste país tem sempre alguém a olhar e a controlar todos os movimentos que uma pessoa faz.

«Mas eu sou velho e tenho uma doença!»

A miúda primeiro parece não acreditar, depois começa a duvidar de si mesma. Esses brancos têm uma fragilidade imensa, apanham montes de doenças... Basta um paludismo e até morrem! A miúda fica furiosa e vira-lhe as costas.

Svart recomeça a descer a rua, aliviado. A miúda volta.

«Arranja-me um cigarro!», ordena ela.

«Não tenho», confessa Svart.

«Então dá-me mil kwanzas para uma recarga telefónica!», exige a rapariga da juba loura e pele negra. «Preciso que o meu motorista me venha buscar.»

«Deixei o dinheiro todo no hotel, de propósito», explica Svart.

«Vai para o caralho!», manda a miúda e afasta-se. «Velho do caralho, cheio de doenças! Nem dinheiro tem.»

Svart apressa-se a fugir daquela rua. Mais à frente a miúda e o vestido de zebra aparecem-lhe, de novo, surgindo por detrás de um carro. A aura dourada de cabelo é desconcertante. A miúda parece querer fugir de algo e Svart sente-se como se ela estivesse a usá-lo. Apetece-lhe dizer à miúda: larga-me, não sou teu pai!

«Onde vamos?» pergunta, agora mansinha.

«Outra vez esta conversa?» Svart começa a desesperar. A música continua a massacrar por todos os lados. Svart quer fugir para algum lugar protegido e meter tampões nos ouvidos. Depois, beber um gim ou whisky e fumar duas ganzas. E cheirar uma coca com dois Valiuns.

Tarrachinha. Tarrachinha.

«Podemos ir juntos. Podes fazer o que quiseses comigo», diz a miúda com infelicidade. «Quero jantar. Preciso de um whisky. E, principalmente, não quero estar sozinha.»

Assim acerta bem no centro do alvo. É disso que Svart precisa, não estar sozinho. E o seu remédio está à sua frente, a precisar do mesmo que ele.

Sente uma onda íntima, com um misto de pena, de espanto e de atracção. A submissão de uma rapariga é completamente desarmante para um homem. Nenhum homem resiste a uma donzela em apuros. Mas, esta moça não é uma donzela em apuros.

Svart sente-se humilhado pela atracção que sente por ela, e também com vontade de fazer qualquer coisa por ela – e por si mesmo. Na verdade ela não parece precisar de dinheiro, só de dormir e de um amigo. As olheiras por baixo dos seus olhos são pesadas, e o olhar parece estranhamente familiar a Svart.

A coisa já foi longe demais, agora já estão com uma familiaridade e confiança excessiva, imprópria para tão curto espaço de tempo. Agora é como se Svart já lhe devesse algo. Como se já fosse responsável por ela. Como se já se conhecessem...

«Vou pedir para te darem de comer no restaurante, por minha conta. Pago amanhã. Vão aceitar o meu crédito. Vão respeitar o facto...»

«Não. Agora quero ir contigo, mesmo velho e doente e sem dinheiro», diz determinada. «Onde vamos?»

«Isso, pergunto eu», diz Svart. «Onde vamos?»

Descem a rua para começarem, antes de tudo, por beber um whisky.

16.

A melhor maneira de curar uma ressaca é com outra. E mais outra e outra e outra. É esta, dizem, a mecânica que está por detrás da teoria causal do renascimento. Platão e o Buda não o diriam por estas palavras grosseiras, mas sim com mais elegância. Eles teriam dito que é a ganância e a aversão – a sede por existir na forma e sensação – que propulsionam o fluxo de consciência a integrar um corpo, e outro corpo e outro corpo.

A seguir a um corpo, vem sempre outro corpo.

Na noite anterior, Svart compreendeu, de novo, que praticamente já não tem corpo, ao constatar que mal conseguira acompanhar a mulher. O quanto ela bebera! Mataram a solidão juntos. Estiveram sozinhos juntos. Porque insistira aquela mulher em querer ter um velho por companhia? Ainda por cima uma mulher assim tão bela?

Uma mulher pode fazer-se escolhida, um homem nunca. Ele é o escolhido – e nada muda o facto de que quem escolhe é a mulher. A única coisa que ele pode fazer é mentir-lhe para que ela o escolha. O veredicto continua a ser dela.

Um esgoto a céu aberto e o corpo uma presa fácil do cio. Não importava quão escuro estivesse o quarto, na cidade sem electricidade pública – o corpo dela, tão negro, era facilmente apercebido, como uma silhueta ainda mais escura, sempre mais negra, treva sobre treva, mais do que a própria noite. Excepto pela juba de cabelo louro, como uma aura de improvável anjo.

Agora com a aurora escaldante, o suor e arrepios da ressaca da noite-do-homem sacodem e despertam o corpo do velho. A sexta-feira pode ser do homem, mas o sábado é do fígado. Svart revive aqueles momentos da sua vida recente, que, afinal, foram num passado tão longínquo. Ainda agora, psicologicamente, Svart esteve, várias vezes, assim, num hotel da Capital. E acordara de ressaca. E agora também. E aquela miúda tinha passado, agora também, ao seu lado. Tudo aconteceu, faz mais de trinta anos, noutra vida, noutro lugar, com gente que já não existe. Parece que foi agora mesmo. E agora também se repete. Svart sente que quer chorar. Agora é um velho choramingas. Alguns são-no na infância, outros na velhice – todos somos, no fundo, choramingas. Mais tarde ou mais cedo, é uma questão de tempo para que os montes sejam aplanados. E nós humilhados.

Ao chegarem de madrugada, pedira umas sanduíches para si e para a miúda, mas o pão no hotel sabia a petróleo. Por toda a cidade ele vê as ruínas espirituais da guerra. Ruínas que serão substituídas pelas novas ruínas desta nova ordem que, agora, se instala para cobrir a anterior. Até que algum catalisador faça disparar os novos oprimidos e dar-se-á mais uma volta à roda da fortuna. É uma questão de tempo para que os montes sejam aplanados e os vales exaltados. E depois recomeça.

A seguir a um corpo, vem sempre outro corpo.

Svart acordou ao som de um coro de bebés a chorar. Ninguém os atende.

Olha em redor do seu aparthotel conhecido como «hotel dos cubanos», na Maianga. Por baixo da janela os bairros de lata já se infiltraram entre os prédios, acrescentando «anexos», em altura e largura, aos prédios originais – preenchendo todos os nichos vazios com um amontoado de carbúnculos, barulho e gente, muita gente, entre bebés que choram sem que ninguém os atenda.

Neste quarto viveu uma sueca, disseram-lhe, como para assegurar uma espécie de qualidade europeia ao alojamento. Teve de ser evacuada por ter sido estuprada.

A prostituta, que veio com o senhor Svart, saiu antes dele ter acordado. Gostaria que ela tivesse ficado ali. Talvez tomassem o pequeno-almoço juntos e depois fossem contemplar o mar e depois... não há depois, tal como nunca houve antes. Por favor...

Ela dissera-lhe algo chocante:

«Pagas-me dez mil kwanzas e deixo-te violares-me.»

Mas Svart pagara-lhe para que dormissem juntos, literalmente.

«Porque fazes isto? Precisas assim tanto do dinheiro?»

«Não o faço por dinheiro.»

Ela espantara-se, de novo, ao que o senhor Svart relembra:

«Sou velho. Apenas não me quero sentir só nesta cidade violenta e ruidosa. Apenas quero um pouco de beleza e consolo – não quero que te deixes violar a troco de dinheiro.»

A prostituição é uma violação consentida. Muitos julgam que o consentimento da outra parte anula a violência, a intrusão – como não? Alguém ser corruptível, como uma criança, não iliba o corruptor, pois não?

Ela deitou-se do seu lado e ele deu-lhe festas no lindo cabelo e rosto, como quem nina uma criança. Ela era uma criança. Ninguém adulto de espírito se submete a tal indignidade. Ela adormeceu logo, pobre menina esgotada. O senhor Svart viu que a miúda relaxou e isso fá-lo adormecer também enquanto o cetim da sua pele corria sob a palma da mão.

Por favor, dissera Svart.

Trinta anos atrás Svart quisera estar num país que acabava de nascer – quisera ser testemunha de um evento maravilhoso, antes de começar a guerra civil. Um país jovem onde todos os que tivessem experiência e competência seriam imprescindíveis. E todos nós gostamos da sensação de sermos imprescindíveis. Quase que faz com que a morte seja impossível. Um homem imprescindível não pode morrer.

Voltar fazia-lhe lembrar as sensações que outrora tivera: um mundo onde ainda está sempre tudo por fazer. E agora, com idade, outras coisas mais lhe vinham à ideia. Enquanto estava de castigo na parte de trás do avião fantasiara coisas, ao ouvir uns portugueses de meia-idade falarem. Um desses homens, careca e de bigode curto grisalho, dizia:

«Ir para África é ficar mais novo. Ali não te reformam, nem te passam os putos à frente, só por serem putos e estagiários. Podes contribuir para criar uma sociedade a partir dos escombros. Está tudo por fazer! Ali não há nada para herdar, não há história, o passado inventado pelos políticos tende a desaparecer rápido. Também quase que não têm velhos e a muita iliteracia entre os jovens impossibilita a fixação dos eventos. Sessenta por cento da população tem menos de dezoito anos e nem sabe quem foi Estaline ou Hitler. Não há nada para herdar senão a vontade de fazer um futuro cuja linha de contorno ainda está completamente invisível e imprevisível. Como será daqui a vinte anos? E vão-se ouvir muitas respostas diferentes...»

E o amigo do tal português mais velho dissera:

«Ali ainda tenho idade para criar... até ainda posso ser pai...», sussurra quase envergonhado.

Svart, porém, nunca quereria ter um futuro nesta terra que agora conhece. Nem consegue imaginar como há quem queira ter filhos. Pela lógica, obviamente, ninguém deveria querer ter filhos neste mundo – mas os genes e

pressão social fazem os primatas humanos quererem multiplicar-se, suicidamente. Construir um futuro? Não depois do que tem visto e sentido. A ressaca é o sintoma normal de quem quer viver aqui, nesta Capital. Se não tem ressaca é porque não bebe. Se não bebe, vai enlouquecer.

Na discoteca a rapariga ensinara-lhe a nova dança da moda. E ela tarrachara-o. Svart achara aquilo de tarrachinha inútil e feio, ficara-se por ali o tempo de uma música. A música e o ruído dos geradores misturavam-se, e não eram muito diferentes, naquela discoteca sobrepovoada e húmida. Svart fumava com uma mão e bebia com a outra. Ela tinha-o seguro com as ancas. Prende-o a ela e tarracha-o.

«A guerra na cidade... Eh, papá, aquilo era um cerco sufocante. Nem havia o que comer. Os generais tinham apanhado as meninas bonitas para fazerem delas suas mulheres. Algumas ainda meninas de escolinha. E depois mandavam-nas ir buscar carne, fora dos abrigos. Havia atiradores furtivos que nos davam logo um tiro, mas tínhamos que ir. Às vezes tínhamos que lutar pelas nádegas dos cadáveres com os cães. Tinhas de usar a faca para lhe cortar a nádega e estar atenta aos cães.»

«Já disse que não me chames de papá», aborrece-se Svart. «E já estou cansado destas danças infantis. As pessoas deviam alugar quartos de motel, ou aproveitar os carros.»

Ele ouve enojado, inebriado pela dança, o som que bate nos tímpanos, o fumo. À sua volta o corpo delas, sensual, roça de cima para baixo, da esquerda para a direita, ondula, envolve.

Ela beija-lhe a boca.

«Agora já sabes como é beijar a boca de uma mulher que já comeu carne humana.»

«Por favor», dissera Svart. «Deixa-me fumar e beber. Agora fica quieta.»

E beberam a noite toda, sem mais tentativas de tarrachinhas.

O novo dia chegara. Em tronco nu e suado, o senhor Svart olha pela janela. O calor é insuportável. Na mão tem o aparelho de simulação de voz de cria de Palanca Negra Gigante. No quarto não há nada para beber, o telefone não funciona, e o duche está partido.

O balde de água está praticamente vazio, por isso também não poderá tomar um banho com a caneca disponibilizada. Sozinho de novo.

Ninguém o contactou para começar a trabalhar. O Chilato não deu sinal de vida, nem voltou a ver os portugueses de bigode. Não sabe nada do tal Doutor Branco, estranho fantasma do passado.

O problema das drogas é que o efeito passa. E o senhor Svart está ansioso por um whisky e algo mais forte. Todos os pensamentos lhe convergem para o mesmo discurso: preciso de meter uma dose para dentro. Mereço.

Não há maior pretexto para beber e fumar e cheirar do que saber que se merece. Eu mereço, porque sofro. Porque me fizeram mal. Porque estou doente. Porque é só hoje. Ninguém se droga sem argumentar contra si mesmo. A dialéctica é erística, os argumentos falaciosos, e é como jogar xadrez contra

si próprio – à melhor jogada do oponente sacamos do trunfo final: eu mereço, porque sofro. É inquestionável, incontornável. É verdade. Ganhaste, vai, desgraça-te todo.

Svart olha pela janela. Procura o Chilato, ou pelo menos descobrir um par de bigodes familiar.

Lá em baixo, na rua, vê o trânsito coagulado dos quatro mil carros importados que entram por mês, numa cidade do tamanho de uma vila.

Não é uma fila de trânsito: é um gigantesco parque de estacionamento.

A embolia de carros que a cada hora avança vinte metros. Carrões de centenas de milhares de dólares, com os seus ares condicionados e os fatos e gravatas que, de dentro, se exibem numa lenta parada de ostentação anónima.

Isto é melhor do que ficar parado à frente de casa a dizer mal de quem passa. Estamos a passear e a ser vistos. Lenta e detalhadamente vistos dentro dos nossos Hummers e Ferraris que não passam dos 20 quilómetros por hora. Não estamos a ir para o emprego, nem a ir buscar os filhos à escola: estamos numa amostra internacional de automóveis de luxo. E mesmo isso, é uma ilusão de movimento, pois do quinto andar Svart vê toda a avenida e, mais à frente, a dois quilómetros, a rotunda está totalmente bloqueada. Mal adivinham o tanto pior que ainda aí vem, repetido todas as manhãs, todos os dias, todas as semanas, todos os meses – mais quatro mil novos carros de importação a entrar, todos os meses, só neste mesmo porto. Os que estão mesmo por debaixo da janela de Svart têm o dia perdido, ainda não o sabem. Apenas bufam e arfam e mexem no leitor de CDs do carrão. Falam ao telemóvel, provavelmente mentindo, dizendo que estão *mesmo* a chegar. Como o Chilato.

As horas passam e o senhor Svart sofre da sua janela. Vai cinco vezes à recepção perguntar se há algum recado para si. Se a CEFÉ telefonou. Se apareceu um jovem com olhos em bico. Se os bigodes perguntaram por si. Se apareceu uma moça de juba loura.

Nada, nada, nada.

«Sandy!», grita o senhor Svart, pois esse é o nome da linda negra de juba amarela. «Sandy!»

Ela não olha. Se calhar não é ela.

«Cala-te, Cachorra!», insulta o candongueiro, sem abrir a boca, a frase está escrita em todos os vidros do táxi, ao passar uma tangente à mulher da juba loura que transpira, sozinha, na borda da estrada. À espera de passar.

À espera. Todos à espera.

De repente batem violentamente à porta. O Chilato entra.

«Como é, senhor Svart?», grita o jovem de olhos em bico. «Ainda em tronco nu? Vamos, vamos! Então, como é? Não queria ir dar uma volta? Vamos, vamos! Tem de estar presente numa reunião da CEFÉ mais tarde. Os técnicos de instalação de antenas já foram para lá. Vamos rápido comprar o que me pediu e depois seguimos para a reunião. O presidente já perguntou por si.»

«O tal brigadeiro?»

«Não: Brigadeiro-e-Bispo. Ele tem cargos acumulados.»

Vinte e quatro horas depois do combinado, depois de ter passado o dia à janela à espera, Svart sai apressadamente para o dia que começa a morrer, acompanhado do rapaz.

17.

«A Avenida Karl Marx é a da droga. A Avenida Lenine é a das prostitutas», explica o rapaz de olhos em bico. «Temos de nos despachar, porque a palestra da CEFÉ começa dentro de uma hora. O Brigadeiro-e-Bispo quer que todos estejam presentes, particularmente os expatriados.»

Entram no calor húmido da noite. Entram na Toyota azul «20 Buscar».

«Vamo-nos entender, senhor Svart: o senhor quer fumar uma erva africana, da pesada, não é?»

«É. E não só.»

«Quer pó?»

«Se for do bom.»

«Posso perder o emprego por causa disto. É tudo o que tenho.»

«Este corpo é tudo o que tenho. Vê como tens mais sorte que eu.»

«Tem cumbu?»

«Sim. Tenho dólares e kwanzas.»

«Vamos então atrás da erva e do pó. Depois vamos para a palestra. Entretanto vamos já relaxando», o jovem produz um embrulho de erva, acondicionada em folha de caderno de escola. «Veja se gosta desta erva de Quilengues. Cuidado, é muito muito forte.»

«Já conheço bem. A de Quilengues e a do Chongorói.»

Arrancam a toda a velocidade fintando o trânsito e enfiando por ruelas onde o esgoto corre a céu aberto. O lixo enche as ribeiras e alguns prédios escorrem o esgoto por furos feitos no exterior, visto que os canos, faz muito, deixaram de funcionar.

Dentro da Toyota o fumo eleva-se.

«Essa erva é bem fodida. Se tens que falar com alguém no espaço de 24 horas, esquece. Até te faz pensar que tens os pés virados para trás. Só dá para ficar fechado em casa, ou numa praia isolada – e esperar. Metes uns auscultadores e ficas a curtir um som, só tu e mais ninguém.»

O jovem passa o charro enrolado ao velho. O velho sente todo o corpo tremer com um frémito antiquíssimo de desejo acumulado. Logo à segunda inspiração o mundo começa a fazer sentido. Tudo encaixa e vir procurar uma Palanca Negra Gigante é um propósito nobre e óbvio. Como duvidar?

Também outro fenómeno acontece: o senhor Svart olha para o jovem Chilato e pensa descobrir um segredo extraordinário. Na verdade, ele não é uma mistura de negro e chinês, mas um raríssimo mongolóide africano. É um raro espécime com síndrome de Down.

«Como és lindo!», grita Svart. «Já não via ninguém como tu faz muito tempo! Na Europa abortam-vos a todos!»

O jovem Chilato não faz ideia de que o senhor Svart está a ter uma epifania de tetrahydrocannabinol nas sinapses do cérebro. Não obstante, o jovem decide responder prontamente. Também ele está a levar um estalo nas sinapses. O candongueiro Toyota, 20 Buscar, voa pela rua abaixo entre os prédios na treva.

«Como buracos negros, implodimos», explica o mongolóide que se julga meio chinês. «É isso que aconteceu connosco quando nos implodiram.»

Ouve o rapaz falar, umas palavras atrás de outras, sem grande lógica – como quando se desabafa. Como é maravilhoso, pensa. Chilato está a fazer um esquisso, um mapa improvisado, com palavras soltas.

«Isto é apenas um rascunho de uma capital onde tantos mundos colidem», grita o jovem e abre a janela. Aponta para fora. A ganza passa para a mão de Svart pela quinta ronda, agora o senhor Svart já não sabe contar mais.

Subitamente o jovem Chilato trava na entrada arrebitada de um prédio. A entrada está carregada de crianças que brincam aos gritos.

«Vou-te bater!», grita uma.

«Vou-te chapar», responde alegremente a outra.

Diz-se que as palavras mais repetidas pelas crianças nas suas brincadeiras, sem supervisão adulta, são um bom indicador da mente dos adultos e pais dessa comunidade.

Em Portugal as crianças repetem:

«Vou-me queixar.»

Na Suécia insistem em dizer:

«Não me toques.»

Aqui a frase mais repetida, continuamente, pelas crianças é:

«Vou-te bater, vou-te chapar.»

Na sombra, na entrada de um túnel, mexe-se um corpo. Aproxima-se um homem da porta do senhor Svart. É um traficante.

«Como é? Tens alguma branca?», pergunta o Chilato.

«Tenho apenas isto, iô», e passa directamente para a mão de Svart um pacotinho equivalente a cinquenta dólares.

«Chega?», pergunta o Chilato, já adivinhando que não.

O velho Svart está desconsolado, além de que está num estado de prostração.

«Quero mais. Se meto isto para dentro vou ficar louco por mais. Se depois não tenho, vai ser do piorio.»

«Do piorio?!», o traficante junto da janela começa a rir às gargalhadas. «Do piorio?!»

«Que se passa?», pergunta perplexo o senhor Svart.

«Ele gostou da expressão. *Do piorio*. É bastante cómica», explica Chilato, o explicador de tudo, incluindo linguística.

«Lá à frente tenho mais, uí», diz o traficante ainda a limpar as lágrimas. «Deixem-me entrar e levo-vos lá. Senão... vai ser do piorio!» e ri perdidamente.

Arrancam de novo. O Chilato volta a acender um charro e passa-o ao traficante, que dá uma baforada e passa-o a Svart.

«Veja, senhor Svart, vou explicar...», recomeça o Chilato querendo fazer uma visita guiada à cidade, *by night*, fica em silêncio a apontar com o dedo. Svart começa a pensar que estão a fazer telepatia entre os dois. Sabe bem. Svart olha e compreende:

«A capital foi implodida, depois da explosão, do excesso, do bramido atroz do massacre – do cheiro a carne humana queimada –

vem o silêncio», elabora o jovem. «E agora esta cidade, escura, recolhida sobre o seu próprio ventre ferido – encolhida sobre as suas próprias memórias que não se partilham, não aparecem nos guias turísticos, nem dão prémios de capital da cultura – o buraco negro depois da supernova de euforia e guerra.»

«É isso mesmo», diz o traficante que está a ver um filme no telemóvel. «É mesmo bem fodido, meu», e ri às gargalhadas, de novo. «Bem fodido. Eh! Olha só este vídeo que me mandaram. A minha vizinha com o professor da escola de condução. Eh! O gajo tem cá uma condução do carro! Eh! Ah!»

E espeta com o visor diante dos olhos dos outros dois. O senhor Svart desvia os olhos da cena frenética no visor do telemóvel.

«Não compreendo estes telefones de agora», geme o velho. Continua a olhar para fora, a cidade nas trevas com milhares de vultos a circularem, a beberem, a rirem, a falar ao telemóvel. Parece que os seres humanos, agora, nasceram com a palma da mão colada na orelha.

Monstruosa, vê-se a residência presidencial, na Praia do Bispo, como um castelo fortificado todo escarranchado por cima de um bairro tão degradado que ofenderia os brasileiros da Rocinha se lhes dissessem que aquilo também

tem o estatuto e nome de favela. O bairro por baixo do palácio do Presidente ainda tem de sonhar muito para ser uma favela. É uma disforme miséria de poeira e lixo que suporta uma penitenciária de luxo e opulência. Está ali, mesmo perto do mercado do Roque, onde vendem aparelhagens, carros, sangue, órgãos, crianças e armas. Um palácio de muros altos, arame farpado enrolado, lâmpadas de halogéneo – e os esgotos que se lhe escorrem pela encosta abaixo, de dentro das tripas do palácio, para cima das centenas de famílias por baixo.

O côncavo, o convexo – a imagem distorcida.

Junto de uma barraca, iluminada por velas e as brasas de um fogareiro, um grupo de homens e mulheres bebe caporoto. O fogareiro é uma jante de automóvel com uma grelha por cima.

São pobres mas são felizes – tão lindos, tão patetas.

«As pessoas são felizes, assim, afinal», diz o senhor Svart filosoficamente ouvindo as gargalhadas que vêm do escuro. «Isto é assim», faz um círculo com a mão, «porque as pessoas o querem. Seria negar-lhes humanidade submetê-las a uma tal ausência de livre-arbítrio, e dizer que tudo está assim porque elas foram sujeitas a forças históricas, ambientais ou inatas que as obrigaram a viver em lugares assim. Não, isto é assim porque as pessoas o querem. Elas gostam assim. Elas até riem mais aqui do que na Suécia.»

«Não, iô. As pessoas não são patetas, yá? – e se as pessoas riem é porque alguma razão houve para isso, yá?», corta o traficante, subitamente sério. «E não é uma resistente amostra, ou ancestral resíduo do sorriso primordial, que ainda lhes ficou chapado na cara, desde o tempo em que o Adão ainda andava a pinar pelas matas sem pensar nas consequências.»

Essa é mesmo uma das maiores falácias que se ouve: «Ah, são pobres, mas aquela gente é tão feliz. Tem sempre um sorriso na cara!» Isso é uma mentira, fonte de tanta estupidez e ignorância», insiste o traficante.

O senhor Svart pensa que ouve tudo isto telepaticamente, pois o traficante parece ser demasiado articulado. Acena que sim para o rapaz ao seu lado, enquanto vai contemplando a cidade nocturna, tentando adivinhar-lhe as formas. Agora o rapaz quebra o elo telepático, e mais uma ganza chega à mão de Svart. Mais uma de novo, e de novo. O fumo sobe e faz espirais dentro da carrinha e dos cérebros dos homens.

«Eu vivo nos bairros. Eu sei como é. Anos e anos a viver nos bairros. Eu conheço-lhes os becos, as chapas de zinco, as pedras que seguram os telhados», o jovem Chilato fala devagar.

«Se as pessoas estão a rir é porque por instantes pensam que algo de bom lhes vai acontecer», diz o traficante. «Se estão a rir é porque pensam que as vais ajudar. Entra-lhes um estranho no bairro e as pessoas pensam:

Lembraram-se de nós. Lembraram-se de nós!

Estão-se a rir porque és o Ronaldo. És a Lady Gaga. És o Michael Jackson. És o Di Caprio. És a Angelina Jolie. És a cara da televisão e da revista. Da novela ou do filme maroto, yá?»

O traficante fala alto, solta a voz, o vento sopra forte dentro da carrinha. O senhor Svart sente o vento bater-lhe no crânio careca. O jovem Chilato está em transe e a carrinha voa. A erva é muito boa, muito boa.

«Eles estão a rir para ti porque tu és a Madonna; eles estão a rir para ti porque tu tens dinheiro, minha puta. Eles estão a rir para ti porque és uma novidade que lhes entrou pela miserável monotonia do bairro e estás a fazer um espectáculo do caralho, numa quinta-feira à tarde, com um arraial de carros caros, câmaras de filmar e gajos de óculos escuros fodidos», o traficante está revoltado. Está a *rappar*. Está a fazer política. Está a gesticular como um kudurista.

Agora o senhor Svart acha o homem um pouco assustador.

«Para mim ninguém ri», diz Svart numa voz demasiado alta. «Eu sou um ninguém. É um facto.»

E enquanto falam isto, vêm as prostitutas que fogem da polícia – e se esses bófiás as apanharem batem-lhes e depois levam-lhes um serviço à borla.

«Violadores fardados a quem tentarei comprar *crack*, ganza, cocaína e outras coisas boas para o meu amigo», Chilato pisca o olho a Svart. «Porque nem tudo é mau – e como se vê, até a bófia tem a sua utilidade. Eles plantam-se todos ali, debaixo do Ilinga, e ao fundo», Chilato aponta para o longe. «Temos um prédio completamente canibalizado, com um pátio onde fazem fogueiras com pneus, e uma enorme chapa de metal a tapar toda a entrada do muro arrebetado. Na parede está escrito: *Tira-se bicho mau, medicina tradicional*, e dentro desse buraco negro os bófiás fumam com clientes.»

«Eu não quero fumar com os bófiás», atalha Svart.

As paredes dos prédios, sem janelas nem portas, são órbitas vazias duma caveira, sobreposta a outra caveira e a outra caveira ainda – cadáveres em palimpsesto. Decidem continuar para diante.

Como buracos negros implodidos. O jovem Chilato continua a falar:

«Foi isso que aconteceu connosco quando nos implodiram – quando nos levaram para lá dos nossos limites – e, então, de repente, algures no caminho, deixámos de sentir. Deixámos de sentir a alegria silenciosa, a dor melancólica da saudade. Agora só sentimos em grande e à bruta, com muito barulho e comoção. Deixámos de sentir quando o negócio é trocar petróleo por armas, trocar o futuro por carros grandes – e entre nós trocar miséria por malária, tifo por cólera, tuberculose por sida –, tudo isso se troca aqui entre nós. Morre-se sem sequer ter tido tempo para perguntar qual o valor de ter vivido. E se o vêm, senhor Svart, como agora, parado a gravar frases para dentro desse seu gravador, logo os murmúrios de desconfiança se soltam: será um informador? Será um torturador?»

O senhor Svart dá-se conta de ter trazido consigo o gravador Samsung e o aparelho de imitar palancas bebés.

Estou a ficar senil, pensa o velho. Arruma o gravador no bolso.

«Estava a gravar um pensamento», explica o senhor Svart. «Ontem conheci uma moça nestas ruas. Ela também anda nestas traficâncias da carne.

Não sei porquê. Pareceu-me não ter necessidade.»

«Deve ser por vaidade. Para sentir o poder», explica o jovem que, de guia turístico nocturno, passou a explicador de tudo e mais alguma coisa.

O traficante relembra que hoje é dia dos namorados.

«Comprei umas cuecas que se comem, para oferecer», partilha o traficante. «E vocês o que compraram? Porque o amor só existe comprando, iô.»

Agora é a vez de disparatar sobre mulheres, pois sempre que um homem fala de mulheres, dispara.

«Dizem os espertos que *há coisas que não se procuram nem se compram*. Dizem ser errado pagar a uma mulher e que são contra as prostitutas. Essa nobre prosa só se aplica enquanto são novos e as gajas ainda lhes caem no colo, de graça. Depois começam a envelhecer, e aí repensam a ética, ou casam. A maioria dos casamentos também é prostituição, só que, neste caso, legalizada. A gaja só anda com o homem por segurança e dinheiro – o gajo só atura a mulher porque assim tem o coito garantido. E muitas dessas meninas bonitinhas que por aí se vêem: são cágados», diz o traficante.

«Sim, cágados, de pernas curtinhas, sem bracinhos nem asas», o Chilato está todo inclinado sobre o senhor Svart explicando com carinho.

«Menina novinha, com carrão, com roupa de marca e renda cara... Cuidado, não te aproximes. Isso é como um cágado em cima de uma árvore. E se o cágado está em cima da árvore, é porque *alguém* lá o colocou», afirma convicto o traficante.

«Sim. Se o cágado está em cima da árvore, é porque alguém lá o colocou», reitera o motorista. «Tocas numa menina dessas e és morto pelo general que lhe paga as contas e o carro e a roupa...»

«Tomando isso em consideração», remata o traficante. «Em vez do cágado armado em fino, prefiro a prostituição como classe profissionalizada, sindicalizada, assumida como estatuto laboral, iô. Sem compromisso, sem o telefonema do dia seguinte, a perguntar como vai tudo, quando se está completamente a cagar em perguntar tal coisa, pois tudo está sempre igual, e por igual, digo igual a merda. Evitam-se as perguntinhas da treta, as cobranças, ou os ameaços de gravidez e más-consciências fingidas do dia depois: “Eu não sou assim, é a primeira vez que me envolvo tão rápido com alguém, blá, blá, blá...”

«Prefiro, claro, a ética das profissionais (as putas, faço-me entender, e desculpe senhor Svart a linguagem), pois essas, as putas, não chantageiam e não inventam gravidezes para substituir a ausência de simpatia ou forçar apegos emocionais. A grande maioria das mulheres casa, porque quer comer bife a todos os jantares. Noventa e nove por cento do que se chama de “amor” é negócio e, com sorte, tesão, yá?», o traficante continua a disparatar sobre mulheres, como o grupo é apenas constituído por homens ninguém se dá conta e os pontos de vista são, no todo, partilhados.

«Isso de amor é muito pouco higiénico», relembra o traficante. «As drogas

são melhores: mais saudáveis e económicas. No amor não interessa isso de moral, sei lá, “ética”, como dizem na igreja. Para mim resume-se tudo numa só questão: a questão higiénica. Há muita doença, compreendem. Sífilis, gonorreia, elefantíase dos colhões, caralhites, ratites, e outros termos técnicos dos quais não me ocorre o verbete. Os homens vão continuar a ser os mesmos animais de sempre. Sempre chafurdámos e a civilização foi inventada (pelas mulheres) para nos sedentarizar e tornar mais limpos. O problema, de momento, é que as mulheres também estão a ficar uns animais, mais parecidas a homens do que os próprios homens. Dizem que estamos a sete pessoas de qualquer pessoa do mundo, yá? Ou seja, se eu contar o número de gajos ou gajas que está entre mim e o Presidente ou a Pérola, ou um paneleiro sidoso, o número é sempre de sete pessoas. Algumas dessas pessoas, muitas delas mesmo, com ratites, caralhites, conites, picites, papilomas, candidíases, e outras peçonhas que levam a que um gajo fique com a pica gangrenada, a ponto de a terem de cortar, uma cirurgia chamada de penectomia. Ou, no caso das mulheres, oralmente explicitando, quando elas ficam com as línguas podres de cancro, e têm de ser cortadas também. Gajas sem língua, nojento, ficam com uns cotos enegrecidos como os dos papagaios. Quem vai beijar uma boca dessas agora? É uma fossa exposta. Continuando a matemática, sete pessoas, diz a ciência, é quantas precisamos de conhecer para chegar a alguém neste mundo. Qualquer pessoa! Agora, nos tempos que correm este conceito de “conhecer” é como dizem na Bíblia. É fornicar para conhecer. É como as crianças, para conhecerem têm de mexer e levar à boca. Já viram as malas das mulheres? He! Levam tudo lá dentro. Pois a buceta delas é igual. *Conheceu homem*, diz na Bíblia, referindo-se a quem já levou. Hoje toda a gente quer conhecer toda a gente, oralmente, visualmente, manualmente, virtualmente, analmente. Facebook, Orkut, Hi5, pela revista, pela televisão, pela festa, pelo cu e pela boca. Tudo é para ser enfiado em algum lugar. Rede social! Como as nossas cidades: se pudéssemos metíamo-nos todos dentro das casas uns dos outros a monte. Somos seres sociais, iô. E, então, estamos todos a conhecer-nos uns aos outros. Também tem que ver com dinheiro. Yá ó, uí? O senhor do banco da frente (desculpe usá-lo como exemplo), mas a vida é assim mesmo, o senhor do banco da frente tem uma esposa fixa – mas, de certeza, também tem uma amiguinha. Vamos dizer que tem a minha vizinha, a Marlene, como esquema de fim-de-semana. O senhor precisa de um esquema de fim-de-semana, como precisa de um macaco para mudar o pneu. É normal. Em casa tudo bem, faz o papel de marido, mas depois ainda vai ter com a minha vizinha – e o senhor do banco da frente paga muito bem em saldos telefónicos e presentes para a casa. É que a Marlene, que estuda no liceu, lhe dá aqueles carinhos que o fazem esquecer-se de que é velho. Mas a Marlene não quer sentir-se, ela mesma, uma velha. Não quer sentir-se uma enfermeira de velhos (desculpe lá o exemplo, ó cota, yá?). Por isso, ela tem um rapaz, um namorado e, sonha ela, este será o futuro marido, que também beneficia do tal saldo telefónico e comodidades domésticas, como DVD. É o Na Grelha – que

é um verdadeiro malandro.

O Na Grelha, tudo o que passa por ele, carne branca, carne vermelha, carne mulata, vai parar à grelha, por isso o nome que lhe deram. O Na Grelha tem uma pica que parece o bracinho de um bebé de três meses. Deviam chamar-lhe o trombinha de elefante. O Na Grelha ainda dá na Carolina, na Denise e mais umas quinze, ou vinte mulheres, se contarmos por ano. Entre elas a Sandy, que é o cágado de um Cabeça-Grande, um general. Esse general, como qualquer um dos Cabeças-Grandes com dinheiro, também se envolve, em média, com umas duas dezenas de mulheres por ano. Se elas, por sua vez, se agacham a um ou dois homens, quarenta homens ao todo, e cada um desses quarenta homens usa, em média, três gajas alternadas, isto numa semana comum, já vamos numa rede de 120 genitália, conália e caralhália, e estou só a falar da rede social em que o senhor do banco da frente estaria embrulhado se *conhecesse* a minha vizinha... Isto é como as cerejas, puxa-se uma e vem um cacho inteiro atrás! Gajos e gajas e mais gajos e mais gajas. Façam as contas... Isto é de tal forma que se um homem começar a pensar bem dá-se conta de que todos enrabam todos, a tal ponto que se um homem não estiver atento acaba um dia a descobrir que anda a levar no cu de si mesmo. Sem qualquer dúvida, as drogas são melhores: mais saudáveis e económicas!»

(Faz-se um silêncio desconfortável para deixar a exposição do traficante assentar.)

«Portanto, vocês não acreditam no amor», resume o senhor Svart, como que tentando concluir o desagradável tema e o chorrilho de coprolália do traficante. «Falando de outras coisas, pergunto-me...»

O Chilato está com uma cara tristíssima de quem não gosta do que está a ouvir, apesar de não ter como contrariar. Sabe que é assim, mas não quer acreditar.

«Yá meu», o traficante concorda consigo mesmo. «Conheço um cota branco. Um cavalheiro! Esse, sim, é um homem que sabe fazer a cena a sério, sem problemas, sem irritações. Ele vive num lugar bem longe, numa fazenda no meio do mato, onde a natureza é fértil. Daí manda chamar uma jovem de duas em duas semanas. Prepara-lhes um banho quente com flores e espuminhas cheirosas vindas do Brasil. Manda no dia anterior confeccionar uma deliciosa muamba de galinha para jantar. Fá-las rir, dá-lhes um lindo presente, como uns brincos ou colar. Quer que aceitem a noite como um presente, um obrigado de alguém muito sozinho. Não quer que se sintam vendidas, mas sim convidadas de honra. E depois utiliza uma técnica em que... Pára só!», grita o traficante.

Neste momento, o Chilato manda uma travagem brusca que quase atira com o senhor Svart contra o vidro da frente.

«Tens de virar já aqui!»

A carrinha guina toda para o lado, enfia-se por entre terra, lama e pisa uma estrutura de metal quase inidentificável. É um carro que já se enterrou quase na totalidade no lixo do chão, desaparecendo como em areias movediças.

«Vira aqui à direita», ordena o traficante. «Outra vez, mais rápido. Esta zona não é boa.»

E, de súbito, logo ao virar da esquina, estão no meio de uma operação stop, sem ter como recuar. Um dos polícia já os viu e indica com a mão onde devem parar a carrinha. São mais de vinte polícia, ali emboscados na esquina, de pistolas e metralhadoras.

«Do piorio», diz o traficante e o senhor Svart pode jurar que ele ainda está a rir.

18.

A «20 Buscar» pára exactamente onde a mão do polícia, como uma lâmina, indica. Como um toureiro a fazer uma verónica com a capa, a Toyota amocha rendida sob o seu comando.

O polícia aproxima-se caminhando como um *rapper*, todo gingas e estilo. Os óculos escuros Ray-Ban reflectem os únicos dois candeeiros torcidos da rua.

«Documentos, carta de condução, livrete, verbete, triângulo, colete e extintor», começa por dizer. E ataca logo: «Você está sem cinto», diz apontando para o Chilato que tem o cinto posto. «Isso dá uma multa pesada.»

«Isto parece-lhe o quê? Uma gravata?», responde o jovem que ainda está meio eufórico da erva, apontando para o cinto.

«Estás a complicar. Isto vai ficar difícil assim. Dá para ver que tens a mania que sabes, nem arrumar o carro consegues, não é?»

O Chilato não responde porque já seis polícia rodeiam a Toyota procurando por todos os possíveis motivos para implicarem.

«Não vês que estacionaste mal a carrinha?», insiste o polícia. «Está mal estacionada! É proibido estacionar aqui.»

«Foi o senhor agente que me apontou o lugar de parar e me ordenou estacionar aqui mesmo, em frente da sua mão!», defende-se o Chilato.

«Estás a fazer-te de esperto por causa de estares com os teus amiguinhos. Vou-te levar preso. Queres isso? Estás a desrespeitar a autoridade! Sabes quem eu sou? Porra.»

O polícia grita agora. O senhor Svart decide ajudar.

«Mas como devia ele ter estacionado?»

«Em espinha relativamente ao passeio!», com as duas mãos o polícia faz um movimento oblíquo indicando a posição, meio na lateral, em que queria que a Toyota tivesse sido estacionada. «Para ficar paralela e bonita, junto dos carros ao lado.»

«Quais carros ao lado?», pergunta o senhor Svart espreitando para a estrada vazia.

«Todos os que quiserem estacionar aqui têm de o fazer nesta posição. A placa assim o indica!»

«Placa que obriga a estacionar em espinha? Nunca vi tal coisa!», gesticula o senhor Svart.

«Ah, o senhor diz que não viu, não é? Pois estava aí, ali mesmo», diz apontando para o início da rua. «A tal placa de estacionamento. No tempo colonial havia! Vocês colocaram-na lá, portanto deviam ser os primeiros a saber.»

Os vários polícias começam a rodear a janela do senhor Svart. No banco de trás o traficante está bem caladinho, continuando a ver fotos indecentes no telemóvel.

«Vocês quem? Eu não tenho nada que ver com o tempo colonial, eu nem sequer sou português! Sou da Suécia», começa o senhor Svart a justificar-se.

«Ah, desse país que nos rouba todo o dinheiro para os seus bancos corruptos!»

«Não! Isso é a Suíça, eu sou da Suécia!»

«Fazem bons telemóveis, não é?», fala o traficante pela primeira vez. «Eu queria um novo, ó cota.»

«És europeu, e és branco. O que vai dar ao mesmo, neocolonialista!», os polícias em redor do carro concordam. Um polícia que parece ter menos de quinze anos decide participar no inquérito:

«És da Suécia, sim? Então são mesmo vocês que andam a arrecadar todo nosso dinheiro nos vossos bancos corruptos onde o Mobutu meteu o dinheiro do povo congolês!», ri para o lado esperando a aprovação dos mais velhos. Mostrou saber mais do que o comum ao referir o nome do ex-presidente congolês.

«Passaporte», grita um terceiro polícia vendo que o ambiente está a animar. «Queremos ver o passaporte desse senhor estrangeiro!»

Olham sem pressas para o passaporte.

«Qual o seu negócio neste país?»

«Vim fazer um serviço para a CEFÉ. Sou criptozoólogo e vou tentar localizar e avistar uma Palanca Negra Gigante. Existe uma equipa de técnicos de televisão que vão tentar filmar tudo. A CEFÉ vai inaugurar um novo canal de televisão e...»

«Já chega dessa lengalenga. Não nos está a responder devidamente. Vamos ter de lhe cativar o documento. Podemos notar inconsistências entre as suas palavras e o documento.»

Olham todos atentamente o passaporte, comprovando que, sim, ali nas páginas estão patentes várias contradições face ao que foi dito pelo senhor Svart.

«Este não é ele. É diferente, vejam. Este indivíduo tem mais cabelo», apontam para o facto inquestionável de que na foto o senhor Svart parece ter mais um bocadinho de cabelo.

«Ou está mais careca», aponta o polícia. «Ou este é outro homem.»

«A mim parece-me ser outro homem. Devíamos revistá-lo.»

O senhor Svart começa a ficar verdadeiramente apreensivo. «Bela paga pelos trinta anos de impostos que os suecos pagaram para ajuda humanitária em países que nunca colonizaram, pelos quais assumiram o sentimento de

responsabilidade, como se fossem eles os próprios portugueses, ou belgas, ou ingleses. Os portugueses, os belgas ou os ingleses agradecem aos suecos por essa expiação de culpas alheias, enquanto se riem junto com os beneficiários», pensa o senhor Svart, ainda mal digerindo a conversa dos bancos suecos.

Trinta anos antes o senhor Svart tinha tido esta conversa, da qual agora se lembra:

«O que vão fazer depois da independência», perguntara o senhor Svart a um beneficiário da Swapo namibiana.

«Vamos ficar o dia todo no café.»

«E quando se acabar o dinheiro?»

«Vamos buscar mais ao banco!»

«E quando deixar de haver no banco?»

Aí o tropa olhou o senhor Svart com um olhar de quem olha uma criança demasiado curiosa e estúpida.

«Aí, vocês da cooperação sueca dão-nos mais, porque a dívida dos europeus aos povos oprimidos nunca poderá ser saldada. Nunca.»

Agora os polícias abrem o carro para que todos saiam. Mal pisa o chão, o traficante vai-se embora, caminhando nas calmas, por uma ruela adentro. Ao longe o brilho do ecrã de telemóvel afasta-se como uma estrela infeliz. O senhor Svart pode jurar que o traficante ainda se vai a rir enquanto vê mulheres nuas de gatas. O pior de tudo é que o senhor Svart o viu a piscar o olho a um dos polícias. E esse polícia também riu.

O Chilato conseguira enfiar o pacotinho de branca e a erva pelos respiradouros do painel de bordo. Não adiantou nada. Os polícias iam mesmo «pentear» o senhor Svart, por isso o traficante fez-lhes o favor. O traficante também é polícia, como é natural. Agora os polícias encontram a erva, o pacote de cocaína e ainda outras coisas estranhas que o traficante deixou no banco de trás da Toyota.

«Vamos te prender, ó senhor», rejubilam os polícias. E começam a levar o senhor Svart enquanto dão umas chapadas ao jovem Chilato.

19.

O senhor Svart é detido e levado para a esquadra. Mas vai na Toyota «20 Buscar» porque os polícias não têm carro. Ainda tentam exigir boleia a dois carros, um deles conseguiu fugir. Abrandou como quem tem intenção de parar, depois acelerou de novo, mal tinha passado a linha de corpo dos polícias. O segundo carro que mandaram parar não tinha quase gasolina nenhuma, por isso decidiram que também deviam deter o Chilato e ficar com a Toyota para o resto da noite.

«Está demasiado suja», explicaram. «É atentado ao pudor público ter uma carrinha tão porca e indecente assim!»

E lá vão todos os polícias, mais o Chilato e o senhor Svart para a esquadra.

«Importa-se de colocar o cinto de segurança», diz o senhor Svart ao

polícia miúdo que se sentou na frente, ao seu lado.

«Obrigado, tem razão», responde o miúdo humildemente.

Aproveitando o facto de terem viatura, os polícias ainda foram a casa, outro visitou uma namorada e levantaram dinheiro na caixa de multibanco.

Atravessam toda a cidade, na sua treva, carros rápidos e prédios arrebetados. O senhor Svart observa em silêncio enquanto ouve os jovens polícias. E compreende que progressivamente vai-se ficando insensível a tudo. A famosa normalidade insidiosa, sub-reptícia.

Como buracos negros, implodimos.

Esta «normalidade insidiosa» está associada a uma «amnésia da paisagem»: progressivamente esquecemo-nos de como a paisagem envolvente era diferente há trinta anos, porque as mudanças de um ano para o outro são muito graduais. Depois de Svart ter passado décadas em coma, agora ao regressar a antigos lugares nota diferenças chocantes a seus olhos, invisíveis ao resto das pessoas. Entre as recordações mais vivas da sua juventude estavam as árvores, e o espaço, e a grandeza dos lugares. Agora já não vê verde, nem natureza, nem árvores, nem espaços vazios – tudo está claustrofóbico, atulhado e apertado. Agora se interrogar as pessoas que sempre viveram na Capital, notará que elas não se aperceberam das mudanças da mesma forma: inconscientemente, todos os anos comparam a Capital com os anos imediatamente precedentes. Por isso, até acham que agora está melhor, em comparação com os anteriores anos de guerra. A normalidade insidiosa, ou amnésia da paisagem, faz com que seja muito mais difícil para eles do que para Svart recordar as condições existentes nas décadas de 60, por exemplo. Isto é a razão por que os jovens são sempre arrogantes em relação ao passado. Nunca se consegue imaginar que agora fazemos as coisas pior, ou que estamos numa condição inferior.

O que estaria a pensar o homem que abateu as últimas Palancas Negras Gigantes? Inconscientemente imaginamos uma mudança súbita: num ano a paisagem ainda está coberta de natureza e animais selvagens. E imaginamos que, de repente, se cortam todas as árvores até à última – ou caçam-se todos os animais de uma vez. No geral, as alterações são insidiosas, ao longo do tempo do esquecimento. Só os sobas mais velhos, pensando na infância, décadas atrás, notam a diferença. Os seus filhos já não podem compreender as histórias que os mais velhos lhes contam de haver animais por todo o lado, do mesmo modo que os jovens de vinte anos não compreendem acerca dos seus próprios países nos tempos antes da independência. Gradualmente as Palancas Negras Gigantes vão desaparecendo, tornando-se mais escassas, e menos importantes. Os seus cornos gigantes já parecem mito, exagero dos velhos. Na altura em que a última palanca for abatida, a espécie já terá há muito perdido a sua importância real, sendo apenas algo mítico. Por esta altura, a memória dos animais, de séculos atrás, já terá sucumbido à amnésia.

Ao chegarem à esquadra, que está totalmente às escuras devido a um corte de energia, o Chilato é mandado para uma cela de sete lugares, onde se

encontram mais de trinta indivíduos. Um espaço compacto, na treva, de carne, cabelo e dentes – a monte. Com um cheiro intenso. Do interior das celas sai um frêmito contínuo de vozes, gritos, discussões e pedidos.

Pelas grades voam garrafas de plástico presas por um fio, com um buraco para se meter algo dentro.

«Cigarros!», gritam uns.

«Dá só cinquenta kwanzas!», gritam outros.

As garrafas voam para dentro, de volta, para ver se pescaram algo, sendo logo expulsas, por entre as grades, para o exterior.

Uma fila de infelizes senta-se ao longo de um banco de madeira de igreja, à entrada do gabinete do Comandante da polícia. Parece que estão à entrada do director da escola à espera da repreensão. O senhor Svart como é novidade é passado à frente.

«Eh lá!», queixa-se um bêbado, acordando do torpor ao ver o senhor Svart.

«Está mal! Eu estava primeiro na fila!», aproveita outro.

«Queres ir, então, cabrão?», pergunta rápido um polícia. «Queres ser primeiro, é?»

Faz-se silêncio. Ninguém quer fazer valer o direito da ordem de chegada neste caso. O senhor Svart começa a sentir que o tetrahidrocannabinol já não lhe corre no sangue. Lamenta não ter cheirado, mal podia, aqueles cinquenta dólares de coca. Todo o corpo lhe começa, francamente, a doer. Cada centímetro do corpo está, também, a ser alvo do ataque cerrado dos mosquitos. A única luz que se vê é a dos telemóveis que todos acenderam, para se poderem orientar na escuridão.

«Não temos gasóleo para o gerador, chefe», grita um polícia para dentro da sala de interrogatório.

«Vê se algum dos recém-detidos tem um bidão de gasóleo no carro. Senão revista-os de novo para ires comprar dois mil kwanzas de gasóleo. Esses gajos são muito malandros e escondem o dinheiro em bolsos diferentes. Cabrões.»

Os polícias, em número cinco vezes superior aos detidos, andam de um lado para o outro a tentar inventar uma qualquer actividade.

«É melhor que confesses. Mais importante do que confessares é que te comeces a sentir arrependido. Mesmo arrependido. E mesmo que não saibas do quê, arranja no fundo da tua memória uma qualquer razão para a contrição», sussurra-lhe uma jovem polícia mulher que se encontra no corredor. «O senhor Comandante gosta de pessoas arrependidas. Genuinamente arrependidas. Não finjas que estás arrependido se não estás. Tens de estar, ou tudo ficará pior. Tens de te humilhar e aí o senhor Comandante poder-te-á perdoar. Ele só te poderá, genuinamente, perdoar se tu, genuinamente, te arrependeres. Enquanto isso não acontecer ficarás ali a ser amaciado.»

O senhor Svart agradece a dica à agente moça.

«Ele é mesmo católico. Acredita no pecado original e na culpa inata de

todos nós, está a ver? Todos somos culpados, até prova em contrário, diz a lei vigente. Mas, não há prova em contrário, pois a Bíblia já provou que somos sujos de raiz. Não há maior prova que a Bíblia, pois não?»

O senhor Svart pensa no whisky que devia estar a beber.

«Mandem o senhor expatriado entrar!», grita uma voz de dentro do gabinete de processamento.

O senhor Svart, a custo, levanta-se e arrasta-se pelo corredor até ao gabinete. Lá dentro não tem nada, excepto a secretária do Comandante, uma cadeira e uma televisão, com o som no volume máximo. Cinco polícias assistem a uma novela portuguesa, com jovens adolescentes numa escola.

«Boa noite!», grita furioso um dos polícias. O Comandante nem levanta os olhos, continuando a escrever. «O senhor julga que isto é o quê? Uma oclocracia, o poder da ralé? Não me ouviu cumprimentá-lo?! Além do mais tinha de ser o senhor a cumprimentar primeiro, pois chegou em último!»

Um dos polícias dá um murro no tampo solto da mesa, o que atira com os papéis do Comandante pelo ar.

O Comandante olha o seu polícia e depois para o senhor Svart pela primeira vez.

«Peço perdão», diz aflito o senhor Svart. «Apenas ouvia a gritaria causada por essa televisão. Nem me dei conta do cumprimento dos senhores.»

«Aqui o senhor tem de aprender a ter mais respeitinho, ouviu?», diz outro dos polícias. «O senhor Comandante, e nós mesmos, ainda estamos à espera... Faça o favor...»

«Muito boa noite, senhores agentes e senhor Comandante», diz o senhor Svart.

«Não acha que o senhor Comandante devia ser cumprimentado primeiro?», e mais uma palmada no tampo solto da mesa. Mais papéis pelo ar.

«Perdão, de novo... Muito boa...»

«Está bom, chega de formalismos», diz mansamente o Comandante. «Sente-se por favor senhor... Svart, não é?»

A capital lusófona ainda é uma estrutura tipicamente feudal: as suas hierarquias de poder obedecem a uma pirâmide orgânica ancestral e ultrapassada nos estados modernos.

Esta capital, lamentavelmente, foi outrora um porto de escravos – um mercado do nono círculo do inferno, onde Lúcifer, ele próprio, andava disfarçado de civilizador enquanto arrebanhava as almas transformadas em dinheiro.

Até esta Capital convergia o saque, eram transportados os despojos vivos – os escravos e inimigos capturados às tribos rivais. As tribos vendiam-se mutuamente, pois o demónio divide para reinar.

Esta é Capital de um território que está em guerra há quinhentos anos, desde que os europeus chegaram. Mas não se julgue que o passado pré-colonial era o paraíso na terra. A guerra e escravatura já tinham sido

inventadas, mas com a chegada dos demónios brancos as ancestrais rivalidades foram rentabilizadas à escala industrial, vendendo-se todos a todos. Este território é a dolorosa Mãe Negra do novo mundo, pois foi daqui que veio grande parte dos escravos de todas as Américas.

«África não é um continente para velhos», começa por dizer, muito suavemente, o Comandante da polícia. O seu rosto é delicado e inteligente. «A sua intensidade exige muita força física, vitalidade, juventude. É um continente que precisa de tudo, enquanto que um velho já quase nada tem para dar do que aqui é necessário. Ele próprio também já precisa de tudo.»

«Sim! Velho! O que queres daqui?», gritam os polícias em redor, contrastando com a gentileza do Comandante.

«Perdoe estes jovens em meu redor», diz suavemente o Comandante ao senhor Svart, como quem confidencia um segredo com um amigo. «A juventude actual é tão ciosa dos papéis que representa, quanto grosseira. O seu zelo por manter a autoridade é igual à sua boçalidade.»

O Comandante tinha uma política de funcionamento em relação aos seus subordinados que aprendera ao ler uma das muitas biografias de Lenine. O Comandante tinha a habilidade de reconhecer o que o povo queria. Logo, liderava por meio da habilidade de saber como seguir. Era um dom que o Comandante aprendera com esse génio do totalitarismo.

«Sabe o que é o poder, senhor Svart?», pergunta o Comandante.

«É ter dinheiro para mandar matar alguém», grita prontamente um dos polícias.

«É a gestão da violência dentro de uma sociedade, senhor Svart. E para isso existem governos.»

Faz-se silêncio.

«Aqui essa gestão foi muito complicada e por isso tivemos uma guerra. Mas veja, não estamos mal porque tivemos uma guerra. Antes, tivemos uma guerra de trinta anos, porque já estávamos mal antes. A guerra não explica nada. Desde logo, embora seja inegável que não se fuja do contexto da guerra para analisar qualquer fenómeno observado antes de 2002, recuso liminarmente a tese segundo a qual a guerra é responsável pelo caos actual. Não creio que ela seja a causa do caos, sim, ela mesma, é sintoma de algo francamente mais profundo e grave. Também, em termos económicos, a produção da economia política não é função da guerra. A guerra em si não causa desequilíbrio social, nem determina os níveis de exploração. Também o baixo nível de crescimento económico não é fatalidade para que haja uma miséria extrema. Tanto mais que as teses de que o problema da má distribuição residia na falta de crescimento económico acabam por ser desmentidas no actual contexto em que este imparável crescimento económico caminha de par com um maior fosso entre ricos e pobres. Por isso, outros factores sistémicos entram em jogo.»

Silêncio na sala.

«O modelo de economia política passou por várias nuances: estatização ou

nacionalização; centralização com monopólio estatal; liberalização e privatização, diminuindo a reserva do Estado com o surgimento do capital de afectação política. Com mais ou menos dinheiro, com propriedade na mão ou em poder do Estado, a grande constante tem sido que certo grupo se tem apropriado de toda a riqueza social», continua o Comandante. «Isto não significa que a riqueza é toda detida por esse grupo, que é ele que fica com a parte de leão e tem o poder de determinar até ao pormenor o grau em que os demais podem beneficiar da mesma. Se no tempo em que grande parte das empresas era estatal o sistema económico conseguiu encontrar regras nas quais o produto excedente ficasse nas mãos de alguns, agora a privatização pôs em suas mãos a propriedade, numa óptica predatória.»

Silêncio.

«A classe emergente da guerra, inextrincavelmente ligada à classe dirigente e política, e supostamente o tal “agente de desenvolvimento” a “elite em formação”, que era necessário administrativamente, em torno da qual – nova falsidade – as massas ignaras mobilizadas provocarão, em etapa posterior, o desenvolvimento generalizado. E essa “elite” que se forme “em paz”, mais do que isso, se eternize. De modo a que, mais breve que a eternidade, olhando para a enormidade das suas contas bancárias, a elite se torne caritativa (graças a Deus existem os pobres para bem das nossas almas!...) e crie um suposto sistema de distribuição perversa, assente na esmola que a maioria dos cidadãos pode agora receber daqueles que são mais iguais do que o resto de iguais... Esta forma de dependência dos laços sociais é a reprodução do modelo PAM, mas em versão de prostituição das relações internas. No fundo é a reprodução do miserabilista modelo mestre-escravo, mas agora na solidária versão do novo padrão: senhores-indigentes, pois é isso que se deixou de ser: cidadão. No mundo do consumismo não existe tal coisa, apenas consumista, senhor, ou – indigente.»

Silêncio.

«A diferença está na proporção do crime. Tudo é uma questão de proporção. A negação da justiça vai bem mais longe do que o poder abusivo e criminoso daqueles que *quebram a lei* – mas sim, o poder ilimitado e interminável daqueles que *fazem a lei*. É a diferença entre um mundo onde a lei existe – e um mundo onde o Feito já é Direito. O direito a matar. O poço absoluto da injustiça não é a criminalidade, mas os crimes “legais” cometidos pelos governos contra os seus próprios cidadãos. A esse extremo do espectro do mal dá-se o nome de *tiranía*.»

Silêncio por alguns instantes.

«Compreendo perfeitamente, senhor Comandante», confirma o senhor Svart, compreensivo. «Uma vez estive nos Estados Unidos e fiquei chocado com o que vi.»

«O senhor não entende absolutamente nada», responde o Comandante com elegância. «Ou talvez goste de se fazer de desentendido.»

Agora o Comandante pergunta-lhe docemente se jantou bem no hotel,

parecendo já saber muito sobre os movimentos do senhor Svart.

«Como sabem onde estou hospedado?», pergunta espantado o senhor Svart.

Agora os polícias quase perdem o controle, a sua impaciência está no máximo. Não sabem onde o interrogatório é suposto chegar, mas mal podem esperar para ver. São como miúdos a querer abrir os presentes de Natal.

«Vamos-te bater!»

«Vamos-te chapar!»

«Vamos-te matar!»

«Vamos-te furar um olho!»

O Comandante fala muito calmamente, enquanto todos os polícias em redor gritam, rosnam, ameaçam chapadas e impedem o senhor Svart de se concentrar, pois agora Svart compreende que lhe querem mostrar algo: que o inaceitável é a lei vigente.

Desobedecer é crime e obedecer também.

«Como sabe falar português se afirma ser nórdico? É agente secreto?»

O senhor Svart não tira os olhos do seu passaporte sempre que os polícias, em redor do Comandante, esmurram a mesa. Enquanto isso, muito delicada e suavemente, o Comandante continua a fazer-lhe perguntas e a descrever a terrível situação em que o velho Svart está metido.

«África pode neste momento sonhar qualquer futuro para si, o presente nada tem que adivinhe futuro algum. Apenas passado e demasiado passado. Este continente que já foi de toda a gente, menos dos próprios de cá.» «Ouviu?!», grita um dos polícias. «Não compreendem o que digo! Responda!»

«Responda!», e mais um murro no tampo da mesa. «És um... quê?! Um agente da CIA?!»

«Dinheiro, muito dinheiro é o que propulsiona qualquer decisão política, qualquer ideologia, qualquer compromisso», sussurra suavemente o Comandante. «Ou a quebra do mesmo.»

«Compromisso? Acho que o senhor Comandante simplifica em demasia as motivações humanas. Há mais gente do que julga interessada noutras coisas além do dinheiro», aventura-se, pela primeira vez, o senhor Svart. «Há quem queira ser marcado por uma imagem indelével. Isso não tem preço. O meu compromisso é o de ver. Tenho de fazer um avistamento. Apenas isso. E já é muito. Ver para crer.»

O Comandante encosta-se para trás.

«Se não é dinheiro nem política (o que quer dizer negócio, logo dinheiro também) que o trazem ao nosso país, é o quê, então? Não consigo imaginar muito mais que o possa interessar aqui.»

Era esse o segredo do senhor Svart, a sua causa de ser criptozoó-logo: não saber, ao certo, porque é que o era. Saber apenas que já presenciara e vivera algo fundamental, não se lembrar do quê. Assim, Svart não se lembra do que já vira, mas que seguramente fora algo importante a ponto de o trazer de volta

para África.

«Sou um criptozoólogo», explica o senhor Svart já adivinhando as dificuldades típicas à explicação do seu emprego.

«Explique-se», diz o Comandante genuinamente interessado.

O senhor Svart, criptozoólogo, delícia, então, o Comandante contando-lhe as suas antigas aventuras de juventude nas distantes ilhas Hespérides. Relata-lhe o avistamento que fez do famoso Lagarto de Santa Luzia, o Milhafre de Santo Antão, e da Garça Vermelha de Santiago.

«Isso não existe!», gritam os polícias. «Mentiroso!»

«Ah, calem-se vocês, seus idiotas. Nem sabem do que este senhor está a falar. Ele está a mostrar que valoriza a nossa fauna. Por isso, calem-se!», irrita-se o Comandante pela primeira vez.

Os polícias amuam, não compreendendo em que erraram.

«Isso não existe...», ainda diz um cabisbaixo, mal abrindo a boca.

«Ah... o Lagarto de Santa Luzia ainda existe, sim! Foi o maior avistamento da minha carreira», remata o senhor Svart com entusiasmo.

Depois o senhor Svart fala em maior detalhe das ilhas Hespérides. Nas ilhas acontecem coisas mágicas em termos evolutivos – visitar essas ilhas africanas é uma viagem até ao país das maravilhas ópticas. É o lugar dos cogumelos de psilocibina, cujas raízes são barbidjaka – onde tudo tem outras proporções, escalas e tamanhos distorcidos. Bananas-rato, ou seja, bananas em miniatura – cabras que pastam por cima dos ramos das árvores, estilo galinhas – cães gigantescos que habitam grutas – sereias feiíssimas que só falam verdades por meio de piadas indecentes – negros de olhos verdes – gongons feiticeiros... e negras esguias de olhos verdes e carapinha loura – ah, saudades das Hespérides, as ilhas de Cabo Verde.

O Comandante da polícia está regalado com a conversa. Decide também contar uma história interessante.

«Isto vem da minha própria experiência profissional», sussurra docemente o Comandante. «É uma das histórias mais horríveis que testemunhei e, acredite-me, já lidei com muita maldade. Só não poderei dar nomes, pela confidencialidade a que a profissão obriga.»

E agora Svart e os polícias arrepiam-se com o pavoroso relato de uma mulher linda, que recusou submeter-se a um homem poderoso, um general ou brigadeiro. E, este, como ressentimento amoroso fez dela uma maiombola, uma zombie escrava, que o serviria nos seus apetites venais, cuja carne era sempre gélida e – desalmada, pois o espírito da jovem já não pertencia a este mundo, apenas a carne embruxada.

«Pois Satanás é senhor apenas da carne», explica o Comandante. «Para se tornar senhor do espírito também, é preciso nós deixarmos. Aí entra o interessante tópico do livre-arbítrio...»

O Comandante parece ter descoberto mais um filão de conversa, mas os polícias estão muito incomodados com o relato da maiombola. Perderam o ímpeto. Este interrogatório está-se a tornar uma chatice de velhos. Já não

sentindo muita motivação para dar murros na mesa, um dos policiais puxa do passaporte do senhor Svart. O Comandante quer continuar a conversa, mas terá de abdicar desse gosto. *Liderar por meio da habilidade de saber como seguir.*

«O problema não foi resolvido», recomeça o agente. «O homem da foto continua desaparecido. Onde está ele?»

«Ora essa... esse homem da foto sou mesmo eu», diz o senhor Svart.

«Este nome... Svart é claramente um nome falso. Imitação do nome do jogador do Benfica, aquele que dorme catorze horas por dia.»

«Esse nome quer dizer Negro», traduz o senhor Svart. «Na minha terra sou conhecido por Svart de Svartskalle, cabeça-preta. A minha ascendência tem pessoas de cor muito escura. Por causa da cor do meu cabelo!»

«Cabeça-Preta?», urram pela primeira vez, com ordem, os cinco policiais. «Negro? Grande mentiroso!»

«Sim, agora já não tenho cabelo que prove, mas eu sou o mesmo homem do passaporte. Apenas fico, diária e visivelmente, cada vez mais velho...»

«E feio!», urram de novo em uníssono.

Agora decidem inspeccionar o gravador da Samsung e o chamariz da WildCall.

«Anda a gravar as conversas alheias?», começam a animar-se de novo, começando a descobrir por onde pegar.

Inadvertidamente carregam no botão do «Play» do aparelho da WildCall o qual, em vez de lançar o chamamento da cria de palanca, emite um enorme rugido de leão por causa da partida que Svart quisera fazer no avião para lhe darem mais de beber.

Agora o susto está do outro lado da mesa, com os cinco bófiás a correrem uns contra os outros e contra as paredes, tendo a máquina sido atirada contra a tecto, e depois para o chão, onde se desfaz em pedaços.

Svart sente o coração parar. Destruíram-lhe a principal peça de tecnologia que trouxera – o melhor trunfo para atrair a Palanca Negra Gigante fêmea.

«É feitiço! É feitiço!», gritam em terror puro os policiais. «O branco tem um feitiço fodido!»

Julgam que aquilo é feitiço e começam as especulações de matar Svart ali mesmo, com gasolina.

«Deixa queimar o velho lá fora, chefe!», imploram.

«Vamos-te matar!», gritam e vociferam em alta voz.

«É esse o drama da ignorância – o seu doente não se dá conta de o ser. Todas as outras doenças, convenhamos, dão alguns sintomas. Com o tifo fica-se magro; com a cólera defeca-se amarelo; com o oxiúro têm-se comichões insuportáveis no ânus; com a bitacaia sentem-se os ovinhos debaixo das unhas; com o bicho-de-cachorro as larvas peludas e com dentes entram pelo pé e saem por qualquer zona mais musculada, como a mama ou coxa; (e quanta mais a diarreia menos se dá com a porta); com a ignorância o sintoma é justamente não se dar conta de si mesmo», medita em voz alta o

Comandante.

«Matem o feiticeiro branco!», gritam os agentes correndo em círculos, de mãos na cabeça.

Suavemente o Comandante da polícia ri-se.

«Já não tinha uma conversa tão interessante há muito tempo, senhor Svart. Agradeço-lhe. Tudo isto foi muito divertido. Lamento o brinquedo estragado, mas valeu a pena!», as lágrimas correm-lhe pela cara abaixo.

«Livrem-se deste senhor!», diz o Comandante, já distraído. «Metam-no na cela para onde foi levado o motorista dele. Não lhe batam, ouviram?»

Mesmo quando o senhor Svart se prepara para se levantar, o Comandante puxa-o para junto de si para lhe fazer uma última confidência:

«Não há bom ou mau governo. É como dizer bom gangster – não há tal coisa como «bom bandido». Pode existir um bandido com regras e códigos definidos, cuja lógica de sujeição e violência seja consistente e logo obedecível porque compreensível. Um governo é como sífilis – não há boa sífilis. Nunca a sífilis é bem interpretada, ou melhor vivida. Ninguém vive bem com sífilis. Nunca seremos felizes enquanto precisarmos de quem nos governe. Ninguém continua feliz depois de deixar de ser humano e de se tornar alienígena.»

«Levem o alienígena!», grita um dos agentes entusiasmado.

O senhor Svart treme a imaginar a cela sobrelotada onde o vão enfiar. Não terá nenhum lugar onde se sentar, ou apoiar.

Mesmo quando está a ser levado o Comandante recebe uma chamada no telemóvel.

«Ah é? Ok!», diz o Comandante. «Afinal, metam esse senhor no pátio, detido até novas ordens», ordena para os seus agentes.

«Despeça-se!», gritam os polícias ao senhor Svart. «E agradeça!»

«Adeus e obrigado», diz o senhor Svart timidamente, mas o Comandante já está com a mente noutro lugar.

Na televisão começou a novela mexicana. Depois dará a novela brasileira que, essa sim, o Comandante aprecia.

O senhor Svart levanta os olhos. O calor da noite húmida está a transformar-se em tempestade. Um relâmpago abre o céu, por um instante de clareza e visão total. Por um segundo toda a gente consegue ver no escuro.

«Já disse», interpelou o agente um homem que ainda está à espera no banco de madeira corrido, estilo liceu antigo. «Que entre na sala, para ser questionado.»

Mais um bêbado que espancou a mulher é levado para dentro do quartinho onde o Comandante cisma sobre política e vê a telenovela com os agentes. O senhor Svart espanta-se: o bêbado é idoso. É um dos primeiros idosos que vê e isso é uma raridade. É como ver crianças na Europa. Toda a gente fica a olhar como se estivessem a testemunhar algo especial. Um velho neste país

causa o mesmo espanto e surpresa.

O velho ao passar pela frente do senhor Svart diz-lhe:

«Tu, pula, vais ser metido numa prisão especial só para os da tua cor. Entre duas celas mal construídas, sobrou um espaço vazio», entre as palmas das mãos cria um espaço paralelo, bem apertado.

«É uma fresta entre paredes de cimento, onde um homem nem consegue virar a cabeça de um lado para o outro. Vão-te enfiar aí dentro, branco! E depois vão tapar a entrada com uma tábua que foi adaptada para o efeito. Nem é uma porta: é uma tira de metal com ferrolhos, que tapa toda a entrada. Vais ficar em pé às escuras e lembra-te... de ficares com a cara virada para fora, quando te enfiarem o teu corpo como uma cunha, para dentro da cela. Uma vez lá dentro, é nessa posição que vais ficar, de cara à banda, sem te sentares, espalmado entre duas paredes. Mesmo assim é melhor ficares a olhar para a porta do que para o fundo da racha. Evita entrar em pânico. Podes morrer dessa angústia! É a mais horrível que se pode sentir. Faz lembrar uma kakutassanda.»

O senhor Svart sente um arrepio ao ouvir essa palavra.

«Já sentiste uma kakutassanda? Queres sentir uma kakutassanda?»

Os agentes levam o raríssimo idoso.

«Kakutassanda!», ainda se ouve o velho a dizer de dentro do quarto de processamento. «Kakutassanda!»

O senhor Svart está apreensivo com esta sua noite e completamente desesperado pelo chamariz da WildCall que foi destruído. Toda a logística para a expedição da Palanca Negra Gigante parece estar sob um enguiço. Já devia era ter partido para os matos, agora está ali detido e a CEFE nem sequer faz ideia. Se calhar, o presidente da CEFE, o tal Brigadeiro-e-Bispo, anda à procura dele. Talvez os portugueses das antenas de televisão tenham dado pela sua ausência na palestra. De repente, lembra-se do jovem Chilato, mais porque a ebriedade lhe está a passar do que por preocupação pelo jovem. Não sabe para onde ele foi levado. Se se interessasse em perguntar teria sabido que, sim, o jovem motorista está, ali mesmo, dentro de uma cela no meio do pátio. Um nicho sobrelotado de bandidos e inocentes, onde todos lutam por se conseguirem aguentar em pé. As portas de aço estão bem amassadas por murros e pontapés de muitos anos e as grades de aço sujo são muito grossas.

O senhor Svart ouve uns gemidos de algum gatuno que é açoitado; fora isso, toda a atmosfera é pacífica. As garrafas de plástico voam para fora, tentando pescar algo.

O Chilato foi metido numa cela concebida para seis reclusos, com dois metros por três. Lá dentro estão trinta homens em quase estado de kakutassanda, devido ao sufoco causado pelo anidrido carbónico e o Chilato no centro de todos eles, bem apertado.

Ninguém está sozinho neste mundo. Antes estivéssemos.

Um dos prisioneiros geme sem cessar, em *loop*, as frases que a esposa lhe enviou escritas num papelinho: *Já não regresso aqui porque a família*

do meu novo noivo não autoriza. Oxalá saias daí em breve e consigas voltar para as Lundas. Cumprimentos, Bia.

Para quem a vê de fora, parece uma gaiola de feras, tal é o cheiro que tresanda. Manchas escuras amontoadas, montões, acumulações de carne com dentes, pêlo e olhos. Poderiam ter sido humanos, não, já não são nada, são acumulações, montões, coisas de carne, com dentes, olhos e unhas, que se podem esborrachar e arrancar. Estão todos de pé, sem se poder sentar, nem deitar, nem dormir, nem aliviar.

Junto às paredes ficam os líderes da cela. Esses porque já assassinaram mandam mais.

«Já matei pessoas» e isso confere autoridade. Dá direito a encostar às paredes da cela.

«Preciso de cagar», geme um dos prisioneiros no centro da multidão, já puxando pela ponta do cinto para o abrir. Tal como muitos outros, faz três dias que se aguenta em pé, repudiado e repudiando todos os que se encostam a si. Sem sucesso, pois o contacto é total. Carne com carne, suor com suor.

«Olha, cabrão, abres esse cinto e matamos-te!», ameaçam os gajos da periferia, espalmados contra as paredes.

O centro da sala ondula, oscila, treme sob a ameaça – aguenta-se a custo nas pernas. Tentam empurrar os mais aflitos em direcção ao balde.

«Ai ai!», grita outro. «Este cheiro não se aguenta mais! Alguém se mijou!»

A massa escura vai-se aguentando, todos encostando-se uns aos outros – mas logo se repudiando, ondulando sobre as pernas que a todos fraquejam.

«Tu nem te atrevas, tu nem te atrevas!», gritam os da parede para alguém, no meio da cela, que se tenta agachar para descansar. «Levanta-te cabrão, que te matamos!»

Chove uma saraivada de bofetadas, palmadas e pontapés curtos sobre o coitado. Toda a cela descarrega a tensão sobre um culpado. Há quem por engano tenha levado uma chapada de catarse na cara, e agora vinga-se no vizinho. Toda a cela se agride por breves instantes. Do lado de fora, os carcereiros riem a bom rir.

«Vá! Já chega, cabrões!», grita um carcereiro chamado Tira Ranho. «Se continuam à porrada, ninguém fuma!»

«Ninguém fuma!», grita outro carcereiro chamado Monstro Imortal.

Por entres as grades os polícias fazem negócio com muitos dos viciados e pequenos traficantes, que apanharam nas ruas. Vendem-lhes de volta o próprio produto apreendido, trocando-o por dinheiro ou comida que a família do prisioneiro, entretanto, lhe trouxe.

«Esta é uma erva do Chongorói, não é? É uma boa erva não há dúvidas...», comenta o polícia enquanto fuma mantendo um olho no corredor. Dentro da cela vários prisioneiros fumam, ávidos, mal conseguem apanhar a ganza que pagaram. Alguns pagam, mas ela foge-lhes. Aí o desespero instala-se.

«Meu cota, dá-me uma passa!», pede o homem que ainda não fez as necessidades. «Estou bem apertado, meu cota, por favor...»

«Aqui é a lei 1/17», grita um carcereiro chamado Caveira. «Execução sumária sem julgamento. Rezem para morrer rápido, cabrões!»

E recomeça um tumulto de palmadas, chapadas, repelões e pontapés curtos, dentro da cela. Os polícias riem sem se conseguirem controlar. Mais ganzas são aproximadas das grades. As bocas e mãos tentam romper os condicionamentos do metal, da violência e separações que os seres humanos inventam, por gosto.

O fumo é travado, engolido, apanhado de volta com a palma da mão, da boca para dentro do nariz, para não desperdiçar nada à moca. Alguns, de narinas bem abertas, tentam apanhar o fumo que sai da boca dos outros.

«Arranjem mais dez dólares e trago mais», e o polícia afasta-se três passos ficando a olhar ferozmente a gaiola. «Vá! Tentem ser mais persuasivos com as vossas esposas e mães. Se não, elas abandonam-vos! Se não, eu roubo-as para mim! Se não, elas deixam-vos morrer à fome! Quem não chora, não mama!»

Lá fora o senhor Svart está em melhor condição. Não foi levado para a anomalia arquitectónica, entre as duas celas. Depois do Comandante ter recebido a sua chamada de telemóvel, o senhor Svart subiu de estatuto. Também o facto de ter ficado com fama de feiticeiro ajudou – ninguém lhe toca, nem fala com ele. Não lhe vão tirar os sapatos, nem metê-lo dentro de uma cela. Vai ter de esperar, no pátio, por novas ordens. Espera-se que não chova para que não fique molhado.

Sem lhe tocar, um agente chamado Inferno encaminha o senhor Svart para o centro do pátio. Ali amontoam-se motas apreendidas e todo o tipo de sucata. Ao passar pelos corredores vê as placas de ferro que tapam buracos, estilo vala, no chão. Lá dentro, à profundidade de dois metros, estão prisioneiros, em pé, tentando enfiar os dedos pelas brechas. Os carcereiros pisam-lhes os dedos.

O pátio tem um lago que mais parece um pântano profundo, a avaliar pelos topos de árvores que espreitam a linha da água. Outros objectos grandes, como um automóvel e bicicletas, furam a superfície com as suas extremidades metálicas, dedos que pedem socorro.

Tendo passado para o pátio, outrora um jardim, o senhor Svart vê em todo o seu redor um baldio onde se amontoam motores obsoletos de grandes máquinas. Agrilhados a estes motores, vários prisioneiros gemem, choram ou observam em silêncio. Como já não há suficiente espaço para todos, alguns privilegiados são deixados ao relento. No ar ecoa uma frase estrangeira:

Du-po mi-tse tung-na ga, kyi-po mi-tse ring-na ga.

É um «chinês» oriundo da província do Tibete que foi preso por apanhar cães de rua e comê-los. Anos antes tinha sido prisioneiro nos arredores de Lhasa, durante os protestos contra os Jogos Olímpicos de Pequim – fora forçado a trabalhar dois anos nos arranha-céus de Xangai, e depois fora enviado para África como escravo do Partido. Primeiro para as minas de

cobre da Zâmbia, agora para trabalhar nas estradas e prédios da Capital.

«É bom ter uma vida longa e feliz, melhor ainda é ter uma curta e infeliz», cantarola ele, com o pulso quebrado pela corrente que o amarra ao motor de uma carrinha.

Passam-se as horas e o senhor Svart continua ali num pátio às escuras, sem saber o que esperar. Vai-se apoiando e sentando em diferentes pedaços de sucata e ouvindo fragmentos de conversas. O «chinês» continua a cantar e a meter conversa com quem lhe responde.

«Como dizia o grande poeta tibetano, Milarepa», recita o «chinês». «Quando não podes ter o teu amor permanentemente contigo, de que serve um só dia de vida?»

«Não tens medo de morrer?», pergunta alguém junto dos motores de tractor.

«Tenho medo de não encontrar o meu amor...», responde o «chinês».

«Eu tenho medo daquele escuro e imobilidade... Não sei o que vai acontecer, nem onde vou parar. Tenho medo de nunca mais voltar.»

«Voltas sim... A vida sempre continua. E cada um volta a percorrer os mesmos caminhos, circularmente, até aprender... até aprender», conclui o tibetano.

«Como vou poder aprender, se não me vou lembrar de nada?! Assim, acho que nunca me vou redimir dos meus pecados», conclui uma outra voz, vinda do chão, da prisão debaixo da placa de metal.

Svart resvala para dentro das suas memórias ao ver mais um relâmpago no céu. Que mensagem terá agora hermeticamente escondido? Terá imagens? Cada relâmpago é uma descarga pura de informação. O que quererá esta noite, com o seu vento e chuva e relâmpagos, ensinar? O lago agita-se, tal como os ramos que estão de fora.

A noite foi longa e suavemente o sono cai sobre o velho Svart, enquanto escuta os sussurros, gemidos e ladainhas da multidão de presos no calor húmido da treva. Exausto, o senhor Svart olha os reflexos da noite sobre a fina película do lago pantanoso. O senhor Svart adormece ali durante um bocado.

E é, então, que lhe aparece a fulgurante mulher negra, pela primeira vez, a caminhar sobre as águas. Entre dois relâmpagos, ela está ali a brilhar no escuro.

Uma epifania. A verdadeira imagem.

21.

O senhor Svart vê-a com toda a clareza a sorrir para si.

Ela sopra-o e diz-lhe:

«A paz esteja contigo.»

Está ali, bem quieta a olhá-lo do meio do lago, rodeada de presos. O senhor Svart sente necessidade de se aproximar dela. Todos o começam a olhar e ele consegue imaginá-los a murmurarem insultos:

«Branco de merda. Velho porco. Malandro. Estes gajos com dinheiro

conspurcam as moças todas.»

O senhor Svart vê aquela menina resplandecente a chamá-lo, apesar de mais ninguém lhe parecer ligar nenhuma. Apenas quando ele se aproxima e lhe começa a falar, aí sim, esses gajos todos começam a olhar e a mandar bocas.

E soprando sobre o rosto do senhor Svart, como um suave vento de Verão, a mulher resplandecente diz:

«Recebe o espírito santo.»

Quem é ela que lhe aparece assim na prisão? Esta presença súbita, mais semelhante a uma emoção do que imagem objectiva. Tal como aquilo que o puxou do fundo do mar do coma, ou as suas primeiras imagens de infância, as mais antigas de todas:

A luz difusa como uma lanterna acesa no meio do nevoeiro – um olho e coração, um foco de atenção que procura, percorre, busca, um farol no meio do mar nocturno – buscando por ela, pela própria luz. Estranho... a luz procura a própria luz. E, de repente, Svart lembra-se de como procurava uma menina amiga em criança, como procurava uma luz para sair do fundo do mar, como queria sair da treva do coma – e como a queria encontrar a ela, esta mesma mulher, ela que não conhece de lado algum...

Os relâmpagos disparam a tempestade nos céus. O senhor Svart abre muito os olhos como para receber segredos codificados pelos relâmpagos – recados e mensagens que lhe são transmitidos pelos fulgores, lá longe, entre um lago feito de mármore negro e um céu tempestuoso de sílica fluorescente. Compreende que gostaria de aprender a voar por entre essas duas placas de energia, a água e o céu, e fundir-se com as mensagens disparadas lá ao longe, na brecha do fim do horizonte.

«Tranquiliza-te! Sou eu! Não temas!»

«Muxima...», murmura o senhor Svart rendido.

«Vem até mim para te falar», diz a fulgurante negra. «Tenho algo a dizer-te junto ao ouvido. Eu não sou Muxima. Eu sou a Verdadeira Imagem. Não me reconheces?»

O senhor Svart hesita. A mulher chama-o do meio do lago, onde caminha com passos suaves à superfície das águas tempestuosas.

«Tem fé», diz a mulher fulgurante na mais intensa das vozes.

O senhor Svart começa a caminhar na direcção da negra, mas logo se dá conta de que está a afundar-se no lago.

«Salva-me!», grita o senhor Svart. «Muxima!»

Ninguém o salva. Apenas uma gargalhada geral o sobressalta e humilha. Os presos estão a acompanhar a aflição do senhor Svart sem compreenderem porque é que o velho se está a meter pelo lago adentro, nem a quem está a chamar.

«Eu não sou Muxima. Eu sou a Verdadeira Imagem», responde a mulher fulgurante. «Homem de pouca fé, porque duvidaste?»

O senhor Svart está metido até ao pescoço dentro de água e agora a água

gélida entra-lhe pelo nariz.

O tumulto, gargalhadas e gritos tornam a situação muito embaraçosa e ridícula para o velho Svart.

«Acorda velho!», grita um prisioneiro.

«Sonâmbulo volta aqui!», grita outro.

O pandemónio e risada colectiva ecoam pela prisão inteira. Garrafas «pescadoras» voam da janela, pois os presos do interior das celas acordaram sem saber porquê e começaram a actividade mecânica de tentar pescar algum dinheiro ou tabaco. Sem saberem porquê, reflexivamente, começam as suas actividades, não vão eles perder uma oportunidade desconhecida.

«Está louco, o velho!»

«Ukulu, ukulu okotombe, etchi amõula tchalwa», profetiza um das celas. «Mais-velho é sempre mais-velho, por isso não o desprezes porque desde que nasceu até à velhice carrega consigo muita experiência.»

«Tens calor?!»

«Queres tomar banho a esta hora, é?!»

«Toma sabão que tenho aqui para ti!»

«Sai da chuva, velho! Sai do lago!», grita um coro animado.

«Ya linga, mbwim. Ya lungula, ava vajuwa», grita outro profeta de cela. «Chuva que troveja só molha os bobos.»

«Agarrem-no! Está a querer nadar daqui para fora! É louco!»

«Silêncio, animais!», gritam os agentes distribuindo palmadas e bastonadas com generosidade. «O senhor Svart é um convidado especial. Respeito!»

Desta vez o senhor Svart é conduzido com a máxima reverência pelos agentes Tira Ranho e Caveira. Na sombra um homem camuflado, indistinto, ri como uma hiena. Os agentes olham o homem camuflado e o homem camuflado diz que sim com a cabeça.

«Sim, é esse o homem que eu procuro», diz, de forma indistinta, o homem camuflado na sombra. E assim os agentes manipulam o senhor Svart com especial cuidado.

«Salva-me Muxima! Salva-me Muxima! Ai, coração! Ai, meu amor!», ainda fazem mímica os prisioneiros do buraco no chão, com os dedos a espreitarem entre a chapa.

«Este branco é um show-e-meio!»

Ri-se bem à conta do velho Svart. O velho Svart continua de olhos fixos na superfície do lago. A trovoada ribomba.

No lago escuro, está a mulher fulgurante, pousada como uma luz estroboscópica sobre as águas, e cada mínimo movimento seu fica gravado como uma esteira luminosa de muitas imagens replicadas.

«Trago uma mensagem do passado, que serve como semente presente para te libertares no futuro... A maioria das pessoas projecta no futuro os erros passados que repete no presente. O seu futuro é sempre uma variação do passado, actualizado nas escolhas insensatas do presente. Escolhas

condicionadas. Bem-aventurados os puros de coração pois verão a Deus. E Deus é a Lei. Quem vê a Lei não se perde de novo. O fim da escravatura.»

«Qual lei?», pergunta o senhor Svart.

«A verdade que te liberta!»

A mulher negra ondula as suas vestes e um relâmpago rasga o céu. Ela sorri e abre os braços num abraço amoroso.

«Vou-te dar um tesouro de três flores. Eis a primeira flor»: e a mulher fulgurante expõe a palma da mão esquerda, que tem uma flor, com pétalas cor de sangue. «A primeira flor que te ofereço é este conhecimento: tudo é impermanente. Tudo passa» e estende-lhe uma semente de árvore.

O senhor Svart está a ser puxado para fora de água pelos polícias.

«A segunda flor é esta»: e expõe a palma direita, onde está outra flor como uma delicada ferida na carne. «Nada tem alma própria, nada existe em si mesmo apenas» e estende-lhe um molho de cartas presas com um cordel.

«Quem és tu?»

A Verdadeira Imagem.

O senhor Svart está a ser puxado para o chão pelos polícias.

A mulher fulgurante avança um passo. Como gelo de um cometa, a cauda de desdobramentos luminosos da mulher fica registada para trás de si. Milímetro a milímetro, no espaço atrás da mulher negra, uma esteira estroboscópica de corpos perfeitamente replicados e vazios, brilha como uma serpente na treva. Uma coreografia que é uma caligrafia.

«A terceira flor é esta»: e a mulher abre o pano que a cobre e expõe o peito esquerdo, onde a flor escorre seiva da cor da via láctea, brilhante como milhões de estrelas solitárias na noite. «Lembra-te: tudo é sofrimento. Todas as nossas emoções, desejos, conquistas, tudo. Tudo é sofrimento. É isto que Muxima me pediu para te transmitir, homem de pouca fé...» e estende-lhe uma foto muito antiga.

O senhor Svart está a ser sacudido por polícias.

«Senhor Svart, calma», dizem os polícias com a maior das reverências. «Calma, senhor Svart. Está tudo bem. Já o salvámos de se afogar no lago.»

Na sombra o homem camuflado afasta-se, sempre a rir.

A mulher fulgurante também desapareceu.

Nas mãos o senhor Svart segura, de forma frenética, um molho de cartas, uma semente de embondeiro e uma foto antiga, tipo passe.

«Senhor Svart esteja calmo. Vai ser levado para casa. O Doutor Branco ainda agora esteve aqui a tratar da sua soltura. Está tudo resolvido», dizem mansamente os polícias dando-lhe festinhas na cara e palmadas nas costas.

«Olhe, tome», diz um dos polícias. «O Doutor Branco pediu-nos que lhe entregássemos isto.»

«Doutor Branco?», inquire o senhor Svart sobressaltado, mas não pergunta mais nada pois está completamente encharcado e a imagem da mulher ainda lhe queima as retinas com fosfenos.

Passam para a mão do senhor Svart dois charros de liamba já enrolados e

um pequeno embrulho de cristais.

«É melhor que coca», asseguram os polícias.

Já à saída, junto de carros apreendidos e motos destruídas, o senhor Svart fica inquieto.

«O motorista? O Chilato?», pergunta o senhor Svart olhando para a cela sobrelotada. Na sombra a noite remexe-se. Um homem camuflado ri-se. A voz sussurrante do homem camuflado responde ao senhor Svart:

«Olha, ou escolhes o passaporte, ou o amigo. Qual deles vai ser?»

Entregam o passaporte ao senhor Svart.

«Lá fora está uma boleia à sua espera. O motorista pessoal do Brigadeiro-e-Bispo, o presidente da CEFÉ, está à sua espera», explicam os polícias.

Lá fora espera-o num carro Kurtz, o sul-africano.

«Yes, fuck the other driver», conclui assertivamente Kurtz quando o senhor Svart entra no carro.

Lamentando o chamariz da WildCall que foi destruído, Kurtz diz-lhe:

«These fucking blacks! When they see something new: first they try to eat it, then fuck it, and finally just destroy it.»

22.

Kurtz é um gigante louro, um bóer sul-africano que conheceu o Brigadeiro-e-Bispo na época pós-independência, quando a África do Sul do *apartheid* tentou vir travar a entrada dos comunistas russos, nos países mais a norte da sua fronteira. Ou, segundo outra versão, quando a África do Sul tentou invadir os países mais a norte, mas os comunistas não deixaram.

Nessa altura, Kurtz foi capturado e foi metido na prisão do comboio, na Capital. Chamavam-lhe «comboio» porque as celas eram enfileiradas, lado a lado, como um comboio com destino ao inferno. Havia compartimentos especialmente horrendos, onde se penduravam homens com os braços para trás, se electrocutavam os genitais, ou se aplicava o n'guelelo. Daí saíam vagões diários de homens para serem executados após terem sido sujeitos a tormento. Eram levados logo numa ambulância, o que em si tinha um toque de paródia com o conceito de se «ser salvo».

«Vem aí a ambulância para ti!», ouviam-se os prisioneiros gemer.

Muitos eram estrangeiros, outros mercenários, e a maioria supostos contra-revolucionários, que a nova máquina de poder aproveitava agora para purgar. Uma purga à estalinista, em território africano, executada em língua portuguesa. Os homens eram então transportados numa ambulância para os baldios da cidade onde, entre pontapés e murros, eram metidos de joelhos na lama – e executados entre palavrões e insultos.

Nessa altura o Brigadeiro (ainda não era Bispo) já tinha sofrido queimaduras profundas por causa de uma mulher, e por isso precisava de fazer contínuos tratamentos de enxerto. Por vezes escolhia alguns homens de entre os condenados para lhes «nacionalizar» um pedaço de pele.

Durante as noites o Brigadeiro nem estava acordado nem a dormir e isso

durou todos os anos da guerra – depois deixou de dormir por completo. Os pensamentos não lhe ocorriam de forma consequente ou lógica, orquestrados pelos gritos dos presos. Não havia associação entre as imagens ou temas.

A maior parte do tempo nem pensava, apenas via. Via algo informe a ocupar todo o espaço. Nada tem existência autônoma, nem sequência. Tudo ocorre, momento após momento, em forma integral e simultânea. É um espesso caudal, um fluxo monstruoso de imagens, provenientes de inúmeros planos de realidade, funcionando em palimpsesto.

Nessa altura, o Brigadeiro compreendeu algo da máxima importância na história do ser humano:

Compreendo a arrogância e a insanidade prometeica dos homens, querendo criar e difundir imagens, foi o que pensou. Não se devia ter esse direito.

E aí descobriu uma das maiores fronteiras que está a ser transgredida. Mas ninguém sabe! Um dos maiores crimes que, a todo o momento, as massas ignorantes perpetuam.

Então o Brigadeiro descobriu, também, uma das mais importantes intenções da sua vida:

Se uma Bomba Obscena fosse visualizável – a própria Visão Obscena – como seria? Que Imagem Bestial seria essa? Consegue-se conceber um símbolo?... Aquilo que não queremos, nem podemos ver... Aquilo que nos custará toda a inocência...

E dessa intenção veio uma resolução:

«Quero cometer este pecado horrendo», decidiu então, em voz alta, o Brigadeiro ao descobrir o poder que as imagens têm.

As imagens ocorrem incessantes:

Um homem come carne e a mão esmigalha o guardanapo sobre a mesa – uma menina de doze anos tem roupas de programa e o seu olhar é drogado – as dançarinas italianas e brasileiras sacodem as nádegas num programa de domingo, e uma delas está triste, mesmo perante as câmaras – uma mulher negra, velha, acena e chama, chama e acena – um tanque explodido, o canhão caído de lado, as lagartas soltas pelas lavras do Bocoio – reflectida num espelho, uma palmeira ondula sob o vento quente da tarde do deserto – a água das enormes ondas é quente em volta das pernas e ao fundo o céu é cortado por estrelas cadentes – na borda da estrada, com a coluna quebrada, um cão arrasta-se enquanto lhe atiram garrafas e latas dos carros que passam – entre as rachas dos prédios novos escondem-se os gas transparentes de olhos negros – uma ossada de baleia destaca-se, muito branca, da areia escaldante.

Tudo em simultâneo.

Naquele tempo o corpo de Kurtz, o gigante louro, avançava, mal pisando o chão, longe e mole, sob o sol escaldante tanta a porrada que lhe davam na prisão da Capital. Preparava-se para apanhar a ambulância para voar pela noite adentro e ser executado. A agonia. As dores que vêm de dentro do sangue.

Nos baldios, o Brigadeiro por vezes assistia à execução de homens vindos do comboio, a fiada de câmaras de tortura da prisão da Capital. Gostava do espectáculo, a brutalidade, a adrenalina de medo dos homens, tão palpável, tão cheirável – os homens intuía a própria morte e não conseguiam aceitá-la – como os porcos, e a rapidez do fim. Mas o Brigadeiro ficou sem perceber, sem conseguir imaginar a sua própria morte. Ou, mesmo que a imaginasse, não a intui. Não a consegue ver em imagem. Ninguém consegue ver-se a si mesmo morto – *algo* precisaria de ainda existir para testemunhar o corpo morto, de fora. O Brigadeiro pensa em Aristóteles e na sua aula de lógica usando o famoso silogismo sobre Sócrates:

Todos os homens são mortais. Sócrates é homem. Logo Sócrates é mortal.

O Brigadeiro não se sente ser um ser humano.

Numa das noites, o Brigadeiro foi assistir a execuções e conheceu Kurtz. O Brigadeiro disse-lhe:

«Vais morrer e os teus familiares nunca vão saber onde está o teu corpo.»

Kurtz olhou o Brigadeiro e este espantou-se porque não viu o costumado medo, nem viu nada de reconhecível. Apenas a intensidade do querer. Aquele homem tinha no rosto uma vontade bestial, a vontade obtusa dos animais domésticos ou máquinas: eles são a sua própria função. São para o que servem e mais nada. Era como olhar para um andróide.

Como resposta, Kurtz tirou cuidadosamente do bolso uma folha dobrada e passou-lha, desaparecendo-se do seu último bem antes da morte. O Brigadeiro julgou ser uma carta de despedida ou algo sentimental para ser enviado a alguém. Era uma folha de revista. Curioso, abriu-a. E aí o Brigadeiro foi

surpreendido.

Uma visão obscena.

Ele era um homem vivido e que já tinha visto muita coisa – mas aquilo não. Ali estava, o gigante louro, Kurtz, numa performance olímpica. Uma divindade dionisíaca em pleno acto registado pela imagem. Convenhamos, estamos nos anos 70, em plena guerra no meio de África. Não há portáteis, nem Internet, nem telemóveis... Aquela folha de revista funcionou como um vislumbre para um universo paralelo, ali mesmo no meio da lama, frente à vala comum dos homens prestes a serem executados. Kurtz conseguiu impressionar e perturbar o Brigadeiro com aquele recorte e as fotos sobrepostas, os rostos distorcidos em êxtase ou dor, em diferentes ângulos, distâncias e enquadramentos, aglomerados dinâmicos de carne, pêlo e dentes e o orgulhoso raivoso bestial subjacente. O objectivo não é arte, nem informação – mas exposição total.

Tudo em simultâneo.

«Que granda labúrdia!», comenta impressionado o tenente junto do Brigadeiro.

«Esse homem vai regressar comigo», diz apenas o Brigadeiro. «Preciso de o interrogar.»

E Kurtz foi salvo pelo Brigadeiro. Depois, após a guerra contra os bóeres, começou a trabalhar para ele.

Nos anos seguintes Kurtz ainda trabalhou em alguns filmes e revistas, mas com a revolução da Internet e do digital a profissão de actor porno caiu em crise. Qualquer macho totó tem coragem de se filmar a si mesmo, na segurança do seu lar, e meter isso na rede. Basta um click num botão de computador. Os mecanismos de inibição naturais na maior parte das pessoas são contornados pela Internet. Os circuitos inibidores pré-frontais do cérebro são completamente ciberdesinibidos pelo mundo virtual.

Kurtz preocupou-se em tentar compreender a causa da crise que lhe matou a profissão de actor maroto. Foi o mundo digital que o tornou obsoleto. É que a Internet confunde os sistemas sociais do nosso cérebro. Na Internet têm-se conversas com estranhos que nunca na vida real, face a face, as pessoas gostariam ou ousariam ter. Em frente a uma Webcam as adolescentes fazem coisas, *live*, que homens do outro lado do mundo estão a ver e a comentar, em directo, que elas nunca fariam se o tal homem estivesse face a face. A Internet ajuda todas as adolescentes e machos totós a trazerem o seu diabinho maroto a público, diluindo a distância entre o cidadão comum (supostamente decente e pudico), e as delinquentes e demónios que, como Kurtz, expõem tudo – em qualquer lugar, para qualquer um.

Diluíram-se as fronteiras entre o verdadeiro pecador e o inocente. E o pecador ficou no desemprego.

«Fucking bitches. All these girls now are fucking bitches», comenta Kurtz acerca das jovens mulheres da actualidade digital. «Fuck Facebook, fuck Hi5, fuck online domestic amateur porn!»

Desde os treze anos que Kurtz só sabia fazer duas coisas: matar e fornicar. Sob uma perspectiva dos interesses contemporâneos, Kurtz estava bem equipado para se tornar um homem bem sucedido na nossa sociedade. Respondeu a um anúncio de uma agência em Cape Town para fazer filmes, fotonovelas, animar festas, despedidas de solteiras, etc.

A entrevista foi bastante simples. Aí se descobriu o talento que o diferenciava de todos os anónimos que se armam em heróis na Internet de casa. Kurtz não era um herói doméstico. Kurtz era um digno descendente do Reich romano e das suas orgias.

A sala da entrevista tinha seis pessoas sentadas atrás de uma mesa. Kurtz entrou e ficou em pé no meio da sala. Avaliaram-lhe as medidas e escreveram nuns cadernos. Depois disseram-lhe que abrisse a braguilha.

«Take out the tool», disseram.

Kurtz gostou que chamassem «ferramenta» ao seu membro predilecto.

«Now, get a hard-on», comandaram-lhe.

E ele espontaneamente obedeceu, assim, ali à frente de toda a gente. Como um bom gladiador na arena de Príapo levantou alto a baioneta, em riste, pronto a atacar.

Sentado ao lado de Kurtz, o velho Svart pergunta-lhe:

«Qual é a tua função? Trabalhas para o Brigadeiro-e-Bispo?»

«I am an african hunter», responde selvaticamente.

Kurtz é o caçador ao serviço do Brigadeiro-e-Bispo.

23.

Kurtz leva o senhor Svart para o final da palestra do Brigadeiro-e-Bispo que se estendeu pela noite fora.

O senhor Svart prepara-se para acender uma das ganzas que lhe foi oferecida mesmo à saída pelos polícias.

«No!», grita Kurtz. «No fucking smoking in my car!»

O senhor Svart arruma a ganza a contragosto. Parece-lhe ouvir rir na parte de trás da sua cabeça.

Transporta-os dentro de um Hummer negro, vidros fumados. Feio como uma carroça funerária. A gigantesca viatura, conduzida por um gigantesco homem, rosna, voando a pouca altitude entre as paredes esboroadas da Capital, fugindo do posto da polícia que está abarrotado de bêbados e professores. Hoje celebra-se o «dia do docente» e as ruas estão atulhadas de professores, cada um com uma camiseta identificativa da sua escola, amarelo-canário, rosa-choque, azul-estrumpe, todas sob o mesmo lema: *camarada professor, o combatente da linha da frente*.

«Deixe-me! Eu sou um doutor! Terminei o ensino médio», grita um jovem de camiseta rosa, combatente da linha da frente, para os polícias que o tentam controlar e confiscar-lhe uma pedra de calçada que escondeu no bolso de trás. A arma dos pobres.

Tantos professores! Quem aprende?

«Fucking teachers! Everybody is a teacher in this country. Even that asshole in the back!», e Kurtz aponta para a parte de trás do carro, com desprezo.

«Há mais chefes que índios, nesta nossa tribo! Todos são professores, todos são chefes, iô!», diz a voz vinda de trás, que se ri a bom rir, como uma hiena.

É o traficante. O polícia que penteou o senhor Svart e o Chilato.

«Lamento, senhor Svart, houve um engano. Não soube que o senhor era o famoso criptozoólogo que vinha ajudar a expedição de busca da Palanca Negra Gigante. Será uma grande publicidade para o acto de inauguração da estação de televisão do nosso excelentíssimo Brigadeiro-e-Bispo...»

«Fucking asshole... A mistake he says... Motherfucker!», comenta Kurtz.

«Calma lá, ó senhor Kurtz, eu também compreendo inglês, yá!», protesta o traficante.

O senhor Svart não se preocupa com o traficante, que também é polícia e professor.

«Professor do magistério primário», elucida com uma gargalhada selvagem o traficante. «As crianças é que são o futuro! Na base é que está o segredo.»

Educa-se uma criança *até* aos quatro anos, dizem na Suécia, pensa o velho Svart. Têm razão.

O senhor Svart está mais interessado noutras coisas. O futuro das crianças deste país já está fora do horizonte da sua existência, por isso... agora preocupa-se mais com a Palanca Negra Gigante, pois ela também não está à vista em lado nenhum, e o tempo passa. E o precioso chamariz da WildCall, com todos os raros *downloads* de crias de palanca a chorarem... tudo isso destruído, devido ao esquema ridículo do traficante, mais os polícias e a sua estúpida esquadra carregada de professores de paródia.

Talvez as coisas se esclareçam durante a palestra e os objectivos fiquem mais claros, tal como uma estratégia para chegar aos mesmos.

- 1) Iniciar a expedição e sua logística.
- 2) Entrar no território da Palanca Negra Gigante.
- 3) Avistar a Palanca Negra Gigante.

Tudo tão simples. Apesar de ainda se andar aqui, de um lado para outro, entre becos sem electricidade, com um bóer e um traficante, a tentar chegar a uma palestra sobre uma antena de televisão. O tempo passa.

O senhor Svart olha pela janela. O sol vermelho, irado e sem raios é uma divindade que condensa um castigo sobre a penumbra de poluição e poeira que cobre as multidões de homens na sua cidade de prédios arrombados e as antenas de televisão – esses espantalhos que já não têm que afugentar com o seu esqueleto de arame, pois os recantos do país estão cheios de violência.

«Salmo 74:20», diz o traficante calmamente do banco de trás. «Isso que o senhor Svart disse em voz alta, é um salmo. É religioso, senhor Svart? Eu sou!

Canto na igreja, também, iô.»

O senhor Svart olha para os objectos que vai tirando de um dos bolsos.

Tem um molho de cartas embrulhadas em papel castanho de embrulho, das lojas de venda a retalho. Tem uma semente de embondeiro e uma foto. A foto mostra a cara de uma menina mulata, com dois anos, e uns farripas de cabelo queimado e dourado. A cara não parece feliz pois, ao invés do costume, a criança não sorri.

«What the fuck is that crap, man?», inquire Kurtz interessado nos objectos que Svart tira do bolso.

«Apareceu-me uma mulher a caminhar sobre as águas do lago, lá dentro da prisão...», começa o senhor Svart, pouco seguro da sua própria narração. «Como se fosse o Espírito Santo...»

«Talvez fosse Jesus», opina o traficante. «Jesus é que andava sobre as águas e tinha chagas, rosas nas mãos, pés e lado.»

«Fuck off, man! That was a woman, and Jesus was no woman», corta Kurtz.

«Este homem só sabe dizer fuck, fuck, fuck?», pergunta retoricamente Svart incomodado com a linguagem.

«Ei, eu compreendo português», diz Kurtz com uma pronúncia extremamente carregada. «Não gosto de falar essa língua inventada por pretos.»

«Os portugueses não são pretos», diz o traficante lá do banco de trás.

Kurtz emite um grunhido de explícito desdém.

«Sea kaffers é como lhes chamamos na minha terra. Pretos do mar. E, sim, em comparação a nós, são pretos», conclui Kurtz, o bóer, olhando para Svart, o escandinavo. «Portuguese... those mixed colored motherfuckers.»

O senhor Svart abandona o tema linguístico continuando a remexer nos objectos que lhe foram entregues. Fala um pouco sobre isso, mais para si mesmo do que para os dois homens que o acompanham.

«Devem-te ter dado DMT», diz o traficante do banco de trás enquanto manda sms sem parar. O telemóvel imite contínuos blips e trims.

«DMT?», pergunta o senhor Svart. «Eu não bebi, nem tomei nada, fora o que *tu* me vendeste!»

«Ah, isso de feitiço, pode ser transportado numa unha comprida do mindinho e enfiado em ti. Sem que te dê conta. DMT, dimetiltriptamina, é uma droga que implanta memórias falsas. Agora vais ficar com a sensação real do evento, mas ele nunca aconteceu. Uma alucinação fodida. Tudo isto...» o traficante faz um arco com a mão, abarcando todo o espaço dentro do seu círculo. «Ainda pode ser o efeito da droga. Se calhar ainda estás na prisão, enfiado numa cela bem apertada, a alucinar que foste salvo, iô. Ainda estás bloqueado, amarrado, metido entre duas paredes, como uma kakutassanda!»

O senhor Svart experimenta, de novo, esse pânico, esse horror provindo dos fundos do inconsciente racial, colectivo... o medo da imobilidade, de se

estar morto e se ter noção disso. E mais ninguém se deu conta.

O senhor Svart abre o embrulho das cartas. Uma dor aguda desponta no seu peito. Cartas de Muxima dirigidas a si. Cartas que nunca chegaram ao destino... Ou melhor, chegaram, muito tempo depois, entregues pelas mãos de uma visitação. Como é possível?

Não é.

Não vale a pena racionalizar o que vai directamente contra todas as explicações plausíveis. Navalha de Occam. A melhor explicação é, regra geral, a mais simples. Não devemos multiplicar os princípios desnecessariamente. Visitação de um anjo? Mensagens vindas do passado? Polícias que, discretamente, enfiam drogas, com a unha do mindinho, dentro dos orifícios dos presos?

Navalha de Occam: duas teorias que se comparam. Qual delas é mais simples? Se calhar ainda estou num hospital na Suécia, e tudo isto é um filme holográfico a disparar, descontrolado, por entre as minhas sinapses moribundas. Isto tudo é uma projecção de um desejo visceral, uma tentativa agonizante de dar sentido à minha vida, uma desesperada escatologia, tudo dentro de um crânio moribundo, apagando-se, devagar, num qualquer hospício escandinavo, ou outro lugar qualquer...

«Fuck DMT!», grita Kurtz pois gostou da teoria da unha para explicar o surgimento de objectos estranhos. «Motherfuckers! Fucking blacks!», grita Kurtz, só que não compreende que ele, Kurtz, anula a sua realidade subjectiva ao assumir-se como um simples figurante da alucinação, da kakutassanda, de Svart. Justificar que os objectos são fruto da ilusão provocada pela droga – no cérebro do senhor Svart – faz dele um personagem sem existência íntima, dentro do universo solipsístico de Svart.

Do banco de trás o traficante tenta impingir o seu tema favorito, enquanto olha fotos de mulheres nuas no telemóvel.

«Não entendo porque se rapam todas», diz o traficante. «Estamos numa época em que todas as pitas pensam ser mulheres, já aos doze anos. Já dançam como putas e tudo. Melhores do que muita profissional do verão. Temos dozinhas, terezinhas e quatorzinhas perigosíssimas! Fazem melhor a guerra que mulheres grandes, apesar de ainda serem umas bebezinhas! As que já são mulheres a sério, mulheres feitas, com tudo no sítio, ou seja, falo de mulheres já de idade adulta, sei lá, de dezoito ou vinte anos, em vez de se afirmarem como mulheres, fingem-se crianças. Não se distinguem com o que podem. Andam todas de crica careca, como se fossem meninas pré-púberes, yá? Porquê? Já não se vê uma mulher com um bom tufo de pintelheira, à antiga! Uma mulher a sério! Agora são tudo umas conitas de sabão, sem pêlo, sem garra, sem animalidade! Concordam ou não, ó senhores do foda-se?»

Ignoram-no e ao seu paradoxo público.

O senhor Svart olha as cartas, a semente e a foto. E pensa:

E se tudo o que me tem acontecido afinal não aconteceu mesmo? Seria apenas um evento aparente, como um círculo incandescente na noite? Um

carvão em brasa é rodado no escuro e parece formar um anel de fogo. Assim tudo isto: é apenas um anel de fogo na treva. Uma imagem aparente, um véu de miragem. Possivelmente, todo este tempo estive morto, num momento, cuja causa não recordo. Como as experiências da guilhotina. Estou suspenso naquele espaço e tempo que sucede à decapitação, e onde o espaço e o tempo deixam de existir. Por isso, tudo o que me ocorreu ultimamente foi um bónus. O filme acabou, o enredo chegou ao término. Todas estas cenas foram apenas momentos extra, cenas cortadas. Uma tentativa final de arrumar o que ficou por resolver, compreendendo-se como lição que não há nada para resolver, pois já nem problema existe. A cabeça foi decapitada! Tudo o que aconteceu até agora foi uma ilusão.

Um anel de fogo na treva.

O que significa esta semente? E esta foto?

Isso fora a sua relação com Muxima: uma ficção, uma ilusão, uma miragem. Um anel de fogo, uma aliança feita da luz e do fogo, sem nenhum compromisso efectivo, um elo real que os ligasse.

«Tira-me de casa», dizia Muxima ao jovem Svart do passado. «Vamos viver juntos. Eu quero acordar ao teu lado, ver-te de olhos fechados como um anjo, ainda na paz do sono profundo.»

«Claro, claro. Talvez», evadia-se o jovem Svart. «Deixa-me orientar a minha vida. Deixa-me preparar as coisas de modo a que tudo corra bem, e nessa altura poderemos mostrar ao mundo todo que nos adoramos. Ainda tenho de concluir a minha missão e fazer o relatório final.»

Isto encantava-a. Ela odiava a sua relação escondida, ter de lhe dizer apenas «olá» quando se cruzavam nas ruas, nas esplanadas, na praia. Fingirem-se «amigos» quando, horas antes, haviam trocado votos amorosos, parecia-lhe hipócrita.

O jovem Svart não era mais cobarde que os outros homens. Era apenas igual: o que já é demais. Neste caso, o problema não era a típica cobardia dos homens ao assumirem aquilo que já vivem, mas sim o facto de ele já estar viciado nas suas rotinas, os seus rituais egoístas.

O jovem Svart queria manter a sua casa bem escura e silenciosa. Mas Muxima entrava por ali adentro como um raio de sol, coisa agressiva quando se está de ressaca. Queria estar descalço, com os calções da tropa senegalesa cortados, a preparar chás bem escuros, e a fazer projecções sob o efeito do fumo. A escuridão fresca do seu apartamento era o lugar que ele utilizava como plataforma de lançamento para as suas viagens interiores, criando estruturas e planos, paisagens de plasma, visualizações extremamente detalhadas dos seus desejos, orquestras de vontade e determinação cujo diálogo e implicações, direccionadas de modo ambivalente, entre si e o resto do mundo – influenciavam uma constelação muito mais vasta do que ele alguma vez poderia imaginar...

Além do mais, como iria Muxima compreender o que lhe ia na mente? Ela era uma menina, toda doçura feminina. Complementava a arquitectura

doméstica do coração de Svart, ao qual faltava um quatinho de casal, bem no centro do lar. Nessa arquitectura também já tinha início a ruína, também havia a cave, e Muxima, tal como a maioria das mulheres, não conhecia, ou não queria conhecer este lado do jovem Svart, já que não tinha linguagem, nem código como partilhar com ela as suas inquietações.

O léxico dela era bem mais objectivo, e o dele bem mais ambíguo. Ela olhava-o com ternura e enlevo enquanto ele debatia os tortuosos caminhos da psique humana e a tendência da mesma para a sujeição. Ele apontava os paradoxos das relações de escravatura e dominação entre as gentes nas instituições, nos empregos, na cama. Falava de subversão e revolução – das diferentes rotações possíveis dos objectos na sua trajectória para a vitória ou para a derrota, para o clímax ou entropia.

Ela não via o mundo desse modo. Ela via-o com o jovem Svart nele, o seu cabelo dourado e sobrancelhas amarelas e olhos azuis, e sentia-se feliz com os dias, sabendo que o encontraria mais tarde, e que passeariam juntos. Queria estar com ele. Isso bastava-lhe. Não porque desmerecesse o resto de que ele falava, fosse lá isso o que fosse. Não porque o jovem Svart não tivesse razão. Qualquer pessoa que se indigne com o estado das coisas tem necessariamente razão. Ele tem razão em odiar os políticos. Não era por isso que ela sorria e ficava apenas a ouvir a sua voz, a ver-lhe o rosto e a expressão das mãos, em vez de tentar seguir as palavras e os seus cansativos significados. Não era por isso que ela sorria e não ouvia. Era porque não valia a pena.

O mundo é como é.

Ela apenas queria partilhar a vida com ele.

E o jovem Svart, como todos os cobardes, como todos os homens, diz-lhe aquilo que sabe que ela quer ouvir. Não mente de propósito. Nenhum homem mente de propósito, mas o jogo da dissimulação, para que esta seja perfeita, obriga a um processo de auto-alienação. Quem mente não sabe que o faz e acredita piamente, se não nas suas palavras, pelo menos nas suas boas intenções. No fundo dos fundos, todos nos julgamos boas pessoas. É uma prova da auto-alienação.

Muxima dizia-lhe:

«Dá-me uma filha tua. Será a mais preciosa das crianças na terra. Dá-me isso para que estejas sempre dentro de mim» e parecia que Muxima, sem saber, adivinhava o desaparecimento do jovem Svart. «Dá-me essa menina que será linda.»

«Falas como se me fosse embora. Como poderia eu não acompanhar tal milagre?», protestava Svart com ciúmes antecipados. «Como poderia eu não querer testemunhar tal bênção?»

Era então que começavam ao jovem Svart os calafrios, os arrepios de paludismo que lhe traziam fantasias doentes, paranóias, imagens de coisas não conhecidas – mas sentidas como se já fossem acontecidas?

O jovem Svart não podia ter filhos agora – nem queria.

Svart, o jovem agente em plena euforia revolucionária de uma África dos

anos 70, mente a Muxima. Dá-lhe esperança, expectativas,

fá-la acreditar que existe futuro para eles. Ninguém sabe no que dará uma revolução, ele próprio o dizia, mas Svart oferecia certezas:

«Vamos demonstrar a todo o mundo que não acreditamos na mentira número um...», dizia o jovem Svart.

«E qual é essa mentira que o mundo diz?», perguntava a menina Muxima.

«De que é impossível ser-se feliz!»

Pensando nestas palavras, Muxima confiou no jovem Svart, mal sabendo que ele nunca a ajudaria.

O senhor Svart aproveitava que Kurtz está calado e o traficante interessado em ver o Facebook indecente de alguém, para abrir a primeira carta.

Muxima... O que foi feito de ti?

E descobre que Muxima esteve em grande perigo. Muxima foi seguida por uma velha e um militar e, depois, raptada.

24.

O jovem Svart desaparecera da vida de Muxima.

Alguém o tinha avisado: «A Muxima é uma moça bem feliz e decente. Faz com que continue assim.»

Agora, sozinha, todas as noites Muxima via aquele militar acompanhado por uma velha, no escuro. O militar e a velha seguiam-na, devagar, até ao cruzamento da sua casa. O militar e a velha conheciam-lhe os caminhos e sempre a encontravam nalgum ponto, para depois a seguirem, devagar, como um mendigo, um faminto, pelas ruas escuras.

Em casa, à luz de velas, Muxima escrevia para o jovem Svart. Os rumores da guerra aproximavam-se como uma onda gigantesca e todos desconfiavam de todos. Os homens poderosos começavam a cercar as suas vítimas sob a mira dos seus olhares gulosos. Em momentos de revolução e tumulto fazem-se fortunas, roubam-se heranças, e apropriam-se das mulheres alheias. Muitos homens desaparecem em purgas políticas, são delatados como espiões, traidores, agitadores, ou contra-revolucionários – porque têm uma esposa apetitosa.

Agora Muxima sentia medo e precisava da prometida ajuda do seu namorado. Onde estava ele?

Svart está aqui mesmo, velho e gasto, e abre as cartas devagar e lê um eco do passado:

Querido Svart,

Estou a fazer o meu melhor, o melhor que alguma vez conseguí fazer. Não te vás embora. Estou a fazer o melhor que consigo. Não te vás embora!

Ontem de noite tive mais um sonho terrível em que, subitamente, vejo ao meu lado um bebé. Uma minúscula criatura agitada, muito agitada. Embalo-a no meu colo, abraço-a e

finalmente adormecemos, frente a frente. O calor tropical torna os nossos corpos húmidos e cola a superfície das nossas peles. Ouço, então, uma vibração terrível – o som mais doloroso que alguma vez considere possível experimentar. Ouço-o em crescendo, atravessando o meu corpo de lado a lado e de cima para baixo – o som mais alto, mais agudo, mais estridente, mais doloroso que já experimentei. De repente, já não o ouço – porque agora só ouço o silêncio da noite e da sala onde dormimos. Sinto-o no meu corpo como uma dor lancinante, a dor do meu corpo a estilhaçar-se em mil arestas cortantes, a faiscar ao ritmo da roda de um comboio que descarrila e que, num último grito, rasga a fogo o contacto com o carril. Ao mesmo tempo consigo ver o meu corpo, a partir de fora. Consigo ver o meu corpo deitado, na sala, frente a frente com o bebé. Sei que aquele militar está no outro lado da casa, vou lá e vejo, enquanto o meu corpo está deitado a dormir na sala.

A silhueta de uma velha está parada, de pé, junto à minha cabeça. Uma silhueta opaca, negra e gelada. O som estridente continua a atravessar o meu corpo – não posso deixar o meu bebé, não posso deixar o meu bebé. Seguro o seu corpo, toco-lhe e acordo com o coração a latejar. Um corpo gelado pelo medo.

Não consigo dormir o resto da noite. Abraçada a mim mesma, espero pelo dia que felizmente irá nascer.

Saudades, Muxima.

O velho Svart está com as mãos a tremer. Que conversa estranha, essa do bebé. Os olhos negros e rasgados de Muxima pairam diante de si. A sua voz grossa e quente. A sua pele negra e brilhante. Como pôde estar todo este tempo sem sequer pensar nela? Que tem dentro da cabeça? Constata que o conteúdo da sua mente é muito pobre e repetitivo: os seus pequenos objectivos (para ele grandiosos) e as garantias de conforto físico. A Palanca Negra Gigante e whisky. Para outros homens há-de ser o futebol e cerveja; ou carros e vinhos; ou o partido político e vodka. Os homens são assim.

A carta é perturbante pois lembra-lhe os pesadelos que Muxima começara a ter, antes do jovem Svart decidir partir. Muxima ficava deitada na cama e gemia. A cara tinha riscos de água e sal. O jovem Svart ficava à janela a fumar, enquanto observava os brancos a encaixotarem as suas coisas, a prepararem-se às pressas para fugirem da guerra.

O jovem Svart olha para Muxima na cama, e não sabe o que fazer nem o que lhe dizer. Coisas bem mais sérias estão a acontecer neste continente, e as mulheres estão sempre a chorar, seja por isto ou por aquilo, seja por estarem tristes ou por estarem felizes, seja de dor ou de êxtase. Por tudo choram, quando dizem a verdade e quando mentem.

«Não sei o que é isso de kakutassanda», pensa taciturno o jovem Svart

enquanto lá fora vê um grupo de trinta jovens aos gritos e empurrões. Insultam-se, perguntam-se mutuamente «você sabe com quem está a falar?» ao que outros respondem «vou-te chapar!», «vou-te bater!», «vou-te furar um olho!», «vou-te matar!».

«Você sabe com quem está a falar?» e os gritos continuam. Muxima geme e um gato que se atreveu a passar junto do grupo leva uma pedrada. Militares junto dos prédios observam rindo, enquanto dão pontapés aos calhaus maiores, para os esconderem debaixo dos carros, longe do alcance dos jovens.

«Vou-te matar!»

Muxima, de repente, já está sentada na cama, muito rija, olhos muito abertos, cheios de lágrimas.

«Porque não me acordaste?», grita ela.

Novamente a miúda o recrimina por Svart não a ter acordado.

É a terceira vez que acontece este mês.

«Estou cansado dos caprichos das mulheres», pensa o jovem Svart. «Não estou aqui para aturar isto. Não sou médico. Não compreendo nada de feitiços, nem de doenças femininas, traumas colectivos, ou carências alimentares que dêem em pesadelos e sejam confundidas com feitiçaria. Feitiçaria. Odeio a palavra. E não compreendo porque acontece isto a todas as mulheres deste país com quem me deito.»

«Acorda tu sozinha. Acorda por ti mesma!», diz-lhe o jovem Svart, selvagem.

Tudo começa com um suposto vulto, ou sombra, que lhes bloqueia o corpo, geralmente pela garganta e peito. De dentro do sono, subitamente, dão-se conta de que estão acordadas, que vêem vultos, que vêem quem dorme a seu lado – que me vêem a mim – que ouvem os ruídos vindos da rua, ou do rádio. Ouvem e vêem tudo. Mas não se conseguem mexer nem respirar. Lutam e lutam mas o corpo continua totalmente rígido, duro como morto – e a garganta e peito são esmagados sob uma pressão insustentável, como alguém que as retém, fazendo questão de que sintam que estão sendo submetidas.

Porra, murmura o jovem Svart.

Elas dizem que podem ouvir os risos desse alguém, esse vulto que no escuro as violenta – enquanto, silenciosamente, gritam e gritam e gritam para que as salvem, para que as sacudam, para que lhes virem os olhos, revirados para o interior do crânio, de volta à cor. Nada acontece... pelo que dura anos e anos esta prisão, este sufoco – esta agonia sem fim. E, com um esforço de afogados, vêm à superfície, arrancam o *rigor mortis* ao corpo, sacodem a alma dentro da carne, e esta finalmente responde.

«Nunca mais vou dormir», dizia-lhe Muxima, como em todas as outras noites de kakutassanda.

O velho Svart pega agora na segunda carta. Kurtz deita-lhe um olhar de soslaio mas não diz nada, liga o rádio do carro. O traficante continua a brincar com o telemóvel.

O carro desce as ruas por entre milhares de pessoas apinhadas, calor, suor, enquanto uma banda norte-americana, Slipknot, começa a berrar pelas colunas do carro:

*I am not supposed to be here
Look inside and you will see I have no soul*

Kurtz faz-lhes coro cantando com a boca toda aberta, apontando para os transeuntes e principalmente para os doentes deitados nos passeios, à volta do hospital sobrelotado, embrulhados em mantas.

*We are all going home in a body bag
Fuck you all! Fuck it all! Fuck this world!
Fuck everything you stand for!
Don't belong!
Don't exist!!*

Com um tremendo esforço de concentração o velho Svart começa a ler a segunda carta. A curiosidade é excessiva. Talvez pelas cartas consiga descobrir o paradeiro de Muxima.

*Querido Svart,
Durmo numa esteira no chão. Roubaram-me os móveis todos.
Foram certamente queimados para substituir o carvão nalguma
cozinha. O meu velho pai diz que vamos fugir para sul, para o
Cunene, e tentar atravessar o rio. Ele está tão velho, não vai
aguentar essa viagem.*

*Todas as noites acordo entorpecida e desconfortável na
nossa sala escura. Um desconforto que soa a urgência e, assim
agitada, dirijo-me à cozinha.*

*Sei que a velha está na cozinha, senti-a lá, pois acordei com
o barulho do abrir-e-bater das portas e dos armários. O bebé
dorme no quarto, silencioso. Quando entro na cozinha a velha
está de cócoras no centro da cozinha, no chão, tapada com uma
manta preta, todas as portas dos armários estão abertas, como
se os armários tivessem explodido. As gavetas pendem sobre si
mesmas, semiabertas. Corro para o quarto do bebé, para
verificar se está bem, para ter a certeza que a presença que sinto,
uma imensa presença evidente, aterrorizante e ameaçadora, não
lhe faz nada. Tiro o bebé da cama. Estava deitada com os olhos
abertos e o rosto pintado, como uma máscara da Kaviula. Preto
do lado esquerdo e encarnado sangue do direito, separados por
uma lista branca, sobre o nariz, boca e queixo. Aperto o bebé
contra o meu peito, e avanço pelo corredor às escuras. Sinto, sob*

os meus pés, que piso insectos vivos. Os livros agora rasgados, que estavam na sala quando me levantei, estão agora espalhados pelo chão do corredor, tal como todo o conteúdo da sala. Tento sair da casa, para a luz da rua, mas vou ter com a velha à cozinha. Já está de pé. Passa através das cordas do estendal e diz:

Alguém te quer.

Avanço para a porta da cozinha para a fechar.

Ficou cá alguém dentro, digo aos gritos.

A velha assente com o olhar e um aceno de cabeça. No momento em que fecho a porta, sinto a presença do outro lado, encostada à madeira.

Alguém te quer, diz a velha através da porta.

Acordo, aterrorizada, na mesma posição em que acordei há minutos atrás, antes de ter ido ter com o vulto à cozinha. Não consigo segurar o meu coração no peito, de tão rápido que bate. Só me apetece chorar de medo, mas não consigo, nunca fui de chorar.

É nesta altura que o velho Svart compreende que Kurtz não está a tentar cantar, está a gritar furiosamente com o traficante, no banco de trás:

«No smoking in my car, motherfucker!»

O traficante acabou de fazer mais um erro. Talvez bem pior do que ter metido o senhor Svart na prisão. O traficante acendeu um cigarro dentro do carro de Kurtz.

25.

«Fuck», grita Kurtz todo virado para trás, olhando o traficante. «By the powers of mockery this beast is upon me!», vocifera o gigante louro.

«Don't worry», tenta o senhor Svart dizer.

O senhor Svart tenta continuar concentrado na leitura das cartas de Muxima:

Querido Svart, estou sentada num espaço exíguo, escuro. Uma porta encimada por um arco abre-se. Vejo a silhueta escura de um militar contra um fundo dourado. O homem que não conheço, dirige-me a palavra. Não é a primeira vez que sonho com esta voz e com este perfil. O som é anguloso, e das mãos pendem dedos longos. A pele é lustrosa, a boca pequena, os olhos de réptil.

«Procurei-te todo este tempo. Vim-te buscar», disse o homem. O uniforme militar sem forma, sem cor – uma névoa indistinta de pessoa.

Devido ao bater do coração acordo e vejo que, afinal, estou

numa casa alta, num andar muito alto, há um estendal que voa ao vento, com roupa de várias cores, em tons de encarnado. A fachada da casa é amarelo-escuro e a sombra da roupa agitada ao vento muito preta. Fora ouvem-se rumores de guerra, gritos e fogo. Dentro da casa, circulamos em fuga, cumprindo círculos de quarto para quarto. Fujo com o bebé ao colo. Eu e tu – Svart. Fugimos da presença, da presença terrível. Tenho que proteger o bebé.

Neste momento o senhor Svart compreende que a situação dentro do carro não está boa.

«I don't like that!», grita Kurtz apontando para o cigarro do traficante. De repente dá um tremendo murro na cara do traficante. A cabeça do traficante voa para trás. «Don't make that face to me!»

«Eu não fiz cara nenhuma, mô», protesta ele agarrado à cara.

Com uma guinada Kurtz pára o carro na berma poeirenta da estrada e salta para fora do carro. O senhor Svart está a começar a ficar com as palmas das mãos todas suadas e o ritmo cardíaco a disparar. Algo está a começar a ficar fora de controlo. Do banco de trás o traficante geme e gane como um cão aterrorizado. Tecla rápido no seu telemóvel. Alguém lhe atende do outro lado:

«Mandem só os meus putos, rápido, yá! Aqui para a zona do hospital. Estamos por detrás da lixeira. Mandem rápido os miúdos! O Xinganje e a Kaviula! Preciso de ajuda, rápido!», o traficante gane e geme.

Abrindo a porta de trás, Kurtz, o gigante louro, manda o traficante sair. Na mão tem um pedaço de mangueira.

«Get out, motherfucker!»

Nunca chames um cão com o chicote na mão, diz o provérbio africano. O traficante, aterrorizado, enfia-se para o lado oposto do carro e agarra-se ao manípulo da porta, como quem se agarra à vida.

Kurtz arranca o traficante para fora do carro.

A cada grito de Kurtz, o traficante agacha-se em quatro e percorre o terreno num pequeno círculo, gemendo e ganindo, pronto para ser pontapeado. À primeira e segunda vez o senhor Svart não consegue evitar achar a imagem cómica.

«Tu e o teu patrão vão pagar! Vocês são feiticeiros», o traficante grita, geme, gane. «Eu sei que o teu patrão recebe chamadas telefónicas do diabo desde que fez sete anos de idade, e que o diabo lhe dá ordens de como subir na vida. Eu sei que vocês são seguidores do Idi Amin e do Himmler. Eu sei dos vossos feitiços! Lá porque vocês combatiam nus durante a guerra, apenas de ténis, vocês não são invencíveis, iô.»

A cena é cómica. Começam depois a chover as chicotadas com a mangueira e os pontapés.

«O Brigadeiro, sim o Brigadeiro, esse feiticeiro, yá... Ele foi queimado,

sim, ele foi queimado! Foi queimado por aquela maiombola! A mulher cadáver queimou-o! A morta viva, a zombie do caralho, queimou-o! E a puta da velha foi enfiar-se na caixa para nunca mais sair. Para nunca mais sair, iô! Para nunca mais sair, a puta da velha! Vocês... vocês... Não são invencíveis!»

«Vocês não são invencíveis, iô! Vocês não são invencíveis», a voz do traficante desaparece. «Vocês não são...»

Quem passa perto nem pára, nem olha. Demoram alguns minutos até que o homem fica completamente imóvel no chão.

O senhor Svart está ofegante. Agora o homem está inconsciente. Até parece morto. No fim também leva com uma pedra na cabeça.

Nesse momento aproximam-se a correr duas crianças magras como insectos, e vestidas como palhaços.

«What the fuck are you doing here?», pergunta Kurtz.

«Fomos chamados aqui», respondem os dois miúdos em coro.

Kurtz aponta com a cabeça. Os miúdos olham em redor e para o senhor Svart. Apanham o traficante do chão, segurando-lhe cada um num braço e Kurtz nos pés. Metem-no no porta-bagagens, onde está estendida uma lona de borracha verde, como que de propósito para receber um cadáver.

O senhor Svart está tão desconcertado e nervoso que faz o que os suecos fazem quando não sabem o que melhor fazer: começa a fingir que lê mais uma carta.

Querido Svart, estou de volta à minha casa da infância. Tudo está brilhante, fresco, imaculado. Entro em casa. Tudo cheira a flores e vento de Primavera. Vejo o esvoaçar das cortinas, leves contra a varanda, transparentes de luz. Estamos em casa, somos algumas pessoas, amo-as, e agora não me recordo de quem.

Esqueço-me de quem amo e sinto uma ponta de medo por ter esquecido.

De quem me esqueci?

Sinto uma presença, um perigo. A porta de casa, pesada, está trancada, e já não posso sair. A única janela do quarto está fechada. Agora vejo a casa de cima, como se não tivesse tecto. Como se eu pairasse, voando sobre ela. Consigo distinguir todas as divisões.

Subitamente estou de novo em casa, sinto-me pesada e colada ao chão. Colada pelo medo: não há lugar para onde fugir, a varanda está a arder. A varanda está a arder.

O rosto e mãos do senhor Svart estão gelados. Todo o mundo parece estar a arder em seu redor.

O telemóvel do traficante apita, vibra e emite blips contínuos.

«Está morto?», perguntam os dois miúdos em coro apontando a parte de

trás do carro.

«Acho que já não chegámos a tempo de o ajudar», diz a menina Kaviula a rir. «Cumpru o seu destino!»

«Triste destino!», responde o irmão Xinganje com uma gargalhada.

O carro voa pela estrada fora. A música estridente grita pelas colunas do Hummer.

O senhor Svart desiste de tentar ler. Arruma as cartas cuidadosamente, enfiando a foto e a semente junto a elas, dentro do embrulho.

«Isso é o quê?», pergunta o miúdo Xinganje olhando as mãos do senhor Svart.

«Isso é uma semente de embondeiro!», revela a Kaviula.

«Nós somos meninos da rua e vivemos dentro de um embondeiro!», gritam os dois.

«Shut the fuck up!», rosna Kurtz.

«Essa semente é nossa!», explicam os miúdos.

«Só a damos a pessoas especiais!», diz a Kaviula com uma voz aguda.

«A Verónica tem uma igual a essa», confirma o Xinganje.

«Igualzinha», reconfirma a Kaviula. «Tem um segredo escondido por dentro...»

«É mesmo essa! Essa semente é da Verónica! Ladrão!», começam as crianças aos gritos. «Ladrão! Ladrão! Ladrão!»

«Shut the fuck up!», vocifera Kurtz furioso. Agora o carro fica com aquele silêncio desconfortável quando um pai, ou superior hierárquico, perde o controle e grita com um grupo de brincalhões.

As crianças barulhentas diziam a verdade. Verónica tem uma árvore que costuma visitar, no meio da longínqua planície a sul do Dombe Grande, na província muito a sul da Capital. Ela visita este lugar uma vez em cada lua. Tal como Verónica, este lugar tem em si acumuladas as dores do mundo. A casca desta árvore está tatuada por cortes sangrentos. A semente do senhor Svart vinha dessa árvore.

Também em Kalupuka existem as tais árvores que choram todos os males, lagrimando pelos males vistos. É a árvore do Oxipakopako, cuja seiva é apanhada numa frigideira pelas crianças. Essa seiva fica como uma tinta branca, onde se colam os desgraçados dos bundji, que são insectos que atraem passarinhos, que, por sua vez, ficam colados quando vão comer os insectos – para depois serem comidos pelas crianças que depois são comidas pelos adultos.

S

O carro pára de novo depois de guiarem durante mais de uma hora, a alta velocidade para fora da cidade. A paisagem estende-se como se fosse um planeta diferente. O horizonte mais longínquo, uma ribanceira acentuada conduz a uma planície recortada, rasgada por forças incompreensíveis. Por perto o olhar das pessoas por quem passam é o olhar de quem foi condenado a

cem anos de tédio.

E dentro do carro o kuduro a bater selvático diz:

Dança-me pelo fim do amor

Dança-me pelas crianças que nunca crescerão

Dança-me pelo palhaço Xinganje e Kaviula no fim de tudo

Param junto do Miradouro da Lua, fora da cidade.

Kurtz e as crianças carregam o traficante pela ribanceira abaixo.

Agora o senhor Svart vê claramente que o sangue corre, borbulha e espirra. O traficante está morto.

Vejamos friamente, pensa Herr Svart. Um homem comete crimes. Nada lhe acontece, vez após vez. A justiça e polícia, de facto, não nos servem. Um homem infiltra veneno na sociedade, armadilha os clientes, leva pessoas presas por crimes que ele vende. A justiça e polícia, de facto, não nos servem. Estes traficantes e bandidos continuam, década após década, à solta, a piorar as nossas já duras vidas, os nossos já tristes bairros, os nossos já deprimentes destinos. E a justiça e polícia, de facto, não nos servem.

O sangue corre, borbulha e espirra.

Que mensagem gostarias de transmitir a cada um e todos eles, se conseguisses fazer justiça para todos – e por todos nós?

O bairro fica melhor sem traficantes de droga.

Agora os miúdos voltam, aos pulinhos, e Kurtz segue-os, pesadamente, com um saco de plástico na mão.

Este é um novo mundo, com novas lógicas e motivações. A ofensa e o crime são compreendidos de forma diferente. Traficar droga não é crime. Largar cinza no Hummer já pode ser. Ver filmes pornográficos no telemóvel não é vergonha, fumar um cigarro já pode ser.

Svart nascera durante a euforia reprodutiva dos anos 50 e submergira ao estado hipnagógico do coma durante o zénite revolucionário. Entrara em estado de estupor durante o período da fé revolucionária: quando ainda se acreditava que as coisas seriam melhores, pois já não podiam piorar. Pensavam eles.

O senhor Svart acorda agora durante a ressaca pós-pós-colonialista. Passou-se por todo o tipo de falhanços espirituais colectivos, desde o fascismo, o comunismo, o caudilhismo, o capitalismo, o LSD, o amor livre, as revoluções, a globalização, o digital – e o sexo em rede, com metanfetamina. Agora sobra a ressaca das revoluções e o amargo de boca que todas as falácias ideológicas prometeram e, claro, não cumpriram: abortaram-se.

Agora já não se mata por se ser revolucionário ou contra-revolucionário. Agora mata-se por causa dos estofos do carro.

É um ideal melhor: estofos limpos.

O senhor Svart não sente vergonha, apenas medo. A vergonha, no fundo, é um sentimento demasiado sofisticado e complexo para a maioria das pessoas.

Ao serem expulsos do éden, Adão e Eva não sentiram vergonha. Sentiram medo.

O nosso papel tem de se tornar completamente passivo, pensa hesitantemente Svart. Ser como o velho himba ou mucubal que olha as suas cabras e unta a sua pele sob a luz fulgurante do deserto – enquanto, ao fundo, as cidades se esboroam em ruínas. E pouco mais faz do que isso, o resto é apenas o mundo a funcionar em seu redor e a sua alma, por dentro, responde ou não. Age não agindo. É até aí que vai a sua participação e manipulação da realidade: na sua atitude perante a realidade. Apenas. Apenas decide não reagir – e esta é a única decisão consciente e treinada até que já nem se torne decisão nenhuma: já não reage, apenas contempla. A cavilha já não se lhe dispara dentro da cabeça-de-granada. O reactor nuclear sobre os ombros esvaziou-se e agora ecoam os ventos, como uma flauta bem afinada.

E Svart pensa:

«Quero encontrar esse bicho, esse ser enorme, aquilo que quando o vir...»

Tudo o resto deixará de importar.

Engana-se. Kurtz passa o saco de plástico para a mão do senhor Svart.

«Kakutassanda», sussurram os dois miúdos, junto da nuca do senhor Svart.

Dentro do saco de plástico está a cabeça do traficante.

26.

O carro arranca a toda a velocidade.

«Let's eat. I am fucking starving!», diz Kurtz enquanto arranca, rodas a chiar, apontando um dedo indecente para uma carrinha que lhe buzinou a manobra. «And drink. A lot», conclui ele.

Agora estão seguramente atrasados para a palestra sobre a Palanca Negra Gigante e a instalação da antena inaugural da nova estação televisiva.

Já passaram dois dias. O carro avança rápido por entre a poeira.

A cabeça no saco. O saco no colo.

Tenho uma cabeça humana no colo, pensa o senhor Svart.

Acto contínuo a esse pensamento, o senhor Svart atira o saco com extrema repulsa para o chão do carro.

O saco fica entreaberto, e pelo rasgão do plástico, o senhor Svart vê o olho do traficante a fitá-lo. E, nesse momento, tem a certeza de que o homem ainda o vê. O arrepio que lhe sobe pela coluna é intenso e doloroso.

O arrepio é parecido com o que sentiu a ler as cartas de Muxima e a angústia dela em proteger um qualquer bebé, que um qualquer homem lhe fez, após Svart ter partido. Uma ponta de ciúme apodera-se do seu coração.

Talvez o bebé fosse imaginário, uma materialização da sua feminilidade ameaçada pela chegada da guerra. O ciúme parece diminuir com esta explicação. Só que agora, tem a certeza: pelo rasgão do saco, o traficante piscou-lhe um olho, gozador.

Em 1905 o médico francês Gabriel Beaurieux analisou a decapitação de um homem chamado Languille. Imediatamente após a decapitação o médico registou que as pálpebras e os lábios se mexeram durante cerca de cinco ou seis segundos. O homem tentava falar. Então o médico chamou o nome de Languille e... as pálpebras abriram-se devagar e as suas pupilas focaram-se.

Uma falácia provavelmente. *Post hoc ergo propter hoc*: depois disso, logo causado por isso. O galo sempre canta antes do nascer do sol, logo o sol nasce porque o galo canta. O médico chama, e os olhos abrem-se, logo a mente está consciente ao mundo?

Os seis segundos do decapitado... Que verás, afinal, essa mente? E como entende ela o tempo? Quanto tempo durará essa experiência para a cabeça arrancada ao corpo? O tempo psicológico é completamente diferente do tempo cronológico. É *mesmo* relativo. Ninguém entende da mesma forma o tempo decorrido sob o efeito de morfina pura ou em pé numa sala de interrogatório. Será que, para a mente moribunda, esses instantes finais, subjectivamente, parecem tão longos como horas, dias ou anos? Considerem-se os estados oníricos: demoram uma fracção de segundo no relógio, mas em tempo psicológico são emocionalmente tão densos e férteis. Semelhantes a bonecas matrioskas: causas e efeitos, histórias e enredos, condensados num ponto mínimo, uma singularidade armazenada algures na mente. Mas, num momento de descarga (o corpo que se rasga e morre), então revela-se como uma exposição – painéis que se desdobram, obedecendo a uma sequência causal e episódica. O tempo e o espaço, em verdade, não existem. Existe, sim, o movimento.

O tempo é apenas a eternidade em movimento. E, assim, como ondas que se sucedem, ou livros que se apoiam, lado a lado, ao longo de uma prateleira, de evento em evento, surge o tempo e o espaço – pacotes e cachos compactados de desejos e vivências, que explodem numa ínfima fracção de tempo objectivo – fracção, essa, que é sentida como uma vida inteira de tempo subjectivo.

Será que a mente agonizante se vê a reviver a sua própria vida, novamente como protagonista, na primeira pessoa? Vive o mesmo personagem, ou outro?

Existem inúmeros relatos de sobreviventes de afogamento que dizem que «a vida lhes passou integralmente diante dos olhos»? Seria essa vida a «sua» ou de outra pessoa qualquer, com quem a mente, temporariamente, se identificou?

Desde a antiguidade, egípcios, semitas, tibetanos, enfim, todos, apontam para a experiência de um «estado intermédio», um limbo que funciona como plataforma, ou aeroporto entre vida, morte e vida, de novo. Um entreposto na mecânica espiral do eterno-retorno. A mais rigorosa explicação técnica é a fornecida pela teoria dos «bardos». Desses bardos, o mais espectacular é o «sidpa bardo», ou bardo do renascimento. Nesse espaço de tempo, é produzido um universo alucinatório, directamente relacionado com as acções

passadas do defunto. Este universo holográfico (projectado pelo cérebro agónico como consequência das suas volições, intenções e acções), servirá como força propulsora, provocando um novo ciclo de existência.

Do chão do carro, os olhos ausentes do traficante, já não olham o senhor Svart.

A morte é mesmo a única questão de interesse. Existe, ou não, algo para ser visto?

Agora, numa esquina, largam os dois miúdos que se mantiveram estranhamente silenciosos durante a última meia hora. Junto de um dos poucos contentores do lixo da cidade há uma roulotte de bebidas e hambúrgueres. Kurtz manda o senhor Svart sair. Submisso sai, levando o saco de plástico na mão.

«Até ao regresso», dizem as crianças ao senhor Svart. «Essa semente é nossa!»

Junto ao balcão de alumínio da roulotte, o senhor Svart acende um dos cigarros de marijuana do traficante. As mãos tremem-lhe um pouco. Os dois homens encostam-se e começam por beber duas cervejas e depois passam para os whiskys. O senhor Svart começa a sentir-se melhor ao segundo whisky. Esquece o saco que tem na mão. Na realidade nem se deu conta que o tinha trazido consigo. Enquanto esperam pelos hambúrgueres, que fritam numa chapa, vão bebendo.

O senhor Svart evita olhar Kurtz e fica a contemplar o lugar onde deixaram os miúdos. Ainda aí estão. Ficaram junto do contentor do lixo. Estão lá outras crianças também.

Uma das crianças empoleiradas na esquina do contentor tomba para trás. Cai no chão – e tão magrinha de cheirar criolina, acerta-lhe com atraso.

O senhor Svart observa as estranhas crianças, os manos Xinganje e Kaviula que se vestem como palhaços. Ela toda com quadradinhos e risquinhas – e ele todo enfaixado em retalhos, como um espantalho. Agora, de pau na mão, estão a vasculhar entre o entulho. Dentro dos contentores de lixo, escarrados de sangue seco de peixe gorduroso, há cascas de fruta alcoolizada, plásticos informes – e, não raras vezes, uma criança rejeitada à nascença.

Kaviula e Xinganje raspam, com os dentes de baixo, os restos duma casca de papaia, e metem palmadas de arroz queimado pela boca evitando cheirar, para não dar vômitos. Atiram um ao outro punhados de uma massa gelatinosa – e Kaviula ri como só uma menina feliz sabe rir. Dançam um pouco e logo conseguem chinguilar, sentir essa emoção que atravessa o corpo durante a verdadeira dança, aquela dança em que não se pensa em nada – só em sacudir todo o corpo, como quem sacode a morte dos membros.

O senhor Svart não pára de olhar as lindas crianças.

«Esses dois putos são perigosos, além de dançarem assim, também sabem tudo sobre alundumba», diz a mulher obesa que lhes fritou os hambúrgueres. «A arte de te transformares em animais. Aprenderam nas suas aldeias de Sandele e Kavinda. Depois fugiram para aqui por causa da guerra.»

Fica surpreso por a mulher conhecer as crianças e as deixar comer do lixo enquanto frita hambúrgueres.

«Vá, bazem daqui, sacanas!», grita ela como se adivinhasse os pensamentos do senhor Svart. «Bazem feiteiros! Vou-vos bater!»

Continua a fritar.

«Detesto essas crianças», diz ela. «São feiteiros. Se vierem aqui perto, queimo-os.»

Incomodado pelo álcool, Svart afasta-se procurando uma casa de banho.

Encontra um cubículo de cimento, com um buraco infecto no centro e um prego na parede. Decide ver-se livre do saco de plástico, e pendura-o no prego dentro da casa de banho enquanto urina.

A ideia afigura-se-lhe boa. O lugar para deixar o saco de plástico parece-lhe tão improvável que ninguém adivinhará como foi ali parar. Além de que o prego parece estar a chamar pelo saco, tal como uma flor ao abrir chama pela abelha, pensa estupidamente o senhor Svart.

«Tudo ficou em ordem», pensa vitorioso saindo da casa de banho já de mãos livres.

O senhor Svart está imensamente embriagado, pois bebeu e fumou sem ter comido, e já não comia há mais de vinte e quatro horas.

De volta ao balcão o senhor Svart vai começar a comer o hambúrguer, a televisão está no máximo do volume. Na telenovela mexicana Hilário confessa ter traído Silvana e, ao lado da roulotte, surgiram três bebês, que gritam sem interrupção, enquanto um cão lambe os pés de um deles.

Também, como que anunciando hora de comer, a aparelhagem toca um kudu estilo comício comunista – e em frente, um carro estacionado de portas abertas, berra uma kizomba. Nas mesas de plástico em redor da roulotte, onde se bebe cerveja e whisky, todos os homens gritam para conseguirem ouvir-se uns aos outros.

Dólares, mulheres, dólares, mulheres. Guerra.

«Nunca me deitei com mulheres feias – mas já acordei com muitas», anuncia para o público um dos homens, orgulhoso.

«Não existem mulheres feias – só homens demasiado sóbrios», explica outro, ao filho adolescente.

Kurtz, recebendo o seu hambúrguer, decide afastar-se das colunas, aproximando-se do passeio. Logo à primeira dentada um líquido dardeja de dentro, acertando-lhe na camisa.

«Fuck!»

Furioso, Kurtz atira com todo o hambúrguer e batatas fritas para o chão. Logo dois miúdos vêm a correr do contentor, apanham tudo e começam de imediato a comer, enquanto expulsam um terceiro a pontapé. Kurtz acalma-se enquanto três pessoas comem do chão, a seus pés. Sorri.

O senhor Svart cai de novo num estado de desânimo e melancolia. Sente-se castigado pelo tipo de coisas que vê acontecerem em seu redor. De forma egoísta pensa, será que isto é uma punição por algo que fez? Mas, quem come

do chão são três crianças, e não ele.

«Será que estou encerrado num pesadelo de Muxima? Será que ela é o demiurgo caprichoso deste mundo de cara-atrás, e eu estou amarrado dentro desta projecção que Muxima fez da realidade?», pensa estupidamente, de novo, o senhor Svart. «Muxima sempre dissera que eu não a podia abandonar porque a desonrara e bebera do rio daqui. Isto é África. Tudo é possível. Será que existem poderes irracionais, insanos, incompreensíveis a uma mente cartesiana, ocidental, escandinava? Que, apesar de incompreensíveis, sejam efectivos?»

«Porque estou a pensar estas coisas? Estas ideias não me interessam, nem são minhas... São de Muxima. Sim, estas palavras, estas ideias, aquele estranho livro tibetano, tudo era de Muxima. Ela é que me falava destas coisas insuportáveis, exercícios que levam a mente humana a dobrar-se sobre si mesma.»

Agora o senhor Svart olha na direcção da casa de banho e lembra-se das exactas palavras de Muxima:

Kakutassanda é a meditação do cadáver.

27.

A cabeça espreita, pelos buracos do saco de plástico pendurado, num prego.

Sempre permanece uma silenciosa testemunha em tudo o que acontece...

O clamor do ruído não cessa a bordo.

Gemidos e gritos, o sangue que escorre, borbulha e espirra. Lâminas rombas, cordas esticadas, decepam membros e garroteiam gargantas. A caravela, enorme, inclina-se vertiginosamente e com ela todos os seus crimes no convés oscilam na dança, passando de um pé para outro. Balançando, oscilando, a roda da fortuna troca as sortes na dança. De um pé para o outro.

Um oficial português ainda olha para cima, para os causadores da carnificina. O navio pirata, *Ozymandias*, com uma orgulhosa cabeça de dragão, horas antes abalroara a sua caravela, e todos os piratas concretizaram a abordagem contra os seus homens.

A peruca é-lhe arrancada, para que a mão chegue ao cabelo verdadeiro. O cabelo arrepanhado é puxado para trás para expor o rosto ao sol escaldante dos trópicos. É belo, jovem, sem barba. Ao redor dos olhos, rugas precoces comprovam a dureza da vida do mar, do sal, da falta de vitaminas. O cabelo arrepanhado é acompanhado por um gemido, enquanto a cabeça é puxada para trás com a violência duma mão nórdica, inimiga de latinos, inimiga de todos os homens neste barco. Inimiga de todos os homens.

(Uma mão humana é sempre uma mão inimiga de todos os homens.)

É-lhe, então, arrancado o olho com uma ponta de faca, com o cabo feito de osso de rena. O animal que o pirata pastoreava nas vastas tundras sob o sol da meia-noite, entre tempestades de auroras boreais. O pastor, agora pirata, cospe na cara do homem maltratado e atira-lhe o rosto contra as tábuas que

pisa, para este português chorar a sua última súplica de perdão. Por um olho só. Um só olho, que espreita por entre as madeiras aqueles a quem deve dirigir as lágrimas:

Ali debaixo, no porão, movendo-se como sombras, pessoas tornadas sombras por este seu negócio de tráfico humano, o acompanharão na morte precoce – uma culpa sem fim que ele espreita.

Sempre permanece uma silenciosa testemunha em tudo o que acontece...

Entre as tábuas do convés o rapaz português vê a menina, uma sombra de terror, a ser arrastada pelo pirata que acabou de entrar no porão, mesmo debaixo de si. Talvez lhe chore em cima uma lágrima, ténue chuva para apaziguar o fogo do nórdico enraivecido pelo álcool, sangue – e o veneno do cogumelo *amanita muscaria* com que se intoxicou antes de iniciarem o ataque à caravela de escravagistas portugueses.

O gigante ruivo brande a espada, e arrasta pelo braço a menina aterrorizada. Todas as sombras gritam de horror, de saudade dilacerada pelos amigos que não as podem ver nem proteger nem acudir.

Todas as sombras gritam por Kalunga – *oh Deus, oh Deus*, que este bárbaro da cor de um espectro da morte está a arrastar-nos pelos braços, está a brandir uma catana afiada, está a apavorar-nos com os seus olhos transparentes!

O pirata do norte é o famigerado Homem-dos-Mil-Olhos. Desde que começou em *raids* no mar nunca mais viu a sua mulher de tranças, nem os sardentos filhos. Nunca mais percorreu, com uma estranha paz, as longas estepes pontilhadas de dóceis animais e neve. Nunca mais viu o sol da meia-noite. Na verdade, deixou mesmo de ver o sol. Até de dia o astro tornou-se apenas num olho raiado de finas veias de raiva, como os seus próprios olhos injectados, após ingerir a seiva do cogumelo da invencibilidade.

Deixou de ver o sol, por isso precisa de novos olhos, os seus não lhe servem.

O sol é apenas uma acusadora testemunha de Odin, neste combate sem fim da vida humana. Tudo por um banquete de guerra no fim. O Valhalla é carne de porco e álcool puro. Roda da Fortuna, que, na sua dança, logo de um pé passa para o outro. O sangue escorre, borbulha e espirra. Trespasado e pendurado num colar de olhos, onde o bárbaro planeia colocar mil globos, o olho do jovem português testemunha o trocar de passos da dança da Fortuna.

De volta ao convés, esmagando a menina pelo braço, os corpos mutilados de todos os portugueses mortos se misturam com os de muitos nórdicos mortos e feridos. Os oficiais inimigos são melhor tratados: cortam-lhes o nariz com tenazes em brasa; chicoteiam-nos para depois lhes lavarem as costas com baldes de água do mar; garroteiam-nos enquanto lhes cauterizam os cotos das mãos com pez fervente.

Com uivos de dor todos os sobreviventes são degolados pelo Homem-dos-Mil-Olhos, enquanto pela outra mão arrasta a menina em transe de horror com tudo o que presencia.

«Digo-te...», pensa o nórdico fazendo uma promessa absurda a alguém que já não conhece, aqueles que outrora conheceu foi por amor. E disso ele já não sabe nada, portanto já não conhece ninguém. «Quando tiver mil olhos, verei o sol.»

O sangue escorre, borbulha e espirra, correndo como pequenos efêmeros regatos, de volta ao caudal de fúria e raiva, que subjaz a toda esta vida. As botas empapadas correm sobre um convés de matadouro. O caudal que se escoia para o mar, tingindo as bordas da caravela em tons rubros, tomará novas formas, novas modalidades de ser, que incessantemente voltarão a dar corpo a tudo o que neste momento se quer esquecer. Todos os fluidos dos corpos mutilados escorrem suaves para a sua própria foz, engrossando o gigantesco corpo de fúria e raiva do caudal da existência – que escorre, borbulha e espirra – e nunca esquece.

Sempre permanece uma silenciosa testemunha em tudo o que acontece...

«Observa», diz o homem branco numa língua selvagem, que a menina negra compreende pelo medo. Ele aponta-lhe um corpo de um menino português que, ninguém sabe, também foi um pastor antes de o terem embarcado à força. O menino está muito maltratado. O pirata dá uma gargalhada por conseguir assustar uma menina.

«Observa...», chama o corpo morto do pastorinho. O corpo morto que murmura: «Tal como um sábio vendo um corpo morto, dividido em partes, desmembrado, inchando de hemorragias, azulado de sangue pisado, assim eu quero que apliques esta percepção ao teu próprio corpo e penses – *verdadeiramente o meu corpo, também, é da mesma natureza; nisto se tornará e a isto não escapará.*»

A menina estrangula um soluço, pois sabe que vai sofrer. Mas, também, acabou de descobrir que é mais do que o seu próprio corpo. Está prestes a deixar de ser escrava. Pois, apesar dos corpos destruídos e dos sopros perdidos...

Sempre permanece uma silenciosa testemunha em tudo o que acontece...

O pirata dá uma gargalhada. O homem do rosário, com contas de mil olhos mutilados, atira a menina pela amurada fora após tê-la estuprado.

«Restituo-te, assim, a tua dignidade, escrava», murmura enquanto as ondas gigantes a levam como frágil espuma.

Quando o *Ozymandias* se saciou de milhares de guerras, e de milhões de litros de sangue, entrou como uma baleia suicida pelo deserto dentro. Aí vomitou prolongadamente algum do sangue que o ressacava. Como um velho bêbado, intoxicara-se até ao fel do cálice.

«Um coração humano bombeia 343 litros de sangue por hora, 8000 litros por dia e três milhões de litros de sangue por ano», pensou para si mesmo o velho navio, com uma profunda repulsa. «Três milhões de litros por ano, por cada homem...»

O sangue escorre, borbulha e espirra.

A este barco, vários milhares de homens dedicaram toda a sua vida, do primeiro ao último bater cardíaco. A muitos outros, homens e mulheres, o navio reclamou, duma só vez, todos os pulsares a que os seus corações ainda tinham direito: roubou-lhes o da paixão pelo amor saudoso; esmigalhou o da despedida forçada e nunca redimida; cortou irreversivelmente o de um reencontro agora interrompido...

Todo esse seu sangue pertencia às suas tripas de aço e madeira. Até que o sangue o enjoou de morte. Em todo o seu redor, esses milhares de homens e os seus milhões de litros de sangue tornaram o mar insuportável, inabitável, uma agonia intragável – e o navio *Ozymandias*, como uma fera, cego de fúria e intoxicado, arremeteu em fuga – uma besta perseguida pelo fogo.

E o *Ozymandias* meteu-se pela terra dentro, uma visão aterradora para quem assistiu: um enorme navio, altiva cabeça de dragão, a arrastar-se pelo deserto da costa namibiana dentro, a sul dos portos de escravos dos portugueses e holandeses, onde criminosos compram pessoas a Sobas irresponsáveis e mais outros líderes corruptos.

O *Ozymandias* avançou até onde pode, a carcaça suicida pela areia, e parou junto das dunas, já bem longe do mar. E vomitou.

O mastro ergue-se imponente no meio das areias. A cabeça gigantesca do dragão, enterrada até ao queixo, está rachada pelo meio das ferozes sobranceiras, cortando em dois os lábios de cruel autoritarismo e comando.

O sangue escorre, borbulha e espirra. O navio pirata expandira um império de terror – e contribuíra para uma longa lista de conquistas humanas que em tudo orgulham a nossa raça assassina.

Percorrera, glorioso, o Norte e Sul das Américas onde, sob a mão humana, já foram extintos três quartos dos mamíferos de grande porte. Percorrera a Europa e a Ásia onde já metade de todas as espécies de grande porte também desapareceram. *Ozymandias* sentia-se verdadeiramente grande, e tinha razão. Na sua viagem à Austrália descobriu que noventa e cinco por cento de todos os grandes animais já não o eram mais. Então decidiu ir para África e começar a predação humana também.

Um *delirium tremens*, uma intoxicação excessiva fazia o velho e orgulhoso navio abanar, chocalhar, tremer. As tábuas cediam, as velas enrugadas rasgavam-se, o mastro pendia perigosamente para um lado ou outro, ameaçando quebrar-se sobre o resto do corpo. As gaivotas e os albatrozes rodeavam-no. Na costa do Senegal e de Bombaim também os abutres o seguiram durante horas. Gemendo ao vento, uivando sob as ondas ardentes, o Homem-dos-Mil-Olhos ouvia o monstro marinho agonizar enquanto procurava para onde fugir, enjoado pelo oceano de sangue – onde, a custo, cortava ondas vermelhas, de encontro a pores-do-sol, também eles, vermelhos, junto às costas desérticas do Kalahari. E o *Ozymandias* afundava-se enquanto os tubarões lhe chicoteavam o leme:

«Observem, loucos! Tal como um sábio vendo um corpo a ser atirado para

um cemitério, a ser comido pelos corvos, falcões, abutres, cães, chacais ou outros tipos de larvas, assim apliquem esta percepção ao vosso próprio corpo e pensem – *verdadeiramente o meu corpo, também, é da mesma natureza; nisto se tornará e a isto não escapará.*»

E entrou areia adentro, dunas adentro, assinando com o corpo o fim do seu mapa. No casco arreventado do navio, sob a ditatorial cabeça do dragão está uma placa escrita:

«O meu nome é *Ozymandias*, rei dos reis dos mares: olhai os meus feitos, ó Poderosos, e desesperai!»

E desenhando a sua vontade por meio de um rasto pela areia, ficou enterrado até ao pescoço diante de uma ruína de antigos colonizadores. Passadas horas, a areia estava de novo lisa pelo vento e a sua assinatura perdida – para sempre desaparecida, em toda a extensão ao redor daquele colossal naufrago.

29.

Quando o nórdico avistou o proprietário da ruína, sentiu o que os homens sentem quando se cruzam com outros homens.

Vontade de aniquilar.

Ao longe o proprietário da ruína vira o navio rasgar as dunas e morrer sem som. Estava sentado a contemplar o mar da janela da sua ruína colonial, no deserto junto do rio Cunene. Depois calculou que a sua casa seria cobiçada, tal como ele próprio a cobiçara antes.

Soube que aquele gigante ruivo, que caminhava na direção da sua casa, queria ficar com ela.

Era uma ruína muito muito grande, mas dois homens nunca dividem nada. Isso é histórico e vai contra o espírito humano. A questão não está propriamente no *como* ter algo, mas sim no *como* garantir que o outro não o tenha. Talvez seja esta a verdadeira política subjacente a toda a ciência económica: garantir que o outro não tenha, independentemente do quanto existe.

O mercenário do norte, com um rosário de olhos em torno do pescoço, diz-lhe:

«Precisava de matar mais dois homens para saciar a minha conta e terminar o meu rosário de dor», arqueja enquanto se aproxima. «Como só existes tu, arrancar-te-ei um olho e depois esperarei por mais alguém.»

O proprietário da ruína refugia-se dentro de um Quarto Mágico que existe naquela casa, tal como existe um nas casas de toda a gente.

«Se me deixares ficar neste quarto, ficas com o resto da casa. Aqui vivo a paz», explica o homem.

«Que existe aqui que te faça renunciar a um bom combate?», pergunta espantado o pirata nórdico.

«Neste quarto, de onde quer que me posicione, apenas vejo três paredes. Sou totalmente livre», explica o proprietário da ruína. «Posso mudar de

posição, sentar-me, deitar-me – ir para ali, ou acolá – que do meu ponto de vista nunca vejo a quarta parede. Atrás de mim tenho sempre um espaço infinito, e diante de mim gosto de colocar a vista do mar, agora manchada com o cadáver do teu barco. Também isso desaparecerá.»

O pirata inspecciona o quarto que nada tem de especial. Uma varanda de um lado, uma porta do outro, com um saco de plástico furado, pendurado ao lado da entrada. O deserto pela frente é cortado pela linha fulgurante, em azul violento, do mar. O sol africano queima toda a paisagem com a sua presença e testemunha. O nórdico escrutina todo o seu redor.

De facto, para onde quer que olhe apenas vê três paredes! A quarta, a que está imediatamente atrás de si, é invisível, é sempre um espaço aberto, sem fim. Muda de posição, continua sem nunca conseguir ver a quarta parede. Este quarto é mesmo mágico, duma liberdade total. Poderia colocar uma cadeira, de modo a ficar com o mar diante de si – e a parede da porta, pela qual entrara, desapareceria, e ele ficaria, assim, como que numa cabine de convés, com todo o infinito para trás e todo o oceano pela frente.

Olha, junto à porta, o saco de plástico pendurado de um prego na parede.

«O que tem aí dentro?», pergunta.

«Uma herança, uma cabeça humana», responde o proprietário. «O anterior dono desta casa. A condição de proprietário implica sempre a morte de outra pessoa.»

O nórdico abre o saco e pega na cabeça. O riso dos dentes quebrados é como o bater das ondas no casco dum navio desamparado, e como o sopro desesperado dos escravos atirados borda fora, em alto mar.

A caveira sorridente sussurra:

«Observem, loucos! Tal como um sábio vendo um crânio, atirado para um saco, reduzido a ossos esbranquiçados, da cor de conchas polidas nas rochas da praia, assim apliquem esta percepção ao vosso próprio corpo e pensem – *verdadeiramente o meu corpo, também, é da mesma natureza; nisto se tornará e a isto não escapará.*»

«Se esta cabeça está aqui, é porque tu próprio não aceitaste a proposta que me fazes», conclui o nórdico atacando o outro homem até à morte.

Depois de se descartar do velho crânio, atirando-o ao mar, decepa a nova cabeça, arranca-lhe um olho que acrescenta ao seu rosário de globos irados. «Só me falta um e voltarei a ver o sol da meia-noite, mesmo daqui, do meu Quarto Mágico, das duas paredes e mar pela frente.»

E pendura o saco de plástico, com a sua herança de proprietário, atrás de si, no prego ao lado da porta.

Os anos passam no Quarto Mágico até que o navio *Ozymandias* se torna um esqueleto sem carne, apenas tendões secos – e daí passa a ossadas desgarradas, uma mão solta aqui, uma canela porosa ali –

vai quebrando-se sozinho, em estalidos secos, em poeira e areia.

A partir de certa altura é apenas um desenho fóssil na areia. Uma impressão digital de cobra nas dunas. Uma pegada que se desvanece.

Sentado na sua cadeira, o nórdico olha o mar e, para trás de si, aprecia o sabor do infinito espaço que a quarta parede lhe oferece. Olha a parede da direita, as suas rachas e manchas do tempo e idades. Olha a parede da esquerda, onde a areia se acumula até à altura dos joelhos em montinhos fofos e brilhantes, que não cessam de aumentar, invadindo tudo.

Diante de si, o mar. Infinito: Kalunga.

Atrás de si, o mistério. Infinito: Kalunga.

O pirata já esqueceu o porquê de estar ali. Apenas vê as formas, efémeras, surgirem e desaparecerem. Vê as ondas no mar que se formam, rugem como leões, e desabam mansinhas na borda da areia. Vê as tempestuosas nuvens formarem navios de guerra, combaterem com trovões e relâmpagos, para depois, no fim, contemplar o sorriso de um arco-íris entre os farrapos de chuva que se dissipam. Vê que a pedra é apenas um remoinho do mar, cristalizado – e que uma duna é apenas uma onda maior, mais lenta. Observa a carne das suas mãos a desaparecer, a minguar como as sucessivas luas, entre as falanges que se vão tornando líquidas. Sente a sua cabeça a tombar, ora para um lado, ora para outro.

E um dia ela chega. A mulher negra queria terminar também com a sua dor, a sua raiva, a sua revolta. A sua injustiça. Desde que tinha sido atirada borda fora procurara este homem para lhe fazer compreender que nada fica por fazer, nem por terminar.

O corpo apodrecido do pirata olha em frente. Um falcão voa para longe do seu colo. Como quem fizera um cómico esforço para ver algo que não consegue, a língua esfarrapada espreita da boca, e um olho está pendurado. O outro já foi comido pelas aves de rapina.

A mulher pega no derradeiro olho e enfia-o no rosário de pecados que o nórdico tem ao pescoço, debaixo da camisa – cumprindo-lhe, assim, o destino. No próprio fio só a sucessão de maldades sobrou. A mulher descola a cabeça do corpo, olhando o crânio do assassino. Enterra o corpo, queima o rosário agora completo – e coloca a cabeça dentro do saco, substituindo a anterior. Pendura-a no prego ao lado da porta.

«Acabou-se a tua saga Homem-dos-Mil-Olhos», pensou a mulher. «Encontrei-te a tempo de te fazer ver que...»

Sempre permanece uma silenciosa testemunha em tudo o que acontece...»

E pelos buracos no saco de plástico a caveira espreita o quarto que se transforma em areia. Ao longe, o mar em cristas gigantescas recria, de si mesmo, o tumulto e a dissolução.

PARTE 2

Era digno de se ver este espectáculo, contava ele, como cada uma das almas escolhia a sua vida. Era, realmente, merecedor de piedade, mas também ridículo e surpreendente. Com efeito, a maior parte fazia a sua opção de acordo com os hábitos da vida anterior.

(A República, Capítulo X, Platão)

Tenta respirar. Inspira, expira. A sede é insuportável.

O velho Svart continua deitado, sem se mexer, dentro de uma poça de suor.

Não se mexe. Está num estado de estupor profundo, mas ouve tudo. Está deitado num colchão, algures dentro de uma das muitas divisões atulhadas, da casa do Brigadeiro-e-Bispo. A casa respira, pesadamente, como uma criatura maligna, subida dos fundos do mar. O problema das drogas é que o efeito passa.

Não, isto não foi droga, nem álcool. Foi um pesadelo horrível. Uma meditação do cadáver, e esse cadáver sou eu, sem me saber morto. Rondo como vagabundo dos limbos em busca de algo, algo precioso escondido no dédalo dos infernos.

Tivera um pesadelo horrível nas areias do deserto. Ele tentava ver algo que não conseguia. O senhor Svart não era o senhor Svart, mas também era.

Lembra-se da cabeça num saco de plástico. No pesadelo ficou-lhe a nítida sensação de que há uma impessoal testemunha que a tudo subjaz. O que há de tão importante para ser visto?

O senhor Svart subitamente pensa:

Não há nada pior do que buscar por algo de que todos falam – mas ninguém viu.

E depois pensa:

Talvez eu não queira, no fundo, encontrar a Palanca. Talvez eu autoboicote a realização do meu mais profundo desejo, por suspeitar que a sua concretização seja o meu fim. Talvez tema que ao

alcançar aquilo a que mais aspiro, se revele incompleto, insuficiente, uma decepção. Talvez o meu desejo seja impossível de realizar porque *não estou a querer*, na verdade, realizá-lo. Talvez eu suspeite que se avistar a Palanca Negra Gigante já não sentirei nada, apenas o vazio deixado pelo sucesso da conquista. A caçada, o jogo de sedução é, se calhar, bem mais interessante do que o golpe de misericórdia – o próprio matar da conquista.

Como aconteceu com Muxima.

Talvez eu queira continuar a viver para sempre, e para isso preciso de desejar para sempre – e para poder desejar para sempre não posso alcançar plenamente o que desejo – e a Palanca esconde-se, ilude-me, para que eu continue vivo.

Porque nunca mais começa a expedição? Porquê este protelar?

Kurtz e Svart haviam chegado noite dentro. Algumas das pessoas que assistiram à palestra vieram terminar a noite na casa do Brigadeiro-e-Bispo. Aqui ainda se serviu whisky, comeu-se feijão e arroz e viu-se um DVD de mais uma qualquer palestra pública do Brigadeiro-e-Bispo.

Entrando no escuro da noite, pela casa de paredes enegrecidas, Kurtz

atirou com o velho Svart para um pequeno colchão chinês, num dos inúmeros quartos carregados de gente.

O corpo do velho Svart dói-lhe. E no escuro pensa.

Lembra-te.

Lembra-te daqueles instantes quando eras e sentias aquilo – a alegria apaixonada, sem causa, sem razões – apenas existir, ser. A certeza da presença e promessa.

Talvez queiramos passar a vida toda em busca de algo, adiando a felicidade.

Talvez toda a existência decorra dessa negação. Toda a vida na terra seja essa negação. Vamos dizendo que «não e não e não». E o círculo, fechado sobre si mesmo, vai-se repetindo, de novo e de novo. O tempo é a negação do eterno. E, finalmente, quando dissermos que «sim» por uma vez – todo este universo desaparece, o tempo termina e... encontra-se o que se procurou.

Talvez o silêncio e a eternidade – o braseiro imóvel – seja a única realidade e verdade. O sim eterno. E toda a nossa vida seja esta repetição, este eterno retorno, causado pela teimosia do não. O círculo ilusório causado pela brasa que é rodada no escuro. Mas, vamos dizendo que não existe verdade, vamos insistindo que esta ilusão toda – o dinheiro, o nacionalismo, a raça, a guerra, a conquista – vale o esforço.

O velho Svart arqueja no escuro. O velho Svart diz, agora em voz alta:

Eu já não tenho mulher nenhuma para envelhecer comigo. Perdi Muxima, e perdi a minha vida toda.

E, assim, neste desastre descobrimos que *aquilo* que desejámos nunca fora antes atingido porque não o quisemos ver. Preferimos o vício da busca, e do querer por querer. *Aquilo* que nos faria completos sempre esteve connosco – vivemos vidas inteiras de indigência, como mendigos esmolando nas ruas, enquanto um diamante, um rubi esquecido, nos balançou no bolso encardido da nossa miséria e ignorância, durante anos e anos e anos.

Tenta respirar. Inspira, expira. A sede é insuportável.

A Palanca Negra Gigante que ninguém consegue avistar.

E o velho Svart continua deitado, sem se mexer, dentro de uma poça de suor.

Uma casa cheia, claustrofóbica, improvisada. Um apartamento de ocupas marginais, vivendo a monte, valendo-se pelo elevado número, um covil de indigentes, sem eira nem beira, tribalmente congregados em volta de um animal mais forte, um militar religioso, um vector de atracção, uma promessa, um sentido de vida colocado numa qualquer guerra.

O susto de quase ter ido parar a uma cela ainda impede Svart de descansar apesar de estar imóvel, apesar de a noite estar avançada e o corpo lhe doer todo. Especialmente doem-lhe as canelas e as costas. Será o paludismo? Teria sido infectado por algum mosquito do paludismo na prisão?

O desaparecimento da bolsa com o Tramadol e outros remédios não ajuda. Ao chegar a esta casa, o velho Svart deitou-se e adormeceu durante vinte

minutos, e nesse curto espaço de tempo teve um sonho intenso. Depois acordara e não se conseguia mexer. É uma coisa que acontece com a velhice: dormir intermitentemente, curtos mergulhos nos abismos da memória, analepses que abrangem nacos inteiros do passado, revividos de forma cristalina, como agora.

A imagem do seu amor, sob a forma de criança, ainda lhe queima os olhos. Vê a mulher que mais amou – como se a visse na infância que ele não conheceu – a infância dela.

Onde está Muxima? O que lhe aconteceu? Desapareceu no tsunami da revolução e da guerra? Se ao menos, ele, o jovem Svart, tivesse combinado tudo com ela. Tivesse marcado um reencontro, lhe tivesse dito o que ia fazer, e como encontrá-la depois.

Não. Fora cobarde: escrevera uma carta e entregara-a a um menino sem nome, um menino da rua, para se despedir de Muxima.

Não lhe dissera que ia partir de viagem, em missão. Não lhe dissera nada. No dia anterior estivera com ela e encobrira o seu espírito. Nem a encarara, nem se despedira com um abraço, nem prometera voltar.

Nada. Apenas mandara uma carta pela mão de um menino sem nome. Quem era esse menino? Será que entregou a carta?

Agora o círculo fecha-se: e o velho Svart recebe as inquietantes cartas de Muxima, entregues pela mão de um milagre. O que será pior? Receber uma carta por via de um milagre, ou entregue pela mão de um menino sem nome? Até nisto Muxima mostrara ser superior a ele.

O velho Svart mete a mão ao bolso e saca o molho de cartas, mais a foto e a semente.

Subitamente fez-se luz na sua mente. A Muxima em criança que Svart viu no sonho é a menina da foto. O seu cabelo, dourado e queimado, é muito diferente. Por isso não a reconheceu. É ela.

Olha a foto da criança triste e de cabelo louro. É igual a Muxima, não é Muxima. *Ergo*, pensa Svart, é a criança de Muxima. A tal criança que Muxima refere tentar proteger nas cartas que lhe escreveu. A filha de Muxima, murmura o velho com um profundo desconforto e ciúme. O traidor foi traído, pensa o velho Svart injustamente.

Senta-se na cama a custo. Está numa cama estranha, numa casa estranha, num país estranho, numa missão estranha – e demasiadas coincidências são sempre estranhas. E encontrar por várias vezes seguidas as mesmas pessoas que, afinal, foram as causadoras do seu regresso a África – estranho, de novo. Svart levanta-se da cama.

As costas doem-lhe e as pernas, também. A garganta arde-lhe com sede. Tem uma sede descontrolada, insuportável. É por isso que não consegue dormir.

O calor da Capital escorre em forma de suor espesso, argiloso, e gorduroso – como petróleo. A partir do momento em que restabeleceram a corrente eléctrica pública, o quarto ficou todo iluminado pelas luzes de alguns

prédios vizinhos, recentemente construídos –

muito especialmente um prédio chinês onde passam desenhos animados em toda a altura dos seus quinze andares.

Pela noite fora o rato Mickey corre dum lado para o outro, desesperado, em busca de qualquer coisa. O rato Mickey procura freneticamente como um bicho que fareja a sua própria merda em cima do focinho, mas não dá com ela por mais que busque a origem do cheiro.

As janelas e varandas dos prédios que não têm luz parecem olhos e grutas cegas. Bairros inteiros, de prédios altos, vibrando no escuro. Apinhados de gente, os telhados e varandas dos prédios degradados suportam milhares de silhuetas de estudantes e professores, que lêem os fascículos de escola à janela, aproveitando a luz do prédio do Mickey chinês.

A luz fria e fantasmagórica entra agora pela sua janela, e bate na parede do fundo. Alterna entre o azul e o vermelho. Ainda está entorpecido pelo seu sonho da criança, a garganta arde-lhe demais pedindo água, de imediato.

O velho Svart dirige-se ao corredor e pára. Horas antes a sala estivera cheia de gente, criados, familiares de criados, serviçais, gente associada de alguma forma ao dono da casa, muitas das quais viviam mesmo ali, dormindo espalhadas por colchões que durante o dia eram amontoados, em pilha.

Na entrada exterior do apartamento, junto do elevador transformado em conduta do lixo, também dormem guardas e outros serviçais. Os oito andares do poço do elevador estão cheios até cima dos dejectos dos habitantes do prédio. Nas escadas improvisam-se nichos, pequenos quatinhos, e todo o espaço está aproveitado como uma colmeia bem recheada.

Na cozinha, onde agora o velho Svart tenta encontrar água, vivem pelo menos três pessoas com dois bebês.

Svart avança no escuro às apalpadelas, entre ruídos de quem dorme. Queixumes, choros em surdina, gemidos, frases soltas – a casa está cheia – e encontra o lava-louças.

Roda a maçaneta, nada de água. Toca com os dedos no bocal da torneira. Está seca. Svart procura em redor. Não há garrafas de água em lado nenhum. O frigorífico abre uma boca fétida, com o hálito de já estar sem electricidade faz muito tempo. Dentro do frigorífico, um pedaço bruto de carvão tenta absorver os cheiros.

Nada fresco, apenas mau cheiro e uma garrafa de whisky na porta. Que se lixe, pensa Svart. Svart bebe do gargalo com sofreguidão. Cospe, tosse, engasga-se – tudo lhe arde por dentro. Pragueja, cospe de novo, insulta.

«Nem água, que demónio!»

Bebe mais uns golos para tentar ficar anestesiado e dirige-se para a varanda. Pisa duas ou três pessoas ao atravessar a sala. Dois miúdos, deitados num colchão com cinco adultos, estão acordados a olhar para o tecto. Falam baixinho entre si e riem de alguma partida ou segredo. Observam as imagens que têm memorizadas no telemóvel. Riem como pequenas hienas.

Junto à saída para a varanda há uma mesa com um computador de última

geração. O ecrã está rachado e nele o velho Svart vê as imagens confusas de uma palestra, que mais parece um comício. É uma filmagem colocada no Site do You Tube.

Uma voz sussurra pela pequena coluna do computador. O orador que fala está sentado numa cadeira de rodas. O seu rosto é o de um homem gravemente queimado. Vários retalhos de pele de cor diferente combatem pela conquista do território, enxertados uns nos outros à força. A voz é insidiosa porque é mediada por um aparelho amplificador, devido à traqueotomia:

«Os senhores compreendem que tudo está orientado para o mesmo objectivo. Todo o financiamento, todo o dinheiro gerado nos próximos tempos tem como propósito o evento. O acto. O acto que será testemunhado por todos. O acto que servirá como impressão indelével, imagem de marca, cadeia de informação, proteína conquistadora.»

O Brigadeiro-e-Bispo está a falar da inauguração da sua estação televisiva.

O senhor Svart pergunta-se porque estará o homem tão gravemente queimado. O Brigadeiro costuma explicar às pessoas que foi uma iniciação que lhe foi feita na antiga União Soviética. Quiseram fazer dele um exemplo do Homem Novo. Tiraram-lhe a pele, esfolaram-no vivo, para que uma nova pele, sem qualquer ligação ao passado, crescesse pura. Acrescenta que lhe fizeram uma ampliação vocálica e mexeram-lhe com os genes. Tornou-se um homem especial, esse novo homem sem História, em cuja carne renascida iria crescer uma nova película de compreensão. Que nunca cresceu.

O velho Svart puxa de uma cadeira e senta-se a ver o que o computador lhe mostra. Espalhadas no chão, várias pessoas dormem, outras olham-no.

Esta gente... são espectros famintos, pensa o senhor Svart. Gente atraída das trevas para as trevas. Saem dos seus buracos e metem-se noutra. Assistem a reuniões, vão a palestras, arrastam-se pelos seminários, bastante semelhantes aos de académicos universitários,

ou aos dos alcoólicos anónimos e traumatizados sexuais, e procuram conquistar algo importante, porque toda a aura é de que algo importante está a acontecer. Depois, terminados os encontros, agrupam-se à volta de alguém altivo, seguem-se uns aos outros, vão parar às portas de restaurantes, entram em apartamentos alheios, para, no fundo, comer e beber. No fim acaba-se nisso, a querer comer e beber. Talvez trocar números de telefone com alguém atraente. Comer, beber, fugir da vida entediante, ser perflhado por alguém que nos diz ter uma solução. Querem ser adoptados por um líder, um salvador, um homem de autoridade. Querem agachar-se ao sagrado e ser penetrados pela grandiosidade dos mestres, dos iniciados. Pela peida adentro.

Svart olha para uma mulher ao acaso. Aquele monte de carne anónimo, por incrivelmente insignificante que seja, também tem uma história. Ali ao lado, uma mulher deitada, uma qualquer miséria comum de bairro, igual a milhões de outras mulheres. Noutro ponto da sala dormem os pais que mataram um menino, para obterem os favores do feitiço. Mas depois não

subiram no emprego, nem ficaram ricos, e agora enlouquecem de remorso. É por causa do feitiço, dizem as pessoas, acertando. O feitiço funciona, dizem as pessoas, falhando.

Espalhadas no chão, várias pessoas dormem, outras olham-no, agachadas perante o sagrado.

2.

O velho Svart vê o vídeo da CEFÉ na Internet e não compreende o que está a ver. Todo o discurso lhe parece de pendor místico e bélico. O tom de voz do Brigadeiro-e-Bispo tem a insistência de quem nos quer fazer acreditar em algo, sem sabermos o quê. Uma insistência prosélita, fanática – de alguém desesperado por passar uma qualquer mensagem, transmitir uma visão. O buraco na garganta, onde encosta o aparelho, torna todo o jogo de programação neurolinguística mais manipulador e abstracto.

O Brigadeiro-e-Bispo quer que se acredite nele. Acreditar não quer dizer que se compreenda.

Dizer eu aceito, sem compreender, é jogar à roleta russa.

Forçar-se uma pessoa a acreditar e a aceitar algo, sem a compreensão, não é algo espiritual ou intelectual: é político.

«A CEFÉ é uma verdadeira igreja política! Bem-aventurados os competitivos de coração pois deles será a terra. Salvé a todos os que querem herdar o mundo», murmura um bêbado ao lado do velho Svart.

No vídeo promocional da antena da CEFÉ, a melodia de sintetizadores sobe em conjunto com a batida da bateria. Os braços do Brigadeiro-e-Bispo levantam-se a partir da sua cadeira de rodas.

«A crença sem necessidade de provas, nem fé, é a própria natureza da política», enuncia acertadamente o Brigadeiro-e-Bispo. «Nós amamos a política, pois é a arma da conquista social, da progressão material. A política é o *primo mobile* da dialéctica de conflito.

Igual à sede de *ter*, só existe a sede de *ser*. Quando isso nos é negado (pois ninguém pode *ser* sem *ter*) então surge a sede do *não-ser*, da auto-aniquilação.

É preferível o nada universal à insatisfação do eu pessoal.»

Um homem deitado num colchão da sala diz em voz alta:

«A única maneira de acabar com os problemas das raças é haver uma vingança massiva. É essa a maior conquista almejada pelo eu colectivo negro: durante um período histórico os negros fazerem aos outros o que lhes fizeram a eles. Veja-se os israelitas: estão a desferrar-se – não importa contra quem. Lei de talião. Olho por olho, dente por dente. Todos nós já sonhamos ter um escravo branco. Com o Brigadeiro-e-Bispo isso vai acontecer. É a redenção da história. E depois, um dia no futuro, saciada a sede de *ser*, poder-nos-emos considerar todos como iguais, de novo.»

Terminada a intervenção, vira-se de costas no seu colchão.

Cada um entende as promessas do Brigadeiro-e-Bispo de acordo com a

sua própria capacidade de entendimento. O que o Brigadeiro-e-Bispo planeia, de verdade... isso ninguém sabe. Ele quer criar uma bomba imagética obscena e difundi-la pelos meios tecnológicos acessíveis. Porque tudo aquilo que se vê num ecrã é considerado verdade.

E, melhor: é imitado. Não pela nossa consciência, mas pelo animal dentro do nosso cérebro.

Tudo o que se vê num ecrã induz uma reacção imitativa automática no cérebro de um humano. O sistema de neurónios espelho, espontaneamente, dispara quando vemos alguém a fazer algo. É um sistema automático, sem mediação consciente, sem livre-arbítrio, sem escolha.

Monkey sees monkey does.

É como se o observador, enquanto vê algo num ecrã, se estivesse a ver a si mesmo, ao espelho, a realizar essas tais acções. Tudo o que já foi visto foi, de certo modo, executado por quem o testemunhou.

É este o poder da imagem, e da tecnologia que a difunde.

Mais adiante o discurso torna-se ainda mais obscuro. O Brigadeiro-e-Bispo promete às pessoas a possibilidade de se alcançar tudo o que mais se deseja – e a tecnologia é o instrumento. Por meio da tecnologia, do digital e virtual, cada um de nós poderá viver para toda a eternidade. Como? Haverá uma ressurreição total, de cada corpo, tornado virtualmente perfeito, pela via tecnológica, quando todo o universo passar a um novo e melhor plano de existência, na abstracção electrónica dum metaverso, ou ciberespaço. A verdadeira segunda vida, e segunda vinda, quando todos os grandes homens forem eternizados por via duma memória digital, dentro dum super-computador indestrutível (com nanopartículas auto-regenerativas) que *ad eternum* vogará no espaço, mesmo após a destruição absoluta do actual planeta ou sistema solar.

Difícilmente o senhor Svart acompanha o Brigadeiro-e-Bispo. Mas sente-se mesmerizado pela sua eloquência.

No Site, o Brigadeiro-e-Bispo relata como viveu uma «experiência-limite e transformadora», uma activa «ressurreição-de-outro-corpo» durante uma orgia cibernética, de ligação em rede, no computador duma clínica para queimados, no Brasil (suposto país de origem da sua actual estrutura doutrinária). No mundo digital, com a estimulação cerebral correcta, por meio de substâncias psico-activas, vive-se a glória do «puro corpo desejante, a máquina de repetição infinita».

«O corpo não é templo de nada – está vazio de fantasma. O corpo é um interface», descobrira o Brigadeiro-e-Bispo. «Todo ele cabos de transmissão e fibras de comunicação para ser submetido ao poder das imagens. É um receptor-transmissor de imagens. A resposta é prazer e dor.»

Fora aí que também recebera a «transmissão oficial» de ministrar cerimónias religiosas, e o título de Bispo, numa das congregações da Ayahuasca, das favelas de Minas Gerais.

«Queremos sentir o toque da abundância, e o seu poder, não é?», pergunta

o Brigadeiro-e-Bispo esfregando polegar e indicador, num universal sinal que diz: dinheiro, dinheiro, dinheiro – dinheiro roçado entre os dois dedos. Dinheiro e sexo, tudo o que os homens querem. As duas verdadeiras causas de guerra no mundo.

«Vocês têm de ver. Vocês têm de visualizar o que querem. Queiram dinheiro e terão dinheiro. Queiram o caos e terão o caos. Vejam o futuro e ele assim será. Vejam o poder e ele assim será. Vejam o que quiserem. A imagem atrai a forma.»

No vídeo o Brigadeiro-e-Bispo Augusto fez silêncio e aponta a mão, como uma lâmina, para o alto. De olhos fechados reza:

«Eu não vim trazer a paz, sim a espada. Assim nascerá a nossa estação emissora televisiva. A sua inauguração é a nossa grande conquista.»

Um suspiro atravessa a sala. O senhor Svart sente um arrepio.

«Essa espada é política. E a política é a gestão do poder da violência no seio de uma sociedade. Chegou a hora de reclamarmos para nós esse poder. Chegou a hora de sermos gestores da violência, e não as suas vítimas.»

«A César o que é de César! A nós, povo: o dinheiro, o prestígio e o poder! A nós o 666!», grita uma das bêbadas da sala, em êxtase.

Como que a responder, o vídeo rosna:

«Gritem irmãos, utilizando o poder da verbalização e o poder da visualização e o poder da imaginação – chamem pelo que querem, pois já é vosso! É tudo nosso!»

No vídeo algumas das pessoas do auditório fecham os olhos, juntam as mãos ou levantam-nas aos céus para receber os poderes da sua própria projecção.

«Verbalizem: digam o que querem! Visualizem: vejam o que querem! Imaginem: toquem e sintam o que querem!

Querem carro, emprego, mulher ou homem?

Querem casa, férias? Querem saúde? Querem longevidade?

Querem... dinheiro?!

Projectem e acreditem sem provas, nem fé! Pois o poder da política reside nesse grande milagre! Acreditar sem provas – apenas resultados!»

O Brigadeiro-e-Bispo faz então o milagre da noite: levanta-se da cadeira-de-rodas.

«Eis o poder-da-projecção! Seja feita a minha vontade! Aqui, na CEFE, todos os desejos se materializam. Venha a nós o nosso reino – venha a nós o império televisivo, a nossa antena emissora – eterna bênção, total êxtase! África é nossa!»

Toda a estrutura da miserável filmagem abana. Agora o Briga-deiro-e-Bispo faz uma citação à Calígula:

«Eu existo desde a aurora do mundo e existirei até que a última estrela caia da noite! Se bem que eu tenha tomado esta forma física, eu sou todos os homens e sou nenhum homem, logo... Eu sou deus!»

«Todos aqueles que afirmam a sua convicção em deus gritem o seu

nome!», ordena um sacristão que apareceu em cena.

«Eu. Eu. Eu», começa toda a congregação a gemer.

«Gritem o nome de deus!»

«EU! EU! EU!»

«Eu sou, agora, deus!», murmura o Brigadeiro-e-Bispo.

E o vídeo termina.

3.

O velho Svart fica totalmente atónito, inclinado para a frente, para o ecrã, enquanto as luzes do rato Mickey lhe batem na cara. Lentamente, como obedecendo a um comando subliminar, levanta a mão à altura da cara, uma silhueta com uma aura azul do computador por detrás.

A mão está trinta anos mais nova. O conta-quilómetros do senhor Svart voltou para trás, o tempo recuou, a sua mão está segura, musculada, lisa, sem sinais e sardas.

«Que palhaçada!», sussurra o velho Svart entre dentes meio aterrorizado. «Nem a IURD, ou as igrejas da erva alucinatória do Santo Daime conseguem ser tão absurdas! É a este tipo de porcarias que a tecnologia e o dinheiro dos contribuintes dão voz e expressão? A truques baratos da neuro-linguística. Isto é o poder da auto-sugestão.»

O senhor Svart esconde rapidamente a mão, com um arrepio a percorrer-lhe a nuca.

Depois dos acontecimentos do dia anterior com Kurtz, o senhor Svart percebera que estava entre psicopatas.

Agora, depois de ver este vídeo soube que estava entre sociopatas, fanáticos religiosos, ou algo pior. Ele não consegue perceber se aquilo que viu é religião ou política ou negócio. Ou feitiçaria.

É tudo junto.

O que é a CEFE? Porquê a necessidade de trazer um criptozoólogo de renome para avistar a raríssima Palanca Negra Gigante? E qual a ligação disso com a maldita antena de televisão? De que modo pode interessar o precioso animal a pessoas que só pensam em dinheiro e emissões de lixo telenovalesco?

Já se sabe que grande parte das ONGs são apenas o refugio profissional de muita gente que não consegue trabalhar em organizações verdadeiras. Pseudogestores, mulheres frustradas, anormais com ganância de ajudar o próximo – isto é o tipo de gente que vai parar a ONGs, programas de cooperação e organizações religiosas.

Vou ter de me ir embora desta merda de lugar, pensa Svart. Amanhã vou-me embora. Este projecto é todo ele muito duvidoso. E as dúvidas começam a pesar mais do que a curiosidade e expectativa de realizar e cumprir a visão do grande ser.

O senhor Svart lembra-se que *quando se têm dúvidas, não há dúvida*. E ele está cheio de dúvidas acerca deste projecto. Não é tanto pelo facto de

terem matado o traficante à sua frente. Já antes vira gente a ser morta. O que o perturbou foi a cabeça dentro do saco. Principalmente pelo facto ser de plástico e estar roto.

Tudo está roto neste projecto.

Svart vai para a varanda a fumar um cigarro que tirou a um pacote amarrotado, em cima do móvel do computador. O prédio chinês ilumina toda uma bolsa da baía e, ao fundo, metade do Coprólito do Presidente também está banhado, a frio, pela luz dos asiáticos. Olha para baixo, para o estacionamento congestionado do prédio e tem uma revelação perturbante. O Hummer de Kurtz não é um Hummer. É um triste Toyota Rav4 com a tinta a descamar. Vidro frontal rachado num carro nauseabundo pela lepra e ferrugem. Svart conhece estas técnicas de projecção de ter ouvido falar, nunca testemunhara um tal véu de ilusão em acção. Que detalhe! Que realismo, pensa Svart lembrando-se do aspecto do reluzente Hummer de Kurtz e dos seus preciosos estofos. Não eram preciosos.

Svart compreende que afinal *não está* a testemunhar a criação de uma projecção. Está, ao invés, a dar-se conta de uma brecha, um rasgão no véu da ilusão. Involuntariamente deu-se conta dos fios da marioneta, o truque do ilusionista. Talvez o Hummer não seja o único item holográfico, talvez haja muitos mais itens espalhados, ocultos, camuflados mesmo debaixo dos olhos e narizes. Talvez aquele prédio do Mickey, talvez toda a cidade – talvez todo o país seja uma ficção resultado de muito querer e pouca substância. Talvez tudo, incluindo nós próprios, o nosso corpo e pensamentos: tudo falso, tudo projectado.

Lembra-se de um professor universitário de Benguela lhe ter contado que para que o feitiço funcione não se pode nunca fazer nada de bom. Bem difícil!, desabafou o professor universitário de Benguela.

«E assim vemos indivíduos a entrar sempre de costas em todos os lugares não fazendo face a ninguém. A gente sob feitiços nunca olha ninguém nos olhos.»

«Porquê?», perguntara o jovem Svart, na noite em que bebera com esse professor universitário de Benguela.

Nessa altura, o seu único interesse era fumar liamba e ficar a receber segredos codificados pelos relâmpagos da Baía Azul. Pesquisava durante horas os recados e mensagens que lhe eram transmitidos pelos fulgores, lá longe, entre um oceano feito de mármore negro e um céu tempestuoso de sílica fluorescente. Compreendia que queria aprender a voar por entre essas duas placas de energia, o oceano e o céu, e fundir-se com as mensagens disparadas lá ao longe, na brecha do fim do horizonte.

Por isso todas estas conversas inúteis de feitiços ainda lhe interessavam um pouco. Imaginava poder aprender algo da «cultura local» com eles.

«*Porquê?!* Porque é que não devem olhar outros nos olhos? Mas é obvio!», vociferou o professor universitário de Benguela. «Não vá alguém de bem conseguir apanhar um vislumbre do espírito e retribuir com compaixão

para dentro de tanta miséria. Não vá alguém compreender a engrenagem infernal da máquina do kwata-kwata, sob a dureza dos olhos desses traficantes de magia negra.»

Fazia cinco anos que o professor universitário de Benguela fechava bem os olhos ao subir prédios esventrados e escuros, ao vir das bebedeiras na discoteca Tchirinawa, para não ver todos aqueles odiados cambonhas, os bebés não nascidos, que foram mortos antes da oportunidade de ver a luz. Todas as estrelas no céu nocturno, também são almas de bebés não nascidos. Evitava estar perto das mulheres que, sentadas sobre as brasas da grelha do milho, entravam em estado de kalundu para expressar toda a dor dos mortos da guerra, que ainda não tinham sido exorcizados, nem cultuados, mas apenas esquecidos como nada. O professor universitário de Benguela também sabia o que era entrar em kakutassanda e ter o «espírito amarrado» para testemunhar os pesadelos colectivos que, por aqui, todos experimentam.

«Todos nós somos assassinados vezes sem conta nas nossas solitárias noites quando os espíritos perdidos nos pedem ajuda, um pouco de atenção. Um pouco de respeito e retribuição pelo que sofreram às nossas mãos», explica o jovem professor com os olhos totalmente vermelhos e a pele da cara esburacada.

Tendo aprendido com Langan do Norte, o professor universitário de Benguela também sabia projectar. Para testar a sua força de projecção ia nu para o restaurante e ninguém se dava conta, havendo quem lhe elogiasse a bela camisa! Ia de bicicleta para a praia e todos lhe invejam um poderoso Hummer com som de alta-fidelidade e *woofers* de abanar a cidade inteira!

«Na verdade, agora mesmo, estou todo nu em frente a ti», dispara fatal o professor a fumar com calma naquela esplanada da Baía Azul.

O poder de projectar carros e camisas e prédios de vidro! Podemos projectar o que quisermos, apenas acabamos a projectar pesadelos e bombas atómicas. O fruto nunca cai longe da árvore que lhe deu vida.

É por isso que a Toyota «20 buscar» é aquilo que é, sem artifícios: o Chilato não sabe projectar. É um mongolóide convencido de ser meio-chinês. Agora Svart compreende aquela falha na encenação, quando chegara à Capital. Os engenheiros da antena também se tinham sentido desiludidos com a modéstia da viatura que os viera apanhar. Uma Toyota Hiace não vale nada. É o transporte público. O Chilato não conseguira projectar nada de melhor e trouxera consigo a realidade! Bem-aventurados os pobres de espírito pois herdarão a Terra, até que venham os espertos e lha roubem de novo. E depois lha vendam, de volta, em troca de dinheiro inventado. Riqueza projectada.

«É essa capacidade de projectar um significado (à maneira dos testes de Rorschach que me aplicaram numa clínica em Windhoek, por causa das minhas fúrias...», o professor universitário de Benguela tinha apanhado um fio de tema e queria esgotá-lo. «A tua imaginação cria a tua realidade... Aquilo em que pensas cresce. Pois bem, vê isto»:

Começou a espetar os dedos, um a um, diante dos olhos do jovem Svart.

«1.o A imaginação cria a tua realidade. 2.o Os pensamentos são coisas. 3.o Aquilo em que tu pensas cresce», os dedos, como charutos, vão surgindo diante dos olhos do jovem Svart. Parecem marionetes de um teatrinho de crianças. «4.o Tu transformas-te naquilo em que pensas. 5.o As tuas conclusões e ideias formam o teu mundo; por isso mantém a tua mente no que queres, e afasta a tua mente do que não queres. 6.o Tu podes transformar o teu mundo ao mudares as tuas conclusões e ideias. 7.o Se tu não podes mudar uma situação, podes mudar o seu efeito em ti mudando as tuas conclusões e atitude em relação a ela, e possivelmente até serás capaz de mudar a situação.»

Faz uma pausa retórica. Os dedos recolheram-se em punho. Aula concluída.

«Se não podes mudar o destino, muda a tua atitude», conclui espetando o dedo grande num palavrão gestual. «Pró caralho.»

O professor divagou muitas horas sobre o tema da projecção. Todo o segredo da vida estava na projecção. A superioridade humana era a capacidade, especialmente entre os *homo sapiens* machos, de projectar. Mandar um objecto daqui para ali. Um míssil, uma bala, uma bola, uma cuspidela. Toda a projecção tem um retorno inversamente proporcional. Bem projectado, bem recolhido. É a única diferença e superioridade entre nós e os animais. Projectar objectos à distância. Lanças, bombas, bolas de golfe, basquete, futebol, andebol, rãguebi, etc. Adoramos enfiar projecteis em balizas e bucatas que estão ao longe. Vence quem mete mais e mais longe.

Na família do professor universitário de Benguela a esquizofrenia corria forte e a sífilis também.

«Sempre tive de aprender a decodificar e interpretar – fazer a hermenêutica do hermético – os signos, símbolos e sinais, imperceptíveis, cuja lógica é de outra ordem. E assim, desde criança, em minha própria casa, tinha de decifrar as ordens que me eram impostas porque levava porrada todo o dia de onze irmãos e cinco tias – e já nas aulas as professoras menos pedagógicas e compreensíveis também me pediam que explicasse à turma o que, justamente, elas não tinham conseguido explicar e transmitir. Há tanta gente estúpida...»

Lembrar as palavras de Einstein. Ele disse que só tinha duas certezas relativamente a este universo. Uma era que o universo é infinito e a outra que a estupidez humana também... «E, então, ajudando as professoras, nesse gozo criativo pelo caos-ordenado, o padrão fractal da exegese do absurdo», detalhou o professor ao jovem Svart, «eu começava a improvisar e... acertava! Inventava e... era isso mesmo a verdade que tentavam transmitir. Ou, então, tornava-se, nesse instante... verdade. Inventava a verdade e acertava. Bonito, não?»

«A tua imaginação cria a realidade e, nessa projecção, o farol mais forte, ganha», sentenciou ainda o professor mitómano. «Ilumina com a sua cor o coração da noite.»

Os feiticeiros têm essa força de projecção. Os políticos e vendedores também. Alguns padres, menos. Os pastores evangélicos agora ganham o duelo. Há mais dinheiro a vir das congregações evangélicas do que das católicas. Os professores também são uns vendedores que enganam os alunos. Fazem-nos acreditar que são mais espertos do que o que na realidade são.

«Os feiticeiros», avança o professor fazendo anéis de fumo com o cigarro, «têm a potência da camuflagem. Têm o poder da cripsis, da camuflagem e da criação de “peles extra”.»

O professor faz aspas invertidas no ar. Parecem garras.

«A pele dipoblástica, a camuflagem das três tatuagens, funciona por meio de “projectação mimética”. A técnica está em saber projectar para o outro uma imagem, acertar nele com ela, e ele acreditar no que vê. É assim que funciona o feitiço. O outro diante de nós mimetiza e projecta de volta a nossa intenção e miragem. Isso reforça a camuflagem do emissor, funcionando num círculo auto-perpetuado. Como uma dama que se sente bela, mais se afirma como tal quanto ao seu redor os olhares o confirmarem; e, por outro lado, quanto mais os olhares em redor servirem de espelho à sua beleza, mais a própria se convencerá e projectará como tal.

No caso dos feiticeiros a projecção pode ser outra: projectar o anonimato, tornar-se, por exemplo, invisível, camuflado. E quanto mais ele se sente invisível, transparente, camuflado – mais incógnito anda entre as gentes. Ou o oposto, o Rei que vai nu mas ninguém quer aceitar ou acreditar que vai nu. Posso projectar o que quiser: até te posso convencer que sou branco – como o poderás na verdade saber, caso seja o contrário? Vês-me branco? Se calhar sou o oposto! Vês-me negro? Se calhar sou o oposto!»

O professor gritou um pouco esta última parte da palestra.

«O homem é o único animal que consegue matar e acertar em objectos à distância. Isso tem que ver com a capacidade única que temos de projectar, de abolir distâncias, de alterar o tempo-espço. Da mão à vítima. Quando dizemos a palavra *lua*, projecta-se na nossa mente uma imagem de algo que ainda não está fisicamente presente. Ou, quando se diz a palavra *camarão* ou *jacaré*, estas palavras invocam imagens que têm implícitas todas as outras relativas ao tal camarão, de modo ténue e fractal. Holográfico. (Nunca ninguém tem o mesmo camarão na mente.)»

«É óbvio», comenta o jovem Svart desleixado. «O meu camarão tem olhos escuros, sempre.»

«Se eu disser o provérbio angolano “camarão que dorme, a onda leva”, ou “nunca te rias do jacaré antes da travessia do rio”, aí a linguagem projecta para outro nível de compreensão, para uma dimensão superior, para lá das próprias palavras, uma estrutura mais abstracta, invisível. É necessário projectar o pensamento para lá do valor denotativo, literal, das palavras, e ver algo que está implícito nas entrelinhas, para lá das próprias palavras», o professor habituado a turmas de 120 alunos barulhentos não se desconcentra.

Está a dar uma lição a este jovem europeu. Este jovem de merda com ar

de quem sabe. Um cabrão como todos estes brancos que vêm para aqui convencidos que percebem. Não percebem caralho e levam com a tradição nos cornos, um feitiço que se fodem. E depois podem ir a correr para as mamãs brancas deles, os hospitais brancos deles, os lençóis brancos deles, para levarem com seringadas naqueles cus brancos deles. Cabrões. Camarão de óculos escuros?

E depois o professor calou-se. Toque de saída, fim da lição, falta disciplinar colectiva, a vermelho. Não vale a pena falar mais, é o que pensam todos os professores, esgotados pelos anos. Tinha adormecido. O jovem Svart esqueceu tudo, até se relembrar, agora, em velho. O professor universitário de Benguela e o «poder da projecção»...

Tudo está misturado e confuso na sua mente. Pensa no vídeo psicadélico que acabou de ver. E, desde que acordou, o sonho que tivera ainda lhe imprime imagens cheias de emoção nas retinas. Vê a imagem do rosto infantil e ingénuo, cheio de beleza e inocência, tatuado por detrás das pálpebras – e Svart sente-se apaixonado como uma criança se apaixona por outra criança.

Enquanto está na varanda a fumar, o senhor Svart dá-se conta de uns risinhos contidos, uns palavrões sussurrados em voz baixa e grosseira. Olha para o canto da varanda onde está agachada uma massa escura. Entre os objectos indistintos, amontoados como lixo, há um anacrónico frigorífico vazio. Encolhido e friamente iluminado pela luz feérica do frigorífico está um corpo. Sente um arrepio de medo, como quando julgamos, a meio da noite, ter alguém escondido num ponto escuro do quarto, ou atrás do sofá.

Ali, está o que parece ser um homem agachado. A varanda tem acesso a um quarto interior e o vulto está agachado do lado de fora, espreitando pelos estores da janela. Os estores são de plástico e estão partidos deixando uma brecha de espaço acessível ao olhar do curioso. O vulto do homem está num estado aparentemente colérico, não fosse pelas gargalhadas sufocadas e mal contidas.

«Vem, vem! Rápido!», o vulto do homem gesticula com urgência, quase numa angústia. «Ai, ai!», geme num tormento e a o gesto da mão que chama Svart quase parece um pedido de socorro de um homem num estertor de dor.

Depois ri-se de forma abafada, uma tosse de tuberculoso, uma gargalhada satânica, cheia de esforço contido, quase um espirro para dentro.

«Vem, vem! Vê! É incrível, é impressionante!» e chama Svart, do escuro, onde está todo agachado.

Apenas se distingue a mão que chama e o riso abafado. Desconfiado, Svart aproxima-se, abaixa-se um pouco e espreita pelos estores, para dentro do quarto.

Então, ao espreitar pela brecha tem uma visão obscena.

Uma visão obscena.

A luz alternada, intermitente, encarnada, azul e fria, atirada pelo prédio

chinês, e os desenhos animados do Mickey, projectam sombras contra a parede do fundo do quarto. E Svart vê como as pernas e nádegas dela são escuras sobre os lençóis brancos. Deitada de barriga para baixo, nua e de olhos alienados, uma mulher canta de boca fechada de encontro à almofada. É como se gemesse pelo nariz uma melodia de transe. Sobre ela está o sul-africano em arremessos bestiais. O movimento formado parece o de um engenho mecânico prestes a detonar.

A mínima luz de uma câmara digital ilumina de forma gélida o quarto. Um ponto vermelho, um olho satânico (que tudo regista e difunde). E, no fundo, imóvel na sua cadeira-de-rodas, o Brigadeiro-e-Bispo olha fixamente para o espaço diante de si, como se fixasse Svart, que está escondido no escuro, junto ao homem camuflado. Espreitando, de forma proibida, um ritual sacrificial onde a cama, comumente, serve de altar para um deus maldito.

O velho Svart continua a espreitar pela brecha nos estores.

O Brigadeiro-e-Bispo, com metade do rosto metido na sombra, mexe a boca iluminada a néon como que a falar. Os lábios movem-se, o som das palavras, saído da garganta, só chega depois, como dizendo: «A luz é mais veloz do que o som. À distância que me encontro de vocês já dão conta disso. Eu estou no futuro. E vejo-vos a partir de lá. Vejo-vos a partir de um pesadelo.»

Enverga uma túnica longa, à moda do Congo. Mas, olhando mais atentamente, ao contrário de um Bubu ricamente debruado, o senhor Svart dá-se conta de que o Brigadeiro-e-Bispo está vestido com um pijama todo roto e manchado.

A boca, quase rígida, sussurra palavras, com a intensidade de quem profetiza. Molda lentamente as palavras, como em câmara lenta, e o som só surge depois, surdamente, em diferido:

«O Bom Espírito, que nasceu simultaneamente contigo, virá agora e contará os teus bons actos utilizando seixos brancos, e o Mau Espírito, que nasceu simultaneamente contigo, virá agora e contará os teus maus actos utilizando seixos negros. Nisto ficarás com medo, subjugado, e aterrorizado, e tremerás, e tentarás mentir, dizendo:

Eu não cometi maus actos.

Então o Senhor da Morte dirá:

“Eu vou consultar o Espelho dos teus actos passados.”

Ele olhará no Espelho onde todos os bons e maus actos estão vivamente reflectidos. Mentir não te servirá de nada.

Então uma das fúrias executivas do Senhor da Morte colocará em torno do teu pescoço uma corda e arrastar-te-á; ele cortará a tua cabeça, extrairá o teu coração, arrancará teus intestinos, devorará o teu cérebro, beberá o teu sangue, comerá a tua carne e roerá os teus ossos; mas tu serás incapaz de

morrer. Se bem que o teu corpo esteja dilacerado em pedaços, ele viverá de novo.»

Apesar da sua imensa ignorância literária, o senhor Svart pensou reconhecer o excerto que o Brigadeiro-e-Bispo citava em transe. *Livro Egípcio dos Mortos*, o capítulo X da *República* de Platão, ou talvez o *Bardo Thödol*. Um dos três. Muxima não parava de lhe ler excertos. Ela insistia que a morte era como uma porta giratória entre vidas, as inúmeras vidas que cada um de nós vivia. Correndo do útero para o túmulo, da treva para a treva. E entre cada morte e nascimento havia um espaço intermédio em que o defunto não fazia a mínima ideia que tinha falecido e divagava alucinado empurrado pela ventania dos seus próprios actos passados. Devia ter prestado mais atenção ao que a mulher lhe dissera. Os homens raramente prestam atenção ao que as companheiras lhes dizem. Lembra-se, sim, do comentário que lhe fazia quando a ouvia ler-lhe esses textos:

«Diz aí que vivi incontáveis vidas para trás. Então porque não me lembro de nenhuma delas?»

«Lembras-te, ao menos, do teu próprio nascimento?», reagia Muxima.

«Estes são textos tenebrosos para serem ouvidos nesta nossa era, a era do aço. Esta é a era do aço. Vamos todos morrer como sempre fizemos, e não haverá nada depois. Noutras eras a vida fazia sentido, estávamos integrados na natureza, em famílias e num universo ordenado. Agora nada faz sentido na nossa vida, por isso falamos

dos *post-mortem* tentando encontrar sentido do lado de lá», finalizava o jovem Svart.

O velho Svart não argumenta. Está agachado a espreitar por uma frecha num estore rasgado. Suspenso perante uma imagem de crueldade que lhe tatua o cérebro.

O olhar do Brigadeiro é ausente, apesar de estar fixo em algo. A sua brutalidade não resulta de se embater contra um olhar opaco, impenetrável ou de treva. Não é uma presença dura, densa, blindada: é o contrário, é não haver nada, é a ausência – é um buraco, é o cair num lugar onde tudo o que faça sentido desaparece. Não há qualquer relampejo de reconhecimento, logo, não há comunicação possível. É a estranheza total, dum contacto alienígena, pois não há nenhum «outro», pois nem há um *onde* o nosso olhar pouse, não há qualquer semelhança – nem pode haver, pois o nada não tem com que se pareça. Não há nada por detrás da máscara, apenas um sorvedouro, um tubo digestivo. O cólon e o recto são desalmados.

Uma bomba de violência silenciosa explodindo lentamente, como um barril radioactivo no fundo dos mares tropicais. A falta de noção da sua própria presença e, como consequência, também a

falta de noção do outro – a indiferença do abismo relativamente a quem sobre si se inclina. O abismo alimenta-se de si mesmo, apenas. Do seu próprio vazio e ausência cria a sua identidade.

O senhor Svart sente a asfixia a tomar-lhe o peito. Fanáticos religiosos, milenaristas, pensa o senhor Svart erradamente, tentando colar aquilo que testemunha em alguma categoria reconhecível. Sociopatas que desejam o fim do mundo colectivo. Porque não se suicidam apenas? Assim o mundo acabasse-lhes e deixam o resto das pessoas, bichos e plantas em paz.

Um miúdo levanta, demorando uma tarde inteira, um castelo na areia. Ao partir, picado pelo chamamento dos pais, ou da irmã mais velha, o miúdo, brutal, salta-lhe em cima e destrói-o. É assim que se fazem impérios e guerras. Por capricho.

Mas o senhor Svart está equivocado, estes homens não querem apenas o apocalipse. São algo muito mais perigoso do que milenaristas. Querem projectar uma imagem incompreensível, inaceitável.

Estes homens querem fazer explodir um engenho acelerador do tempo. Querem criar uma imagem de tal modo absurda que rompa com a harmonia do tempo cíclico e o dispare, como uma seta, em direcção ao fim. Ao apocalipse. Isto Svart não sabe, nem tem como saber. Essa imagem, essa explosão aceleradora do tempo, é da mesma natureza criminosa que a visão do cogumelo atómico, ou de um óvulo a ser artificialmente inseminado, ou de uma actriz a ser sodomizada por dois homens, ou de uma parada militar comunista, ou dos corpos amontoados nos fornos nazis, ou dos crânios das torturas de Pol Pot, ou de um Site de porno infantil.

O Brigadeiro-e-Bispo quer provocar a aceleração do tempo, numa direcção que considera inevitável. É como uma eutanásia. O Brigadeiro-e-Bispo julga o corpo colectivo tão doente que o mais indicado, e misericordioso, é acelerar o seu processo de dissolução ao invés dos paliativos de uma lenta e entediante agonia.

A bomba obscena é uma máquina aceleradora do tempo, pois a visão mostrada destrói a inocência – e é isso que, na verdade, envelhece: e rouba o Tempo.

A perda da inocência é algo irremediável. A pessoa que a perdeu torna-se outra pessoa em um segundo. Uma outra pessoa, mais velha, mais perto do fim.

A perda da inocência, segundo o Brigadeiro-e-Bispo, abole o precioso espaço-de-oportunidade das indefinidas modalidades da vida. A perda da inocência, rouba-nos a vitalidade de imaginar novas possibilidades e oportunidades, pois o choque da bomba cega-nos à visão de outras coisas, num horizonte mais longínquo. A perda da inocência é a aniquilação de tempo disponível, da eternidade de possibilidades combinadas. Deixa-se de acreditar e de ter fé. Perde-se esse espaço-de-oportunidades e, da perda dessa disponibilidade interior, morre também o tempo em que elas poderiam ocorrer.

A bomba obscena é o contrário de um milagre. Um milagre dá vidas novas numa só vida. É uma ressurreição – a sabedoria e experiência de várias vidas enfiadas numa só. O milagre condensa num instante de certeza toda uma

existência, permitindo evoluir várias vidas num só momento de revelação, quando os nossos preconceitos são abolidos. A bomba obscena faz o contrário. Queima, dentro da vítima, vidas inteiras num só instante.

O senhor Svart afasta-se com um repelão enquanto o homem indistinto, o vulto camuflado, agachado no canto escuro, o tenta agarrar, obrigando-o a ver. O homem tenta enfiar algo na mão de Svart. A repugnante mão de Svart porque ainda parece uma mão jovem. O senhor Svart atira para o chão o que lhe foi metido à força dentro da mão.

«Ah... Ah!», o vulto arfa a custo e tenta puxar o corpo de Svart para continuar a espreitar.

Pelo chão rolam, como berlindes de criança, pequenos seixos negros.

O velho Svart foge do homem e da varanda. A noite torna-se uma espécie de cicatriz branca e rija brilhando no tecto do quarto. O senhor Svart sente que os olhos e a cabeça lhe doem sem parar como num ataque de malária. Svart não consegue deixar de fitar o tecto, de onde se abre uma boca de raiva para o tentar engolir. Fica a contar todos os dentes dessa boca, a ver os contornos sólidos da raiva até que amanhece. Queria fugir dali, mas descobre algo associado àquela visão obscena:

A mulher na cama era a Sandy.

A negra de juba loura que conhecera antes. Reconhece-a sem dúvidas, como quem vê no espelho do passado. Sandy é a criança da foto.

4.

Nessa madrugada o velho Svart sonhou que estava a caminhar ao longo de uma praia na zona do Cunene, na costa do deserto. Era noite e o céu carregado de nuvens escuras trovejava gravemente. Toda a paisagem seria uma impenetrável treva não fosse o facto de o plâncton fluorescente no oceano fazer com que uma linha de branco fulgurante se acendesse, como um rastilho de luz crua, cada vez que as ondas rebentavam e estendiam um manto espesso de água morna e viva até aos pés de Svart, que caminhava sem parar. Com cada pegada na areia molhada acendia-se, difusa, uma nebulosa, uma teia vaga de luz e, às vezes, um rasto quando o pé friccionava a areia, como uma leve carícia néon. Ele caminhava procurando algo e o céu acendia-se, tal como a orla das ondas, com relâmpagos surdos, tornando o céu uma enorme onda, prestes a engolir todo o mundo sob si. Sonhou que, a dado momento, respondera a um chamamento do mar e, virando-se, entrou nas águas. Não se afundou, com naturalidade caminhou sobre a sua superfície mole enquanto o céu, tempestuoso, o envolveu como a crista de um maremoto, fechando-o no centro do tubo da onda. Dentro desta infinita onda viva, Svart ouviu a voz familiar e ardente de uma mulher: «Segue o coração: quando se intersectam os pontos de uma cruz sobre o mapa deste país, o coração dessa encruzilhada acerta justamente no território da Palanca Negra Gigante. Aí dever-se-á procurar a pegada em forma de coração. Um coração dentro de um coração. O que, porventura, salvará o teu próprio coração.»

Nisto Svart tenta caminhar ainda mais sobre as águas, dá-se conta de que está a arrastar-se de gatas sobre dunas de areia, areia e mais areia, tentando chegar a algo. Estrelas cadentes, ou cometas ardentes, rasgam o céu acertando nas ondas frescas do mar. Svart tenta desesperadamente chegar a algo. Tenta alcançá-lo. Está a arrastar-se sobre os joelhos. Está estirado, como um lagarto, a avançar sôfrego sobre a barriga, tentando chegar de novo à água que se afasta um palmo e outro e mais outro, sempre meio metro diante da sua mão, da sua boca, uma sede insuportável, a mão esticada para a frente, a garganta apertada, o peito em asfixia, tentando respirar, tentando fugir, tentando salvar-se de uma presença insuportável que o persegue, um mal incompreensível que o esmaga, que o oprime pelas costas, o cega, o impede de articular uma só frase. Um gemido. Grita: «Tenho o corpo minado. Tenho uma bomba plástica sob o meu cadáver, e vou rebentar com nós dois quando me tentares recolher, morto, do chão...», o velho Svart esticando um braço para ser salvo acorda estirado num colchão de suor.

O dia já vai alto quando consegue levantar-se da cama. Nota que aos seus pés já estão mais três homens deitados. Talvez tenham entrado no fim da noite, enquanto estava escuro, ou mais de manhã. Não importa. O corredor está cheio de pessoas e a cozinha e a sala também. Há gritos e ameaças, gargalhadas e engates. Vou-te bater, vou-te chapar. Os níveis de ruído são impressionantes. Há vozeirões de homem, ralhos de mulher e ganidos de crianças. Muitas crianças.

O planeta terra tem – neste momento – *um sexto do total de toda a população que já alguma vez viveu na terra desde que existem seres humanos*. Dos treze séculos que passaram entre o auge do império romano até ao século quinze a população mundial cresceu duzentos milhões. Os últimos duzentos milhões acrescentados à população mundial foram-no já nos últimos três anos...

Crianças como cães correm por todo o lado. Parecem multiplicar-se mal nelas se pouse o olhar. Por todo o lado, de debaixo das mesas, por detrás dos sofás, da porta da entrada, da cozinha, pela varanda – uma avalanche de cambonhas estridentes. Lutam, gritam, ameaçam-se.

O senhor Svart sente-se no meio de um furacão de ruído e desordem. Durante a noite toda os cães ladraram, rosnaram e ganiram. Foi uma orgia de sons selvagens e corridas arranhando unhas das patas nas pedras soltas das calçadas arrebetadas. De manhã, logo pelas seis horas, começaram os gritos dos bebés. Choros contínuos e soluçados, gritos estridentes e estaladas impacientes. Agora o senhor Svart aproxima-se das crianças que se batem dentro de um caixote de cartão. Tenta segurar uma delas que brande um pau e uma pedra – ao lado já um miúdo sangra. A primeira criança, rosnando, morde-o.

Que evolução macabra é esta, pensa. O mundo é dos bebés, agora. Dizem que se empilharmos todas as crianças às costas umas das outras, fará uma torre que ultrapassa a lua. E a velocidade de multiplicação cresce

exponencialmente.

Da primeira lasca afiada para fazer uma lança até ao primeiro pedaço de ferro fundido passaram três milhões de anos de vida. Do primeiro pedaço de ferro fundido até à bomba atómica passaram três mil anos. Aceleração, pensa o senhor Svart.

No centro da sala, como uma pirâmide de Babel, prestes a desabar, amontoam-se os materiais para a expedição. Finalmente, pensa o velho Svart. Lembra-se então que decidira ir-se embora. E logo, de seguida, vem-lhe à mente o rosto da criança na foto. Esta linha de pensamento na horizontal culmina com a queda duma bomba, na vertical, mesmo por detrás dos seus olhos: a visão obscena da noite anterior. A respiração altera-se de imediato, arquejante.

O velho Svart vai à casa de banho, onde há uma lata de leite Nido em vez de sanita. O espelho está partido e a água tem de ser retirada dum bidão. Onde não há água. Os intestinos de Svart doem-lhe, não sabe se de fome, se de intoxicação. Uma criança entra enquanto está sentado na sanita. A criança ignora-o. Apenas se quer ver no espelho. O velho Svart limpa o rabo aos trabalhos de escola de um caderno de criança, deixado ao lado da lata Nido para esse mesmo propósito. Escolhe umas páginas com exercícios de orações coordenadas e orações subordinadas.

Ele sabe que necessita de um bom pequeno-almoço urgentemente. O rosto devia ser lavado mas não tem como. Queima um fósforo e atira-o para dentro da sanita, à falta da água pelo menos queima os cheiros. Pendurado num prego, por detrás da porta da casa de banho está um saco de plástico. Sente um arrepio profundo ao ver os furos no plástico. Não se atreve a tentar saber o que o saco de plástico contém e sai rapidamente da casa de banho.

No centro da sala a perigosa pirâmide é construída por caixas de metal (onde serão metidos os enlatados), os feijões, a farinha de milho, os nacos de presunto, os torresmos, o chá e o arroz em saco. Há também o café, as tendas, as estacas, os impermeáveis, as acendalhas, as lanternas, as catanas, as cordas, etc. Mais interessante é o material tecnológico trazido pelos engenheiros da antena, os três bigodes, preto, castanho e cinzento. Caixas e caixas com peças de metal e medidores electrónicos. Apesar de ser material aparentemente frágil está também enfiado entre as sacas de cebolas e quiabos. Em contrapartida, o senhor Svart já não tem material para levar. A bolsa de remédios com Lorazepam, Tramadol, Xanax, Zyrtec, Sedatif PC, entre outros. O pior de tudo foi a perda do aparelho da WildCall. Apenas lhe sobra o gravador de bolso.

Mais adiante, em Benguela, o velho Svart há-de arranjar uma caixa de madeira misteriosa que traçará o destino de toda a expedição. Disso o senhor Svart nunca saberá.

Desviando-se das atarefadas pessoas que circulam, empilhando os materiais que vão trazendo de algum lugar secreto, o senhor Svart decide inspecionar umas máscaras penduradas na parede. As máscaras na parede

são de rostos familiares: os palhaços Xinganje, Kaviula. Também há uma terceira máscara, parecida com um rosto de alguém. Demasiado familiar. Parece-lhe o seu próprio rosto. Por baixo tem uma legenda: Muangungo, o palhaço múltiplo.

Curioso, pensa o senhor Svart. Será que alguém encerrado num tempo alternativo, num universo paralelo do «e se?» dar-se-ia conta disso? Imaginemos que alguém diz a si mesmo: *E se* eu tivesse cancro? Ou: *E se* eu ganhasse a lotaria?

E se eu partisse hoje à noite e nunca mais voltasse?

Será que neste momento eu sou o senhor Svart, de facto?

Cada máscara é um possível caminho, um potencial destino, um regato solitário alternativo, uma identidade separada do todo. Qual a máscara que nos aproxima do verdadeiro rosto, do todo? O todo poderá ter rosto? Será a soma de todos os rostos, de todas as máscaras? Ou o verdadeiro rosto, a verdadeira imagem, está para lá de todas as formas, de todas as máscaras, de todos os rostos? Diz o *koan* zen: como era o teu rosto antes dos teus pais terem nascido?

Qual é a tua verdadeira identidade quando foste descartado de todas as máscaras?

Não quero ser este corpo, não quero ser esta pessoa, nem este mundo a ela associado. Cada um de nós é um universo, uma perspectiva única de um incompreensível fenómeno. Eu não quero ser esta vida, esta existência, este universo. Não quero ser este corpo, estes pensamentos, este mundo claustrofóbico. Este rosto não é meu. Vejo como um enredo pobre e previsível os *loops* recursivos e repetitivos das decisões e consequências associadas a este corpo. Um corpo de ignorância e repetição. Pudessem eu absorver a minha integral atenção em outra coisa qualquer – uma estrela, uma onda, a pelagem da Palanca Negra Gigante, e esquecer-me de mim mesmo. Pudessem autodesapegar-me deste corpo e pensamento e ser absorvido no totalmente outro. Deixar de ser eu: que libertação!...

De repente os seus pensamentos são interrompidos por uma voz junto ao seu ouvido. O Brigadeiro-e-Bispo sussurra-lhe com a boca colada na orelha.

«São os rituais de vida e morte o que mais me apaixona. E o modo como, geométrica e graficamente, se manifestam essas pulsões primitivas. O desejo de viver e o desejo de aniquilar. Como encenar isso à vista de todos? É uma visão obscena, não?»

Surpreendido, o senhor Svart olha para trás, em sobressalto. O Brigadeiro-e-Bispo não está atrás de si, junto da sua nuca. Apenas um telefone, na ponta do braço esticado de Kurtz.

«Está na hora de comer qualquer coisa, senhor Svart», diz a voz.

O senhor Svart repara também que há uma imagem pequena do próprio Brigadeiro-e-Bispo no fundo do ecrã. Ele filma-se a si mesmo enquanto fala. «Sente-se, pois temos de conversar. Eu estou aqui no quarto do lado, por isso estou praticamente à mesa consigo. A estrada do excesso é a que leva ao

palácio da sabedoria, dizia Blake. Concorda, pois não?»

Kurtz conduz o senhor Svart até a uma pequena mesa de plástico montada na varanda. Uma toalha de plástico cobre a mesa. De baixo vem o atroar e o rumor surdo de uma Capital vibrante e pulsante. O avançar da manhã acrescenta velocidade excessiva ao ambiente já de si explosivo. O facto de ser a semana do carnaval apenas acrescenta adrenalina a um corpo já de si sempre excitado. Hoje vai haver uma marcha na marginal, e a parada começa a agrupar-se, afluindo como pequenos caudais dos diferentes bairros, Cazenga, Maianga, Roque Santeiro, Bairro da Lixeira, atravessando casas de cartão e lata, plástico e metal retorcido, arrastando consigo os dançarinos do carnaval, integrando o grosso fluxo que percorrerá o passeio, junto ao mar. O rumor humano mais os tambores fazem os prédios imperceptivelmente estremecer. Sentado à mesa o senhor Svart olha para fora, o prédio do Mickey apagado por agora, as multidões a pé escorrendo à sua volta, como um refluxo de água passando um poste.

Kurtz senta-se ao seu lado direito e coloca o telemóvel, em pé, com a imagem do Brigadeiro-e-Bispo virada para Svart, no lugar oposto, como se também estivesse sentado à mesa.

«O senhor Svart sabe que os rituais são modos de imprimir uma imagem simbólica na mente de alguém. São como comandos operativos de um sistema informático, provocando respostas previsíveis e duradouras. A África é um continente de muita tradição. Existem poucos relatos dos rituais de vida e morte que aqui se processam. As descrições feitas no século XVI por Duarte Barbosa estão entre as mais interessantes. Sabe que há um ritual em que o rei, num ciclo

rígido de doze anos, se sacrificava a si mesmo? Subia a um cadafalso de madeira, uma estrutura construída sobre uma teia de cordas e, então, com uma lâmina afiada, iniciava uma sistemática mutilação das diferentes partes do corpo. Ao som de música, diante dos olhos de toda a gente, cortava o nariz, os lábios, uma mão, uma perna, enfim, tanta carne quanto conseguisse, e ia lançando os pedaços sangrentos em seu redor, sobre as gentes, até que, no paroxismo da hemorragia, degolava a sua própria garganta, mesmo antes de desmaiar.»

O senhor Svart olha para o telemóvel onde, minúsculo, um Brigadeiro-e-Bispo fala com uma voz asfixiada. Lembra-se, involuntariamente, daquilo que viu na noite anterior.

«Existe, também, um ritual muito interessante relacionado com ritos de puberdade e iniciação à idade adulta. Pois bem, no final do ciclo desses rituais tribais organiza-se, espontânea, uma orgia colectiva, com a duração de vários dias e várias noites, onde toda a gente se enraça mutuamente, todos com todos. Tudo isso é acompanhado por um tremendo ruído de percussão, cânticos, gritos, e todo o tipo de objectos que provoquem ritmo e barulho. No final destes dias de frenesim promíscuo, na última noite, é trazida uma linda menina, toda oleada e pintada. Toda apetrechada com os objectos ritualistas

necessários para começar a dançar na pista central, até ser conduzida a um cadafalso de madeira, onde a deitam debaixo de uma estrutura de vigas pesadíssimas. Aí, então, à vista de toda a gente, começa um cerimonial de acto sexual, em que a menina coroa o festival recebendo todos os jovens rapazes, um por um, um após outro, até que chega a vez do último rapaz. A este não calhou aleatoriamente ficar para último. Foi escolhido. Ao que, envolvido em pleno acto de coito, as vigas são puxadas, e num clímax de tambores, toda a gigantesca estrutura de madeira cai sobre os dois jovens enlaçados. Ao som de guinchos, uivos e gritos guturais, os corpos são arrancados de debaixo do cadafalso, e a menina e o jovem, corpos quebrados, são desmanchados, metidos na grelha e, depois, comidos.»

O Brigadeiro-e-Bispo faz um longo silêncio como que apreciando as mais subtis reacções do seu interlocutor. O senhor Svart prefere não reagir, pois não sabe se entendeu bem o que se lhe está a querer dizer. Primeiro o sacrifício de um rei. Depois um estupro generalizado, seguido de homicídio. Que há para entender nisto?

«Há que apreciar a profundidade mitológica nestes rituais primitivos. Poder-se-á dizer que aliado ao irresistível frenesim da procriação e multiplicação da carne, existe um irreprimível fascínio

pela auto-aniquilação, uma nostalgia pela eternidade imóvel daquilo que é inorgânico. Poder-se-á dizer que estes apetites e curiosidade – e crueldade – ainda se encontram em nós, pois não, senhor Svart? Há algo de primitivo e bestial em todo o homem. Um magnetismo pelo horror...»

«Não sou como vocês...», aponta o senhor Svart com desdém. Segue-se um silêncio constrangedor. «É preciso ser um tarado em potência para se tentar tirar algum sentido dessas paródias religiosas, desse teatro da crueldade. Isso faz tanto sentido quanto guardar os olhos de um inimigo vencido. Matar a pretexto de isto ou daquilo é apenas primário.»

«O senhor Svart sabe ao que vem. O senhor Svart vem ajudar-nos a avistar a Palanca Negra Gigante. O senhor Svart é um criptozoólogo muito capaz. Sempre teve a tendência de ver de mais...»

«Eu vou regressar para a Suécia», corta o senhor Svart. «Ainda hoje. Não sou como vocês. Não entendo o que aqui fazem, nem qual a vossa agenda.»

«Tu foste um mercenário. Tu és primário», afirma o Brigadeiro-e-Bispo categoricamente tratando-o por «tu». «Mas pior que nós. Um cobarde que se deixou apanhar.»

O senhor Svart intui que este homem o conhece. A cara no telemóvel sabe com quem está a falar. Mas Svart não conhece o outro. É uma situação aflitiva. Alguém se dirige a nós na rua, falamos, e incessante a mente tenta localizar essa pessoa num lugar, num espaço emotivo. Gosto desta pessoa? É meu amigo? Como se chama? De onde a conheço? Aflição.

«Também quiseste experimentar matar em nome de qualquer coisa. Foi esse o teu ritual. O teu solo de iniciação onde quiseste dançar, onde tombaste. Mas o pretexto, de facto, era pouco importante. O que querias mesmo era a

experiência. Eu conheço-te Herr Svart. Todos nós andamos sobre os carris do determinismo. Andamos sobre carris em círculo, até que escolhemos seguir um ramal diferente, logo, um destino alternativo. Estares aqui, diante de mim, de novo, é a prova de que não escolheste seguir por outro ramal. Vais seguir pelos mesmos carris, em círculo, de novo, para diante de mim. De novo os nossos caminhos se cruzam, Herr Svart.»

«Tomem o vosso pequeno-almoço», diz uma empregada da casa, que entretanto lhes colocou na frente uma garrafa de água de plástico e uma banana para cada um. A garrafa tem kissangua, azeda e ligeiramente alcoólica.

«Whisky! Bacon! Coffee!», ordena Kurtz. Começa a enrolar um charro em cima da mesa. Abre uma caixinha de pó branco, mesmo à frente do prato do senhor Svart. «English breakfast!»

«De onde nos conhecemos?», pergunta o senhor Svart.

A jovem traz um prato de chouriço de lata frito e uma caneca de café preto para cada um. Traz também duas garrafas de whisky e cinco cervejas. Kurtz atira um charro já feito para o colo do senhor Svart e serve-lhe um copo de whisky enquanto abre as cervejas com os dentes do lado, numa careta selvagem.

«Apenas quero água», implora o senhor Svart à jovem. Começa a fumar o charro.

Do telemóvel e simultaneamente do quarto ecoa uma gargalhada.

«Para Platão a ignorância era sinónima da amnésia», rosna o Brigadeiro-e-Bispo. «A sua amnésia, senhor Svart, irrita-me. É como ignorância atrevida. O senhor parece não perder uma oportunidade de exhibir essa sua orgulhosa estupidez.»

Para o Brigadeiro-e-Bispo todo o enredo e cenário da saga de Svart é claro e conhecido. Só para Svart a sua vida passada é um mistério. É irritante e embaraçante, para o outro. É como alguém com salsa presa entre os dentes e que continua a falar à mesa. Para o Brigadeiro-e-Bispo a presença dos suecos, e outros, no terreno africano é uma história sem história. Essa presença, desde os anos 60, era mais ou menos explícita, só que nas situações mais discretas, como a de Svart, tudo tinha sido camuflado sob o nome de um projecto de «desenvolvimento de métodos de resolução de conflitos». Afinal tratava-se apenas de um grupo de mercenários. Um grupo de homens orgulhosos do seu código de honra e seguros de serem representantes de uma das melhores características da cultura humana. Uma cultura que, tal como a mais velha profissão do mundo, nunca estará em extinção, até que se chegue à extinção do próprio homem.

«Ah, sim», provoca Svart. «E como funcionam esses recrutamentos? Como vim aqui parar há mais de trinta e cinco anos?»

Kurtz fuma e ouve, sorrindo. Serve ambos de whisky e abre mais duas cervejas.

«Serviços são anunciados em revistas de combate e técnicas de

sobrevivência», responde calmamente o Brigadeiro-e-Bispo como quem responde a uma questão retórica de Svart. Svart sabe perfeitamente. «Os serviços anunciados – que não indicam que serviço está a ser anunciado – são uma fonte de contactos. O serviço é providenciar clientes em busca de serviço. O mercenário vai ao bar e encontra-se com o homem. O homem dá a tarefa. Guarda-costas, transportador de mercadoria... combate.»

Na Suécia todo o negócio dos mercenários começara, faz muito tempo, com a guerra dos trinta anos. Durante décadas e décadas homens pegaram em armas para combater, pelo gosto do sangue, do dinheiro e da adrenalina. Marcavam-se encontros em bares obscuros, pela Europa fora, para se fazerem acordos e marcar as missões.

«Tudo sempre foi discreto e ainda mais especialmente depois do que aconteceu em Angola, em 75, como sabes, meu caro.»

«Oh yeah, fuckin' shit!» Kurtz gargalha e aspira o fumo pela boca e narinas, em simultâneo. «We were on different sides then, boss!»

«Sim, Kurtz, estávamos em lados diferentes, naquele tempo. Agora sou eu que te pago.»

Riem ambos.

Svart está muito parado. A ele também lhe estão a pagar.

«Água!», implora ele à empregada que veio esvaziar os cinzeiros e reabastecer a mesa de cervejas.

«Tu, sim, foste voluntário, Herr Svart. Outro tipo de voluntário...»

«Pum!» Kurtz faz um gatilho com o dedo que dispara.

Será possível tal coisa?

«No fim da guerra colonial muitos mercenários não saíram a tempo – foram todos massacrados. Numa grande quinta fora de Joanesburgo existe um monumento dedicado a todos os mercenários condenados à morte em Angola.»

«Pum!», faz Kurtz de novo em direcção à cabeça de Svart. «You are dead, motherfucker.»

«Como vieram tantos parar a esta parte do mundo?», pergunta Svart desconfortável.

O Brigadeiro-e-Bispo gosta que lhe perguntem coisas.

«Foi durante, talvez, o contra-ataque na guerra da ex-Rodésia, entre 65 e 80, que ofereceu a melhor oportunidade recente para se criarem elites de mercenários e se praticarem as mais sofisticadas técnicas de combate. Mais de 1500 mercenários intervieram, incluindo britânicos, australianos, canadianos, alemães, franceses, holandeses, gregos e... escandinavos. Todo o recrutamento foi feito boca a boca. Também durante a guerra do Biafra, em 67, a utilização de mercenários foi crucial. No entanto, insatisfeitos com os primeiros contingentes de mercenários, os biafras pagaram a mercenários suecos para intervir. Estes demonstraram ser bem sucedidos, pois trouxeram consigo uma tecnologia aérea sofisticada. A SAAB já foi uma maravilha. No entanto... a melhor história recente do mundo mercenário foi em Angola. As palavras do *lieutenant* Genevieve Ebbeck são esclarecedoras: durante a guerra civil, no final de 75, mais de 1000 mercenários, do Reino Unido, Estados Unidos e África do Sul, foram recrutados para combater o Movimento Popular que recebia forte apoio material e humano da União Soviética e Cuba... Logo, que andava um reaccionário, como tu, por aqui a fazer? A construir escolas e dar vacinas? Em plena guerra civil?...»

O senhor Svart fuma, bebe e reflecte apreensivo.

Svart não responde. Svart não sabe. Não sabe mesmo. A questão é por demais pertinente e importante, convenhamos.

A jovem empregada traz um quebra-nozes que entrega ao senhor Svart.

«Água, por favor!», geme o senhor Svart olhando para o quebra-nozes que lhe foi metido na mão.

«You are not different from me, *amigo*», diz-lhe Kurtz.

«Já pensaste que a tua “gestão de conflitos” nada mais foi do que uma camuflagem para o teu verdadeiro trabalho de mercenário na luta contra os comunistas? Apenas acontece que sendo pusilânime não levaste a missão a bom termo e agora ainda estás convencido de que és o último personagem que

na altura inventaste para te disfarçares. És um velho reaccionário, meu amigo. E tentaste ser um mercenário... falhado... covarde... Na melhor das hipóteses foste um amante do inconformismo institucional de Nietzsche – e fundiste as tuas tendências de extrema-direita, o típico conservadorismo aristocrático escandinavo, com um anarquismo ultra-romântico de super-homem à Byron. O individualismo anarquista tem muito do ideal do super-homem ariano, como bem sabes...»

Kurtz ri-se com o mal-estar que está a provocar no velho Svart.

«Acredito que não sejas racista», o Brigadeiro-e-Bispo insiste na análise arqueológica das catacumbas da memória de Svart. «Consideras as culturas como a música: e nisso dás a palma ao Ocidente. Enquanto grande parte do mundo andava a chicotear peles com paus, Bach criava os concertos de Brandenburgo... E fora as considerações sobre a pujança cultural europeia – politicamente estás certo que o comunismo devia ter sido atempadamente erradicado do mundo e de África... atempadamente, pois já demasiado tinha sido destruído... e terias combatido por isso, pois não? Terias ido a pontos de viajar para alguns bares obscuros da Bélgica, seguindo boatos, e aceitado alguma missão... espionagem? Combate? A verdade é que acabaste por aparecer enfiado numa caixa de cartão na entrada da Embaixada da Suécia... Um embaraço para um país que já tinha de lidar com os mercenários do Biafra e os desconfortos dos aviões de combate... E depois todas as execuções de mercenários estrangeiros na Luanda de 76... Como te safaste bem disso, não foi? Que coma e amnésia convenientes, camarada! Ai, desculpa. Camarada, não: *amigo*.»

«Fucking *amigo*», ecoa Kurtz.

A jovem empregada traz uma semente e mete-a na mão do senhor Svart. Indica com os olhos que ele a abra com o quebra-nozes. Colocando mais uma garrafa de whisky, um prato de chouriço frito e duas cervejas na mesa, a empregada segreda ao senhor Svart: «Quem planta sementes de limoeiro, não pode esperar doces frutos de manga...»

«Não», responde o senhor Svart. «Manga, não. Eu pedi foi água! Água, por Cristo!»

Beberam mais uma rodada de whisky e fumaram mais um cigarro de liamba. Desta vez o senhor Svart cheira mais duas linhas de coca. Sente-se melhor. Depois de tudo o que o Brigadeiro-e-Bispo lhe diz bem que precisa de um refresco. O que importa agora? Já tanta gente tinha morrido e os que sobravam estavam velhos e o mundo continuava a mesma merda do costume. Tanta revolução, tanta purga, tortura, horas e horas de reuniões, anos de guerrilhas, hinos e outras tretas. E como estamos agora? O que se aprendera a mais do que os soberanos das pirâmides já não soubessem?

Lá estavam eles, sempre, no topo da pirâmide, ainda. Uns gajinhos no topo, a cagar – e o resto, a maioria, cá em baixo, a levar com a trampa toda em cima. Que interessava, agora ou sempre, quem estava a cagar?

Eu não sou como vocês.

Ai não?

Será possível tal coisa? Será que o meu papel foi exactamente o contrário do que eu julgava? Será possível que não tenha estado do lado das vítimas, dos oprimidos? Será possível que, sim, tenha estado agarrado às grades da prisão... mas, do lado de fora, como carcereiro e não como encarcerado?...

Conta uma experiência, o Efeito Lúcifer, feita em Yale por Philip Zimbardo. Numa prisão simulada na cave da Universidade de Stanford vinte e quatro voluntários foram arbitrariamente distribuídos em dois grupos de categorias: prisioneiros e guardas prisionais. A experiência que deveria ter durado duas semanas teve de ser interrompida dias depois, com uma evacuação de urgência para o hospital local, devido ao facto de os papéis assumidos pelos dois grupos terem começado a escalar para níveis de brutalidade fora do controle. Os «guardas» identificaram-se de tal modo com o papel que começaram a ser sádicos e totalitários. Os «prisioneiros», esses, começaram a comportar-se como escravos.

Será possível?

Zimbardo observou que, depois da experiência ter sido interrompida, os «prisioneiros» garantiram que teriam sido melhores «guardas» se lhes tivesse calhado a eles esse papel. Só que a atribuição dos papéis fora aleatória e todos os voluntários eram, no fundo, relativamente iguais...

Eu não sou como vocês.

Ai não?

Somos, universalmente, seja qual for a raça, feitos para ser escravos de outros homens. Tudo o que inventamos, em nome da liberdade, ou outra porra de ideal qualquer, sempre acaba a subjugar alguém. Somos por excelência construtores de tiranias. E genocídios. Veja-se o século que nos precedeu, onde a mais avançada civilização da história humana também inventou os fornos para, eficientemente, matar aos milhões.

No centro do nosso cérebro temos outro cérebro, em comum com todos os animais, incluindo os répteis. Esse cérebro é especializado em territorialidade, desconfiança aos estranhos, agressão, obediência cega a líderes, subjugação a hierarquias, e ritualismo. Quando nos comparamos a macacos estamos a ser demasiado generosos connosco mesmos. Nós somos é parecidos com répteis. És filho de um jacaré.

Não defendam a família, ou outros falhanços sociais. É tudo um falhanço na esfera das nossas relações. Tudo carece de paz.

Tudo na nossa vida e cultura concorre para tal: começa logo pelas relações «a dois», alastrando como lepra para as famílias, com os irmãozinhos mais velhos e os pais demasiadamente diligentes. E às vezes um tudo-nada violentos... Os namoros, as relações de sexo, os lares, as escolas, os quartéis, as igrejas, os hospitais, as instituições, os governos, violência violência – tudo estruturas de encarceramento. Porque gostamos de inventar as prisões. Gostamos da sofreguidão do apego, das grilhetas, da segurança de não nos podermos afastar mais do que vinte metros da parede à qual estamos

agrilhoados – nem fugir do espaço entre quatro paredes. Gostamos de estar prisioneiros e imaginarmos a fuga. Planos e mais planos de fuga. Como os projectos das ONGs e os movimentos desses grupos de artistas: nunca dão em nada. Gostamos de estar presos e fantasiar a fuga. Principalmente, precisamos da segurança do encarceramento. É confortável, desde que nos dêem a Esperança, sim, a Esperança, a puta da Esperança que tudo vai ser melhor – para nunca nos aborrecermos nem entediarmos com esta prisão que não vai acabar... nunca.

«Mais uma coisa...», murmura suave o Brigadeiro-e-Bispo obrigando o senhor Svart, involuntariamente, a inclinar-se para a frente. «Antes dessa tua amnésia, senhor Svart, foste incumbido de matar um homem. Um homem que fugia com uma mulher. Essa mulher era muito importante para alguém muito importante. Mataste esse homem e a mulher foi entregue ao homem importante. Por isso te agradeço.»

A empregada traz um jarro de água que coloca bem diante dos olhos do senhor Svart. A água é cristalina e fresca e o senhor Svart imagina fundir-se dentro dela. O velho Svart decide snifar mais duas linhas e terminar o whisky. O charro acabado de arder já lhe chega aos lábios. Agarra no jarro de água.

Quando vai para beber a água, esta transformou-se em vinho.

5.

O senhor Svart prepara-se para tentar comer alguma coisa. Visto que não vai aplacar a sede ao menos aplaque a fome. Na mão ainda segura o quebra-nozes. Lembra-se da semente que tem no bolso. Será mesmo uma noz? Decide deixá-la para o fim. Primeiro o chouriço e os ovos estrelados. Quando se prepara para trincar um pouco de chouriço começa uma nova confusão dentro de casa, desta vez um tumulto de adultos.

Dentro do quarto Sandy protesta em voz alta e depois começa a gritar. Ouve-se a sua voz em efeito *dolby surround*, tanto através da porta como do telemóvel.

A razão da sua fúria é porque lhe prometeram ir buscar «a preta». A preta é quem lhe trata do cabelo e a preta está em Benguela e todos querem ir para a Cangandala.

Sandy está dentro do quarto com o Brigadeiro-e-Bispo, e já duas empregadas tinham acudido quando se começaram a ouvir os gritos.

A dialéctica irística de Sandy não é fácil, pois terá de argumentar de forma a convencer toda a gente a fazer seiscentos quilómetros para sul para ir buscar a miúda que lhe costuma trançar o cabelo. Além da dita miúda ainda têm de levar também a avó, que é dependente, e está metida numa caixa.

«O que se vai fazer com uma caixa no meio do mato? Onde vamos pousar a velha?», pergunta alguém.

«Use-na como mesa! Pouco me importa! A Verónica tem de vir e a avó também. Logo, vamos levar mais uma caixa connosco.»

«É uma caixa gigantesca! Já temos de carregar tanto material...»

«Já não aguento este cabelo assim! Melhor, acaba-se já tudo!», ouvem eles, em *dolby*, pelo telefone e pela parede.

De repente, a porta abre-se e Sandy sai a correr disparada para a varanda. Levanta a perna e prepara-se para saltar. A sua perna mulata emoldura a paisagem de antenas parabólicas, como fungos, num fundo quadriculado, quase abstracto, do mural feito de prédios, encerrando-os por todos os lados.

«Ai!», grita o velho Svart impulsionado por uma mola de instinto inato, primordial, selvagem. E agarra a miúda, arrastando-a para o meio da sala, quando esta já se preparava para saltar doze andares para a rua. «É muito alto!», diz ele estupidamente, como se ela fosse uma criancinha ingénua que estava a tentar saltar um muro, para ir brincar lá fora.

Sandy olha o velho com surpresa e raiva e, então, a surpresa altera-lhe toda a fisionomia, como se o comboio de pensamentos, a cadeia de elos que a mantinha agrilhoadada num propósito de destruição, se tivesse pulverizado pelo espanto.

«Tu!», diz ela num esgar de surpresa, quase um sorriso cheio de lágrimas. «Também estás metido nesta merda de pesadelo? Vê como estou feia...», queixa-se.

Sandy ganhou a discussão. Contra o argumento de uma mulher se achar feia não há como fazer dialéctica. Quando uma mulher se acusa a si mesma de feia é porque está a detonar a bomba atómica da discussão. Nenhuma mulher se pode submeter a ficar feia. Toda a gente aceita isso. Uma mulher pode submeter-se a tudo o resto, sim, a sentir-se feia nenhuma aceita submeter-se. A isto chamam os homens vaidade, a vaidade irracional das mulheres, o ouropel de auto-estima, a essencialidade de se sentirem bonitas, mesmo que tudo o resto esteja mal. Conseguir fazer face a mais um dia em Luanda, desde que o penteado esteja bem feito.

Só em Benguela existem mais de duzentos salões de beleza para tratar do cabelo. Numa estimativa (por baixo) pensa-se que apenas na África lusófona existem 750 mil cabeleireiros, a maioria de bairro, debaixo de chapa de zinco. Em Cabo Verde, ilha do Fogo, há o famoso «Salão de Beleza Bissexo»; em Luanda o «Salão de Beleza Entra Feia Sai Bonita»; e em Maputo o «Salão Anticolonialista» com o tratamento de pintura de cabelo que «Elimina Todos os Brancos».

Sandy não vai a salões, nem aos sofisticados, no centro da cidade, cujos donos são brasileiros, nem aos de bairro, onde se assa a cabeça debaixo das chapas, e se ouvem fofocas de feitiços amorosos espectaculares.

«Che! O muadiê tinha bué de cumbu e agora vive no meio do kimbo com a dama que o engarrafou! Ela enfeitiçou o homem, largou mulher bonita, filhos, presidência da empresa e agora fica o dia todo dentro da casa de adobe, encostado nas paredes de barro, a olhar para essa catorzinha lá dos matos!»

Sandy quer a Verónica pois as mãos da miúda são milagrosas. Todos os maus pensamentos, todas as angústias, todas as dores do corpo – tudo! desaparece enquanto Verónica lhe trança o cabelo. É uma paz, uma

absolvição. Fica como se tivesse sido limpa de tudo. E depois os padrões que Verónica lhe faz na cabeça! São misteriosas caligrafias que a sua alma vai lendo durante dias, até que os cabelos rebeldes se desfazem na cama, e as mensagens se diluem na confusão das noites.

«Que loucura é esta, miúda?», pergunta o velho Svart puxando Sandy para o meio da sala.

«Eu preciso da Verónica... eu preciso da Verónica. O meu cabelo... Sujo, muito sujo! E a Verónica é a minha única amiga e confidente...»

E sacudindo a sua juba loura Sandy começa a chorar.

Sandy e Verónica conheciam-se desde a infância, a amizade, essa, fortalecera-se de forma inabalável, quando Sandy teve uma infelicidade com um bebé. Sandy estivera grávida. Tivera uma linda menina. Ninguém sabia quem seria o pai. Sandy amava a menina mais do que tudo.

A menina bebé, involuntariamente, protegia Sandy dos homens. Sandy conhecia agora um período na sua vida de trégua, sem assédio, sem conquistas, sem fintas nem jogos. Vivia a paz de não ter homens a procurá-la, a insistirem, a farejarem, a quererem. Sempre a quererem.

Agora andava sozinha com a sua filha. Era outra mulher. Por uma vez era uma moça feliz e transparente como um vento de Verão. Dois anos passaram sem Verónica ver Sandy pela cidade de província, vagueando pelas esplanadas, bares, discotecas e praias. Já não apanhava aqueles relampejos da bela Sandy a cruzar a cidade em grandes carros, vestida em biquíni, rodeada de uma escolta de gente sedenta, mendigos de amor e leprosos de carinho.

Um dia mandaram chamar Verónica para ir à casa de Sandy. Era uma das casas de província do Brigadeiro-e-Bispo onde costumavam passar os feriados e férias, vindos da Capital.

Quando Verónica entrou na casa de Sandy, pela primeira vez, foi sob ordens de lhe tratar do cabelo. Seria a primeira vez que lhe tocaria na cabeça. Em toda a situação sentiu estranheza. Primeiro não fora Sandy que a chamara, e depois foi o facto de Sandy começar a fazer o cabelo em casa. Ela gostava de frequentar os salões da moda amiúde. E por último, pior que tudo, a filha de Sandy.

A criança estava enorme. Parecia uma menina de quatro anos, muito diferente da criança de que Verónica se lembrava. Perguntou:

«Como é possível que esta criança esteja tão grande?», e, de imediato, foi chamada à parte por uma empregada.

«Cala a boca, estúpida! Não sabes que a filha de Sandy morreu?», disse a empregada.

Verónica viu a criança sentada, apática, ao lado de Sandy.

«Quem é aquela, então?»

«Sandy não pode ouvir essas perguntas. Ela não admite a morte da filha e agora adoptou esta criança, tratando-a pelo nome da filha e tudo.»

Verónica sentiu a estranheza de tudo. Olhou Sandy com a criança substituta e sentiu uma agonia, sentiu por Sandy a vertigem da perda de alguém que amamos acima de tudo, e que deixou o mundo – levando consigo todo o sentido da nossa existência. De toda a nossa existência.

Toda.

Sandy enlouquecera. E agora passava as tardes a pentear uma trança de cabelo que lhe sobrara da sua filha. Lavava-a e penteava-a, horas a fio, enquanto chamava, incessantemente, a outra menina para o pé de si. A coitada, apática e com sinais dos anteriores anos de negligência, respondia sem ânimo e sem contestar.

«Esta miúda, Verónica, é a tal feiticeira...», sussurrara uma das criadas ao ouvido de Sandy quando Verónica já lhe trançava o lindo cabelo como flocos de algodão, uma carapinha de madeixas douradas e castanhas. Por entre os dedos rápidos, Verónica, como Penélope, fazia um tear do destino. Dos regos e puxinhos e trancinhas, na sua cabeça, Sandy sentia o correr de rios e caudais ancestrais, fluindo para um mar desconhecido e sem fim. Partiam da raiz e perdiam-se no ar, como se cada cabelo seu fosse um filamento sem fim, ligado a uma teia invisível do tamanho do universo. Sandy sentia nos dedos da Verónica um poder de explicação, um código de carícia e massagem, que lhe entrava pelo crânio dentro como uma chuva de fogo. Os dedos de Verónica digitavam verdades sem palavras, pelo poder do toque, na cabeça de Sandy. Os cabelos flamejavam como labaredas numa noite de paz – e Sandy, olhando-se ao espelho, com Verónica por detrás de si, mãos sobre a sua cabeça, via o seu cabelo em fogo – toda a cabeça como uma tocha, entre as trevas e os olhos da miúda, dois focos de intensidade perturbante. Verónica não parava de olhar Sandy nos olhos, enquanto a penteava, massajava, trançava – como se lhe escrevesse símbolos sagrados e mágicos no couro cabeludo. O pensamento de Sandy estivera impregnado pela saudade e dor da perda, agora sentia o fogo consumir-lhe todas as emoções. Sentia tudo a arder. Tudo a passar, a fluir, como um caudal de fogo. Um rio sem fim.

Sandy ainda chora sem cessar – e nem se dá conta, mesmo vendo-se no espelho. O rosto no espelho tem cascatas de lágrimas, uma tristeza que não teria como ser totalmente purgada – e, na sua cabeça, os dedos de Verónica tecem uma tapeçaria de conhecimentos silenciosos, sem palavras. Contam-lhe uma história sobre o fim das coisas e a perda de tudo e todos os que amamos.

Todos nós, um dia, vamos perder tudo e todos os que amamos.

«Faz-me um *trabalho* que me traga a filha de volta», pedira Sandy num sussurro a Verónica. «A botânica e os paus terão alguma resposta para me dar...»

Verónica passou-lhe a mão, com carinho, pela cabeça. Sandy estava tão desesperada que não compreenderia que aquilo que pedia não era possível. Ninguém podia trazer um morto de volta. Verónica nunca o teria feito. Isso de trazer mortos de volta à vida é uma metáfora. No passado outras pessoas tinham julgado que ela podia trazer mortos à vida – e agora a ideia persistia.

Julgavam que herdara esse poder da avó, agora fechada numa caixa.

A ressurreição da carne é uma interpretação grosseira da libertação espiritual, a carta de alforria da mente aprisionada pelos seus próprios medos e limitações. Nunca compreenderam que Lázaro é uma metáfora. Ele estava morto, não da maneira que as pessoas julgavam. Ele estava morto da mesma maneira que a maioria das pessoas *já* anda morta. Logo, a única morta a ser recuperada era Sandy.

Após horas a pentear, Verónica foi beber água duma mangueira de borracha, no jardim.

«Tens de fazer um trabalho para a nossa patroa, ouviste, estupor?!», sussurraram-lhe as criadas, ameaçadoramente. «Feiticeira, tens de fazer um trabalho!»

Ao voltar para junto de Sandy, Verónica pediu-lhe:

«Vai pela cidade e traz-me um grão de milho», começara por dizer Verónica.

O rosto de Sandy iluminou-se de esperança.

«Mais uma coisa...», acrescentou Verónica. «Traz-me esse grão apenas de casas onde nunca tenha morrido ninguém.»

Satisfeitas as criadas acharam que um trabalho de tradição seria realizado. Sandy também parecia mais viva e recuperada, toda essa tarde.

No dia seguinte, Sandy saiu de casa, bem cedinho, em busca dos grãos de milho para se fazer o tal trabalho. Na rua, os vizinhos viam-na.

«A coitada está louca desde que a filha morreu. Primeiro morreu-lhe a mãe, queimada daquela maneira... Agora a filha.»

De porta em porta, Sandy pediu um grão de milho.

«Claro, filha», respondiam algumas pessoas com compaixão. A maioria gozava.

«Só posso aceitar um grão de milho desta casa, se nunca ninguém aqui tiver morrido», explicava Sandy.

«Ai, filha, isso é que é mais difícil. Morreu-me o marido. Ali mesmo, naquela cama. Gritou durante dois dias...»

Mais à frente noutra casa:

«Morreu-me um filho faz cinco anos...»

E na seguinte:

«Morreu a minha irmã...»

E no outro lado da cidade:

«Morreram-me todos. Estou sozinho.»

Ao fim da tarde, Sandy compreendeu o penteado que Verónica lhe fizera. Passando em frente de uma janela viu o seu reflexo e entendeu como são tecidos e cruzados e misteriosos os fios da trama da vida e da morte. Na sua cabeça as tranças, como fios de água, como pequenos regatos e cursos de água, corriam para a queda dos seus ombros – e eram interrompidos. Toda a ponta do cabelo era cortada da sua cabeça – depois de um maravilhoso entretecer de relações, com outros cabelos e outras tranças, em padrões

complexos, o cabelo termina. Cada trança tem um fim.

Nenhuma casa estava livre da morte. Ninguém lhe conseguira dar um só grão de milho. O trabalho não seria realizado. Não havia solução. A revolta fora dissolvida. Não havia solução, mas dissolução. Já não era necessário nem o milho nem o trabalho.

Sandy encontrara a sua melhor amiga. Verónica era a sua ressurreição.

6.

No seu pequeno cubículo, Verónica, de joelhos, oscila suave para a frente e para trás como um junco ao vento. Projecta mentalmente o seu corpo para grandes distâncias. Percorre os apertados acessos das casas da Capital e procura a mente da sua querida amiga. Envia o seu corpo astral como uma visão de consolação, o espírito Paráclito que é apenas visto por alguns. No confuso apartamento da Capital, como num sonho de luz infravermelha, Verónica vê que o velho Svart lhe pede, insistente, água. Ela oferece-lhe um milagre.

«A minha amiga precisa de mim...», murmura Verónica sem cessar, fechada no seu cubículo, onde começou a ficar escuro, onde visualiza a amiga, de olhos fechados como quem reza. «Agora vem, de novo, até mim, aqui na província, junto ao mar.»

Na bacia com água sobre o tampo da caixa da avó, entre as vibrações concêntricas das águas, Verónica está a ver a tapeçaria-do-tempo, de longe, panorâmica, como quem dá um passo atrás para apreciar um mural, apanhando-lhe todos os pormenores duma só vez, o todo num instante. Está, portanto, a ver o futuro e o passado.

Verónica é assaltada por uma visão obscena. De novo vê o ritual incompreensível, a estrutura, e um cadafalso ou aquário. Talvez um guindaste ou antena enorme, metálica. Um aquário. Dentro do líquido, um engenho de movimento contínuo, uma máquina viva, uma bomba de carne, seguramente um corpo de mulher, nu, e um corpo animal, gigante. Algures sente o espírito, como um perfume, da sua amiga. Verónica não vê o rosto de Sandy, o corpo da mulher tem uma cabeça com cornos, os olhos esbugalhados, o pêlo, a cabeça errada agraçada na delicada carne de mulher.

Verónica vê agora também o passado. Vê toda a cadeia causal que vai da primeira visão obscena até às suas causas anteriores. É como seguir um rio até à sua fonte. Vê todos os elos e cadeias de violência que, em progressão, levarão a um mal horrível para a sua amiga. Vê o futuro e vê a fonte passada também. Muxima, a mãe de Sandy, a avó de Verónica, o militar queimado, o velho que veio de outra terra – sente-os todos juntos e sobrepostos, como um cacho de destinos embrulhados.

Muxima fora feita maiombola do Brigadeiro. Quem fizera o trabalho fora a avó de Verónica. É difícil fazer pior a uma pessoa. É a derradeira escravatura.

Ser uma maiombola é uma das mais agudas perversões da Lei Natural,

pois todos nós conseguimos conceber uma existência futura, sem corpo, onde, no entanto, o espírito ainda está presente. A maiombola é o oposto. É a inversão, logo, uma aberração. É uma existência futura apenas do corpo, onde o espírito está ausente. Isso é inimaginável, pois é a alienação da mais íntima das propriedades, o nosso corpo.

A maiombola é como qualquer um de nós. O seu corpo: o seu cérebro, órgãos internos e reacções são como os nossos. Se abrímos o crânio da maiombola, o encéfalo comporta-se como o nosso. A maiombola grita de dor quando electrocutada em certa área cerebral. Só que o «fantasma» não está lá dentro, entranhado na matéria. A maiombola é só corpo, máquina, uma casca sem fantasma, uma casa de inquilino ausente.

Verónica ensinara ao ouvido de Muxima que, na natureza, o fogo tudo renova. Aprendi lá na igreja, sussurrou Verónica uma tarde aos ouvidos frios. Como um sarcófago, Muxima ficava imóvel, todo o dia, onde a colocassem. Geralmente sentava na borda da cama. «Jesus tinha uma placa sobre a sua cabeça ao transformar-se de homem em Deus. *INRI*. É latim. *Ignea Natura Renovatur Integra*. Ouve-me, ouve-me. Na natureza o fogo tudo renova...»

Agora Verónica revê na sua memória a conflagração, o fogo purificador, lambendo as paredes, fazendo o corpo frio de Muxima tornar-se numa harpa de labaredas e cor. A casa ardia e já não estava vazia, o fogo era seu inquilino e senhor. Verónica sorri e dança de olhos fechados, ao som do fogo. Tudo é música, mesmo este tremendo incêndio, pois nada existe sem música. O universo ele mesmo é formado pela harmonia dos sons e a música é a própria luz. E a luz é a cor. E todas as cores emitem uma frequência. Todo o universo respira na dança ondulatória da vibração.

E do fogo de Verónica.

Era difícil conhecer o passado de Verónica. Mais ainda porque Verónica não tinha uma história nada linear ou compreensível. Uma história nada credível para muitos – normalmente essas são as mais verdadeiras das histórias: as inverosímeis.

Verónica tivera um pai artesão e uma virginal mãe que partiram para umas férias no Brasil, das quais não regressaram. O pai de Verónica tivera um sonho que a guerra vinha aí e que inúmeras crianças seriam mortas. Levaram Verónica, à revelia de toda a família, em especial da avó, que tinha uma imensa possessividade pela menina.

Verónica cresceu no Brasil até aos quatro anos, tendo durante dois anos passeado sozinha entre as ruelas inclinadas da Rocinha, pelas largas calçadas de Ipanema onde, não raras vezes, surgem do nada garotas mágicas e inesquecíveis. Por onde andasse Verónica mantinha a estátua do Cristo Rei como referência e ia-lhe contando as suas descobertas e aventuras. Com frequência levava os seus novos amiguinhos, lá ao alto do Corcovado, para conversarem com o Cristo: cães vagabundos; gatos magrinhos; garotinhos

podres e snifadores de cola; militares com cobardia a gostarem de homens; policiais das *blitzs* com os bolsos recheados de baseado confiscado para fumarem às escondidas; traficantes de maneiras à Casanova que, sozinhos, choram namoradas mortas nas guerras pelas bocas-de-fumo; prostitutas do Calçadão que se sujam por futilidade e não por necessidade. Todas essas almas, a pequena Verónica levava pela mão, sendo ela quem as passeava e delas tomava conta. Crianças grandes levadas pela mão duma menina de quatro anos, linda de morrer, como o são, sempre e invariavelmente, as crianças de África.

«Sabem porque ele está de braços abertos?», perguntava Verónica aos seus amigos de passeio, com aquele atrevimento único e inteligente de criança mangolé. «Porque está sozinho e chama todos para serem abraçados», e ficava a olhar as reacções. «E sabem porque está sozinho? Porque não precisa de ninguém. São vocês que precisam daquele abraço. Não ele!», e ria alto abraçando-os. «Tal como eu não preciso de vocês!», e fugia-lhes e os seus amigos de rua seguiam-na horas e horas enquanto brincava às escondidas com eles, plantando pequenas pistas pelo caminho: três pedrinhas empilhadas; uma flor a fazer de seta; o dedo esticado dum velho adormecido ao sol; uma nuvem de cor diferente no céu; um reflexo de arco-íris numa janela do Verão; uma carinha a rir desenhada a giz no marco de correio da esquina. E assim passavam-se tardes com dezenas de crianças, adultos, homens do crime e outros da lei, todos seguindo a mais linda menina negra, pelas favelas, avenidas e parques do Rio de Janeiro.

Verónica sempre foi amada por todos os que com ela se cruzavam.

Aos quatro anos ela perdeu o seu lugar naquele paraíso tropical onde conhecera tanta liberdade e doçura. De repente a avó apareceu no Rio de Janeiro e levou-a de volta para África. Estávamos no ano de 98, nas vésperas de mais uma terrível guerra.

Logo na primeira semana houve um ataque aos civis e bombardeamentos à Cidade, por isso Verónica esteve fechada duas semanas dentro de uma casa de banho, com três amigos dos pais, um brasileiro, um português, um francês que lia alto todo o tempo – e a avó.

O brasileiro e o português eram um casal amoroso que se mascaravam principescamente com jóias de senhora velhota, se pintavam excessivamente, passavam modelos e brincavam aos reis magos, enquanto Verónica deliciada perguntava:

«São homens mesmo?», ao que a avó nem respondia e o francês se desmanchava em gargalhadas sonoras enquanto partilhava as suas leituras, no original, de Simone Weil e Viktor Frankl.

Todos eles a mimavam sem cessar. Quanto à avó, sempre muito queixosa, só à neta ligava. Os reis magos não paravam de snifar da sua latinha de incenso, nem de fumar da sua caixinha da mirra. Tinham trazido uma lata resultante do famoso «verão da lata» no Rio de Janeiro, quando um cargueiro largou ao largo milhares de latas de marijuana da melhor e que, durante meses

e meses, foram dando, de forma generosa, à costa e proporcionaram ao Rio a maior moca colectiva da história. Uma dessas latas tinha sido encontrada por Verónica que, inocente, a levava consigo, gostando do desenho pintado e fora confiscada com máximo júbilo pelos amigos na casa de banho.

Foram dias de grande felicidade para a criança apesar dos booom! booom! booom dos Migs, que nunca cessavam.

Devido à erva e às leituras em voz alta, foram encontrados pelos militares. A comandar um bando de meninos armados, vinha um Brigadeiro de pele muito lustrosa, quase transparente, e boca pequena, dura e cruel. Os seus olhos gulosos de réptil eram determinados. A avó falou com ele, a sós, durante mais de uma hora. Estavam a negociar algo. A prova disso era a foto que o homem deixara com a avó, junto com um maço de dólares americanos. Era a foto de uma mulher jovem, muito negra.

Depois seguiram-se anos de perda, de fuga, de deslocação, até que Verónica acabou na província, numa casa desconhecida e miserável. Durante o período inicial em Benguela a avó ausentava-se noites inteiras na companhia do Brigadeiro. Voltava extenuada, como se tivesse passado todo esse tempo a caminhar. Verónica sabia que a avó andava a tratar do negócio que fizera com o Brigadeiro e que isso envolvia a mulher muito negra da foto.

A avó transformava-se de mês para mês, tornando-se cada vez mais irascível e violenta. Começara a bater na Verónica e a culpá-la de todos os males. Males que Verónica desconhecia.

«É por tua causa, para te salvar, que me perdi», repetia a avó. «Quem te paga a comida, a roupa, o sabão? Quem? Com que dinheiro, minha estúpida? Com que dinheiro?»

Verónica nunca mais viu os reis magos, e nunca mais conversou com a avó como se fossem amigas. Nunca soube onde estavam e quem eram os seus outros familiares e nunca veio a conhecer o seu próprio apelido. Nunca mais, portanto, foi encontrada pelos pais.

Passados uns anos apareceu na casa delas o Brigadeiro, acompanhado por dois miúdos de metralhadora, de charutos na boca e óculos à Ray-Ban. Entrou sem bater. Verónica apenas reconheceu o Brigadeiro pelo uniforme. O Brigadeiro sofrera um acidente horrível, estando completamente desfigurado por queimaduras.

Trazia arrepanhada, pelos cabelos da nuca, uma menina que se debatia ferozmente. Uma linda menina castanho-avelã, rosto transtornado de medo e dor.

«Esta gata selvagem é o teu próximo trabalho. Vê se fazes melhor serviço, velha, porque ainda te posso mandar fuzilar», sibilou o Brigadeiro com audível dificuldade em falar e respirar. «É a filha da outra. É o tesourinho da maiombola que me tentou matar. Esta assanhada chama-se Sandy. A maiombola queria livrá-la de mim. Na sua mente obtusa, a maiombola compreendeu que um homem não aprecia carne fria. Tinhas-me dito que a maiombola não dava acordo de si, nem tomava decisões. Pois vê o que ela me

fez, sua velha megera!»

Olhando-a do outro lado da casa, Verónica sentiu uma desconhecida e intensa dor por aquela rapariga tão desamparada e sozinha. Tinha uma pele como trigo maduro sob o sol da tarde – e cabelos que eram um halo dourado de poeira estelar. Era uma menina chocolate cuja lâ de ouro dos cabelos lhe emoldurava um rosto bonito de morrer.

«Sandy», sussurrava a avó com aspereza. «Comporta-te senão vão-te bater.»

«Quero que fique presa a mim. Não quero que aconteça o mesmo que à mãe», e com a tira de pneu que tinha pendurada na mão direita, espancou as pernas nuas e compridas da miúda que tentava soltar o seu cabelo do punho do militar. «Quero que esta fique completamente deste lado do mundo.»

A velha trouxe a foto da mãe de Sandy. O Brigadeiro colocou-a em frente dos olhos da filha. Depois deitou-a no fogo. Depois passou uma outra foto à velha, junto com um maço de notas. Uma pequena foto, tipo passe, de Sandy.

«Quero que a sua carne continue quente», rematou o militar com uma sonora chicotada de tira de pneu nas pernas da menina. «A mãe obedecia-me só que não estava viva, não tinha calor na carne... nojenta...»

Havia algo de brutalmente ancestral neste ícone de um homem a violentar uma mulher. Verónica, que nunca vira nada assim na sua vida, começou a soluçar alto, sem querer.

«Manda aquele bebé bazar da entrada da porta. Não gosto da maneira como me olha, fixa», arquejou o militar para a velha e para Verónica. «Já da outra vez não lhe gostei da cara. Porque fica a espreitar o que não lhe concerna?!»

A avó mudara muito depois que a sua antiga casa fora destruída. Com os bombardeamentos, as saídas nocturnas e o negócio com o Brigadeiro, deixara, para sempre, de dormir.

«Nem me dei conta de que já não durmo. Passou mesmo muito tempo depois do trabalho que fiz com a mãe desta desgraçada criança... Tal como não me dei conta quando perdi o amor. Já não acredito em nada», disse a avó desfazendo com um pau os restos da foto da mulher negra. Arfava as palavras por detrás de um lenço com que, agora, andava por todo o lado, tapando a boca e o nariz. «Pelo menos pegaste fogo a tudo, boa mulher. Falhaste, ele ficou vivo e a tua filha é agora dele...», falava a avó para a foto. «Este cheiro de morte.»

«Sandy...» Verónica chora pela sua nova amiga. «Que te farão, assim tão sozinha?»

Foi depois de o Brigadeiro partir com a filha da defunta para a Capital que a avó mandou fazer uma caixa e se meteu dentro dela, para nunca mais sair. Fizera o tratamento e o trabalho. Agora o destino da filha da maiombola já não lhe pertencia.

«Agora dormirei na minha nova cama», disse a velha fechando a tampa.

Tornou-se a velha-na-caixa que toda a gente teme.

Tendo limpadado, de novo, o rabo a mais um exercício de gramática, o velho Svart sai da casa de banho. Tem os intestinos na condição mais explosiva. Whisky, tabaco e liamba não ajudam.

No tempo que decorreu entre salvar a Sandy de saltar da janela e uma ida intempestiva à casa de banho, a meio da conversa que começa a ter com a rapariga, na sala de estar e de dormir, e de tudo e mais alguma coisa, a torre de Babel de bagagens e fardos já desaparecera.

Da rua, chegam ainda mais amplificadas os gritos do carnaval, misturados com slogans políticos e batucadas desenfreadas. As paredes do prédio abanam com um kuduro que ascende como fumo e fogo. O senhor Svart limpa o suor pegajoso que lhe corre pela cara. Como gostava de poder tomar um duche e beber um longo e fresco copo de água. A 250 decibéis a parada chega-lhe aos ouvidos como uma ameaça para que se despache.

*Com a ponta da ganza na mecha:
Fogo à peça! Cortem-lhes a cabeça!
O desGoverno manda-te para a guerra
Porque te dizem que esta é a tua terra.
Mas és estrangeiro ao seu mundo de dinheiro,
Das promessas antigas nem cor nem cheiro...*

«É isso que mais me enoja neste lugar», reflecte o senhor Svart. «Os restos da guerra e os cacos das ideologias, propagandas e outras coisas-boas-para-o-povo», elabora o senhor Svart sem saber o que pensa.

Já na sala, do chão, ouve uma criança a chamar:

«Mãe!», a boquinha está aberta e os bracinhos levantados, enquanto uma lágrima treme à beira de rolar pela bochecha.

«Vai chamar mãe ao caralho!», responde a mulher para a criança que a chama.

Uma funcionária da limpeza, que é prima da senhora, explica com placidez:

«Às vezes ela lembra-se, outras não. É assim uma mãe com falhas de memória», justifica. «Sabe, senhor Svart, ela foi muito activa e militante no tempo em que os suecos nos ajudaram muito. Gostei muito das campanhas pelo leite em pó. Poupou-nos bem as mamas enquanto a política esteve activa. Aqui dá-se de mamar até os bebés terem dentes e isso deixa-nos com as chuchas muito rebentadas. Ficam que parecem sacos de café. Eu, tal como a minha prima, gosto muito das políticas suecas!»

«Que legalizem o aborto; na condição de não termos de comer o feto», a mãe sem memória disparata e esbraceja. Alguém lhe passa uma cerveja. «Não nos imponha o seu filho!», grita feliz levantando a garrafa. «Avante socialismo! Avante!»

O velho Svart apercebe-se de que o deixaram para trás e arrasta-se a custo pelas escadas abaixo. São doze andares sem elevador, uma vez que este é utilizado como conduta do lixo, estando repleto até ao andar do topo.

«Quem está arrependida de ter feito um aborto, faça um segundo!», ainda ouve o senhor Svart ao dobrar o primeiro lanço de escadas. O coro de bebés a chorar é ensurdecedor, pois tem como fundo indistinguível as batidas do kuduro que atravessam as paredes podres.

Tonto do whisky e da liamba, o velho dá-se conta de que não comeu nada. Já nem se lembra quando foi a última refeição. Talvez o hambúrguer do quiosque onde abandonou a cabeça do traficante. A sua mão ao agarrar o corrimão produz um som metálico. Olha-a e vê que ainda está estupidamente a segurar o quebra-nozes. Decide parar para descansar entre dois pisos. Quebra a semente que tem no bolso, na esperança de que seja comestível. O senhor Svart não tem fim para os seus cuidados:

Em vez de lhe sair um fruto seco de dentro da semente, vê a coisa mais estranha de todas: uma mortalha podre, como papel. Está para deitá-la fora quando decide examinar melhor tão estranha substância. Separa as cascas quebradas e revela-se a totalidade do interior da semente. Não é polpa podre, é mesmo papel! Um papel impressionantemente bem embrulhado, dobrado, comprimido sobre si mesmo. Com um receio justificável o velho Svart começa a desdobrar o

papel que surgiu milagrosamente de dentro da semente. Quem planta sementes de limoeiro não pode esperar frutos de manga, dissera a mulher da voz ardente.

Abre a folha de papel na totalidade. É um A4 impressionantemente compactado. Está escrito. *O Manual de Camuflagem para a Revolução Perpétua*. É um manifesto político, assinado por um Doutor Branco. Do outro lado, à mão, está escrita a sua última carta dirigida a Muxima. Na sua própria caligrafia, uma carta com mais de trinta anos, que devia ter chegado às mãos de Muxima. A carta que ele enviara pela mão do seu puto, o menino-sem-nome.

Aterrado, o senhor Svart enfia tudo no fundo do bolso e precipita-se a descer as escadas o mais rápido que pode, empurrando crianças à esquerda e à direita, abrindo caminho, como Moisés, pelo mar vermelho.

Só chega a meio caminho do lance de escadas. Já não aguenta mais, o coração está a sair-lhe pela boca e não consegue respirar o ar de tão quente e líquido. Sente-se dentro de um aquário de água estagnada, e até os sons têm a mesma qualidade surda, baça, opressiva.

«Sou o Gilson», diz um dos miúdos nas escadas. «O apelido é “drogadito”. Sou costandeiro de profissão e também lavo carros. Posso levar-te às costas até lá abaixo, ou onde quiseres.»

O senhor Svart não regateia. Dá uma nota ao Gilson, de apelido Drogadito, e sobe-lhe para as costas. O rapaz voa escadas abaixo ao encalço do resto do grupo que há muito desceu, como formigas carregando os fardos

de material para levar para o mato.

Ao chegar lá abaixo o rapaz coloca-o no chão enquanto, alarmado, o senhor Svart vê os últimos carros a irem-se embora. O senhor Svart pode jurar que Kurtz o vê e o ignora de propósito.

Quase pode jurar que Kurtz lhe diz, soletrando palavras debaixo de água:

«What are you looking at, fuckin' wanker? Look at this», e um dedo indecente espreita pela janela enquanto o carro se afasta.

«Eu deveria ir com a Sandy no carro do Kurtz», geme o velho Svart, mas abandonam-no, como se abandona uma criança feia, belfa, gorda. E a criança, neste caso o velho, fica a olhar como quem vê um comboio, devagarinho, a afastar-se. Os meus documentos, a minha mala, o meu dinheiro.

O velho Svart começa a correr empurrando pessoas supostamente mascaradas. Entra por uma poça de lama com um arco-íris de gasolina, os seus passos parecem saltos de ballet, recortados de encontro a um céu plúmbeo, pesado, quente. O vento seca-lhe o suor do lábio até que o velho cai, lento, quase patético (pelo menos não está de braço estendido para o carro que, em câmara lenta, dobra a esquina). É levantado por braços prestimosos e começa, sem querer, logo a caminhar. Mal toca no chão. A multidão envolve-o de todos os lados. É arrastado, como uma rolha, pela maré carnavalesca.

8.

Devagarinho começam a aparecer mais mutilados do que é frequente. À sua frente o velho Svart vê um filme que decorre tanto lento como rápido. O movimento das gentes torna-se mais pausado, como nuvens no céu. Nuvens que se adensam.

Aos seus olhos é como se visse dois filmes em simultâneo, sobrepostos e transparentes. Os dois filmes que são a imagem clara do passado, como massa transparente de águas de um lago, e sobre essas mesmas águas reflectidas as imagens da actualidade. Dois planos de existência, correspondendo a dois tempos diferentes, da mesma coisa. Por detrás os prédios e moradias e muros e estradas parecem atravessar uma transformação de cinquenta anos em alta velocidade.

O senhor Svart é levado entre o povo, é abraçado, beijado, empurrado, insultado. A sua boca fala sozinha, não para pedir ajuda, mas sim explicar a si mesmo o que está a ver, como se fosse um mais-velho a explicar a um filho o que ele não compreende. O senhor Svart é, ao mesmo tempo, o jovem perdido e o avô prestável.

«Vejo as casas, supermercados, lojas e esplanadas – que já se foram – surgirem como fotografias antigas, espectrais, sob o sol da tarde. Uma casa particular, de outrora, uma casa que viveu momentos de tanta alegria, de repente, vejo-a transformada em hospital da cruz vermelha, para, logo a seguir, se especializar em asilo de mutilados.»

Devagarinho começam a aparecer mais mutilados do que é frequente. As nuvens, lentas, convergem e ajuntam-se. Vêm em muletas e cadeiras de rodas

– vêm do coração dos musseques, onde a polícia anda aos tiros com os putos, dia e noite, impedindo pequenas multidões de crianças, a pé e armadas, de chegarem ao centro da Capital. No geral vêm à procura da oportunidade-de-ficar-rico, hoje é só para curtir. «Podem matar», gritam os putos para a bófia, enquanto se fintam mutuamente por entre as barracas de plástico e cartão, separadas meio metro entre si. Não têm nada a perder, estes putos. Este jogo é divertido até. Comem lama dos esgotos, espalmada e seca em formato de bolacha, e fumam *crack* de latas de gasolina, enquanto do centro da cidade brilham prédios de luxo, como faróis para se navegar para fora da miséria.

Hoje puderam vir para o centro da cidade, em grupo, sem ser atacados. Roubam cigarros aos velhos que se sentam na sombra, a guardar, e a jogar às damas em cima de um cartão pintado e caricas de cerveja a fazer de peças. Os velhos vêem aquilo por que lutaram durante décadas de guerra civil. Dos lábios secos dos velhos combatentes, que agora guardam os portões e entradas das casas dos novos senhores, sai um fio de fumo de cangonha e um sussurro:

«Tenho medo. Porque quem viu a guerra sabe que não quer mais. Estes putos não sabem o que querem. São novos e têm os colhões como zepelins da segunda guerra mundial, carregados de meita e raiva – e estão cheios de vontade de sair da merda e de usar as armas como bom argumento para isso. Dá mais gozo do que fingir que se estuda.»

As gentes juntam-se na marginal pois é dia de Carnaval. Nuvens no céu.

Então vê-se, de passagem, um gato crucificado por ser feiticeiro e exposto na parada de monstros do Carnaval na marginal da Capital. Avançam pessoas mascaradas com caixas de cartão, roupas rasgadas, cadeiras de rodas, muletas, próteses, AKs escondidas em mochilas – foliões enfaixados em palha, relva, papel higiénico. Os gritos de acompanhamento ao crucificado já rimbombavam, quinze quilómetros atrás – lá para dentro – desde o coração dos bairros da lixeira. Os passos de dança, sozinhos ou a par, os padrões – uma espécie de ritual que simboliza uma luta, um coito, ou um ataque epiléptico tecnicamente perfeito. Tudo parece ser disfarçado pela dança e alegria. Na verdade a mensagem implícita é outra e sempre a mesma: miséria e mais miséria. Coreografias que camuflam golpes de imensa sede e fantasias de agressão.

O senhor Svart olha impressionado as coreografias do kuduro, do milindro, do cambwa, do fogareiro, do toca-lá. Coreografias que deixam os ícones e estátuas vivas de Trisha Brown ou de Pina parecendo delicados trejeitos de meninas tímidas, perante este exagero sensual e colérico.

«Ó branco, estes toques não são para ti!», grita-lhe uma miúda inclinada sobre o capô de um carro, rodopiando a bunda em calçãozinho de ganga, como uma ventoinha. Depois levanta a perna, de lado, fazendo de cão a mijar. Iguais a um grupo de zombies com Creutzfeldt-Jakob, vários jovens «dão do milindro». Convergem, em círculos espontâneos de exibição e despique, multidões de crianças a dançarem kuduro, a darem-lhe-do-milindro, do cambwa, e a gritarem as letras do Pai-Grande, Dor Fantasma, Estranho-

Atrator, Brigadeiro Dez Pacotes, ou de outro putro DJ ou MC qualquer.

*Quando se assume a impotência –
Que não há saída para a dor, que não há fuga da violência,
Quando não há fim para as armas e corrupção –
Com a ponta da ganza na mecha:
Fogo à peça! Cortem-lhes a cabeça!
O desGoverno manda-te para a guerra
Porque te dizem que esta é a tua terra.
Mas és estrangeiro ao seu mundo de dinheiro,
Das promessas antigas nem cor nem cheiro,
Penduram-te de cabeça para baixo,
Invertido, subnutrido, e pior, pervertido:
Com um prego espetado no meio do cérebro e do ego,
Fazem de ti um poster – um calendário do tempo perdido,
Uma palhaçada por homem, uma paródia por história.
Trocaram-te a juventude e o cabelo
Por escravatura à culpa, aos mortos,
Ao Deus Pai do passado e do pesadelo
Com a ponta da ganza na mecha:
Fogo à peça! Cortem-lhes a cabeça!
E um gato crucificado num pau –
Quando se assume que esta é mesmo a nossa natureza –
Que é isto mesmo que somos –
Então democratizou-se e globalizou-se a escravatura.
Doença, velhice e morte –
São afinal problemas menores em comparação
Com a corrupção da alma, a estupidificação dos sentidos, o assassinato
da paixão –
E somos todos escravos desta hora dos assassinos –
Escravos de outros homens e do nosso íntimo doente também.
Eu sei-me escravo.
Sei-me escravo, pois só um escravo, como eu,
Poderia ter tanta ansiedade e desejo de liberdade.*

«Lutas para escravos – cujas coreografias, no fim de tudo, eu também danço porque escravos somos todos», pensa o senhor Svart abanando-se convulso, ao ritmo forçado da multidão, preso por fios invisíveis a um mestre de marionetas perverso.

Enquanto tomava o pequeno-almoço de whisky e liamba o Brigadeiro-e-Bispo dissera algumas coisas acertadas. Agora o senhor Svart lembra-se delas:

«Somos herdeiros de um mundo envenenado por escravos do passado, e que nos foi legado por loucos, os inventores da sede-do-lucro-sem-fim, os pais

da escravatura enquanto economia global de mercado», dissera pelo telemóvel o Brigadeiro-e-Bispo. «Somos todos inocentes e odiados. Somos odiados pelo que não fizemos – mas porque todos temos raça, e logo somos responsáveis de tudo o que essa mesma raça fez – ou dizem que fez. Isso das raças é um problema sem fim. Mesmo que se misturem as cores de pele todas

– deixe de haver negros e brancos, apenas mistos –, ainda assim arranjar-se-á outra coisa qualquer. Mesmo que se enxertem as pessoas com todas as peles possíveis, então a divisão terá de ocorrer por outro factor qualquer. Tem sempre de haver conflito. Conflito é o motor, o engenho de movimento contínuo, desta realidade. Avidez e aversão, ganância e ódio – esses são os únicos motivos que nos fazem reagir. Talvez no futuro sejamos distinguidos pela cor dos olhos – e assim teremos quatro raças.

Não houve abolição da escravatura. A carta de alforria foi apenas um decreto de generalização da condição e doença da escravatura. Democratizou-se não os direitos, mas a culpa. Agora somos todos culpados de tudo e de todo o passado – somos todos escravos dos negócios e pactos satânicos de nossos pais. Somos todos escravos e merecemos ser crucificados para redimir as culpas e pecados de todos. Não damos a vida por nossos filhos ou irmãos, mas por aqueles que já não são vivos. Não perdemos a vida nas batalhas de agora, perdemo-la pelos pecados passados, as culpas dos que já se foram. Andamos a redimir as culpas de criminosos que partiram com um sorriso na cara – e nos deixaram o mundo em chamas por apagar», dissera o Brigadeiro-e-Bispo. «Mais vale lançar gasolina sobre tudo, para que o fim chegue mais rápido, não acha Herr Svart?»

O senhor Svart, no íntimo, concordara. E pensa:

«Todos desejamos uma carta de alforria – um decreto abolindo o passado – e isso seria sim outro mundo – um território sem os trilhos e pegadas dos antepassados ditando-nos, ditatoriais, todos os nossos castigos e culpas. Essa carta de alforria – esse decreto de abolição do Passado – seria a verdadeira revolução da alma, pois é a nossa felicidade, a nossa consciência, dentro da câmara de tortura dos nossos pesadelos, que está agrilhoadada. É esse medo contínuo que prova que somos escravos», termina o senhor Svart.

Quem tem medo é escravo – é um gato crucificado num pau.

O senhor Svart agora dá-se conta de que está a aproximar-se do bairro da esquadrada da polícia.

«Tenho de ir buscar o Chilato. Preciso que me leve, preciso do carro dele», decide para si mesmo. Tenta sem sucesso sair do meio das pessoas. Estão todos apertados. Sente junto ao corpo o mar de adolescentes e crianças que são quem constitui a maioria da população da Capital.

«A esperança está nos mais novos, está nas futuras gerações», pensa Svart com medo. «Bastaria esta maralha de jovens começar a investir em direcção ao centro da cidade, vindos dos bairros e musseques periféricos. São milhões. Bastaria estes jovens quererem e todo o sistema ficava esmagado.»

A claustrofobia causada pela desova vinda dos bairros de lata que se

perdem pelas bordas do horizonte asfixia. Tenta ir na direção oposta da corrente, para junto da esquadra. Estes miúdos trazem com eles um zumbido de paisagem escaldante, a luz chapada do metal dos telhados das barracas e casas miseráveis. As ruas com multidões acotovelando-se e, de repente, começa um grito, estilo Munch.

O senhor Svart começa a temer pela vida. Tenta arrastar-se contra a corrente, não consegue, as pernas tremem-lhe por todo o lado e começa a apavorar-se com a ideia de cair ao chão.

Um uivo de milhares de vozes gasosas, congregando milhares de regatos de vozes individuais numa só torrente – um súbito tsunami de raiva e gargantas rasgadas. Oh-o-o-o-oh a terra abre-se de todos os lados e as pessoas começam a correr apressadas.

Svart pensa que se iniciou a revolução, o colapso, os musseques, hoje, justamente hoje, vão entrar pela cidade asfaltada dentro, e vai tudo acabar num apocalipse de catanas, mocas com pregos, pilhagens e uma resolução da história desta Capital à maneira malthusiana.

Svart vai sendo arrastado para um lugar que é o epicentro deste grito, é sugado para o centro do vórtice.

«Ai, vou ser executado também!», grita sem que ninguém o ouça. É empurrado para a frente e, depois, sacudido para trás. É uma maré com fluxo e refluxo e ele foi apanhado, como uma criança que brinca junto a um mar pegoso.

Espera ver alguém com uma gravata de Mandela já a ser linchado, em pleno. Talvez um membro do governo, com um pneu a arder metido à volta do pescoço. Não. O turbilhão concentrava-se em volta de uma carrinha de refrigerantes, onde um DJ, óculos cor-de-rosa, carapinha loura e ténis da Ferrari, juntamente com umas misses e uns musculados, está a oferecer latas e, pior, a distribuir camisas sem mangas, uns tais «parte-os-cornos» com a cara dele próprio estampada. Ele promove o refrigerante e o refrigerante promove-o a ele. Toda a gente quer o refrigerante e a camiseta sem mangas. Os musculados empurram as pessoas à bruta, as misses tentam esconder-se no fundo da carrinha. O DJ vai atirando as T-shirts sem mangas para o mais longe que consegue, tentando afastar a população. Pelos vistos não está a conseguir dar conta do recado, pois os gritos de protesto e revolta, mesmo por baixo dele, canalizam para as mal distribuídas T-shirts todo um sentimento de injustiça e

carência generalizados. O povo não é estúpido e sabe onde está o bolo. Os que sentem a camiseta parte-os-cornos passar-lhe pelas falanges dos dedos sem, no entanto, a conseguirem agarrar, desatam num urro tremendo de desespero, como quem deixou escapar um filho das mãos sobre uma ravina sem fundo.

Milhares de rostos Munch, pensa o senhor Svart, também ele com a cara toda torta e a boca aberta. Junto ao senhor Svart, uma mulher com um bebé atado nas costas por um pano, consegue receber uma camiseta que lhe aterra

nas mãos. Aproveitando-se da pouca agilidade da mamã e do facto do bebé estar a ser esmagado pela multidão em redor, alguém lhe saca o parte-os-cornos das mãos, fugindo. A mamã ainda tenta enfiar-se entre as pessoas, gritando em desespero, de mãos esticadas para a camiseta com a carinha do DJ a rir.

«Gatuno! Gatuno! devolve-me a minha camiseta.»

«A minha camiseta.»

A mulher brame de forma horrorosa, juntando a sua pequena voz ao mar de desespero. O bebé bate com a cabeça, à toa, à esquerda, à direita, à esquerda, à direita, contra as paredes de gente que em redor lhe comprimem o delicado corpo. O ladrão foge com a carinha do DJ feliz, a rir entre a multidão. Assim, com tanto expediente, vai-se longe na vida.

«Que força temível na avidez destas pessoas», pensa o senhor Svart. «Que poder incomensurável no seu querer, quando motivadas e mobilizadas por algo importante. Uma camiseta parte-os-cornos distribuída por um artista com ares de palhaço, para a promoção de um refrigerante. A carinha a rir numa T-shirt chinesa, mal impressa.»

Alguém dá uma valente chapada na careca do velho Svart.

«Ai! Preciso de fugir daqui, desta prisão sobrelotada. Ai! Preciso de fugir desta Cidade. Socorro!», o senhor Svart já grita, sozinho, com a boca virada para o alto.

Aparecem-lhe pela frente dois miúdos a dançar como possessos. Os miúdos agarram-no, cada um por uma das mãos e começam a levá-lo a grande velocidade para fora do caudal de corpos à deriva.

«Kaviula! Xinganje!», grita o senhor Svart quase feliz por ver os miúdos.

Os miúdos, com murros, pontapés e insultos, abrem caminho levando o senhor Svart para uma zona mais calma, justo nas imediações da estação de polícia onde o senhor Svart já tinha estado na noite anterior.

O senhor Svart encosta-se a uma parede, fazendo-se bem rente ao muro, para tentar esconder-se na sombra. Sabe que do outro lado do pátio está o jovem Chilato, metido numa cela, à espera que o soltem.

«Temos de arranjar um modo de fazer sair o Chilato», diz o senhor Svart aos dois miúdos que não param de dançar. «Preciso de rodas para fugir desta Capital fora.»

Nesse instante o senhor Svart houve a maior explosão da sua vida.

9.

Quando o vulto camuflado fora criança, não tinha nome. E também ainda não tinha escolhido para si mesmo o nome de código «Doutor Branco». Era apenas um menino-sem-nome que ficava a guardar um frigorífico de discoteca, noites a fio. Gostava de coisas estranhas, e por isso também gostava dos estrangeiros. Era amigo de todos, os da ASDI, da ADPP, do PASEG, do IPAD, da ONU, da CEE, da FAO, da ADSA, do PIM, PAM, PUM, etc.

Tal como os seus amigos estrangeiros, o menino-sem-nome ganhou, por

influência do convívio, certezas muito definidas acerca do que é certo e errado. Desenvolveu um apurado sentido quase salomónico da dualidade da existência, baseado em certezas auto-evidentes; certezas auto-evidentes, essas, assentes em intuições; e intuições, essas, cuja fonte é apenas a sua própria opinião. A opinião é tão-somente mais uma forma de discriminar. Não há ninguém que considere que a sua opinião esteja errada, caso contrário não a manteria. Também por isso ninguém se acha preconceituoso ou injusto.

Agora, a diferença entre o menino-sem-nome e os outros meninos, é que este menino, tendo aprendido com os seus amigos estrangeiros, tem opinião *para tudo*. Tudo o que lhe toca os sentidos tem de ser discriminado, comentado, rotulado. Tudo passa pelo seu apurado crivo discriminativo. Os seus amigos das organizações internacionais, note-se, nunca hesitam e têm sempre a certeza de tudo. Têm julgamento para tudo, mesmo quando afirmam que não se deve julgar e se deve ser tolerante. A sua tolerância também é uma forma de discriminação, pois desagrada-lhes quem não é tolerante às mesmas coisas que eles. Essa auto-confiança nas suas próprias sentenças dá-lhes uma aura de sabedoria:

Devia proibir-se o tabaco, devia legalizar-se a droga, devia vacinar-se por todo o mundo, devia abortar-se por todo o mundo, o trânsito é insuportável, a gasolina é cara, os cruzamentos deviam ter semáforos, os cruzamentos não deviam ter semáforos, os cruzamentos deviam ter rotundas, a prostituta não devia ser convidada a entrar, a atriz porno devia ser convidada a entrar, noventa por cento destas pessoas devia estar no mato a cavar, o sistema educativo está mau, o sistema educativo inclui demasiada gente, o sistema educativo não inclui toda a gente, o rio está bonito, a praia está suja, esta cidade é um nojo, todas as cidades subsarianas são sobrelotadas, esta cidade é vibrante, a caipirinha está ácida, as nuvens estão baixas, vai chover, vai trovejar, vai ficar quente, vai ficar frio, o futuro está no digital, o futuro está no regresso ao tradicional, o futuro está nos recursos alternativos, o futuro está nas mulheres, o futuro está em África, o futuro está na Escandinávia, o futuro está na Índia, a rede eléctrica vai ceder, o petróleo vai acabar, ela fala bem, ele cheira mal, não se deve dar de mamar, deve-se dar de mamar, deve-se usar preservativo por causa da SIDA, não se deve usar preservativo por causa do Inferno, a medicina ocidental é melhor, a medicina tradicional conhecia todos os princípios, a malária cura-se com Arinate combinado com Amoxicilina, os oxiúros não se curam enfiando um pau de tiakalunga no cu, o presidente é sóbrio, o presidente é

cleptomaníaco, África vai bem, África vai mal, a Europa isto, a América aquilo, e por aí fora, nunca se calam com as suas sentenças bíblicas. Dalí, junto do frigorífico, o menino-sem-nome observa os tугas, os suecos, os russos a dançarem. São ridículos, pois só os africanos é que sabem dançar. E talvez os cubanos. Ri-se deles a dançarem e esconde a cara de encontro ao vidro do frigorífico.

«Gosta da luz e da cor das gasosas, lá dentro», analisavam os amigos

estrangeiros.

Todos eram amigos do menino, mas ninguém lhe conhecia o nome. Nem o jovem Svart que tanto o elogiava. O futuro está em putos como tu, dizia o jovem Svart, passando a mão na sua cabeça, sem lhe conhecer o nome. Nem Ulla, que praticamente o adoptou e até já pensava em levá-lo de volta para a Suécia quando se lhe acabasse a missão pela ADSA. Todos gostavam do menino-sem-nome, como se gosta de alguém só porque se pensa que essa pessoa gosta de nós. Gostavam do menino-sem-nome porque pensavam que ele gostava deles. Não. O menino-sem-nome odiava os seus amigos. Estranho mas comum paradoxo, odiarmos os nossos amigos. Muita gente odeia os seus amigos. É mais fácil do que odiar estranhos.

O menino-sem-nome vestia tão extravagante quanto dançava, essa sua dança furtiva, que surpreendia como uma traição, despontando de entre as sombras e cantos escusos, aparecendo por detrás das pessoas como um vulto camuflado e insistente. Que roupa é essa?, perguntavam-lhe curiosos os seus amigos estrangeiros. Esta é a minha farda, feita por mim, a mais alta patente do exército-de-um-só-homem e que os outros, meninos de rua como eu, reconhecem, respeitando-a e colocando no devido *ranking*. É o meu uniforme camuflado que se destaca entre iguais. A minha farda é negra, de linho metálico, com um chapéu de pala e uma estrela em explosão, bem na testa. Tenho uma camisa negra, com insígnias, cicatrizes vermelhas cosidas a fio grosso nos ombros. Elas brilham no escuro. Cada botão da minha camisa tem o símbolo da Santa Morte inscrito, tanto no interior como no exterior. Tenho um cinto de cabedal, com espinhos de vidro fumado, e na fivela um crânio de cristal, com um par de sabres atravessando o osso, pelos olhos, um apontando para cima, outro para baixo. As calças são de camuflado, negras, cinza e castanho. As minhas botas são púrpura com uma fivela de aço inoxidável na parte de trás.

Tal como em muitos outros, neste país a coisa mais importante é o fato. Um bom fato italiano, ou português – um terno, uma gravata e, mais importante que tudo, os sapatos. Pelas ruas escaldantes da Capital vêm-se centenas e centenas de homens de fato e gravata sob o sol do meio-dia africano. Casaco, colete, calça-de-respeito. Toda a identidade de um homem de respeito pode ser construída por um bom fato. Nesse sentido, o menino sem nome que necessitava de se mover em altas esferas, penetrar círculos apertados, entrar em meios restritos – sabia ter de utilizar o fato com mestria. Mas o seu fato não era italiano, nem português. Não era Armani. Era um uniforme de feitiço.

O menino-sem-nome explicava que conseguira uma identidade fictícia através de um estrangeiro (supostamente o jovem Svart) que conhecera fazia algum tempo – esse estrangeiro «tecera-lhe» um fato camuflado, com máscara incluída – um fato de palavras e esperanças. Era quase um fato real, quase um facto.

O uniforme do menino-sem-nome tinha sete camadas: era uma película heptablástica, que incluía pele, película, véu e miragem. A camada negra do uniforme correspondia à sétima bainha de espada ou sabre de guerra. O processo de identificação com o uniforme ou fato é do mais perigoso que há: além de uma pessoa se identificar com o corpo-mente, que é criação superior, ainda se identifica com um constructo artificial, material: o fato, véu, película, pele, miragem, é um constructo electrónico vibratório – um diagrama sónico – construído com expectativas e palavras mágicas costuradas em certos pontos do corpo. Tal uniforme projecta uma vibração, cria um corpo extra – uma pele sobre a pele.

Os outros reconhecerão esta descrição, dizia o menino-sem-nome, descrevendo a farda que não se via: era projectada pela sua imaginação.

Apenas se viam as linhas fluorescentes nas costuras (feitas por ele) da T-shirt. Que tinha missangas (cozidas por ele) ao longo das pernas das calças. As meias eram de riscas, como as da Pipi-das-meias-altas, e, tal como as meias dos japoneses, tinha os dedos todos, enfiados numas sandálias de pneu. Assim uniformizado fazia plantão junto do frigorífico da discoteca da moda.

O menino-sem-nome sentia-se perto da beatitude quando olhava a luz branca do frigorífico.

Esse estado aproximava-o da única certeza que tinha na vida: de que a felicidade vale pouco – a liberdade de nada se amar é que é tudo.

O menino-sem-nome era inundado pela pureza da luz do frigorífico, ela formava-lhe um halo aurático pelas costas enquanto dançava o kuduro e sentia a liberdade de fazer o que lhe apetecesse na pista de dança – de se mover como se não houvesse outros.

Este era um pensamento que o ajudava: *como se* não houvesse outros. Se não houvesse outros, como viveríamos a nossa vida, com que liberdade? Teríamos complexos de ser gordos, magros, amputados? Andaríamos por aí todos nus? Como viveríamos se não houvesse outros? Mas nesse ponto do pensamento o menino-sem-nome vacilava: ele queria viver a sua liberdade para *outra coisa*, um exercício da liberdade que implicasse outros. Ele queria exercer a sua liberdade, a sua vontade perante outros – *ai, se eu pudesse fazer tudo o que me apetece!* – porque, no fundo do coração do menino-sem-nome há um segredo, um desejo selvagem, amargo e intenso: o menino-sem-nome gostaria de matar um homem – pois, quando se mata, pensa ele, vive-se um instante de imortalidade. E não há maior liberdade do que ser-se imortal.

Para mim seria justo matar aquele branco, agarrado a uma menina, de olhos tão grandes e ingénuos e estúpidos – estúpida que se deixa agarrar na cintura por um estrangeiro que também gosta da tarrachinha e a moça dá-lhe a tarrachinha, ondulando, fazendo do gordo um imenso varão, enquanto sobe e desce, sobe e desce –

ela disse que tem dezassete anos, mas mente, tem menos quatro. Não, tem menos quarenta que este homem que agarra o copo de whisky como se fosse um dedal de costura – e gasta as horas no gabinete da universidade a ver imagens enquanto recebe os alunos – gordo do dinheiro de subornos de militares e bófiás, analfabetos que entram aos magotes no ensino superior sem sequer terem concluído o ensino médio – este cooperante, vindo de algum baldio gélido da união soviética, que veio «ajudar», que veio ajudar a entupir o sistema e o futuro competitivo de toda uma cidade fabricando falsos doutores – é o que o povo quer e ele dá-lhes, dá-lhes doutores a grosso.

Queria matar um homem desses, um falso doutor, fabricante de outros falsos doutores – ficar-lhe com o dinheiro, com a casa, andar no carro dele – comer-lhe o recheio do frigorífico e tomar um banho no duche dele – isto é, ter conquistado um lugar no mundo é ter a presença confirmada: matei um inimigo. Derrubá-lo com uma pedra na nuca quando está a entrar em casa, vindo da tarrachinha – e eu, bem escondido na sombra da porta, dar-lhe meio

segundo para me ver a apontar-lhe algo na cara – e puf! – deitar-lhe *spray* ZA na cara,

e ele começar a querer gritar, cego, e eu dar-lhe com a pedra na cara e na cabeça – e arrastá-lo para dentro da casa de banho. Capá-lo com uma lata de coca-cola rasgada, ou um laço de arame do fio telefónico.

Poder fazer isto. Poder fazer.

E escolher um destes gajos, assim, do nada – e um deles receber uma retribuição causal das suas acções, sem saber logicamente o porquê – e ir apanhando um a um, gajos destes, brancos, negros, chineses, cagalhões de todos os formatos e cores, escolhê-los a dedo, sob uma regra de justiça que lhes ultrapasse a compreensão – pois estes ignorantes não sabem o que fazem e logo nem imaginam o quanto transgridem, nem o quanto, na verdade, merecem ser punidos. Um homem só por tarrachar uma moça já devia ser punido, tu não achas isso, por isso *também tu* mereces ser punido. Todos punidos.

Como o estupor do Svart. Quem lhe mandou tocar nas nossas mulheres? Quem lhe mandou vir para terra alheia armar-se em senhor? Uma mulher linda, e esse homem nem respeita, nem aprecia, nem valoriza o que tem. A rapariga sempre desamparada, sempre sozinha, sempre à espera. Esses pulas não compreendem que esta terra tem muita tradição, muito feitiço, muita morte. África é o cemitério dos brancos.

Com estes pensamentos, o menino-sem-nome seguiu o homem e a moça pelas ruas escuras da cidade. Nas sombras, entre os postes de electricidade, como ossadas de uma civilização já esquecida, o homem não vê o vulto camuflado que lentamente se aproxima. Nem ouve o riso mal contido do jovem agachado no escuro.

«Eu sei o quanto eles merecem ser punidos porque sei o que eles pensam e sentem. Seu gordo. És doente. Gordura não é formosura, é uma doença...», o menino-sem-nome projecta tudo isto para dentro da cabeça do homem gordo que está dentro da casa, dentro do quarto, dentro da moça.

O menino-sem-nome também está dentro da casa, dentro do quarto e dentro da mente do homem. Novamente, como um pesadelo não convidado, o menino-sem-nome projecta o seu ódio para dentro da mente do homem. Subitamente, no escuro, o homem sente-se esmagado por um medo informe. Como a sombra de um inimigo a entrar pelo sono adentro.

Depois o menino-sem-nome dá um passo em frente, para junto da cama. O gordo nu, no meio do quarto, no meio da cama, no meio do pesadelo, treme de surpresa. Salta para fora da cama e cai no chão. Levanta-se a custo, já a querer falar, já a querer ameaçar, já a querer negociar. É um cobarde. Julga que foi apanhado com a mulher de outro homem. Neste caso, a miúda de outro miúdo.

O gordo já não é um miúdo apesar de tremer como um. É um homem grande – e um grande homem, é-o apenas quando está na sua gaiola de segurança, quando tudo bate certo, quando está de gravata em frente a uns

coitados que repetem, sim doutor, sim doutor, obrigado doutor – não está habituado a quando acontece algo estranho, quando lhe entra um vulto de respiração camuflada

dentro do quarto, quando está nu em frente de estranhos, e quando não há certezas estatísticas. Ah, grandes homens do mundo, grandes machos da cidade, heróis do bairro, campeões da vizinhança: quebrem-lhes um pouco a rotina e irão tremer como um autista a quem esconderam as cuecas.

O menino-sem-nome sussurra, a rir, assim ao homem:

«Come, porco», e o homem começa a enfiar as cuecas da moça pela própria boca adentro.

O menino-sem-nome soletra depois assim ao homem:

«Sal-ta.»

Pesado, o corpo acerta no asfalto da rua, ao cair do quarto andar. Felizmente para todos os curiosos que se aproximam do gordo nu, com as cuecas brasileiras enfiadas na boca, este ainda demora a morrer.

10.

Na sua infância o menino-sem-nome fora por um tempo adoptado pela missão protestante – onde ficou sob a responsabilidade de uma senhora da cooperação sueca, uma idealista chamada Ulla. Ulla era uma mulher bonita e educada a quem o menino-sem-nome tinha de dizer um contínuo «obrigado», mas esse obrigado desagradava a Ulla pois nada demonstrava de gratidão, mas sim desdém, o rancor com sabor a factura.

O tempo passou para o menino-sem-nome junto de Ulla. A sua vida mudara, das ruas passara a viver com uma branca. Pertencia à branca, pertencia ao mundo das regras, das etiquetas, dos salamaleques de branco, dos obrigados, dos de nada, dos bom dia, boa tarde, boa noite, posso levantar-me, posso sentar-me, posso sair, posso entrar, posso comer mais, posso arrotar, perdão, obrigado, de nada.

Da sua vida anterior, o menino-sem-nome não se lembrava de quase nada.

Não se lembrava do Catumbela e da Ginga, nem do quimbo onde nascera antes de vir para a cidade, fugindo da guerra, e não sentia saudades, nem ansiava por voltar para os matos e para a aldeia, pois havia esquecido tudo o que fora.

Sem saber, o motorista de Ulla havia-lhe dado uma bebida estranha, com vitaminas. Depois dera-lhe uma injeção de vacinas, da primeira vez que o recolheram e durante muitos dias ele dormiu.

Quando o menino-sem-nome acordou, estava deitado nu, numa cama, num grande quarto estranho. Não sabia de onde vinha, nem onde estava. Não reconhecia nada. Levantou-se da cama e começou uma nova vida sem fazer qualquer pergunta. É preciso saber para poder perguntar. E ele não sabia nada, não se lembrava de nada. O passado surgia-lhe apenas por vezes como um sonho confuso, desaparecendo tão depressa quanto aparecia.

A princípio, Ulla dedicara-se muito ao menino-sem-nome. Divertira-a arranjar-lhe as unhas e encomendar-lhe novas roupas, inscrevê-lo na escola e ensinar-lhe bons modos. Isto entusiasmara-a durante uns tempos, sendo o único tema de conversa entre Ulla e as suas amigas na Suécia. E depois de o menino ter ficado como ela queria, deixava-o acompanhá-la nas suas viagens e encontros pelos bairros da cidade. Mas bastava distrair-se um pouco e o menino-sem-nome já estava numas brincadeiras apatetadas, nuns jogos violentos, numas arremetidas brutas e incompreensíveis. Durante algum tempo Ulla amou o menino-sem-nome com todas as suas forças, durante mais tempo ainda perguntou-se se realmente o amava, ou melhor, o que seria que amava mesmo naquela criança de olhos rancorosos, sorriso grosso e pés grandes. Não sabia. Talvez lhe tivesse amado a miséria, só que agora ele já não era miserável. Devagarinho a selvajaria entranhada no menino começou a repugnar-lhe. Era impossível sentá-lo a ver um desenho animado, ou que se interessasse pelos livros da Pipi-das-Meias-Altas, ou pelos lápis de cor e cadernos de desenhar. O menino-sem-nome preferia fugir e vaguear pela cidade matando pássaros à fígada ou gatos à pedrada.

Um dia, o menino-sem-nome desapareceu até às onze da noite. Juntara-se a um grupo de crianças que tinham estado a perseguir um gatuno até ao exterior da cidade, atirando-lhe pedras e paus. O menino-sem-nome vinha em êxtase de euforia. Os seus olhos brilhavam de genuína alegria e relatou a fuga do gatuno com um detalhe e verve que nunca concedeu ao relato escolar ou jogos inteligentes organizados pela sueca.

Agora, a maior parte do tempo o menino-sem-nome ficava em casa. Não gostava dos deveres de escola e não se conseguia concentrar o suficiente para ver televisão, por isso ficava à janela ou, caso fosse impedido (Ulla achava isso um comportamento canino), postava-se diante de um espelho grande no quarto da sueca. O menino-sem-nome sentia que aquele menino no espelho era o seu único amigo no mundo. Passava com ele mais horas do que com qualquer outra pessoa. Com ele falava a mesma língua – não era como com a sueca que falava esquisito, ria esquisito, olhava esquisito. Tudo com essa mulher era esquisito. Por isso o menino-sem-nome ficava dias inteiros como que de castigo, virado para o espelho. Encostava a testa ao vidro, e assim ficava com a testa apoiada à testa da pequena criança do outro lado. Fazia o mesmo com as palmas das mãos. Fechado dentro de um quarto estranho com um enorme espelho.

Isso é a infância: a nossa casa. Esse nosso lar, a nossa infância, é nada mais nada menos que o universo todo. Não há divisão menor, não há lugar menos nosso. Tudo é igualmente nosso, porque ainda não estamos circunscritos a uma fronteira riscada num mapa, um hino, uma bandeira, uma nacionalidade, uma identidade... A infância é o gigantesco lar que temos antes de nos começarmos a sentir apertados dentro do punho fechado das nossas identidades.

Esta não era a casa do menino-sem-nome. O menino-sem-nome não tinha

casa. E um menino sem lar é também um menino sem infância.

Às vezes o menino-sem-nome pensava que gostaria de ser outro menino, de outra cor, para combinar com a sua nova mãe. E em frente ao espelho fantasiava ser outro menino, ser outra pessoa, noutra vida. O menino-sem-nome pensava para si mesmo:

E se eu tivesse outro nome? E se eu fosse outro?

E, em frente do espelho, cumprimentava-se:

«Olá, eu sou um menino sem nome.»

E depois respondia:

«Olá, eu sou o Doutor Branco.»

E a resposta parecia-lhe extraordinária – muito mais real do que qualquer outro nome. Parecia-lhe muito mais apropriado o nome que se dava a si mesmo, o nome que escolhera para si mesmo.

Porque sou eu «eu» e não outro? Porque sou eu exactamente neste corpo e não no corpo ao lado? Porque é que esta sensação de me ser, de ser eu, se encontra exactamente... aqui?

11.

O jovem Svart levantou o rosto da bacia de plástico onde lavava a cara. Não consegue deixar de reparar como é belo, reflectido naquela película de água. Essa constatação causou-lhe uma imperceptível dor no fundo do peito. O rosto não será sempre assim. O corpo não será sempre jovem. O entusiasmo da revolução que decorre agora não se manterá para sempre.

Panta Rei. A nossa vida na terra é uma brisa e os nossos actos heróicos quase logo esquecidos. Dizem que esta é a melhor idade de todas. A melhor de todas as eras. A idade de ouro. A idade das revoluções. O melhor dos mundos para se nascer e ser jovem.

O jovem Svart levantou o rosto da bacia de plástico onde lavava a cara.

No meu tempo... estão sempre as pessoas a dizer. Quando foi isso? Quando começou esse tempo da nossa vida? Como distinguir uma vida da outra, um tempo de outro? Se viajássemos para trás no tempo à velocidade de um ano por segundo, demoraríamos meia hora a chegar até Jesus Cristo – ainda demoraríamos três semanas para chegar ao início da história humana. E isso ainda não seria nada em termos de tempo. Uma brisa.

O jovem Svart endireitou as costas.

«Menino...», admoesta ele. «Nem te atrevas a não entregar essa carta.»

A carta estava ainda enfiada no bolso de trás das calças. Svart só tinha dois pares de calças, e outro já dobrado dentro da mala de viagem. Toda a casa tinha o silêncio de um lugar já abandonado, onde esfriam vidas que já partiram para outros destinos, deixando apenas leves espectros para trás.

«Menino... bem sabes que todos nós nos voltamos a encontrar, pelo menos, uma segunda vez na vida. Pelo menos uma segunda vez», insiste o rosto molhado do jovem Svart. Na película espelhada da água na bacia ele já desapareceu. «Se não entregares esta carta, mato-te quando nos voltarmos a

encontrar.»

Olha o rosto no espelho da casa de banho. Não consegue deixar de sentir que gosta do que vê.

«Ouviste menino?», fala agora mais alto. «Alguém vai morrer quando nos encontrarmos de novo. Sabes quem?»

O menino-sem-nome não respondeu.

Svart percorre a casa olhando para se certificar de que não se esqueceu de qualquer coisa para trás. Nunca é fácil abandonar uma casa.

Sempre fica algo esquecido para trás.

A carta metida no bolso de trás não tem envelope, nem foi escrita em papel bonito, nem com caligrafia cuidada. Svart escreveu a carta para Muxima mesmo por trás de um dos seus panfletos de doutrina pseudopolítica. Tem a mesa atulhada com uma resma de manifestos anarquistas de sua autoria. Na Suécia o seu nome é Svart, que quer dizer negro. Aqui em África escolheu o pseudónimo de Branco, e como está num país colonizado pela mentalidade dos portugueses, o título de Doutor. Mas um Doutor de letras maiúsculas, de respeitabilidade absoluta, não um dr. desses de livro de cheques. Um anarquista africano, chamado Branco e que é Doutor. Quem é quem? Um sueco chamado negro, um anarquista supostamente negro chamado branco, um doutor, um mercenário, um idealista, um criptozoólogo? Quem é quem? O jovem Svart não consegue deixar de sentir que gosta da charada. Sente um propósito. O jovem Svart concorda com as ideias escritas naqueles panfletos. Concorde consigo mesmo, como não?

Na parte de trás de um deles escrevera a sua cartinha a Muxima. Ele tinha que partir – AGORA MESMO – e não ia dar tempo para se despedir dela. Ela seguramente compreenderia. Encontrar-se-iam depois, noutro local, noutra altura. Estava tudo explicado na carta, o que não era fácil de fazer por escrito. A situação era muito complicada. Forças tectónicas da política internacional estavam a mexer com a minúscula vida pessoal de cada cidadão, incluindo a vida do jovem Svart. Chegara o momento de actuar. Chegara o momento de fazer História e, consequentemente, ficar a fazer parte dela. Tentemos sempre simplificar tudo o mais possível, não mais do que isso. Muxima compreenderia.

Uma queda de regime, a agonia de um sistema, uma independência, a chegarem aí, os russos, os cubanos, os chineses – estrangeiros por todo o lado, o país cindido de cima a baixo por partidos, e seus devidos apoios de bastidores – mais uma população nervosa, os portugueses em êxodo maciço... Os suecos pelo meio a quererem fazer o bem.

Uma mala de viagem à porta e uma namorada com encontro marcado e uma carta escrita na parte de trás dum manifesto de um jovem político de auto-recriação. Tentemos sempre simplificar tudo o mais possível, não mais do que isso: uma carta servir-lhe-á, por ora, a Muxima que me perdoe, eu tenho que partir agora, agora, agora.

«Ouviste, menino? Sabes onde encontrar a Muxima, não sabes? Bem

junto do liceu, na Praia Morena. Ela está à minha espera agora. Não te atrases. Entrega-lhe a carta, menino!»

Na casa silenciada pelo abandono, pela partida apressada, o menino-sem-nome não falou nada.

12.

Muxima nunca leu a carta de despedida do jovem Svart, a marcação de um encontro e o vago «amo-te».

Sozinha esperou na praia Morena, em frente ao liceu, como combinaram. Era a primeira vez que ele lhe fazia isto. Ela esperou horas, até pela noite dentro, até quando já era proibido ficar por ali, devido ao recolher obrigatório. Ela hoje queria tanto falar com ele. Tinha algo mesmo importante para lhe contar.

A dor subiu-lhe do ventre até ao coração. Deitou-se com a cara na areia e chorou, pois suspeitava que ter sido abandonada por «ideais maiores», por causa daqueles «princípios» contra os quais Svart gostava de minimizar a sua e a vida de todos os demais. Ela detestava os «ideais maiores» pois não os conhecia, e eles estavam sempre a meter-se nas conversas, a desperdiçar noites sob as estrelas, a serem causa de amigos deixarem de se falar, a levar pessoas a chibarem-se de outras pessoas, e que depois eram levadas presas.

Muxima nem conseguia compreender como alguém podia gostar de «ideais» que não têm sabor, cor, tacto, cheiro. Sem calor nem amor, só gritos e discussões – livros, panfletos e frases repetitivas que tornam as pessoas teimosas e cruéis umas com as outras. Como pode isso ser alguma vez legítimo? Desculpas para se fazer mal aos outros – e os outros também têm «algo maior», em nome do qual nos fazem mal a nós de volta. Legitimamente.

Durante horas, Muxima atormentou-se com estes pensamentos e imaginou por onde andaria o jovem Svart. Temia sair dali, ir a sua casa, e ele chegar nesse mesmo momento, pelo outro lado. Queria tanto vê-lo! Aquilo que tinha a dizer-lhe ultrapassaria todos os «valores superiores».

Durante horas o menino-sem-nome olhou-a em silêncio. Ao longe, fascinado com a dor visível na jovem mulher, o menino-sem-nome observava tudo, com a sua pele negra e suada.

Inclinada sobre si mesma, o menino-sem-nome viu a jovem mulher afastar-se, como quem suporta um peso amparado com ambas as mãos. Um tesouro de dor e solidão.

Todo esse tempo o menino-sem-nome mantivera a carta na sua mão, fechada num punho de teimosia e propriedade. Não sabia se adiara a entrega devido ao fascínio que a dor da mulher lhe causava; ou se, justamente devido a essa dor e a compaixão, decidira castigar o branco e não obedecer às suas ameaças e ordens. Ele que viesse pessoalmente tratar dos seus assuntos! Agora, de qualquer forma, era tarde demais. O Svart que o tentasse matar da próxima vez que se encontrassem.

Porque todos nos voltaremos, pelo menos, a encontrar uma segunda vez.

O menino-sem-nome decidiu ler a carta escrita pelo sueco. Do outro lado as letras agressivas do panfleto político ironizavam com a fragilidade do seu autor: a sua fuga, o seu escapismo, a sua traição... a sua camuflagem.

Leu a carta intrigado e sem compreender qual o problema, se bem que entendesse que havia uma despedida, meio fria, como quem brinca dizendo «até logo, já volto». O que fica estranho numa carta. Esse desaparego nunca deve ser escrito. Melhor não dizer nada. Havia um ponto de encontro marcado para breve. Enfim, ter-se-ia que marcar outro encontro de novo, pois este ficará, de vez, suspenso.

O menino-sem-nome cansa-se de tentar ler a caligrafia feia do rapaz branco e prefere consultar o panfleto com as suas letras impressas a negro, cheias de pontos de exclamação e estrelas e AAs a saírem para fora dos círculos que os encerram.

Do outro lado da carta, no panfleto, leu:

O Manual de Camuflagem para a Revolução Perpétua.

Isso interessou-o francamente mais. O pula havia escrito a carta de caligrafia feia na parte de trás dum panfleto que era francamente mais interessante. Onde teria o pula arranjado este texto, interrogava-se.

O panfleto estava assinado por alguém seguramente importante:

Doutor Branco, Poeta Revolucionário e Justicialista.

O menino-sem-nome gostou imediatamente do tom provocador, exaltante, militante e adolescente do panfleto. Acabava de descobrir que gostava de política, é uma coisa fascinante para crianças solitárias.

A regra de ouro número um é: faz o que quiseres!

Ah, este Doutor Branco não brinca!

A sombra, a camuflagem, a miragem. O nome é um código, é uma assinatura sem autor, é um voto de protesto – e o único voto possível: em branco. Sem cor, sem emoção – como tábua mosaica, ainda em branco, por escrever. Tábuas rasas.

Sem nome.

Cripto-anarquismo cuja cor inclui e, simultaneamente, anula as outras cores na política da Estrela Negra – que por meio dos seus acerados braços amputa a gangrena. Não queiram levantar os olhos – porque vos decapitará com três movimentos: a vontade, o pensamento e a acção directa...

Este Doutor Branco entrava logo à bruta ao posicionar-se como um infiltrado, um cripto-anarquista, dentro duma sociedade corrupta, bem necessitada de vigilância e – muito em especial – de acção directa, sem esperas nem autorizações.

O frágil manifesto continuava:

Eu não pertenço a nenhum grupo, nem religião, nem partido organizados. Não pertenço a nada, nem a ninguém. Sou livre. Apenas tenho respeito pela vontade de autodeterminação política, de mim para mim, e para isso não preciso de pertencer a nenhum partido, nem nacionalidade, nem comunidade. Exército de Um Só Homem: sou o poder Legislativo, Judicial e Executivo num só corpo de acção. Aos traidores, aos iníquos – a justiça directa deve ser aplicada pelas mãos de cidadãos autónomos e justicialistas. O exército de um só homem cujo corpo é trincheira, voz de comando e pelotão de execução.

O menino-sem-nome achou toda esta bazófia hiperbólica muito bela e inspiradora, tendo apreendido que não pertencer a nada é o melhor caminho de todos. Uma espécie de individualismo absoluto sem referentes nem leis impostas de fora, à parte aquelas provenientes de si mesmo, e dos seus desejos. O maior dos idealismos: um solipsismo mesmo.

Regra de ouro número um: faz o que quiseres!

E porque digo que apenas faço o que a lei-da-minha-vontade exige? Porque assumo o que, hipócritas, todos os outros negam. Fingem que vivem por valores acima e além de si próprios, e mentem. Eu cumprio em palavra e acto o que penso, ao contrário da grande maioria que pensa e deseja apenas o que lhe convém – mas nas palavras e actos tentam encobrir o invariável facto de que a sua própria pessoa é quem mais amam em todo o mundo.

Na verdade, todos, na medida que lhes seja permitido, já fazem o que querem. Os tiranos são o bom exemplo de como homens normais se tornam monstros porque não encontram limites ao seu querer. Portanto o melhor remédio contra o oportunismo de particulares – é todos nós assumirmos o que queremos e transformarmos em palavra e acto esse mesmo querer, pois isso, naturalmente, limitará o querer de outros, que não vigiados e não limitados – e adulados por toda uma carneirada alienada da sua própria vontade – dão origem aos sucessivos tiranos da nossa história.

Neste mundo e sociedade, contra a minha vontade, já andam demasiados a fazerem o que bem querem: os pedófilos, os pornófilos, os políticos, os caçadores de troféus – todos fazem o

que querem. Ninguém me consultou nas suas preferências. Logo, porque hei-de eu consultar-me com eles acerca das minhas?

O menino-sem-nome apreciou esta introdução ao manifesto. O autor colocava-se na posição de anonimato, uma arte de camuflagem – um homem sem nome, tal como o menino. Uma miragem num areal sem cor, sem governos, sem líderes, sem polícias nem tutores. Um agente a solo que utiliza os meios hábeis e astutos da camuflagem para se introduzir, como água, por entre as grutas e rochas para desalojar os detritos tóxicos lá escondidos. É uma política, directa, sem cadeia de comando: estrela negra, decapitadora. Um braço estelar que brilha em forma de catana.

Dentro de cada um está um querer sem fim, envolvido em tripas e sangue. Está um escândalo interior demasiado vergonhoso para ser admitido pela pudica hipocrisia. Fome de mais, fome de tudo: é isso o que está dentro de cada um.

Hei-de vos meter peixes candiru nas piscinas.

Não temo que estas palavras irão levar a que alguém cometa actos de loucura ou crime, pois é impossível convencer ou induzir seja quem for a fazer-se pior do que aquilo que os nossos governantes e modelos já são. Ninguém pode fazer pior do que eles – os nossos propagandeados modelos – já fazem – diante de todos nós, como exibicionistas. Não é possível fazer pior do que já se faz – complexos militares, indústrias, corporações, assembleias, firmas, governos, polícias e agências. Kropotkin bem descreveu o Estado como sendo o domínio dos perversos por meio da força bruta. Os ladrões são infinitamente menos perigosos do que um governo bem organizado.

O menino-sem-nome estava com a cabeça a andar à roda com tudo isto que lhe era dito:

O dicionário Oxford de Filosofia aponta o anarquismo como «não tendo uma única posição definida que todos os anarquistas comumente defendam, e todos os considerados anarquistas, no melhor, apenas partilham uma familiar semelhança». Pois eu não partilho de semelhança nem familiaridade alguma, com ninguém.

Movo-me nas sombras, camuflado, invisível.

Existo. Este é o meu grito.

Eu sou o sem-cor. Eu sou o sem-nome, pensou o menino orgulhoso da sua falta de identidade.

O menino-sem-nome enrolou o panfleto com a carta e enterrou-os debaixo

da terra, como quem planta uma semente.

Eu sou o Doutor Branco, murmurou o menino, subitamente, com um nome e uma cor. Uma identidade.

13.

Não demorou muito para que o menino-sem-nome, ou melhor, o Doutor Branco, descobrisse que o poder da palavra está enraizado no do pensamento e ambos são progenitores da acção. Ao virar aquela esquina, olhando por detrás a velha sueca que o precedia, vendo a sua gordura, o seu nariz arrogante levantado como quem fareja o ar, as suas bochechas coloridas, a tremura das carnes transparentes e a voz guinchada – o menino-sem-nome deu por si a pensar:

«Eu podia matar esta pessoa.»

Ele logo se deu conta de que este pensamento se traduziu em palavras, sons saídos em sopro pela boca:

«Eu podia matar esta pessoa.»

A boca torcida reflecte a tensão do corpo, a aceleração do coração, um fluxo rápido de raiva que lhe atravessa o corpo.

Agarra numa pedra, atira-a com força. Falha. A vítima continua andando, inocente da sua sorte.

Um pensamento, grau um da vontade. A palavra pronunciada pela boca, grau dois da materialização. A acção cometida pelo corpo, grau três da explosão, com vítimas e efeitos colaterais. São estes os três passos do caos: um pensamento, a palavra e depois o acto.

No seu corpo já sentia os efeitos da raiva, a reacção filha do pensamento, traduzida em oração e acção.

14.

Ele vinha de espreitar Muxima. Espreitar é uma maneira de ser sem estar presente. É um distanciamento do corpo – é estar num teatro em que se representam aquelas vidas que gostaríamos de ser. Ou que odiamos. Uma catarse.

Voltando a casa, o menino-sem-nome entra sem fazer barulho. O seu regresso não pode ser notado, porque a sua saída não foi anunciada. Nem autorizada. A velha gorda não o deixaria. A chave é lambida para entrar mais suavemente, e o molho enfaixado para não tilintar. O clique da porta é abafado com a mão espalmada contra o trinco.

Os sapatos já vêm descalçados. Entra em silêncio sem levantar os pés do chão. Arrasta-os, deslizantes, como dois répteis – passo a passo no escuro, dois répteis, passo a passo – víboras frias na treva total.

O menino-sem-nome respira seis vezes por minuto. Ele respira tão devagar, o metabolismo reduzido ao mínimo, como um réptil.

Ele não pode acordar a gorda. A fera. Lento, muito lento, já conta com 45 minutos a insinuar-se no escuro, em quase imobilidade total. Uma estátua que

avança na treva. Vai os próximos 45 minutos a avançar entre a porta de entrada e a esteira, onde se deitará, tocando no chão, tão devagar quanto a possibilidade de um só estalido ou rangido acordar a gorda. Deu, no máximo, 12 passos. Um Cristo numa perversa via-sacra.

Antes de se deitar urinou, sentado na borda de cerâmica, calculando com precisão o ângulo da louça da sanita, de modo a que o fio líquido se escoasse suave, serpenteante, sem um único som, fundindo-se com a água do fundo da retrete. Nesse processo começa a odiar-se com toda a angústia que o seu curto duodeno e esófago conseguem. A acidez sobe-lhe à garganta e sente a culpa. A culpa de ter saído sem autorização – a culpa de ter espreitado uma mulher durante horas – a culpa de se infiltrar silenciosamente pelo escuro – a culpa de querer, a enorme culpa de querer *aquilo* que não consegue: a culpa de pecar em espírito e nem sequer o conseguir concretizar na carne. Antes concretizasse o alívio da carne e cumprisse todo o pecado. A gorda teme que ele seja como os outros. Que vá engravidar alguma gaja boa da rua. Que perigue todo o seu futuro e estudos e desenvolvimento porque emprenhou alguma fresca do bairro. Ele apenas gostaria de estar apaixonado – e nunca beijou ninguém, nem tem coragem para isso, nem sequer tentou – mas sente a culpa e mija sentado, como uma gaja, para que não o ouçam, para que não o culpem ainda mais do que a culpa que já sente.

O menino-sem-nome deita-se e tem sede. Muita sede, porém não tem vontade de voltar a levantar-se e percorrer toda a casa. Se esta tivesse sido uma noite normal? Poderia ter-se levantado e ido beber água. Porque não agora? A gorda, por estranhas artes, haveria de saber que ele tinha feito algo de errado. Ele bem poderia jurar que, se se levantasse agora mesmo da cama, ela o apanharia, e o menino-sem-nome poderia dizer o que quisesse, que ela saberia, ela adivinharia... Talvez os passos dele fossem diferentes do que quando estivera mesmo a dormir. Seguramente ela iria notar algo de insuspeito que lhe despertava a intuição... talvez ela fosse mesmo uma bruxa. Como consegue ela descobrir? Como consegue controlar alguém desta forma?

É o próprio que se denuncia. Depois, é o próprio que se controla, porque involuntariamente se denuncia. Tem de se tornar seu próprio polícia. É esse o segredo da Escandinávia: fazer nascer um polícia dentro de cada um. Como ele sabe que não estava a dormir, ela também saberá.

E de manhã tudo recomeçará: as limpezas, as arrumações, os deveres.

«Os africanos só gostam de lembrar os direitos que têm, nunca os deveres!», costumava refilar a gorda quando lhe apontavam alguma injustiça. «Por isso é que fazem filhos por todo o lado. (E os outros que os aturem.) Vê lá se não segues o mesmo caminho. Aqui as mulheres engravidam por osmose.»

O menino-sem-nome está cansado. Tanto trabalho para evitar ser-se punido por um pecado que nem se cometeu. Só que o menino-sem-nome gostava de ser punido. Gostava de poder punir alguém e esse alguém ser ele

mesmo – exactamente por ele mesmo não ser culpado. Gostava de fazer mal a um ingénuo. Não queria ser a vítima, sim o carrasco. O carrasco desse menino ridículo, esse menino inocente. Gostava de o colocar de castigo, virado para uma parede. Ali bem encunhado no canto do quarto, a cara enfiada no vértice, até esse menino começar a ver coisas nas manchas do cimento. Pareidólias, o poder da projecção.

Agora a sede interrompe a fantasia cruel. Quer beber, só que a cozinha e a casa de banho estão tão longe! E o menino-sem-nome está tão cansado! Não se pode levantar. E se voltar a percorrer toda a casa, onde os passos e respiração ecoam como rosnares, será punido como um cão. No eco da casa totalmente vazia, imaculada, esterilizada. A gorda, vinda duma terra paranóica da limpeza, obriga-o a transformar a casa numa bacia de limpeza. Branca higiénica, branca lisa, branca feia.

Esta é a casa dos ecos, das sensações nas costas, do rosto virado para a parede, das imagens improváveis que surgem nos relevos do cimento. É uma casa sem ninguém, e memórias que se canibalizam mutuamente. É a casa de um menino-sem-nome e de uma pessoa que desapareceu do mundo. Uma gorda feia que ninguém queria, lá na terra dela, e que decidiu vir fazer o bem na terra alheia. Uma gorda com a mania das limpezas e que, de repente, desapareceu, que foi limpa do mapa.

Interrompendo a fantasia cruel, o menino dá-se conta de que tem o pano a pingar da mão. Dá-se conta de que a água corre com toda a força no escuro da casa. Dá-se conta de que a palha-de-aço lhe raspa a pele da mão. Dá-se conta de que a gorda se mexe na cama e começa a despertar.

O menino-sem-nome dá-se conta de que está a chegar o dia em que a gorda não voltará a gritar com a voz aguda, nem o mandará de castigo para o canto. Ele sabe que lhe limpará do rosto aquele sorriso triunfante. Nunca mais ela se sentirá orgulhosa dele, nem do que ela lhe conseguiu ensinar e fazer. O menino sente que por ela só fará mais uma coisa, a última – e a que ela melhor o ensinou a fazer:

Está a chegar o dia em que o menino vai esfregar, com palha-de-aço e amoníaco, aquela cara gorda até que ela desapareça do mundo.

15.

Em vez de instalar um gerador, ou de utilizar electricidade, insistira em usar o poço, para puxar água pela força dos braços. Insistia em fazer tudo da forma mais difícil, mais ecológica. E agora caíra para dentro do poço no quintal.

Ulla estava a gritar do fundo do poço com aquela voz irritante com que costumava palestrar acerca das medidas ambientais, acerca das medidas de austeridade, acerca da contenção, da poupança, da reciclagem, manutenção e reaproveitamento. Não se podia comer uma banana, amachucar um papel, puxar um autoclismo sem que ela viesse logo investigar se algum recurso reutilizável estava a ser desperdiçado.

Neste momento a voz aos guinchos vem do fundo do poço. Até parece que está a falar acerca do almoço ou do banho que tem de ser racionado, pois a água é pouca e daqui a trinta anos andaremos todos em guerra por causa dela. A água, o petróleo, a comida, a terra arável, o espaço aéreo, o espaço terrestre, o mar, a lua, uma Helena qualquer: andar-se-á sempre em guerra por causa de qualquer coisa. A água será apenas mais um pretexto.

Ulla tinha sempre essas razões «ambientalistas», essas políticas de contenção: não se podia comer vaca porque um quilo de bife equivalia a dez quilos de vegetais convertidos na mesma energia. Não se podia comer galinha por causa dos nitrofuranos; não se podia comer cabra porque deflorestavam tudo com os cascos e os dentes envenenavam as árvores que elas roem. Os porcos são porcos e ainda para mais arrotam, peidam e urinam, poluindo mais que todos os australianos e africanos juntos. O cu das vacas também é um dos maiores problemas do mundo.

Não se podia tomar banho quente, nem mais de uma vez por dia. Não se podia ter um depósito normal, nem uma bomba para puxar a água e lhe dar pressão. Não, não, não, não se podia depender do gasóleo – e agora ela estava lá no fundo do poço aos gritos.

Aquela voz estridente, esguichada, aguda. Irritante. Sempre no tom de quem está num choro de raivinha amuada.

Ela estivera toda a tarde à procura do seu menino-sem-nome – mas o menino-sem-nome gosta de se esconder – gosta de se camuflar, porque todos os meninos tristes têm esses jogos estranhos – e o melhor de todos é fingirem que não existem, fecharem os olhos, taparem os ouvidos e ficarem tão quietos que nem a própria respiração – cada vez mais lenta – sentem. E gostam de se imaginar invisíveis, transparentes.

O menino-sem-nome estivera assim, num canto do jardim, toda a tarde camuflado – mas a voz dela tornara-se insuportável. A dada altura, viu-a a olhar para dentro do poço, talvez procurando-o, a medo. Talvez querendo água. Ela procura-o cada vez mais nervosa, cada vez mais esganiçada. Espreita, toda agachada, o fundo do poço. O menino-sem-nome vê-se na sua mente a empurrá-la.

Quando Ulla olha para dentro do poço lembra-se de uma frase dos tempos de universidade: quando se olha um abismo o abismo olha para dentro de nós: e Ulla sentiu a frieza desse olhar do abismo. O vazio no olhar do abismo, a sua ausência de presença, apenas uma mínima atenção fixa, obtusa como um *laser* apontado a um ponto de fascínio e ódio. A total falta de noção da presença de si e, como consequência, também a falta de noção do outro. É completa a indiferença do abismo relativamente a quem sobre si se inclina, ou não. O abismo alimenta-se de si mesmo, apenas. Do seu próprio vazio e ausência cria a sua identidade. Ulla compreende que olha para dentro das entranhas de África, o buraco no chão de um lugar que (subitamente ela descobre como fulgurante revelação) lhe é totalmente incompreensível.

O menino-sem-nome imagina-se a empurrar a velha gorda para o fundo do

poço.

«Salta... Salta... Salta...», diz o Doutor Branco por detrás de Ulla.

Com um susto de morte, Ulla salta para dentro do poço.

E o grito esganiçado afasta-se em *doppler*. Um uivo como o de uma sirene de ambulância afastando-se ao longo de uma fria rua de uma cidade sueca – um grito escandinavo em *doppler*.

O menino-sem-nome aproxima-se da borda do poço e olha para baixo. A gorda caiu e está lá no fundo, bem apertada pela estreita garganta onde se enfiou. Ocupa quase todo o buraco. E grita.

O menino-sem-nome procura algum ponto fixo onde possa prender uma corda e descer lá abaixo. Na borda do poço há um bloco pesado de pedra. O buraco do poço é orlado por borracha de pneus de camiões. O buraco está ao nível do chão e a enorme pedra é o único ponto saliente ao nível do chão. O menino senta-se para pensar.

A mulher continua a chamar e a gritar.

«Ingrato!», grita ela.

O menino-sem-nome está sentado no chão, à boca do poço e fecha os olhos e encosta ambos os pés na grande pedra onde deveria prender uma corda para ajudar Ulla.

«Traidor!», grita ela de novo, com a voz de guinchinho.

O menino estica ambos os joelhos em simultâneo, com uma força muito superior à normal – e o pedregulho cai para dentro do poço.

A voz da mulher gorda silencia a meio de uma palavra.

O menino-sem-nome não olha mais – e tapa o buraco do poço com uma chapa de zinco enferrujado. Passadas algumas semanas o capim em redor do poço já tapou aquele buraco e a sua localização no mundo. Aquele lugar ficou tão inexistente como silencioso.

16.

Quando o Doutor Branco, um vulto camuflado, lhe ciciou:

«Martela», o Donaldóide fê-lo sem hesitar, acertando com o calhau na cabeça do projectil.

«De novo», repete o vulto camuflado num casquinar murmurado.

O Donaldóide é um louco com voz de pato Donald. Fala sem cessar, aos gritos ou num ulular semelhante ao altifalante ranhoso dum minarete árabe esquizofrénico. Numa cabana feita de placas de metal, plásticos e cartões – que pela força do sol galvanizaram e ficaram colados uns nos outros – o Donaldóide vive encostado ao lado de fora da parede da prisão onde o Chilato ainda está preso. Ali tem um espaço onde os polícias deixam os seus carros para que o Donaldóide os lave. Coisa que ele faz brandindo um pano molhado entre gritos, frases descompostas e cantilenas. O mais bizarro acerca da síndrome de Tourete do Donaldóide é que ele consegue, correctamente, reproduzir trechos completos do boletim meteorológico, jogadas de futebol ou notícias chocantes – *em tempo real*.

Diziam que a vida do Donaldóide fora «um bocado péssima», do género de alguém com pacto com o oculto. A sua miséria era atribuída à loucura que sucede às traficâncias do feitiço. A maioria dos corrécios e polícias tinha a certeza de que ele era feiticeiro. Mas como era cómico e actualizado, ia-se aceitando. A teoria do feiticeiro manteve-se até que o Snoopy, dentro da cela adjacente à barraca do Donaldóide, disse:

«Esse muadiê está ligado a um satélite. Esse muadiê deve ser da CIA ou do KGB ou da PIDE ou da Igreja Tocoista, ou de alguma organização importante e, como ex-agente, ainda está ligado à rede...», explicou o Snoopy cujas opiniões eram respeitadas, pois era um homem que não desprezava os livros e até já tinha lido uma Bíblia inteira (edições Paulinas, coisa de que muito pouca gente culta se pode gabar).

O Snoopy era um jovem desfigurado por um estilhaço, faltando-lhe o nariz e um bocado da bochecha, o que o fazia parecer ter um focinho de cão.

Depois desta informação, fez-se uma bizarra luz na mente dos prisioneiros e polícias, e alguém reparou, durante um jogo de futebol, que o Donaldóide, de facto, reproduzia instantes iguaizinhos ao material que estava a ser transmitido pelos locutores da rádio. A teoria do satélite descoberta pelo Snoopy ficou comprovada.

O Donaldóide estava ligado a um satélite, era um robô de carne: um transmissor de rádio.

O Snoopy explicava em detalhe toda a sua teoria ciborgue, segundo uma perspectiva piedosa, porque baseada no Livro da Revelação do evangelista João, o santo que antecipou a era do código binário e da tecnologia informática, dizendo que «no princípio era o Verbo», referindo-se, claramente, ao Logos, a linguagem, o poder projectivo da palavra e dos conceitos. Logo, o Donaldóide era uma espécie de profeta dos tempos finais. Um arauto do apocalipse, por via satélite. Um homem transformado pela guerra, em que as peças das máquinas, os emaranhados de arames, a conexão a algo frio, impessoal, inumano, ficara estabelecida.

A guerra faz isso, explicava o Snoopy, liga-nos às máquinas, transforma os humanos em máquinas de carne, desalmadas, como Descartes bem descreveu. Descartes, sim: *cogito ergo sum*, citava orgulhosamente o Snoopy em latim, do meio da cela. Os gatunos, drogados, assassinos e alguns inocentes ouvem as suas teorias teológicas e milenaristas com curiosidade. O Snoopy explicava a religião e os seres humanos de uma maneira que se entendia. Explicava qual era afinal *a substância* dos seres humanos que por aí vemos e o universo em seu redor:

Máquinas de carne controladas por um espírito mau que finge dar uma leve película de sentido e lógica a este mundo ao nosso redor. Mas apenas para nos enganar, como placas de orientação falsas em estradas que não levam a lado nenhum! Tal como a tecnologia não nos leva a lado nenhum: é uma placa desorientadora de um caminho para um ser humano melhor que nunca será melhor, pois máquinas de carne não podem ser melhores que pessoas de

carne. Mas a tecnologia faz isso: iguala-nos a si, como um deus invejoso que também nos quer fazer à sua imagem e semelhança. Porque o deus que criou este mundo, o deus do jardim do éden, não é, ao contrário do que todos julgam, um ser infinitamente bom. Não! Qualquer um que leia o antigo testamento ficará horrorizado com o nosso pai celeste. É um torturador, que faz de nós tementes. Sim. Deus existe, sim, e ele ama-nos à maneira de uma criança que gosta de maltratar moscas ou gafanhotos. É um falso deus porque nunca nos vai libertar, nunca nos vai salvar, mas apenas promete, esconde-se, é um ilusionista – e toda esta vida na terra, impulsionada pela criatividade perversa do nosso deus, é um sofrimento que nunca acaba. A vida, a procriação, o sexo, são os mecanismos para isto continuar a rolar, tal como deus quer. Quando acontece algo horrível, o que se diz?: seja como deus quiser. Seja feita a sua vontade. Um ilusionista cruel que nos mata aqueles que mais amamos, mesmo quando diz «crescei e multiplicai-vos» – com o simples intuito de ter mais por onde matar, aos milhões. Quando Adão quis ter o conhecimento discriminativo, o discernimento, comendo da árvore do bem e do mal, foi castigado, pois não lhe fora autorizado ter acesso a uma sabedoria que o faria descobrir que tudo isto, os corpos, a carne, as quecas, os bebês, é tudo um tormento sem fim mascarado sob o engodo do prazer e da delícia das formas, a que temos de dar o nome de glória de deus, a manifestação física da sua bondade. Qual glória? Qual bondade? A natureza: as selvas, as grutas, os oceanos, os desertos, os pântanos, as cidades humanas, é tudo um vespeiro de doenças, violência e luta pelo espaço, comida e procriação. E depois tenta-se meter ordem nesta balbúrdia pela moral. Mas a moral também é usada como artilharia por este deus ilusionista: dá-nos uma suposta moral, proibindo-nos aquilo para que afinal fomos fabricados, e infelizmente fomos fabricados para matar, roubar e fornicar, levando-nos a desenvolver um complexo, um conflito íntimo crónico, como criar um mandamento para cães, «não cheirarás o cu do próximo», uma moral que já tem incluída, como armadilha, a certeza de que o fruto proibido é o mais apetecido e a culpa o melhor tempero à prevaricação. O inferno é mesmo aqui, afinal, pois já estamos a ser castigados, por sermos iguais a nós mesmos, chicoteados pela nossa própria mão, com o nosso acordo e gosto. Gostamos de ser escravos de regras e depois de as quebrar. Gostamos de inventar leis, e cadeias, para depois tentarmos fugir delas. Somos uns tarados duns Houdinis. E esta tortura da carne não termina, surge de novo e de novo e de novo, uma escravatura sempre renovada. Por isso a promessa desse deus não é a imortalidade pela sabedoria, mas a promessa da ressurreição, em carne, no fim dos tempos. Ou seja, voltar a começar tudo, de novo, mas alistado num exército de zombies, que se erguerá das tumbas no dia do juízo final. Eis a verdade, irmãos, terminava o Snoopy.

É possível ficar normal depois disto?

Mas, apesar do Snoopy nunca o vir a descobrir, a verdade pertinente ao Donaldóide, o robô de carne, era mais prosaica e estranha. O Donaldóide, nos tempos em que ainda tinha família, e dinheiro e cuidados médicos, tinha sido

levado a um dentista russo que lhe meteu uma coroa de chumbo reciclado, sabe-se lá do quê, que ficou a tocar num qualquer delicado nervo da intrincada rede de fios, veios, filamentos que percorrem o maxilar, os complexos canais auditivos, a cara. E o trambolho de chumbo fizera do dente uma involuntária antena ligada ao ouvido direito. A cabeça, toda afinal, começou a servir como antena, durante fugazes momentos em que abria demasiado a boca, num ângulo certo, e apanhava o sinal rádio. Aí, extático, como um pentecostal ligado à verdade, um gnóstico contactado pelo absoluto, ele ouvia as melodias, as vozes claras, assertivas, das locutoras – ou o frenesim excitado, metralhado, do relator da bola, ao domingo à tarde.

«... E... Ah... Penalidade contra o Benfica!», gritava o Donaldóide subitamente.

«O quê?!», urravam de volta do interior da cela da prisão. «Repete lá!»

Mas não valia a pena perguntar se tinha a certeza, ou se a grande penalidade fora bem marcada. Agora o Donaldóide já estava noutra.

E o rádio dentro da cabeça do Donaldóide gritava pela omnipresente boca:

*O país melhor é sem armamento
Entrega a tua arma e alivia o sofrimento
O bom cidadão cumpre a sua missão
Entrega só mano, ai-u-é!*

O Donaldóide nunca saía de junto da parede, partilhando cigarros, uns cotos de salsicha ou pacotinhos de whisky Best, com os prisioneiros do lado de dentro. Uma vez dá ele, outras vezes, os prisioneiros felizes com algum naco de informação, dão-lhe a ele. No meio da torrencial gritaria, gemidos, solavancos, melodias trauteadas, subitamente, cristalina, vem uma frase completa, de importância máxima, uma notícia de última hora, um evento impossível de ter sido conhecido antes, pois está a acontecer agora.

«*Monstruoso terramoto de 8.9 graus atingiu a costa nordeste do Japão, às 2.46 pm, da hora de Tóquio, gerando um tsunami com ondas de até 10 metros de altura*», grasna o Donaldóide com extremo dramatismo enquanto toda a prisão se silencia atenta.

Esta capacidade fenomenal foi a única coisa que manteve o Donaldóide vivo, sem ser linchado pelos guardas prisionais ou a pedido dos próprios prisioneiros, pois a algaraviada de berros do Donaldóide é impossível de aturar. Dias e noites seguidos de vociferações, palavrões, repetições autistas de kuduros, repetidos até à exaustão e – de repente – uma informação de última hora, uma melodia do último disco do Paulo Flores, um refrão acabado de escrever pela Mart'nália, ou o relato de um óbito famoso. E por causa destes brevíssimos instantes toda a gente ia aguentando as outras horas de ruído e caos.

«Onde estão os seus familiares?», perguntavam polícias.

O Snoopy, perito no assunto «Donaldóide», esclarecia:

«A sua família da província morreu toda com a guerra. A sua família da Capital tentou matá-lo por ser feiticeiro. «É possível ficar normal depois disto?», repetia o Snoopy sempre, com um focinho pendurado debaixo dos grandes olhos negros e caninos, emoldurados por um fundo muito branco. «É possível? É possível ficar normal depois disto?», e rodava a cabeça, abarcando o espaço à sua volta, como quem inclui tudo, todo o universo cruel e incompreensível onde estamos metidos malgrado nosso.

Durante as noites da prisão, presos e guardas, antes divididos por outras convenções, não as das grades, mas dos partidos, partilham as mesmas histórias de guerra, fugas para a Capital, e familiares perdidos. Os cigarros de liamba passam de uns para os outros, da rua para dentro da cela, de dentro da cela para o lado de fora das grades, onde estão os polícias; ou, dos polícias para dentro da cela, e de dentro da cela para o exterior. O Donaldóide e alguns putos de rua entram na conversa pelo lado de fora, do pátio, ficando os presos no meio, como mediadores, entre polícias e lavadores de carros. As conversas cruzam-se, atropelam-se, alguém tenta impor a sua história, mas o ruído de fundo da incessante voz do Donaldóide e o refrão do Snoopy «é possível ficar normal depois disto?» são uma constante fixa e cíclica.

«O meu cunhado levou um estilhaço no braço que não curou. Depois passámos tanta fome durante o cerco à cidade que durante os bombardeamentos o meu cunhado comeu a própria gangrena do braço. É possível ficar normal depois disto?»

«Esse teu cunhado não é pessoa, ó Snoopy! Isso é cachorro, como tu!», e toda a prisão ri. «Snoopy, Snoopy!»

O Snoopy detestava ser tratado por esse nome. Ele queria ser tratado por Snoop, de Snoop Doggy Dog, não o cãozinho do Charlie Brown. Mas toda a gente gostava mais de lhe chamar Snoopy. Encaixava mais com ele, era mais carinhoso, além de que ele não tinha cara, tinha um focinho.

É possível ficar normal depois disto?

«Isso é falta de humanidade», respondia o melancólico Snoopy, falando pelo focinho. «Não dele, mas de quem leva uma cidade a ficar isolada e destruída a ponto de haver metade fome e metade feridos, obrigando a primeira metade a alimentar-se da segunda.»

É possível ficar normal depois disto?

Em N'Gulawa havia um óbito naquele dia. Toda a aldeia estava reunida por causa da menina de dois anos que tinha morrido. Aí chega um grupo de jovens tropas.

«Porque estão a chorar? Isto não é para chorar, *nós* acabamos de chegar. Isto é para celebrar!»

Quiseram saber quem eram os pais da criança defunta. Pediram o corpo e, ali mesmo, em frente de toda a gente retalharam o corpo e meteram-no dentro da canjica tradicional dos óbitos. Obrigaram os pais a serem os primeiros a comer. E toda a aldeia a seguir.

É possível ficar normal depois disto?

Na mente do Donaldóide a paisagem de memórias infantis é repleta de barulho, e estas histórias contadas pelo Snoopy são como um botão de sintonização do rádio, que vai para trás e para a frente, tagarelando continuamente, relembrando o passado e projectando, a partir deste, nebulosos futuros. Futuros feitos com máquinas feiíssimas e esventradas que afinal são antigos BPU's, tanques anti-minas, Pakitos e Kamazis de transporte, misturados com os tanques russos, BP-1, BP-21, e os T-57 que mandam quatro mísseis duma vez. Memórias de criança. Quatro mísseis de uma vez, grita o Donaldóide imitando, durante um quarto de hora, os diferentes sons de projecteis, enquanto os presos e polícias partilham as aventuras da guerra.

«Ser chamado ao comité *já era!*», relembra um capitão, falando dos tribunais populares. «Raras vezes se tinha a sorte de ser chicoteado. Diziam que ias levar cem chicotadas mas, como eram dadas com ambas as mãos, logo, isso queria dizer que se levavam duzentas chicotadas. E as chicotadas eram dadas com duas catanas em brasa. Por isso, era melhor mesmo levar já uma catana ou machado ou enxada... isso para lhes poupar a bala. Cavam-te a cara primeiro... mesmo antes de teres tempo de gritar já te arrancaram tudo abaixo da testa.»

É possível ficar normal depois disto?

Um vizinho meu estava a voltar da sua lavra no Samboto juntamente com a sua esposa. É abordado por um grupo de jovens tropas. Nenhum passa dos vinte anos, e o mais novo deve ter oito anos. Mandam o agricultor deitar, ali mesmo no chão, enquanto lhe dão umas boas bofetadas na cara. Fazem dele colchão, ali mesmo, atirando-lhe a esposa para cima das costas, fazem-na um a um. Abusam dela até que se sintam todos satisfeitos, depois de quase a matarem de porrada e lhe dispararem uma bala mesmo à queima-roupa, obrigam o homem a levantar-se e carregar com uma saca de 50 quilos de fuba à cabeça. Ele carrega-a durante horas até onde lhes convém. Ele não se atreve a responder quando lhe perguntam se está cansado, entre biqueiradas e murros no rosto.

Depois de chegarem aonde queriam, discutem como o vão matar. Se leva um tiro pelo bom trabalho, ou se ainda o fazem penar por umas horas, pois eles estão sem nada para fazer e ainda têm tempo. O homem consegue fugir enquanto discutem. Ainda leva um tiro na coxa que nunca mais sarou, pois era daquelas balas israelitas, com o risco vermelho e venenoso.

É possível ficar normal depois disto?

Os soldados das tropas guerrilheiras interrogavam as pessoas em umbundo. Se não conseguisses responder eras logo maltratado, pois significava que só falavas português – e isso era sinal de que vinhas das zonas controladas pelas tropas governamentais. Havia uma menina deficiente que, por humildade, respondia a tudo que «sim». Era quase a única palavra que sabia dizer. E eles torturaram-na porque a todas as questões colocadas em umbundo ela respondia de cara para o chão «sim» em português. E como eles

lhes bateram...

É possível ficar normal depois disto?

As tropas guerrilheiras roubavam populações inteiras, que então carregavam com tudo nas costas e nas cabeças. Se os bebês nas costas das mulheres começavam a complicar ou a fazer barulho, eles esmagavam-nos contra as árvores, arremessando-os pelos calcanhares. As desgraçadas das mãos nem podiam piar e tinham de continuar a carregar com as caixas das munições, para mais tarde fazerem de consolo para os soldados. Cada um podia chegar a ter mais de três mulheres que violava sempre que queria, além de lhes terem morto os maridos. Isto quando eles tinham sorte de não ter de assistir a tanta humilhação. Quantas grávidas não eram violadas e esventradas diante das suas outras crianças. Crianças essas que depois eram obrigadas a engrossar o contingente militar e a fazerem, elas mesmas, muitas destas coisas que as haviam traumatizado.

É possível ficar normal depois disto?

Em muitos dos ataques dos guerrilheiros às aldeias, durante a confusão dos tiroteios, o medo era tanto que as mulheres ao fugirem pegavam em cães ou cabritos em vez dos bebês, para regressarem passadas horas ou dias e encontrarem os filhos esborrachados contra as paredes e as árvores.

É possível ficar normal depois disto?

Mas as tropas governamentais também não ficavam atrás em ordálios provocados aos civis. Durante os bombardeamentos do Huambo, uma bomba dos Mig do governo acertou no mercado, misturando a carne humana com a de vaca. A fome era tanta naqueles dias que mesmo assim toda a carne foi vendida.

É possível ficar normal depois disto?

Passa uma mulher ao longe, entre os montes de lixo, os plásticos arrastados pelas valas abaixo, onde comem os cães e brincam as crianças. A mulher está de saltos e equilibra a custo o seu delicado manequim de sensualidade entre as latas furadas, os panos enrodilhados, as camadas impenetráveis de cartão, metal retorcido, tiras de pneu. A mulher tem uns calções curtos, à brasileira, de ganga, e saltos de plástico transparente. O cabelo é uma farta juba postiça. O Donaldóide apressa-se a gritar um refrão de música:

Chaparia por fora está bala, mas o motor está a babar óleo.

«Não acredito nisso do amor», explica o Chilato, mais em tom de confidência ao Snoopy. «É um tema de que evito falar entre homens, mesmo quando tenho tédio, ou quando conduzo a minha carrinha. Mas, confirmo essa música do Kristo: a maioria das mulheres só vale pela chaparia, pelo aspecto. Sem isso não valeriam nada. É difícil ser amigo de uma mulher. Não há quase nada para curtir juntos. Isso de mulher e homem serem amigos é mentira. Elas têm os corpos demasiado diferentes, e é isso que gostamos nelas. Mas depois

as cabeças também ficam estranhas. Elas é um sem-fim de novela brasileira e fofocas com as vizinhas; elas é um sem-fim de abanar o cu nas discotecas e nas ruas; elas é um sem-fim de passar o dia a querer ser admiradas e exigirem atenção. Nós somos como os brincos ou anéis que elas escolhem para se apaixonarem ainda mais por si mesmas.»

O Chilato e o Snoopy gostariam, mas não conseguem ver a moça por quem os gajos junto da janela gritam, pois o Chilato e o Snoopy ainda estão plantados no centro da cela, não tendo acesso às paredes, muito menos à da janela. Os mauzões junto da janela são os únicos que têm vista para fora, gerindo também a entrada dos cigarros e ganzas.

O resto da cela, por imitação, também está a gritar, a chamar, a acenar, a psiar a moça que desaparece entre o pó, apesar de a maioria deles não ver nada.

Agora é a vez do Snoopy comentar o tema:

«Para mim acho que é quase impossível um ser humano amar outro. E a actividade reprodutiva, enfim, digamos, o coito, lá está, convenhamos, na maior parte dos casos merecia outro nome. Aquilo é mesmo zoofilia. Fazer amor, isso é para humanos, mas a maior parte do que aí anda, não é ser humano: apenas são fêmeas e machos anatomicamente semelhantes aos humanos do passado. Mas não são humanos: são animais robóticos. O *hardware* é perfeito, mas está como quando vem da fábrica, de origem: o ser humano é vazio de conteúdo, como animais robóticos. Não têm quaisquer programas e *softwares* que os tornem algo mais do que umas máquinas de defesa e ataque. Dizem que durante o coito o corpo humano é sujeito a uma violência extraordinária: as pupilas dilatam como se fosse um drogado, as artérias contraem-se, a temperatura sobe como se fosse febre, o coração acelera como se tivesse tomado marufo ou caporoto, a tensão dispara como um míssil tomahawk. A respiração ofegante e superficial, como alguém em terror, e o cérebro disparando impulsos eléctricos de nenhures para algures – com todas as glândulas segregando algo. Devido à tensão, os músculos têm espasmos de tensão, como se levantassem três vezes o seu próprio peso. É brutal, curto, sujo. E há quem diga que é bonito, sensual. É uma foda, e como palavra já diz tudo. É possível ficar normal depois disto? Robôs de carne: é o que somos. Vejamos, se o indivíduo é um composto de «agregados» – combinação dinâmica de átomos, células, moléculas, órgãos e organismo – que articulados entre si formam uma entidade com consciência, então, ao se desagregarem esses diferentes componentes, como se faz a uma lanterna, um computador ou um automóvel, nada de contínuo se perpetuará, e a consciência que via, ouvia e sentia, apaga-se como uma lâmpada fundida, em que o botão quebrou e a pilha secou. Sem alma, que me interessa seja o que for? Para quê o esforço? Lembro-me quando fiquei desfigurado. Nem pensei em estética reconstrutiva. Lembro-me de ter concluído que assim, nesse estado, já não tinha nada mesmo a perder. As mulheres já nem me olhavam – e eu soube que não queria ter de me empenhar e sofrer e esperar e rezar para

voltar a ter outra cara. Pois agora sentia-me livre. Já não tinha nada a perder e gostava dessa situação. Preferia ficar sem esperanças. Agora estava-me a lixar para tudo. Daqui para pior já não passava. Com este focinho já não tenho nada a perder.»

O focinho do Snoopy olha o Chilato no aperto da prisão. Lá fora o Donaldóide faz um som de sirene.

O Chilato ouve isto com um profundo sentimento de perda, pouco compreendendo o que o Snoopy diz. Enquanto ouve apenas pensa continuamente na Sandy. E na saudade secreta que tem por ela.

O filósofo da teoria do satélite acrescenta:

«Esta nossa terra é uma boa amostra, um bom exemplo em tamanho pequeno de toda a humanidade: cada indivíduo é um milagre –

mas o colectivo é um desastre. Nós já não traçamos o mapa de um futuro – apenas cartografamos o desastre. Já não tentamos curar o homem – apenas relatamos, como médicos legistas, a autópsia. Já estamos nessa era em que se começa a comer dinheiro com sal e pimenta. Conseguimos o que queríamos – ao estilo do rei Midas: somos podres de ricos e tudo em que tocamos transforma-se em ouro. Agora morremos de fome por fora e por dentro.»

Chilato olha o focinho demasiado triste e demasiado jovem do Snoopy ao dizer estas palavras. Agora ele passa dos relatos relacionados com o tema «Donaldóide» para outra pessoa. Quer ilustrar porque pessoas boas se transformam em espectros, monstros, feiticeiros, robôs ou, simplesmente, pessoas que perderam toda a felicidade para toda esta vida.

«Eu tinha um amigo, um grande amigo. Ele estava mesmo apaixonado por uma menina. Durante a guerra dos 60 dias passámos muita fome e ninguém podia sair de casa. Mal alguém pisava o asfalto algum *sniper* arrebetava-lhe com a cabeça. Um dia a menina aventurou-se para ir levar comida a pessoas de família. Ela vivia na casa em frente ao prédio do meu amigo. Foi alvejada e caiu morta ali no meio da estrada. Durante duas semanas o meu amigo viu-a a ser comida pelos cães selvagens que patrulhavam as ruas. Ele nunca pôde fazer nada, durante semanas. Esse meu amigo.»

«Que lhe aconteceu?», perguntou o Chilato.

«Desapareceu, já não é meu amigo», concluiu o Snoopy.

O tal amigo tinha deixado de ser a pessoa que costumava ser.

É possível ficar normal depois disto?

O Chilato percebeu que o tal amigo perdido era o Snoopy mesmo.

Agora, no dia de carnaval, aparece junto da barraca do Donaldóide um vulto camuflado. O Donaldóide nem o vê, só o ouve. Uma mancha incompreensível de homem, um vulto camuflado, do qual apenas se distingue a mão que acena, que chama, e o riso abafado.

Este vulto camuflado entrega-lhe um projectil. O Donaldóide olha o projectil e vê-lhe duas distintas qualidades:

Primeira, melhorar a sua casa, virando o projectil do avesso e colocando terra por dentro, para fazer um vaso para flores. Para isso, tem de desmontar-lhe a ponta, e aí entra a segunda qualidade distinta deste presente: o mercúrio branco que poderá retirar do interior do engenho, para depois vender.

Os Langas, emigrantes do Congo Democrático, seguramente lhe comprarão o mercúrio branco por bom dinheiro porque toda a gente procura a grande-oportunidade-de-ficar-rico. Assim, começa a martelar a ponta com uma pedra e um ferro que faz de escopro. De dentro da cela alguns presos reparam na ogiva, no balde de plástico e no empenho do Donaldóide a martelar, e começam a gritar.

Mas Donaldóide responde com um trecho de um programa cultural com participação especial do senhor Kajibanga, da ADRA:

Sim, foi João Augusto da Silva, da Junta de Investigação Ultramarina, o autor, em 1972, de tal livro tão importante sobre as palancas negras gigantes. Hippotragus Niger Variani. Rios Dunda e Luasso. Na capa vemos o focinho do belo animal com as típicas manchas brancas pré-oculares, isoladas na mancha perioral...

«Que estás a fazer, cabrão? He! He! Vai-nos matar a todos! Vamos-te bater! Vamos-te chapar! Pára com isso anormal!»

Agora o Donaldóide responde com um trecho de música infantil, que está a passar na rádio 96.5:

*Vamos todos cantar com a dor
Com os olhos já secos de tanto sentir
Vamos ser o sonho de quem quer ser feliz*

... Enfiando a ponta do ferro, bate com a pedra, de lado, na peça, pim pim pim, e, de repente, BAM! Quando à vigésima oitava

pancada o projectil rebenta, a parede onde o Donaldóide está encostado pulveriza-se, e o Donaldóide e todos os durões que tinham monopolizado aquela parede para si transformam-se num graffiti vermelho. Sobreviveram, claro, os coitados, os que tinham de ficar de pé dia e noite, bem apertados, bem protegidos, no meio da massa humana, a hierarquia mais baixa relativamente aos fortes que estavam encostados à parede, especialmente a que tinha explodido. Pisando-se uns aos outros, entre empurrões e cotoveladas, entre sangue e gritos, entre os que querem e os que podem, todos os prisioneiros fazem por fugir pelo rombo causado pela explosão. Alguns para morrerem mais à frente, do outro lado da rua, após cem metros de hemorragia.

18.

O senhor Svart ouviu nesse momento a maior explosão da sua vida.

Quando as crianças Kaviula e Xinganje entram pelo pátio da prisão, arrastando o senhor Svart, a cena parece de um filme de guerra amador. Há bocados de bife e sangue espalhados pelo recinto e a gritaria é tremenda. No meio da confusão, entre polícias atordoados e prisioneiros em fuga, vê-se o Chilato a recuperar a sua Toyota «20 Buscar». Todos correm para a carrinha, são empurrados à força e sem maneiras para dentro da «20 Buscar» por alguns prisioneiros que também procuram fugir dali o mais rápido possível.

«Ai-u-é, vamos bazar daqui!», grita a menina Kaviula.

«Ai-u-é, vim-te buscar!», pisca o olho o menino Xinganje ao Chilato.

Todos entram, os meninos Xinganje e Kaviula enfiando o senhor Svart à bruta entre os prisioneiros empoeirados e sangrentos.

«Dêem lugar ao perito estrangeiro», comanda o Chilato.

Horrorizado, o senhor Svart olha a cara do Snoopy seguro de estar a ver uma das vítimas.

«Que foi? Estás apaixonado?», pergunta o Snoopy desconfortável.
«Branco esquisito...»

A carrinha arranca entre gemidos e palavrões, todos lutam por se encaixarem, sem se darem conta que sentado no banco de trás, camuflado e invisível, está o Doutor Branco, imóvel, com um sorriso mentiroso.

Ao fim de dois quilómetros, dentro da Toyota Hiace começa uma briga. Dois prisioneiros da fila atrás de Svart começam a gritar com os da fila da frente. Mais três prisioneiros da fila do meio juntam-se ao barulho, apoiando um colega que está junto do senhor Svart.

«Rápido, ó feio de olhos em bico!», grita o prisioneiro ao lado do senhor Svart e que se chama Sapinho. «Estás a guiar como uma panina, um pico, uma

paneleira, um rabo, uma homossexual! Mais rápido!», espicaça o Chilato que já conduz no máximo concebível a uma carrinha sobrelotada com mais de vinte homens e duas crianças.

«Pior, pior, muito pior!», grita outro, chamado Meia-Minhoca, da fila de trás atirando um trapo para cima do Chilato. «Estás a guiar como um bissexual!»

«Pouco barulho!», grita o Snoopy, sentado entre o Chilato e os meninos Xinganje e Kaviula, na fila da frente. Os miúdos, insolentemente, metem o dedo sobre os lábios, fazendo um chiu de lábios bem esticados aos prisioneiros em volta do senhor Svart. Os prisioneiros ficam ainda mais furiosos com o Chilato e com o Snoopy.

«Não tens mulher. Não tens ninguém! Ninguém te quer! Sozinho, feio!», grita um prisioneiro. «Uó!»

Atiram mais um trapo para cima do Snoopy para gargalhada geral dentro do «20 Buscar».

«O carnaval já acabou, tira esse rabo que tens na cara! Uó!», acrescenta outro subindo a parada.

A menina Kaviula atira os trapos de roupa rasgada e queimada de volta para trás. Acerta com eles no senhor Svart que está a tentar passar despercebido.

«Se fosses carro eras um IFA! Uó!», a menina Kaviula insulta o prisioneiro, defendendo o Snoopy porque ele pertence à sua fila de assentos na carrinha.

«Se fosses telemóvel eras um Huawei! Uó!», acrescenta o menino Xinganje aliando-se à irmã, vale o pior insulto que consegue imaginar.

Agora, bem ofendidos, um coro de uós ecoa por todo a carrinha.

Uó! Uó!

«Bissexual!», grita o Meia-Minhoca, apontando para os dois miúdos, voltando à carga com o pior que tem para ofender.

Todos os prisioneiros aplaudem este insulto demolidor.

«É possível ficar normal depois disto?»

Os dois miúdos viram-se para a frente, cruzando os braços de tanta ofensa.

«Nunca ninguém nos chamou isso!», resmunga a menina Kaviula.

«Eu nem sei o que isso é», segreda o menino Xinganje ao ouvido da Kaviula.

«É uma pessoa com duas pilas», explica a menina Kaviula muito consternada.

O senhor Svart olha para o caminho, agora muito rápido, que se desenrola fora da janela do carro. Estimulado pela gritaria dos presos, o Chilato guia com o prego a fundo. Fogem à polícia, fogem ao carnaval, fogem ao trânsito, fogem à Capital. Atravessam os musseques de lixo e antenas parabólicas, por atalhos escondidos sob matéria indecifrável e podre.

Uma paisagem castanho-cinza, uma estrada fina, um fio carregado de

contas, um rosário de besouros e baratas retorcidas de metal que ainda geme. Destroços fumegantes, carcaças esventradas de viaturas – às dezenas, como cachos aglomerados em curvas preferidas, ângulos mais apertados ou por baixo de pontes estreitas – Hiaces, camiões, autocarros públicos, motas, atrelados de pesados, e até uma ambulância, ainda com a sirene acesa, e muitos candongueiros colectivos. O que aconteceu às pessoas que iam dentro? Quanto tempo terá demorado até que os corpos tenham sido amontoados na caixa de uma carrinha e levados para um qualquer hospital? Teria médicos verdadeiros, ou médicos com diplomas das universidades do Congo? Numa súbita curva vê oito carros, todos canibalizados e queimados, um deles ainda com labaredas lambendo a chapa.

O senhor Svart entende que um pouco de sobriedade escandinava não fará mal a ninguém. Sente que a velocidade é excessiva e que o caminho tomado não está a ser o certo. Também acha que o carro está demasiado cheio, apesar de não saber ao certo como passar essa mensagem aos prisioneiros.

«Temos de ir para a reserva da Cangandala. Precisamos de ir para os matos, Chilato», diz o senhor Svart.

«Isto aqui não é carrinha de turismo, ó cota», grita um prisioneiro.

«Nós vamos para sul, para o Sumbe e para Benguela. Não vamos bazar nos matos, ó o caralho!», gritam outros três. «Esquecer isso de Cangandala, ó o caralho!»

«Precisamos de dinheiro. E já! Tenho de comer! Tenho de comer!», grita um prisioneiro furioso, chamado Dois Sabões.

«A expedição da Palanca Negra Gigante tem que ir já para lá! E eu sou o perito em criptozoologia que realizará o necessário avistamento», diz o senhor Svart tentando um pouco de autoridade junto do Chilato. «Eu sou a expedição!»

«Esquecer isso também», gritam os prisioneiros junto do senhor Svart.

«Está parvo! Nem palanca gigante, nem palanca miniatura. Ninguém vai ver palancas agora!», grita outro. «Vamos para Benguela!»

«O cão tem quatro patas, mas anda numa só direcção!», grita mais um citando um provérbio bacongo. «Benguela é a direcção! A expedição nem começou e já acabou!»

Gargalhadas.

«Tenho de comer! Tenho fome! Não como há cinco dias, caralho!», grita o Dois Sabões.

A gritaria é geral. Todos protestam com fome e agora o culpado disso parece ser o senhor Svart.

«Este é o velho maluco que se tentou afogar no lago ontem à noite! Agora quer ver palancas!»

«Muxima! Muxima!», começam os prisioneiros a cantarolar num coro raivoso.

«Como fizeste para fugir do pátio interior?», pergunta um prisioneiro chamado Dez Pacotes. «Agora andas a bufar para a bófia?»

«Como vieste parar aqui dentro desta carrinha?!», perguntam vários aos gritos. «Esse lugar não é teu!» e começam a empurrá-lo, como que a forçá-lo pela janela fora.

«Ukulu, ukulu okotombe, etchi amõula tchalwa», grita de novo a menina Kaviula de dedo em riste. «Mais-velho é sempre mais-velho, por isso não o desprezes porque desde que nasceu até à velhice carrega consigo muita experiência.»

Ninguém compreendeu o que a criança disse, no entanto a frase em umbundo suou impressionante.

«Comida! Comida! Comida!», grita o Dois Sabões.

«Vamos assaltar uma bomba de gasolina. Vem uma aí a quinze quilómetros. Vamos roubar dinheiro, gasolina e comida. O velho pula vai servir para distrair os seguranças. Ouviste, velho? Vais-te deitar no chão e fingir que estás a morrer, ouviste? Se nos arranjares problemas, matamos-te, cão!», ameaça o Dez Pacotes.

«Caluda, otários.»

De repente, uma voz camuflada manda todos calar. Estranhamente todos se calam sem saberem quem deu a ordem. Um telemóvel toca dentro da Hiace. De mão em mão, vindo do Doutor Branco, em que ninguém repara, passando de trás para a frente, até que um prisioneiro mete o telemóvel na mão do Chilato que o coloca em alta voz, como quem recebe uma ordem simples, apenas a cumpre.

Pelo telefone fala o Brigadeiro-e-Bispo:

«O mais importante é concretizar a implantação da antena. Já foi encontrado o terreno de raiz quadrada. O senhor Svart tem de compreender que tudo está orientado para o mesmo objectivo. Agora tem de avistar a Palanca Negra Gigante, com urgência.»

«O senhor Svart está aqui comigo», responde o Chilato.

«Bem sei. Mandeí os palhaços procurarem-no», responde a voz robótica do Brigadeiro-e-Bispo.

«Algo aconteceu na prisão e pude escapar», explica o Chilato ressentido por ter passado demasiado tempo esquecido pelo patrão.

«Também sei disso», apazigua o Brigadeiro-e-Bispo. «Mandeí o Doutor Branco agilizar o processo. Quando chegares, Chilato, vem buscar Sandy à casa e leva-a a fazer o cabelo. Depois leva o senhor Svart a ir buscar a avó e a neta. Carreguem a caixa na vossa carrinha.»

«Onde dormirá o senhor Svart?», tenta ainda informar-se o Chilato.

O telefone desliga-se. Entra, acto contínuo, um sms de grupo, que também foi enviado a todos os outros telemóveis da expedição.

Membros da expedição da CEFÉ: os senhores têm de compreender que tudo está orientado para o mesmo objectivo. Todo o financiamento, todo o dinheiro e esforço gerado nos próximos tempos tem como propósito o evento. O acto. O acto

que será testemunhado por todos. O acto que servirá como impressão indelével, imagem de marca, cadeia de informação, proteína conquistadora.

«Quem é esse Doutor Branco que agilizou a nossa fuga da prisão? Como foi que ele fez isso? Pensei que tinha sido o Donaldóide que rebentou com um projectil. Como é que fomos libertados da prisão?», pergunta o Snoopy ao Chilato.

«Fomos libertados pelo feitiço!», geme o Chilato. «Esse Doutor Branco... Ninguém sabe quem é esse Doutor Branco ao certo. Será que ele serve o Brigadeiro-e-Bispo? Será que o Brigadeiro-e-Bispo lhe obedece? Será que são o mesmo?», desabafa o Chilato ao amigo Snoopy.

O facto, indesmentível, é que os desejos verbalizados do Brigadeiro-e-Bispo se tornam em acções pelas mãos do Doutor Branco. Caso uma palavra negativa seja pronunciada contra certo homem pela boca do Brigadeiro-e-Bispo, em breve, esse homem aparece sem os rins, ou sem outro órgão qualquer. O Doutor Branco há muito tempo que por aqui anda. Serve o Brigadeiro-e-Bispo e é a sua arma secreta – é a sua alma e fonte de poder. Agora, se o Doutor Branco faz tudo isto de livre vontade, ou se é à força, ninguém sabe. Talvez o Brigadeiro-e-Bispo saiba coisas do Doutor Branco. Se o patrão é o Brigadeiro-e-Bispo ou o Doutor Branco – isso é o que muitos se perguntam...

No banco de trás, o Doutor Branco ouve tudo o que dizem dele. Ouvir outros a falar de nós sem saberem que o fazemos é a melhor maneira de descobrirmos o que pensam de nós. Que o diga quem já ficou a ouvir conversas a partir de um telemóvel que não foi desligado depois duma chamada acabada de fazer. Já abriste o Facebook da tua namorada? Já entraste no correio electrónico do teu namorado, ou lhe leste as mensagens no telemóvel, sem ele saber? Descobre-se bem mais das pessoas quando as ouvimos falar de nós, sem saberem que o fazemos... Não se pode prometer que a descoberta seja a mais agradável. Mas isso não é um problema para o Doutor Branco que nunca gostou de ninguém, desde que foi um menino-sem-nome.

O Meia-Minhoca ri sem saber porquê. O Meia-Minhoca chega-se à frente e revela numa voz de cobras a serpentearem pela lama:

«O Doutor Branco é um feiticeiro e o seu interesse de servir o Brigadeiro é de se tornar, ele próprio, um dia, o Patrão. Ele também quer a Sandy. Todos querem a Sandy. E todos querem o dinheiro», diz o Meia-Minhoca falando como um possesso que serve de megafone para um poder maior, mais obscuro, impossível ao próprio de adivinhar, pois é o próprio Doutor Branco que lhe segreda, pela nuca, estas palavras sem que ele se dê conta.

«Eu não quero dinheiro!», geme o Chilato, quase a chorar. «Eu quero... eu quero a Sandy. Ela é tão triste! Tão triste!», grita o Chilato para todos na carrinha.

«Que lamechas que é este condutor! Que pico, que paneleiro, que homossexual!», comenta o Meia-Minhoca cheio de desprezo. «És mesmo um bissexual!»

«Não concordo. Esta é uma boa razão para amar uma mulher...», medita o Snoopy. «A única talvez. Um amigo meu dizia que a tristeza era o melhor sinal de beleza das coisas.»

«Ai, Sandy!», ainda geme alto o Chilato tomado de uma avalanche de sentimentos que irrompem agora, descuidados, após tanto tempo reprimidos.

«Cuidado!», diz o menino Xinganje. «Corno é sagrado, porque mulher bandida é hereditário. Já morreram outros homens por bem menos. Motorista apaixonado por mulher do patrão?!»

«Aqui não se coloca cinto de segurança, mas cheira-se a comida antes de comer», acrescenta profética a menina Kaviula.

O Chilato demonstra estar emocionado para apenas ouvir o Snoopy, o filósofo do satélite.

«Uma menina perfeita tem sempre de ter um pouco de tristeza», continuou o Snoopy a contar, citando com autoridade esse *tal seu amigo*. «E ele era um homem lindo de morrer, vejam bem», acrescenta o Snoopy, para melhor enfatizar o valor do argumento.

Esse tal seu amigo lindo-de-morrer, nunca escolhia nenhuma das damas super-boas que por ele se apaixonavam. Todos se perguntavam porque escolhera ele uma menina de aspecto bem modesto e pouco impressionante.

«Um rosto com expressividade sabe dançar, tem coreografia», explicava esse tal amigo, bem pensante e experiente em coisas de beleza. «Uma carinha por si, por mais bonita que seja, é tão aborrecida quanto um poster já muito visto. E a maior beleza está na expressão que revela um toque de tristeza.»

Então esse tal amigo tocava num pequeno pingente de cristal que lhe andava pendurado no pescoço, uma pequena lágrima congelada, e dizia:

«Eu não me interesse por essas miúdas em que tudo é frenesim, excitação, risota. Esses olhares sexys e boquinhas de anúncio-de-gelado. Expressões de pacote. Ao contrário, uma menina profunda, uma menina com quem dá gosto falar, e que provoca o fascínio de olhar – essa é uma menina misteriosa, porque é uma menina que *sempre tem* um pouco de tristeza em si. É esse o maior segredo da sua beleza, mesmo quando ela própria o ignora. *Principalmente* quando ela o ignora... É o segredo que confere um toque perturbante, inalcançável à mulher. Por mais fantástico que tu próprio sejas como homem, compreendes que nunca serás tu que lhe apagarás essa tristeza – e que algo desconhecido, uma dor insondável, vibra além da capacidade do teu olhar, da tua conquista. Tu sentes que ela é, portanto, inatingível. A sua alma obedece a humores e comandos que ultrapassam as leis deste mundo. Ela vê o mundo de cima, do alto – tão da terra, e tão do céu, essa menina que tem um pouco de tristeza dentro de si. Porque uma menina que seja inteligente não pode deixar de reparar como este mundo é feio e doente, como esta miséria é universal. Logo...» e tocava na lágrima de cristal com um sorriso

lindo e bem doce.

«Ya linga, mbwim. Ya lungula, ava vajuwa, ou seja: chuva que troveja só molha os bobos», traduz a menina Kaviula enigmática com um dos seus provérbios acerados.

19.

Entretanto a «20 Buscar» vai largando alguns prisioneiros que não se aventuram a fugir mais longe do que os subúrbios da Capital. A falta de dinheiro e a fome não ajudam ninguém a querer aventurar-se em províncias desconhecidas.

«Nunca saí da Cidade», confessa um.

«Não tenho famílias em mais lado nenhum», admite outro.

«Vou surpreender a minha dama em casa: é hoje que descubro que ela me encorna», ameaça um terceiro.

«Eu não sou um homem dos matos, não sou nenhum matumbo. Sou um cidadão. Tenho de ficar na Capital», ainda mais outro.

E assim grande parte da carrinha esvazia dando oportunidade aos que ficam para respirar melhor.

Mais à frente numa curva apertada da estrada vêem um Toyota Prado virado do avesso, ainda com os pneus a rodar para o céu. É um carro do governo. Postado no meio da estrada está um homem vestido com um fato Armani vermelho-metálico. O homem do fato Armani assinala de forma frenética para que alguém pare e o acuda. Todos o evitam, mas o homem de fato Armani vermelho-brilhante esforça-se por tentar meter-se na frente dos carros. Quase o atropelam.

«Ah, eis o nosso salvador!», grita o Dez Pacotes. «Esse gajo deve estar cheio de dinheiro! Tem um carro do governo.»

«Vamos já pentear o gajo!», insiste o Dois Sabões.

«Encosta a merda do candongueiro, chinês!», o Meia-Minhoca encosta um pedaço de latão a fazer de faca no pescoço do Chilato. «Entendes? Encosta só, sacana! Vamos ajudar o homem!»

Param o carro e o homem vem a correr para eles.

«Ajudem-me senhores, por favor! Tenho de sair daqui rápido. Estão a tentar matar-me à distância.»

Já à entrada da «20 Buscar» acrescenta:

«Vou para um Comba. Tenho de ir prestar homenagem num óbito. O meu sócio foi morto. E agora tentaram-me matar a mim também!», grita o homem.

«Nós também vamos para esse óbito, mano!», mente o Meia-Minhoca.

«Sim, irmão, íamos mesmo a caminho. Que sorte a tua!», confirma o Dez Pacotes.

O Dois Sabões e o Sapinho olham fixamente para o resto dos passageiros com um olhar ameaçador. Ninguém se atreve a dizer nada. Toda a gente sabe que não há melhor lugar para se comer e beber bem que durante um óbito. Toda a noite vai grelhar carne e abrir garrafas de whisky e cerveja.

O homem vestido de Armani vermelho-brilhante entra na carrinha agradecendo efusivamente. Tem um saco de pacotinhos de whisky sul-africano que começa logo a passar por todos. Pelos olhos inchados pode-se ver que já distribuíra uns tantos por si mesmo.

«Quando estava a fazer os últimos quilómetros vi dois gémeos a caminharem com a cara para trás. Um deles tinha uns óculos escuros só com uma lente. Por um olho ele estava a ver-me, agora, vivo e saudável, a guiar o meu Prado, mas pelo outro já me estava a ver debaixo do chão, apodrecido. O olho sem lente vê o presente e a superfície, mas o outro vê o futuro e o subterrâneo. Entendi logo que esses gémeos com a cara virada para trás me estavam a fazer um uyulue. Muitos males ou conhecimentos tradicionais passam por telepatia. Foi por isso que o meu Prado se despiستou.»

«O teu Prado?», pergunta o Snoopy. «Acho que esse carro era do teu “sócio” e tu o motorista dele!»

Todos riem.

Ofendido, o homem do Armani vermelho-brilhante distribui mais pacotinhos de whisky. Toda a gente recebe menos o Snoopy. O homem de Armani vermelho continua a falar:

«Preciso de chegar aos meus povos rápido. Preciso de organizar um grupo para vir buscar este Prado antes que lhe roubem as peças todas. Amanhã de manhã já só vai sobrar chapa! Também preciso de organizar uma pequena equipa para ir vingar a morte do meu sócio. Isto tem de parar antes que me matem a mim também! Se me quiserem ajudar vou-vos pagar bem!», explica o homem de Armani vermelho-brilhante. «Vocês são quem, afinal?»

«Somos familiares afastados, da Capital...», começa o Meia-Minhoca que decidiu não valer a pena assaltar o homem, pois ele está a oferecer tudo, enquanto os outros observam como se safa.

«E esse branco?», pergunta o homem do fato Armani vermelho-brilhante.

«Não é branco, é albino. Tem uma deficiência!», atalha o Dois Sabões. «Não vale a pena falar com ele, é doido. Só fala à toa. Diz estupidezes o tempo todo. Se meteres conversa com ele vai começar a dizer indecências sem nunca mais parar. É melhor ignorar esse albino ordinário.»

A menina Kaviula e o menino Xinganje tapam a boca com as mãos para evitar morrer de riso.

20.

Chegam ao Sumbe, onde decorre a segunda noite do velório do sócio do homem do Armani vermelho. Cansados, famintos, o Chilato e os seus passageiros aproximam-se da casa contornando uma estrada esburacada em ruas sem electricidade. Cá fora, no jardim, sentados em filas de cadeiras de plástico, os homens falam, riem e bebem. A casa foi outrora bonita, do ousado estilo do modernismo colonial. Agora o portão e janelas tinham desaparecido e os corredores estavam enegrecidos, como que queimados por fogueiras e gordura. As escadas de mármore, os soalhos de tacos de madeira, têm um

aspecto canibalizado e ruinoso. Lá dentro amontoam-se pessoas ao longo das paredes dos corredores, sentadas e deitadas no chão. Muitas dormem, tendo tapado as cabeças com panos tradicionais. As carpideiras gemem, choram e mantêm um constante fio de lamúria viva, revezando-se umas às outras, enquanto algumas comem, bebem uma coca-cola ou vão responder ao telemóvel.

«Ai-u-é! Assukuyangué ué!», chora uma em altos brados, para, logo a seguir, comer uma batata frita, beber um pouco de cerveja e dar dois dedos de conversa à vizinha do lado. Depois lembra-se do defunto, ali esticado na frente de toda a gente, dentro de um caixão com a foto do lado de fora, bem vestido, de fato e gravata, ar solene. «Ai-u-é!», grita ela de novo.

«Feitiço... feitiço...», segredam as mulheres ao ouvido da viúva, gemendo.

«Foi a inveja, o olho grande...», choram outras. «Logo agora que chegou a director!»

«Ele não mudou a posição dos móveis do predecessor. Sentou na cadeira do director anterior e não fez um tratamento à sala antes de começar a trabalhar nela...»

«Não. Vamos saber quem o envenenou quando disserem quem o vai substituir no cargo de Director. Aí teremos o feiticeiro.»

«Não. Foi uma catorzinha de Benguela. Foi essa moça que o enfeitiçou. A catorzinha. A Verónica. A Verónica matou-o.»

«A Verónica, a Verónica», repetem outras vozes em surdina, malévolas.

Uma velha, muito velha, diz entre dentes:

«Com um pau de tiakalunga ele teria impedido o feitiço de entrar. É impossível o feitiço entrar na casa de um homem protegido com este pau. O feiticeiro pode mesmo tombar no chão se tentar forçar a entrada. Impede o poder aos feiticeiros.»

Outra velha, a irmã mais velha da primeira, responde por sua vez:

«Melhores são as raízes de katetulangaja (que se parecem com jindungo). Se se tivesse feito um remédio e aplicado uns três cortes na parte de fora do antebraço direito, e três cortes na parte de dentro do antebraço esquerdo tudo isto teria sido impedido. O poder deste feitiço pode levar outros a julgarem que o fulano é também feiticeiro, quando não o é: mas fica protegido e caso o tentem envenenar os copos quebram, os pratos são derrubados no último instante.»

A primeira velha acrescenta uma explicação de ordem amorosa:

«Neste caso temos um homem que deixa de dormir com a esposa de quem tem 7 filhos e liga-se com uma catorzinha. Já não dorme em casa sequer. A esposa é a responsável por não ter procurado uma quimbanda a tempo, para se tentar descobrir se a catorzinha utilizou algum feitiço, ou se consultou feiticeiro. A quimbanda de certeza iria descobrir que a catorzinha se untou entre os seios. Untou também o umbigo ou sexo com um preparado. A quimbanda contratada pela esposa iria, então, tentar descobrir se o homem

ficou com o «coração virado», ekulo. Este é um caso desses, de ekulo, quando se vira o coração de um homem de um sítio para outro.»

A irmã mais nova da velha diz:

«Se, por exemplo, o marido andou a pular a cerca, a mulher, por essa razão, não consegue parir o seu quarto filho, quando, com todos os outros, correu tão bem. O bebé não nasce devido a essas traições. Então, mete-se um pouco de água do cavaco dentro da bota que ele utilizou enquanto andou fora. Coloca-se essa água de dentro da bota num copo e dá-se a beber à mulher grávida. Assim, de imediato, dará à luz sem problemas.»

A irmã mais velha da velha velhíssima explica:

«Quando um jovem morre, por exemplo, durante um roubo, o seu espírito fica na terra, preso – só a morte de muita idade é a morte natural e que permite partir para outro lugar. Assim, o mal cairá sobre outra pessoa da família, e outro elemento irá cometer o mesmo acto. Deste modo, para curar um indivíduo, saldar a dívida dum finado, para o libertar, deve-se “fechar” o círculo da família. Só há duas fontes para os males que ocorrem a um indivíduo: a “ventania” proveniente dum feiticeiro que foi contratado; ou a ventania que provém de dentro da própria família.»

A conclusão e veredicto relativo a este óbito é simples e unânime:

«Foi a rapariga do bairro da Kaponte que o engarrafou.»

«Verónica, Verónica, Verónica...», sussurram as vozes.

«Ficou preso a ela. O coitado agora queria subir na vida, ela não o deixou...», sussurra a voz subliminar do Doutor Branco, sem que ninguém repare nele.

«Foi essa Verónica. Foi essa Verónica», sussurram as vozes malévolas, em condenação.

«Sim... essa Verónica vai tentar enfeitiçar de novo...»

«Verónica, Verónica, Verónica...»

«Devíamos ir procurar essa feiticeira! E já!», grita o homem do Armani vermelho, completamente inebriado. «Matou o meu amigo e vai matar-me a mim também! Grande puta!»

«Sim! Grande puta!», fazem coro os jovens à volta do homem de fato vermelho. «Grande puta!»

«As mulheres são todas feiticeiras!», intromete-se o Sapinho já de cerveja e coxa de galinha grelhada na mão. «E todas as feiticeiras são umas grandes putas!»

«Todos esses homens com muito dinheiro e muitas mulheres atraem o olho grande, a inveja, os venenos, a quimbandaria...», continua o Meia-Minhoca, contribuindo com a sua opinião junto do grupo de homens à entrada.

Os homens não conhecem o Meia-Minhoca nem o Sapinho e gera-se um rebuliço à entrada da casa.

«Kwende kalye oká», diz um homem que diz que já foi membro do governo, insultando o Meia-Minhoca por este estar a falar demais. «Estás

amaldiçoado, vai comer merda!»

«Okalumana vuti uyela!», responde o Meia-Minhoca, mandando o homem do governo morder na árvore branca, ou seja, no pau do caixão.

No meio da confusão já há várias pessoas a perguntarem-se quem é o velho branco que está ali a comer frango, a beber cerveja e a fumar como se fosse da família.

«E tu quem és, ó pula?», inquirem o senhor Svart.

«Ele é um perito famoso, vindo do estrangeiro para nos ajudar», ouve-se o Chilato responder aos jovens mais irritados.

«E tu quem és, ó chinês?», perguntam ao Chilato.

«Ele é o meu tio!», responde o menino Xinganje.

«E tu, puto, quem és?», perguntam ao menino Xinganje.

«Ele é o meu irmão!», responde a menina Kaviula.

«E tu, miúda, quem és?», perguntam à menina Kaviula.

«Ela é a minha prima!», responde o Snoopy.

«E tu, ó cara de cu, és quem, foda-se?», perguntam exasperados ao Snoopy.

«É um herói da guerra!», responde o Dois Sabões.

Aí já todos se tinham fartado do inquérito que parecia não levar a lado nenhum. De heróis da guerra estavam todos fartos também. Abrem-se mais garrafas. Traz-se mais carne, remexem-se as brasas dentro do fogareiro improvisado de uma jante de automóvel. Agora todos os homens no círculo da cerveja, whisky e galinha rija querem partilhar o seu conhecimento sobre o mundo informal, o sub-mundo da feitiçaria, aquilo que, de facto, como lei concreta, move o continente africano.

«O nosso amigo foi enfeitiçado, que disso não hajam dúvidas», diz o homem do governo. «Agora é importante que o seu sócio, o nosso camarada ali de roupa social chique, se mantenha atento também...»

«Sim... essa Verónica vai tentar enfeitiçar de novo...», sussurra a voz subliminar do Doutor Branco, sem que ninguém repare nele.

O homem que já trabalhou para o governo fala junto da cara do senhor Svart:

«Aqui em África há dois mundos paralelos, toda a gente sabe disso. Um deles mostra-se aos estrangeiros, outro é o que funciona mesmo», diz dirigindo-se directamente ao senhor Svart. «Aqui em África tudo tem duas naturezas: temos o dinheiro oficial, mas fazemos negócios em dólares. Temos lojas com montras e vitrinas, mas compramos tudo nos fardos do mercado paralelo. Temos hospitais com médicos de bata branca, mas consultamos o quimbanda e os seus paus. Na realidade paralela, não se paga conta telefónica porque o telefone com que se podem fazer ligações para todo o mundo é apenas um fio de lã que se pendura entre duas árvores de manga. E funciona! Os gira-discos dos DJs são latas de sardinha, e os discos, cargas de cerveja. Nesse mundo tem-se um Jumbo para levar todas as pessoas – que pagam com o câmbio correcto – para qualquer destino famoso, o Dubai, Lisboa, Londres.

O avião parte todas as noites: é uma caixinha de fósforos com dois pequenos vidros especiais lá dentro. E desenhado na terra está o aeroporto e o campo de futebol, onde as velhas – agora com corpos jovens – dançam e jogam à bola a noite toda. O aeroporto não cessa de funcionar, e durante toda a noite fazem-se muitas viagens, por exemplo, para o Brazaville ou a China, para ir buscar aparelhagens de som ou ventoinhas para refrescar as habitações. Fazem-se muitas viagens, para qualquer lugar. O aeroporto inclui muitos destinos, inclusive... a porta de tua casa...»

O homem do governo continua:

«As pessoas da realidade paralela vivem, de noite, um mundo, uma via que ninguém desconfia. Essa realidade paralela, da feitiçaria, para ser vivida tem de ser paga com sangue humano. Sangue cujo código é: *bode negro*. Quem é o bode com que se pagam as comodidades do mundo paralelo? O bode é aquele primeiro nome que se pronuncia, que vem aos lábios do cliente. Esse é o bode negro. A primeira criança com que se sonhar, esse familiar ou vizinho, é quem leva com o feitiço, é esse o culpado – é esse quem tem de morrer. Se bem que de dia não se veja nada de especial, aquele familiar ou vizinho, que foi nomeado, vai estar em silêncio a morrer na cama, como por paludismo – mas, na face oculta da realidade, o seu coração foi arrancado, abocanhado e sorvido de todo o sangue. Por isso sofre tanto, apesar da doença parecer de pouca monta, ou de causas desconhecidas. Acalme-se o senhor estrangeiro, o feitiço não entra em estrangeiros.»

«Nem em ninguém que não acredite», responde o Snoopy.

«Cala a boca, que a tua cara prova o contrário. Foste bem enfeitado!»

De novo Kaviula decide tomar o partido do ex-colega de assento:

«Quando alguém nos tenta oferecer um presente que nós não queremos, para quem fica o presente?», pergunta a menina.

«Para quem nos tentou impingi-lo», responde o Xinganje. «Também o feitiço fica com o seu próprio dono», explica o palhaço.

«Nda va kutuma kwende kapopí tyukila ku nglá yove», conclui Kaviula não escondendo o desprezo pela crassa ignorância dos presentes. «Se te mandaram, vai de volta para o teu dono. É isso que se deve dizer em caso de se ser escolhido como alvo.»

A noite avança enquanto a lua cruza o céu sempre acompanhada por um choro sem fim. Os homens cada vez mais bêbados sentam-se no chão, junto das mulheres mais velhas que lhes aceitam a companhia e lhes corrigem os disparates ao falarem dos temas tradicionais.

O homem do governo acrescenta mais pormenores importantes relativos a Verónica:

«A avó dessa Verónica também é uma velha quimbanda que aplica justiça em Benguela. No cubículo de velha organiza-se uma procissão de casos, de crimes e acusações que são resolvidos no momento: uma caixa de madeira tosca, onde a velha está metida, uma cadeira para a testemunha e outra para o acusado. Quatro copos, um deles envenenado. Se o acusado tiver culpa beberá

do copo errado. Se estiver inocente sobrevive, nenhum homem inocente erra em escolha tão importante. Em média, dizem-me, morrem quatro bandidos por dia.»

«Bandidos?», repete o Snoopy com sarcasmo.

«Claro. Se não fossem criminosos teriam sobrevivido. O veneno só encontra o culpado. Toda a gente sabe disto. Essa velha usa a técnica da kachiamá. Um chamamento, que faz com que um indivíduo acorde a pensar que alguém precisa de si, que tem de ir visitar alguém. É assim que os bandidos nem tentam fugir e se submetem ao julgamento. Esta velha e a sua neta são muito escandalosas. Toda a gente sabe quem são e o que são. Geralmente, é muito difícil encontrar feiticeiros. Eles estão isolados e escondidos. Ser feiticeiro é um caminho sem volta-atrás. Ninguém escolhe ser feiticeiro, como ninguém escolhe ser amaldiçoado. O feiticeiro conhece o mal. Viu coisas de que um homem não se esquece, nem se recompõe. É um “fronteiras perdidas” também.»

Para prevenirem o senhor Svart na sua busca nos matos, dizem-lhe:

«Existe uma folha que quando é pisada o indivíduo desaparece no mato, e nunca mais é visto.»

O senhor Svart responde tentando participar: «O alemão Johann Becher, no seu livro de minerologia *Physica Subterranea*, acredita que utilizando os minérios certos se pode tornar invisível», ninguém lhe liga nenhuma.

Os outros dizem-lhe ainda:

«A partir da noite não se devem chamar as pessoas pelo nome próprio, pois algum feiticeiro pode ouvir e roubar esse nome. Assim, pode colocar essa pessoa, cujo nome foi roubado, ao seu serviço, como escravo. Para evitar isso as pessoas têm que prestar atenção às vozes que se conhecem. É utilizado um nome de código quando se chama por alguém.»

E ainda:

«Certas aldeias movem-se quando por elas procuramos, as luzes e montanhas que antes estavam diante de nós, subitamente aparecem muito lá para trás, já perdidas nas distância, nunca a elas conseguindo chegar.»

Já perto da madrugada, o homem do governo saca de uma caixinha de fósforos do bolso que mostra a toda a gente. Tem dentro um pequeno espelho.

«Há alguém aqui no nosso grupo que está em risco...», a voz do homem do governo é grave e todos se sentem de repente um pouco assustados. «Alguém vai precisar deste feitiço para o proteger...»

Olha com solenidade em roda. Todos rezam para que não lhes seja oferecida ajuda, ninguém quer vir a precisar dela. Os olhos do homem do governo caem sobre o Chilato que começa a tremer. Com o braço estendido o homem do governo tenta passar-lhe a caixinha de fósforos. O Chilato não se mexe, petrificado. O Meia-Minhoca ri.

«Toma, motorista», diz-lhe o Meia-Minhoca metendo-lhe a caixinha de fósforos no bolso da camisa. «Vais precisar dela para fugir, porque estás

condenado. Todos aqui à tua volta sabemos disso. Motorista apaixonado pela mulher do patrão precisa sempre de uma forma de escapar. És mesmo um bissexual.»

«Eu já vi uma caixa de fósforos igual a essa!», intervém o senhor Svart lembrando-se do seu despertar no hospital Karolinska em Estocolmo. Ninguém lhe liga. Não há razão de espanto alguma. Um meio de transporte pode aparecer em qualquer lado. É essa justamente a sua função: ir de um lugar para outro, mesmo que seja uma caixa de fósforos com feitiço.

O senhor Svart ainda tenta participar com algo que acha poder provocar o espanto: «Francis Crick, co-descobridor da estrutura do ADN e o seu colega, prémio Nobel, Leslie Orgel, sugeriram que a terra *foi deliberadamente semeada com vida por alienígenas inteligentes*».

De novo ninguém liga nenhuma ao que o velho estrangeiro está para ali a falar.

«Isso é mesmo assim, ó cota», diz o Snoopy por cortesia. «Estamos bem lixados com isso do feitiço.»

A bebida e comida escasseiam por isso o elenco do óbito começa a dispersar. Depois de negociar com a família, o homem do fato vermelho consegue um Mercedes amarelo emprestado ao defunto. Não precisará mais do carro, mas da vingança sim. O homem do fato Armani vermelho-brilhante sai disparado, com um ou dois miúdos da família, pneus a chiar, poeira filtrando a primeira luz amarela do amanhecer e ressaca. O Doutor Branco segue-os.

O óbito perde o interesse, o morto já não tem nada de chocante, só está morto, e não existe maior tédio que a morte. Fica no ar o aviso, como cheiro doce a cadáver:

«Verónica, Verónica...», as palavras são pronunciadas de forma nauseabunda pelo vulto camuflado que vai sentado no banco de trás do carro do homem do fato Armani vermelho-brilhante.

O Chilato, discreto, recolhe os seus homens e as crianças que dormem no chão, deitadas sobre um pano. O senhor Svart cambaleia em direcção à «20 Buscar». Vomita mesmo à entrada da carrinha.

Dão-lhe de beber água de uma caneca de plástico. O velho Svart ainda tenta protestar.

«É água mineral?»

«É água do rio Cavaco!»

«É água do Bengo!»

«É água do Cunene!»

«É água do Estige!»

A Toyota Hiace arranca a toda a velocidade como que perseguindo os outros convivas do óbito.

Saindo do território da cidade, os *inselbergs*, como pepitas negras,

pontilham a paisagem, de regresso à picada, uma linha de estrada entre os matos, e os *inselbergs* como que tendo sido projectados do espaço e aterrado ali, são sentinelas erguidas na verticalidade duma inteligência muito mais antiga, mais profunda – quando se olham essas rochas intui-se que elas olham, compassivamente, de volta. A planície estende-se sem medida outra que a vontade de caminhar sem parar, caminhar para sempre na direcção dum passado que todos dizem ser horrendo, primitivo, sem estradas, apenas trilhos calcados pelos pés descalços – é essa a dimensão desta paisagem: todo o passado da história humana que agora se limita no rebordo plástico da janela da «20 Buscar», olhando a outrora paisagem do vasto e misterioso território humano, animal.

De um lado, o rio como uma língua de lava, reflectindo vermelho do nascer do sol, enquanto do outro lado já morre, fria, azul, a lua feiticeira. Ao meio, excessivo, incrível na sua improbabilidade de tanta beleza junta, um arco-íris.

As fogueiras entre as palmeiras, na noite. Cheiro a flores e sal.

O rio, fluindo sem fim, o desfiladeiro, as lavadeiras cantando com as cores dos tecidos entre os dedos negros e pulsos molhados. Brilhantes.

A prata sobre o rio – o reflexo que segue o olhar – a descoberta que todo o rio está iluminado.

O vale cheio de cana-de-açúcar e o mar, ao longe, entre as nuvens e linhas sem limites. Os relâmpagos acendem o horizonte com mensagens de fulgor branco.

Súbita, uma chuvada cai entre o capim. Longe das cidades costeiras, a natureza fortalece-se na sua regeneração e purificação. A linguagem da natureza segreda a futilidade do ser humano. O homem julga-se capaz de lhe fazer frente, de a manipular com as suas máquinas – tal como um louco que entra por um incêndio dentro, convencido de estar protegido porque vai de óculos escuros.

O velho Svart, embalado pelas pancadas da picada, começa a resvalar para dentro de um sonho intoxicado e poderoso.

21.

No sonho, entre *inselbergs* negros e altivos como as colunas do Templo de Delfos, o velho Svart encontra um filósofo. É Swedenborg ou Nietzsche. Na realidade o senhor Svart não consegue saber quem tem diante de si. Sabe que é um deles seguramente. O Swedenborg (ou Nietzsche) numa voz cansada diz-lhe:

«Tu mataste aquele homem. Unificados pelo teu acto, vives agora a sua história, tal como os alemães vivem a história dos judeus, ou os europeus vivem a história dos povos colonizados. Quando o mataste, tu transformaste-

te nesse homem. Vives a sua vida, e também as consequências da tua própria na existência dele. Transformaste-te na tua vítima. Pagas as dívidas anteriores, do agressor que já foste, daquilo que já fizeste. Partes de uma vida para outra sem nada. Apenas as consequências dos teus actos são a tua única posse e herança – ou dívida. Até a pagares ficarás preso no circuito causado pelo evento, no estranho atractor, o vórtice gerado pelo peso desse teu acto, como um satélite preso à atracção gravitacional de um planeta gigantesco. Viverás um retorno contínuo até que te consigas libertar. Um eterno retorno.»

«Qual homem?», pergunta Svart no sonho.

«O velho no deserto, o velho no deserto...», diz uma outra voz, que o velho Svart não atenta, sabendo ser voz de mulher. Uma voz feminina e grossa, intensa e ardente.

Entre as areias do deserto, vê um velho arrastar-se em fuga. Ao seu lado uma mulher foge também. Quase pode jurar que vê Muxima com o seu tio, em direcção ao rio Cunene. Atrás, um jovem assassino. O assassino que os persegue é Svart.

O Swedenborg ou Nietzsche (nesta altura do sonho o velho Svart tem quase a certeza que é Swedenborg, se bem que tenha traços do Linné também...) diz-lhe:

«Eu sou um espírito científico. Apenas compreendo as leis naturais que regem a matéria. A única lei que existe é a da causalidade. Toda a acção provoca uma consequência. Causa e efeito. Todo o universo está em movimento. A causa e o efeito unificam todos os eventos. Assassino, faca, vítima – todos unificados pela causalidade. Verme, crisálida, borboleta, um só movimento de transformação. O homem que mata outro transforma-se nesse outro homem. O assassino transforma-se na vítima. O assassino, agora, também é a vítima.»

Ao que a voz feminina, como uma coluna de fogo, um pilar de luz que suporta todo o céu, criando um eixo entre a noite e o solo terrestre, húmido, fértil, vocifera:

«*Suku Akasy Ko Mosy Lene* – Deus esteja contigo», ouve o senhor Svart, na voz feminina ardente, ao deslizar ainda mais para dentro deste sonho confuso, cheio de vozes e cheiros. O senhor Svart vê a coluna, o pilar de luz e fogo, transformar-se numa mulher negra. Svart persegue a negra – a sua beleza fascina-o. De súbito ela vira-se e confronta-o.

«Os teus olhos», geme Svart capturado pela sua beleza.

A negra arranca os olhos. O sangue escorre das órbitas como rios de lágrimas do vermelho das dunas do Kalahari.

«O teu apego às aparências torna-te escravo», diz-lhe a negra, fixando-o a partir das palmas das mãos.

Um raio de luz parte-lhe do centro da testa como um holofote que cega Svart.

«Não devíamos viver para o amor, sim pelo amor», diz a negra. «Tu persegues o Amor como algo que está fora de ti, nos objectos. A pessoa que

procura o amor fá-lo pela motivação dada pelo próprio amor que já nela se encontra.» A voz dela ecoa retumbante. A voz da anamnese, da memória.

O senhor Svart foi amputado de todo o seu passado. O que lhe resta é uma memória fantasma que vem pelos sonhos com imagens de coisas que poderia jurar nunca ter vivido.

Longa a ausência, breve o esquecimento. Assim, sempre partindo, me torno uma memória difusa, um espectro cujos contornos se apagam da mente e coração daqueles em que toquei – neste percurso vou morrendo continuamente sem raízes, só viagem, geme o senhor Svart dentro do sonho.

O senhor Svart vê-se a ser empurrado, entre sussurros que na verdade são gritos abafados. Está a ser empurrado por uma razão que desconhece ao longo de um túnel. Entre cabeças e rostos, costas e braços, empurrado por um corredor, sendo ele quem vai à frente

– tantas mãos lhe pressionam as costelas, e sussurros como quem pragueja de ódio e terror – levam-no para dentro dum minúsculo pátio de paredes de cimento vivo. Dentro desse pátio vazio há também homens escondidos, que sussurram por detrás das paredes, como testemunhas que espreitam um curral.

Imobilizado. Svart dá-se conta de que não consegue mexer o corpo. É mais que isso. Não é apenas o corpo: é tudo. A fala, a voz, a respiração, o abdómen, tudo está completamente rígido e não é de medo. O medo vem depois. Apercebe-se de que não se consegue mexer. Dizem vozes vindas do túnel:

«São guerrilheiros. Querem matar-te por causa da tua cor!»

É da *sua cor* que falam.

A minha cor? Qual é a minha cor? Svart não consegue baixar os olhos para ver a cor de que não se lembra. É a ele que querem matar e essa compreensão é compartilhada pelos sussurros frenéticos dos seus companheiros. Essa compreensão é acompanhada por uma rajada de balas, daquelas israelitas, daquelas com a risca vermelha, aquelas que nunca curam – daquelas que fazem a ferida cheirar mal para toda a vida.

Ouve o que lhe parece ser o som de pipocas ridículas. Um tiro é sempre ridículo. Isto é ridículo. Eu não lhes quero mal, pensa Svart acerca dos topos das cabeças por detrás do muro – eu nem sequer os conheço. Eles também não me conhecem.

«Querem matar-te por causa da tua cor!»

Não me consigo mexer. Não é por causa do medo. O terror é consequência não causa.

Kakutassanda.

Kakutassanda é a causa do terror, é o terror ele próprio, e as balas, como pipocas ridículas, voam por todo o lado. O seu estalido. Como é triste morrer-se ao som de pipocas. Pop.

Sobe a memória, vinda do fundo oceânico, como bolhas de água, que afloram à superfície das águas com um pop.

Pop. Pop.

Cada bolha uma memória, cada memória uma jóia. E a jóia mais preciosa a seguir ao «ser-se» é o «lembrar-se». Lembrar-se de já ter sido, de já ter sentido e vivido tal coisa. Ela existe.

Svart pode ter-se esquecido de vivê-la, o que não a impediu de existir.

Pop. Pop. Memórias e mais memórias. Um comboio infernal delas...

Um relâmpago. Seguido de um trovão e Svart leva um tiro em pleno rosto, de alguém que está a um braço de distância. Uma chuva negra de combustível cai sem apagar os fogos que por todo o lado deflagram sob o coro de bombardeamentos de Migs.

«Acreditas na vida após a morte?», pergunta Svart ao inimigo.

O inimigo olha Svart sabendo que este é o maior momento de uma vida.

«Não.»

E dispara-lhe directamente no rosto.

Svart cai morto. Dá-se conta de conjecturar em que estado terá ficado o seu rosto. Terei rosto, ainda? Estranha questão para quem continua a ouvir as vozes. As vozes que sussurram sobre a sua cor, enquanto o enterram, não vivo, mas consciente.

«Não me consigo mexer», pensa Svart.

Está paralisado e lentamente tenta articular um grito, algo que procura acumular dentro da garganta, como quem armazena todos os palavrões e as queixas num buraco do chão, para depois um dia berrar tudo pela cidade fora. Um berro na garganta, mas nem se ouve respirar, não ouve nada de nada provindo de si mesmo. Apenas os sussurros daqueles que o enterram, enquanto vê os vultos de quem lhe disparou directo no rosto.

«Estou morto e ainda estou acordado...»

No fim do sonho os papéis invertem-se mais uma vez. A emoção é outra. Sente-se excitado. Agora é o Svart o caçador. Procura uma vítima, alguém a quem deve provocar o maior dano.

Sente-se como jovem, de corpo rejuvenescido. Caminha pelo deserto, pelas areias escaldantes, com um propósito de ódio e homicídio. Procura um homem velho e a mulher que o acompanha.

Do ponto de vantagem de onde se encontra é fácil para o jovem Svart ver o homem velho e a mulher, toda a paisagem está despida de árvores e plantas. Apenas destroços de madeira, carcaças de animais cuspidos do mar e barcos apodrecidos. O céu, escuro, está carregado de nuvens baixas e velozes. O céu é cinzento como um canal de televisão sem sinal.

Ouve-se um trovão – a ponta da arma fumeja. O jovem Svart disparou.

O homem velho, atingido, foge, arrasta-se e sangra para dentro da água do rio, para onde se afastou. O jovem Svart aproxima-se, tenta simplificar os actos. O jovem Svart segura a cabeça do velho e empurra-a para dentro do rio.

«Esquece-te de tudo. Esquece-te de quem és», o vento leva as palavras que ninguém ouve.

O jovem Svart pressiona a cabeça ainda mais para o fundo das águas. Debaixo de água o rosto do velho grita em silêncio.

Com um grito horrível o velho Svart acorda dentro da Toyota «20 Buscar».

«Ai-u-é!», respondem os meninos Xinganje e Kaviula sobressaltados com o brado do velho Svart. «Que susto!»

Aproximam-se de uma cidade. Chegam aos arredores de Benguela.

A cidade é uma filigrana osteoporosa sobre um pântano de paludismo, tifo e cólera. Toda a construção humana se esboroa, como castelos de areia na praia. É uma cidade aos buraquinhos, periclitantemente pousada sobre um lodaçal que nunca deveria ter sido visto por humanos.

PARTE 3

*O servo cresceu diante do Senhor como um rebento,
Como raiz em terra árida,
Sem figura nem beleza.*

*Mas o Senhor carregou sobre ele todos os nossos crimes.
Foi maltratado, mas humilhou-se e não abriu a boca.*

*Sem defesa, sem justiça, levaram-no à força.
Quem é que se preocupou com o seu destino?
Foi suprimido da terra dos vivos,
Mas por causa dos pecados do meu povo é que foi ferido.*

*Porque ele próprio entregou a sua vida à morte
E foi contado entre os pecadores,
Tomando sobre si os pecados de muitos,
E sofreu pelos culpados.*

(Isaías, 53)

O macho da Palanca Negra Gigante vivia completamente sozinho na floresta sem fim. Nada sabia do mundo dos homens, nem que eles tinham mudado. A sua história é a história da guerra. Iria durar até que todos deixassem de conseguir lembrar como era uma Palanca Negra Gigante.

Uma doença propaga-se, confundindo a compreensão. Quando os homens olham a lua, já não vêem o halo brilhante em seu redor. É estranho, porque nunca antes aconteceu. A Palanca Negra Gigante é da idade do universo – poderia viver para sempre. Vive sozinha num só lugar, um lugar irreplicável, no centro do Luando e Cangandala.

As Palancas Negras Gigantes circulam pelas mesmas anharas e bebem sempre do mesmo lugar, gostando de afiar os seus magníficos cornos nas árvores, fazendo-as tremer em toda a estrutura e folhagem.

O jovem macho da Palanca Negra Gigante tinha a sua promessa: nos seus músculos e pescoço grosso está inscrita a certeza genética de amar uma fêmea dominante. A sua cornadura tinha praticamente dois metros de arco, uma arquitectura que denunciava o único desígnio maior: o da Natureza. A Natureza prometera-lhe escolher entre as jovens virgens aquela que o chamasse com o som sem tempo. O som sem tempo era o som da Vontade. O som sem tempo era o princípio de tudo. No princípio de tudo, esse som da vontade e do desejo, que as Palancas Negras Gigantes conhecem, deu origem a toda a vida e movimento. Este macho esperava e procurava as graciosas fêmeas, escutando atentamente qual delas emitiria o chamamento. O gemido que colocava tudo em movimento e vida. O mantra do cio que dava origem à corrida sem fim, ao golpear violento e exacto, dos cascos na terra. O som que dava origem ao tempo dos animais. E o tempo é eternidade em movimento. Sem ter para onde ir, nem futuro, nem progresso, nem objectivos: apenas movimento, combinações e coreografia.

O universo criou, com indícios do maior carinho, este animal predilecto. Esta combinação irrepetível. A Palanca Negra Gigante é o maior antílope do mundo, de inultrapassável nobreza. Esta é a sua natureza: explorar, experimentar, sentir, ver, percorrer.

A curiosidade, sem dúvida.

As Palancas Negras Gigantes são espírito, olhos, terminais nervosos, língua, nariz, para o universo. O universo vive-se de forma generosa e deliciosa por meio destas suas criaturas – por meio das Palancas Negras Gigantes o universo vive-se a si mesmo. Vive-se como um compositor que observa, vindo de si, uma suite para violoncelo de Bach. É combinação de harmonias e expressões. E força.

Passaram gerações sobre gerações e as florestas viviam sem usurpação. Agora, entravam guerrilheiros pelas matas, de AK-47 nas suas mãos. As mãos são perigosas e mentirosas. Quando os homens entram nas florestas, elas, em

pouco tempo, deixam de ser florestas. O perímetro vai diminuindo, até se tornar numa pequena ilha, uma arca de Noé, onde os últimos animais são dizimados. O furor e medo alastra entre os animais ao cheirarem os humanos. Estes são ruidosos e cheiram a coisas que não existem na natureza. São pestilentos.

Nesse dia, um dos guerrilheiros viu o macho ao longe. A Palanca Negra Gigante estava a observar duas fêmeas ao longe. Escutava de forma total e não-dividida o som que vinha delas. Aguardava, receptivo, o seu chamamento. Os homens de AK-47 aproximaram-se, jogando com o vento a seu favor. Quando dispararam uma rajada de balas do tamanho de dedos, o macho sucumbiu.

«Belo boi», diz um dos homens.

«Não. Isto não é um boi.»

Olham o corpo do magnífico animal esvaindo-se no chão.

«Sim. É um burro do mato. Apenas um burro do mato.»

E não reconhecendo a Palanca Negra Gigante arrastam-na para um espaldar onde a irão desfazer com a catana.

Ano após ano, todos vão esquecendo como é a Palanca Negra Gigante. A nota de 10 kwanzas tentou celebrar esse ícone de perfeição, com uma ilustração. Mas os dois animais que aparecem na nota, contradizendo a legenda, também são burros do mato. E assim, onde as pessoas deveriam ver um animal superior, vêem dois burros do mato. A doença que se propaga é a da perda de capacidade discriminativa. As pessoas já não reconhecem as coisas, e agora sempre que se cruzam com uma Palanca Negra Gigante o que vêem é apenas um reflexo de si mesmas: um burro.

2.

O senhor Svart chega a Benguela. Os edifícios, com o orgulho de outras eras arquitectónicas bem melhores que esta, ostentam, altaneiros, o acne da negligência, o conceito de «manutenção» tornado obsoleto, e buracos de bala.

As moças esculturais que se passeiam em grupos lentos (répteis por entre as rachas das colunas e pilares saturados do calor da tarde de um parque sem bancos nem relvado) têm todas entre treze e dezasseis anos e vestem-se, sem excepção, como putas da América Latina.

3.

Naquela Baía Azul, em Benguela, as águas do mar são estranhamente quietas e transparentes. Como vidro esmeralda.

Ali, em muitas manhãs, Verónica banhava o seu corpo. Ela olha o mar e reconhece nele a presença do Espírito. Pairando sobre as águas. Kalunga chama-a, puxa-a, seduz-e-la até si. Ali, tocando a orla duma costa onde homens vendiam homens a outros homens. Ali, Verónica costuma levantar-se muito cedo pela manhã. Após acender uma vela perfumada, coloca-a à entrada da sua casa, como prova da luz que a tudo observa e inunda. Como

ondas.

As areias brancas sopram suavemente um fio de assobio enquanto Verónica caminha até às águas – enquanto se dirige a Kalunga os seus pés sussurram um *sim*, renovado, contínuo. *Sim sim sim*. O convite. O ágape. Os seus pés negros brilham porque a sua pele é santa e ungida pelo óleo trazido do outro lado do mar, do Mistério.

Verónica sempre entra nas águas quando o sol começa a sua magnífica aurora. Nesses dias ela está feliz, canta sem palavras – e sabe pisar onde os outros não compreendem.

Caminha também sobre as águas quando o sol se põe. Nesses crepúsculos o seu rosto fica riscado pelas lágrimas que através dos seus olhos encontram alívio e regresso – retorno à foz – à paz –

a Kalunga.

Todas as dores desta terra, todas as injustiças, todos os pecados choram-se-lhe pelos olhos. Verónica esvai da dor os corações de todos aqueles que nela pensam. Ela devolve inocência a todos cujo corpo é tecido de dor e medo. Nesse tecido, ela, o fogo renova e purifica.

Ela é fogo sobre as águas.

Canta para si mesma e se a melodia tivesse letra diria:

«Hoje as águas diamante da Baía Azul estão totalmente como tu as amas quando com elas sonhas. Tal como sonhas com o calor, e o sol, e o corpo nu que entra no mar quente e salgado.»

Verónica, ninguém diria, é linda e o seu corpo nu é manifestação, reflexo e sombra – síntese em gota de cacimbo – de toda a harmonia que o Amor, Deus, pode mostrar aos olhos de um homem que procura ver a Beleza. O Eterno. *Kalunga*.

Se a melodia tivesse letra diria:

«Estou com os meus pés roçando a orla-em-textura destas águas acariciantes. A ondulação sob as palmas dos meus pés – o mar todo em meu redor – também eu me sinto a viajar sobre ti até ao sem-fim.

Experimenta.

Vem até nós, aqui, nesta praia. Entra nu nas águas e vê atentamente a sua superfície. Vê como as suas ondulações são também tocadas pela sola dos teus pés. As mínimas variações da ondulação em redor dos teus tornozelos espelham os toques da brisa da manhã no teu tronco despido. Estás com o Mar todo em teu olhar. Com sorte viverás o milagre. Com sorte andarás mesmo sobre as águas...»

4.

«Não há milagres, feiticeira», disseram os dois homens que lhe bateram e a arrastaram pela areia. Nisto ela transfigurou-se diante deles: o seu rosto resplandeceu como um Sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. Os dois homens não fizeram caso.

Nesta madrugada foi abordada por dois homens munidos de lanternas e

armas.

Verónica, sabendo tudo o que lhe ia acontecer, adiantou-se e disse-lhes:

«Quem buscam?»

Respondeu-lhe o homem do fato Armani vermelho-brilhante:

«Verónica, a quimbanda!»

Logo Verónica lhe disse:

«Sou eu!»

Os homens recuaram e caíram, molhando-se.

Depois Verónica perguntou-lhes segunda vez:

«Quem buscam?»

Eles disseram-lhe:

«Verónica, a quimbanda!»

«Eles vêem e não compreendem; ouvem e não aceitam», afirma Verónica enquanto os homens lhe ofendem o corpo. O homem que vestia um fato vermelho-brilhante tinha a raiva que é provocada pelo medo.

Eles responderam:

«É réu de morte», depois cuspiram-lhe no rosto e bateram-lhe. Troçavam de Verónica e maltratavam-na. Cobriam-lhe o rosto com um pano e perguntavam-lhe: «Adivinha! Quem te bateu?»

Depois de abusarem dela arrastaram-na para a traseira de um Mercedes amarelo enfiando-a na bagageira. Como um cordeiro que é levado ao matadouro, ou como uma ovelha emudecida nas mãos do tosquiador.

«Feiticeira!», chamavam-lhe com ódio. «Feiticeira!»

Sem defesa, sem justiça, levaram-na à força.

5.

Cada quarto é uma futura ruína.

A cidade ainda não acabou de ser construída já as suas estruturas, pela base, se esfurelam em areia. O quarto de Verónica não só viria a ser uma ruína – como também fora antes. Mas agora não é. É onde recebe a sua querida amiga Sandy. Trata-lhe do cabelo, lava-o, hidrata-o, penteia-o. Faz regos, regatos, carreiros e tranças suaves e brilhantes na carapinha loura de Sandy.

Diz-lhe suavemente: «O meu tempo está próximo», Sandy não liga. «Tem cuidado contigo, que o teu coração não se torne pesado com a devassidão, a embriaguez e as preocupações da vida, e que esse dia não caia sobre ti subitamente como um laço. Vela, orando sem parar, a fim de teres força para escapar a tudo o que vai acontecer.»

Sandy divaga, sentindo as mãos e dedos de Verónica aliviarem-lhe a alma. Por cada poro da sua cabeça exorcizam-se males, ansiedades, medos, más memórias. Também hoje o Brigadeiro-e-Bispo bateu em Sandy.

«Verónica, tu és essa miúda com alma à flor da pele – que me faz chover dentro do coração, essa carne que nunca quebra – os corações não quebram, sim, rasgam quando impregnados desse teu perfume da tanta saudade de um dia vir a ser feliz», murmura Sandy e passa com a mão pelas paredes, pelo

tampo da mesa.

Verónica acarinha aquele lugar, aquela futura ruína, como um refúgio, tratando-o com respeito e limpeza. Escondera debaixo da esteira a vareta, a «cenourinha», com que a avó costumava bater nas crianças, antes de se ter metido dentro da caixa. Sobre a cadeira tem sentado «André», um macaco de peluche. Assim, quem se sentar na cadeira pode abraçá-lo. Dorme sobre uma esteira, tapando-se com uma manta castanha. Não tem porta, um pano vela-lhe a entrada. As velas de cheiro espalham-se pelos cantos, sobre pratos com um fundo de água açucarada e algumas pétalas de flores que atraem uma peregrinação de abelhas, formigas e vespas. Tem livros: o que é raro de se ver no quarto de uma adolescente; um cesto com bijutaria e lápis de cor e papéis para desenhar; um poster esbatido de uma cantora de rock negra, talvez a Skin. Tem uma almofada para ajoelhar a rezar; um alguidar de água e um televisor oco onde colocara terra e uns bichos-da-seda. Algumas plantas crescem altas, tocando no telhado de chapa. O silêncio inunda, como luz, a pobreza do quarto cheio de rachas e pequenos carreiros de formigas.

Na parte de trás da casa existe um enorme descampado.

Dentro da casa, no pequeno quarto, sobre uma esteira, como um trapo estirado, está o corpo de Verónica.

O Chilato cai sobre os joelhos e junta as mãos tomado da maior dor perante este sudário da maior iniquidade. A moça fora trazida no portabagagens de um Mercedes amarelo e depois arremessada para o chão.

«Morre no teu buraco, serpente», gritara o homem vestido de fato vermelho-brilhante repentinamente assustado por ouvir um galo cantar. «Amanhã voltamos para confirmar.»

Nervosamente os homens fugiram.

Agora o senhor Svart olha para o rosto desfigurado de Verónica e sabe que está a olhar para o rosto de uma moribunda. Dentro do quarto, suave um vento sopra. Nenhum homem sabe dizer de onde vem e para onde vai. O velho Svart lembra-se, de repente, das palavras de Bacon, que há em toda a beleza uma certa estranheza de proporção. Para os olhos do mundo Verónica não é feia, é pior. É estranha.

Sabe que está a olhar para a moça que foi condenada por feitiçaria no óbito da noite anterior. E sabe também estar a ver a mulher ardente que lhe tem aparecido em sonhos.

6.

O Chilato diz a Xinganje e Kaviula para pegarem na caixa onde está a avó e a meterem na carrinha. Atordoados, o senhor Svart nem se pergunta da utilidade desse gesto, muito menos da sua razoabilidade.

«A Sandy querera que tomemos conta desta caixa. Tenho de ir procurá-la para a trazer aqui. A caixa vem connosco.»

Guiam na direcção do centro da cidade. Passam o mercado da Kaponte onde as mulheres vendem legumes e carne no meio de nuvens de moscas e

ratazanas.

Enervado ao extremo, o Chilato pára a carrinha no meio da estrada. Não sabe o que fazer.

«Moço, calma só, yá?», diz o Xinganje.

«Vamos procurar a Sandy. Ela saberá o que fazer», diz a Kaviula.

«Importam-se de me deixar num hotel para descansar?», implora o velho Svart aflito. «Ainda não me deitei numa cama que mereça tal nome desde que saí da Suécia!»

Durante mais de uma hora procuram o hotel onde já estão hospedados alguns elementos da expedição da CEFÉ. Encontram uma pensão que vale o preço do dinheiro que o senhor Svart ainda tem no bolso.

A pensão «Amigo» não tem um ar nada amigo. O senhor Svart dá mostras de estar excessivamente cansado. O Chilato não quer ter de resolver mais um problema se morrer o velho à sua responsabilidade.

«A Sandy saberá o que se fazer...»

Deixam o velho no *lobby* do hotel junto com a caixa. O hotel não tem elevador. Um anexo no andar térreo tem uma cama ainda quente e remexida. Na casa de banho não há água, só um balde sujo e a televisão de ecrã rachado passa um videoclipe pornográfico. O senhor Svart não quer esta cama neste anexo. Escolhe o andar de cima. Ninguém o quer ajudar a transportar a caixa.

«O que é que essa caixa tem dentro?», perguntam uns jovens desconfiados.

«Eu tenho problemas de costas», explica a moça da recepção.

O velho Svart tenta levantá-la. Já não consegue. Vê do outro lado do *lobby* um bar. Decide ir beber um whisky enquanto espera alguém que o ajude a transportar a caixa para o primeiro andar. Inadvertidamente começa a cantar a música infantil tradicional sueca:

Gumman i lodan, gumman i lodan...

Velhinha na caixa, velhinha na caixa...

O bar está repleto e não há lugar para se sentar. Sentados a beber estão os engenheiros portugueses da antena de televisão.

«Traga lá a sua mala para aqui e sente-se connosco!», chamam os três engenheiros.

O senhor Svart hesita, só que está tão cansado que se junta a eles.

«Está confortável?», inquirem vendo que o senhor Svart está sentado na caixa.

Todos riem.

«Isso dos vikings terem sempre um par de cornos é porquê?», pergunta o bigode castanho.

Todos riem.

«Deve ser pela mesma razão de os portugueses terem sempre bigodes e barrigas grandes», responde o velho Svart.

Ninguém ri.

«Não gosta que lhe falem dos cornos do povo dele, este sueco», diz o bigode cinzento.

«Só deve gostar dos cornos da Palanca Negra Gigante», acrescenta o bigode castanho.

«Não lhe vou mentir, senhor Svart, esses bichinhos são muito engraçados – mas se não existissem seria melhor», começa o bigode preto. «É como construir uma auto-estrada, ou extrair minérios: a pior coisa são os autóctones. O problema nunca é o chão: é quem vive por cima dele. Imagine como África seria próspera não fosse esta multidão de gajos a chatear e complicar o investimento e progresso. A Cangandala será um lugar de excelência estratégica para construir uma emissora televisiva, porque também é um lugar perfeito para tudo o resto. É central, tem recursos, tem potencial turístico, agrícola, diamantes – também tem a porra da bezerra gigante a vaguear lá pelo meio. Já a deveriam ter comido durante a guerra. Agora com as modas ambientalistas (e lá dos povos do norte da Europa), os governos metem-se com estas paneleirices de proteger o passarinho. É o seu trabalho, senhor Svart, não o condeno, também tem que puxar a brasa à sua sardinha. Cada um ganha dinheiro como pode. Nem que seja a defender os coitadinhos, os paneleiros, as focas bebés ou os idosos. Enfim, é um nicho de mercado como qualquer outro... Há que capturar o tal macho, garantir a protecção da espécie – isso está muito bem – depois, chega de conversa e avançar. Avançar para a frente que atrás vem gente.

O progresso já não se compadece de bichinhos, nem povos atrasados ou outros empecilhos metidos no meio da auto-estrada da globalização. Compreende? Apanha-se o bicho, mete-se lá numa quinta cercada, faz-se o gajo varar burras, que nem um coelho, e utiliza-se o resto da reserva para o que verdadeiramente interessa.»

«Não é de um burro que ando à procura. É de uma fêmea de Palanca Negra Gigante», corrige o velho Svart indignado. «Não vai “varar” ninguém. É uma fêmea.»

«Eh lá, respeito pelo bicho! Os animais também são pessoas!», diz o bigode cinzento.

Gargalhada geral.

«Progresso, desenvolvimento», volta o bigode preto ao ataque. «Expansão habitacional, centros comerciais, hotéis, complexos de vária ordem, e inclusive visitas guiadas aos putos de escola para verem o bicho nacional, dar-lhe de comer, dar umas festas, montar no gajo, vê-lo a fornicar (o que é bom para que os putos vejam como foram eles próprios feitos). A Cangandala é o centro do país, não pode ser um parque. É como transformar o centro da Europa inteira num parque. Imagine o que teria sido se a Europa não tivesse Alemanha nem França, apenas veados e ursos e lobos e árvores. Assim não! O objectivo não é expandir o território lá do seu bicho, mas limitá-lo e comercializá-lo. Isto devia ser uma expedição de caçadores para exterminar

essa chatice! He he!», e dá uma valente palmada no ombro do velho Svart enquanto o bigode abana.

Em cima da mesa molhada por whisky um dos telemóveis toca. É o Brigadeiro-e-Bispo. Um dos bigodes atende.

«Coloque em alta voz», comanda o Brigadeiro-e-Bispo.

O bigode coloca o telefone em alta voz e pausa-o religiosamente no centro da mesa. Todos se inclinam para ouvir.

«Estou a querer confirmar algumas informações. Alguém viu o senhor Svart e o meu motorista, o Chilato?»

«O senhor Svart está aqui», respondem os bigodes.

«Senhor Svart, onde está o meu motorista?»

«Foi procurar a jovem senhorita Sandy», responde Svart com humildade.

«Tenho aqui um senhor sem coração e com cabeça de cão que diz a mesma coisa», e desliga.

Tão-ba-la-lão

Cabeça de cão

Orelhas de gato

Não tem coração!

Os três bigodes cantam, já ligeiramente ébrios, uma música para crianças. O senhor Svart sempre estranhou as letras das músicas infantis portuguesas. Ensinam um verdadeiro ódio pelos animais. (Deve estar relacionado com a cultura da tourada.) O senhor Svart estranha mais esta chamada e a tensão que captou na voz do Brigadeiro-e-Bispo. O Brigadeiro-e-Bispo é um homem panóptico, que precisa de ver tudo, saber onde cada coisa se encontra. Não importa o que cada pessoa está a fazer dentro da miserável cela da sua vida privada, o que interessa é que esteja a ser vista da torre central no meio da prisão, por alguém (talvez ninguém) através das janelas espelhadas. A palavra Bispo vem do grego *episcopos* – aquele que tudo vê.

O que quererá o Brigadeiro-e-Bispo ver?, pensa o senhor Svart.

O senhor Svart ouve um murmúrio, um raspar, um gemer, um chorar, um implorar a vir de dentro da caixa. Sente um arrepio profundo. Agacha-se, de copo de whisky na mão, encosta o ouvido à caixa. De repente surge uma imagem na película do seu whisky. O senhor Svart, agachado ao lado da caixa, fixa o estranho fenómeno que lhe acontece no copo. O tempo perde a linearidade e o fundo do seu copo de whisky aprofunda-se e amplia-se como um palco de teatro que se ilumina. As imagens à superfície tornam-se claras e distintas. O senhor Svart tem uma visão obscena.

Vê uma árvore rara no centro da floresta.

Depois vê que a árvore é arrancada e a sua raiz cúbica é queimada. As cinzas são enterradas no mesmo local e uma plataforma de cimento construída

sobre elas. Colocada sobre um terreno fácil à multiplicação exponencial, a base de cimento serve para receber a antena. A antena é uma bomba multiplicadora.

Em ondas concêntricas, multiplicadas ao cubo (multiplicadas por si mesmas, e nas mentes das testemunhas), o detonar duma visão. Incompreensível e obscena. A irresistível curiosidade de ver tem em si a cegueira como consequência. A fatal mutilação da alma por se ter visto algo proibido:

Uma cabeça humana agraçada a um corpo animal é uma arquitectura estruturada para a circularidade e amplificação. Esta é uma antena protótipo, colocada antes da antena de aço. Esta é uma antena de carne, sangue, emoções. É o emissor original, vivo, carnal, prévio e fundamental à estrutura tecnológica dos engenheiros.

O senhor Svart vê um enorme comité público, as aldeias reunidas em redor dessa visão obscena. O acto tornado público, legítimo, assumido, testemunhado. Consentido pela passividade.

O corpo vivo de um animal decapitado, servindo de acumulador e ciclotrão tem encimado, como coroa pulsante, uma ogiva humana – a cabeça nuclear ainda consciente e mantida viva pela base animalesca.

Todo o sacrifício é potenciado pelas propriedades vitais, ambientais contidas no solo, o lugar onde florira uma rara árvore de raiz cúbica. A própria natureza alimenta este acto contranatura.

A base animal alimenta com fluxos de pavor a coroa humana, e a coroa humana responde, na sua complexidade e reactividade, à força multicíclica do corpo desejante e ávido, com uma consciência humana que experiencia a própria morte, sem esta nunca se consumir.

A visão obscena ao detonar tem um efeito multiplicador: provoca, em cadeia, uma reacção em todas as testemunhas. O terror transforma-se em repulsa, a repulsa em ódio e o ódio em mais medo. De homem para homem, de mulher para criança, das crianças para os homens, num processo retroalimentador em que tudo se auto-potencia exponencialmente – sem fronteiras físicas, penetrando pelo inconsciente colectivo, alastrando dos olhos para a memória, da memória para os sonhos, dos sonhos para o oceano comum do espírito humano.

O senhor Svart vê uma criatura com corpo de Palanca Negra Gigante, mas com a cabeça de Sandy. O senhor Svart vê um crime que está para acontecer.

«Isso tem o quê aí dentro?», pergunta o bigode preto cortando o velho Svart do seu transe. «Está aí agachado com a orelha colada à caixa e a olhar com cara de parvo para o whisky...»

«Estranha figura a destes gajos escandinavos!», acrescenta o bigode castanho.

«São de facto uma gente muito diferente...», termina o bigode cizento.

«É um amplificador de sinal», responde o senhor Svart aterrorizado. «É da Sony-Erickson... Trouxe um carregamento de vinte. Este é apenas para amostra.»

«Troco-lho por mais uma garrafa de whisky e esta granada velha que encontrei na berma da estrada quando parámos para mijar. Servir-lhe-á de recordação da guerra.»

«Feito.»

«Palhaço», riem os três bigodes uns para os outros com desdém pelo sueco.

O senhor Svart guarda a granada velha no bolso e abre a garrafa de whisky. Aliviado sente que ficou a ganhar com o negócio.

7.

Os baldios do *crack*, portas rasgadas nos painéis de aço, propaganda eleitoral do sempre mesmo partido, e os anúncios coloridos, confusos, cheios de fotos sobrepostas, publicitando a festa da bunda dourada ou cueca assassina na disco da kizomba. Hieróglifos de graffiti sob um céu de inox sujo velho.

A busca de Sandy por Chilato acaba numa dantesca discoteca dos bairros periféricos da cidade. Ainda se dão duas voltas à casa onde, atrás de uma rede de arame plastificado, está um pátio coberto, onde a música bate forte. Neste espaço fuma-se liamba, bebem-se saquetas de whisky, rasgando o canto com os dentes e cuspidando a ponta de plástico. O lugar é uma gaiola com grades da altura de dois andares para evitar assaltos. A rede de gradeamento é tão trabalhada que parece o nome de Deus escrito em árabe.

À entrada os homens amontoam-se em círculo observando quem dança no meio. Do lado oposto, passando por detrás de uma espécie de biombo feito com contraplacado agrafado com uma foto do Rambo e outra de Cristo, pode-se entrar no bar. Um balcão comprido, daqueles de loja de venda a retalho, está amassado e cortado, pelos copos e pontas de faca e caricas. Desenha-se na madeira do balcão, seguindo as linhas curvas deixadas pelos copos de vinho.

Ao fundo da pista de dança um espelho gigantesco ocupa toda a última parede do recinto. O recinto não tem portanto fundo. O espaço abre-se para a nova repetição de tudo, de novo e igual, pelo inverso.

É esse lugar que as miúdas escolhem para dançar sozinhas, como crianças numa mímica perversa de castigo. No meio delas está Sandy, de cabelo amarelo recém-tratado. Está diante do espelho e fita-se nos olhos – e olhando-se sorri para si mesma por estar a ser fitada por uma pessoa linda. Ela sente-se observada e sabe que quem a observa a acha linda. Sandy está como que apaixonada por aquela conhecida tornada estranha pela própria teimosia com que se olha. Sandy via que a estranha era linda. Portanto ela dança consigo mesmo e à sua volta as meninas, todas de costas para a sala, estão apaixonadas por si mesmas, hipnotizadas pelos movimentos das suas próprias

ancas, o ondular das nádegas rijas e empinadas, os cabelos sacudidos em trancinhas.

Há quem as fotografe com os telemóveis o que as deixa ainda mais provocadoras, começando a misturar ritmos de dança tradicionais com vulgares mímicas de *show* de *strippers*.

Junto do balcão, bebendo whisky, um homem vestido de Armani vermelho-brilhante observa as mulheres. Já escolheu Sandy. Tem os nós dos dedos esfolados e inchados.

Os homens aproximam-se por detrás das moças e acompanham-lhes os movimentos lúbricos. Eles ficam mais ridículos do que elas ondulando como sombras e depois afastando-se quando ignorados. Também há os que conseguiram virar alguma moça para si e levá-la para o centro da sala, onde se abraçam e esfregam.

Chilato procura com tristeza entre as miúdas que, em parada, entram e saem da discoteca. Calções minúsculos, minissaias, pernas longas, brilhantes, sorrisos em flash e homens pelo braço. Em comparação com Sandy todas estas mulheres parecem apagadas, débeis.

Chilato antecipa ver Sandy. Ela ignora-lo-á como sempre faz.

Cuidado como vives o teu primeiro amor. Todos os outros serão comparados e vividos em função desse.

O primeiro amor de Chilato é Sandy. É por isso que se tem mantido a trabalhar para a CEFÉ, apesar de saber que algo está muito podre.

«Nunca uma moça que eu tenha escolhido me escolheu a mim também. Nunca ninguém me escolheu. E eu só escolhi a Sandy...», interrompe-se destes pensamentos autopiedosos e embaraçantes acerca da dama do patrão.

Nesse momento, Sandy sai da discoteca. Avança rápida como quem é perseguida...

«Cuidado menina», diz um homem de fato Armani vermelho-brilhante esgueirando-se pela porta da saída. «Ainda me pisas!»

«Normalmente tenho cuidado para não pisar em merda», responde rápida Sandy.

Sandy está de vestido negro, bem levezinho, saltos altos e o seu cabelo africano brilha feérico na noite.

«Espera», comanda o homem grande e forte que ela quase pisou.

É seguida por um Armani vermelho-brilhante. O homem do óbito. Ele acelera para ela e pega-lhe no cotovelo.

«Tu és a amiga daquela feiticeira, a Verónica. Ela matou o meu sócio», e começa a conduzi-la para junto de um Mercedes amarelo estacionado. «Não me estás a reconhecer? Trabalho para o governo. Vamos dar uma volta e talvez te perdoe.»

Sandy solta-se brusca.

«Quero lá saber para quem trabalhas. Quase toda a gente que conheço trabalha para o governo. Para quem mais se trabalharia neste país? Larga-me, se faz favor.»

«Eh lá», o homem do Armani vermelho ainda se ri. «Minha carneirinha, estás a querer que te barre o cu com manteiga para que a nossa amizade se torne mais fácil?», e mexe-lhe com a palma toda da mão nos cabelos que são um halo dourado de poeira estelar.

«Ngulo!», e tenta dar-lhe uma bofetada. «Porco!»

«A tua amiga foi mais dócil», e empurra Melanie para fora da estrada. Arrasta-a para detrás dos carros, numa zona mais escura da rua. «Cala-te, ou violo-te com uma faca!»

Ninguém passa no beco, ninguém está a ver. Apenas o Chilato.

«Cabra, sabes quem *eu* sou?», e dá-lhe um soco na barriga logo seguido de outro na cara. Olha em volta. Bate-lhe de novo. Empurra-a mais para dentro do escuro no fundo do beco, escondido pelos carros amontoados em estacionamento, e espalma-a junto à parede. A mão rápida procura o cinto.

O Chilato está com o coração prestes a sair do peito. Nesse momento sente-se agoniado. Pensa saber o que deve fazer. Não faz ideia do quê. Está congelado e pensa em morrer. Odeia violência e não tem força para atacar aquele indivíduo.

«Caladinha, caladinha, amiga de feitiçeira...»

Sandy quando ouve estas vozes *assim*, quando a empurram *assim*, quando lhe batem *assim*, quando a abusam *assim* – fica *assim*: sem conseguir reagir. Um medo vindo do fundo dos tempos impede-a de gritar, de se soltar, de utilizar o tacão do salto alto para lhe arrancar um olho. Sandy não consegue fazer nada. Já está deslocada para lá do seu próprio corpo, meio metro ao lado, a mente embutida por amassadelas de mãos invasivas, fortíssimas – já se sente além, como alguém que vai à deriva no mar e se deixa afundar, enquanto as águas lhe entram pela boca, lhe encham o pensamento e lhe afogam a vontade. Está a afundar sob a brutalidade das vagas.

Baaammm – baaammm – baaammm...

O alarme do Mercedes amarelo começa a apitar furioso. Som de metal a gemer. O homem de Armani vermelho-brilhante olha para trás e vê o Chilato com uma enorme pedra a dar um quarto golpe na carroçaria da máquina.

«Com um...», rosna o homenzarrão. «Eu vou matar esse louco! Filho-da-puta, esse carro é do meu chefe...»

O Chilato corre rua fora, sob dois ou três candeeiros que afugentam, em pequenas poças líquidas de luz amarela, um deserto de treva. Enfia-se pelas ruas pequenas, o esgoto como regatinho a correr num fio pelo meio da terra, curva agora à direita da fossa a céu aberto, e sabe como não cair nela, ele é desta banda, curva aqui, curva ali – e o Chilato está de volta ao beco onde Sandy ainda está desconcertada a tentar equilibrar dois passos para fugir. Pega-lhe na mão.

«Vamos, vamos só», implora ele. «Juro que não te faço mal, Sandy!»

Não era preciso explicar. Ela vira o que ele fizera e já o seguia como quem reconhece um anjo-da-guarda pela segunda vez. Está em choque, porém, reconhece o seu Chilato.

Entretanto, o homenzarrão de Armani vermelho-brilhante corre durante quinze minutos, furioso como um touro em plena arremetida. Energias de vingança aliadas a libido transformam-no no animal que ele gosta de ser. Cego de vontade de matar percorre as ruas em círculo procurando o audaz que lhe arrebitou com o Mercedes amarelo do chefe e a dama feiticeira que se escapou, até que volta ao ponto de partida e encontra alguém que o espera.

Alguém que, semelhante a uma névoa nocturna, acabou de se materializar junto ao Mercedes amarelo do homem do Armani vermelho-brilhante.

«Este é o carro do teu chefe. Já o vi muitas vezes estacionado fora dos prostíbulos e discotecas. Grande dupla vocês: motorista e chefe. Agora ele morreu por causa do bicho que apanhou nas aventuras nocturnas contigo. Estás metido em sarilhos, já é o segundo carro que estragas à família», enumera suavemente o Doutor Branco, enquanto percorre as feridas no metal platinado e empurra a enorme pedra com a ponta da sua bota. «Os familiares vão saber que és culpado de muita coisa. Se calhar até foste tu quem arranhou a feiticeira para o matar. Se calhar até foste tu quem arranhou o veneno que o matou...»

«Eu sei quem fez isto ao carro. É uma quadrilha. Estão todos combinados, mais a feiticeira e a amiga dela. A feiticeira já era! Agora quero apanhar os outros!»

O homem do Armani vermelho-brilhante tenta ver com quem fala, contudo o rosto do interlocutor é indistinto, vago. Está camuflado pelas sombras e a voz é demasiado intensa para permitir a uma pessoa reparar noutra coisa qualquer.

O Doutor Branco produz cristais na mão, dentro de pacotinhos.

«É isto que tu e o teu chefe tomam. Faz-vos sentir muito homens», diz o Doutor Branco tirando-lhe, como uma sombra que corre na roupa, mais uns dois pacotes de outros bolsos. «Será que é feitiço... Ou, melhor dizendo, veneno?»

«Ai!», diz o outro metendo as mãos aos bolsos e encontrando-os vazios.

«Quem te fez isto ao carro? Só isso me interessa saber. Do resto já sei tudo.»

O homenzarrão já não quer falar, e também já nem ouve nada: está a procurar uma pistola debaixo do banco do carro.

«Deixa que te leve onde te podem ajudar a encontrar quem procuras», a voz do Doutor Branco é irresistível, subversiva. Promete justiça e revolta em limites.

O homenzarrão está ilimitadamente revoltado. Se não resolver isto terá de fugir para as Lundas ou Cabinda. Não terá maneira como explicar ou pagar os dois carros destruídos.

Então, o Doutor Branco leva-o até onde o Brigadeiro-e-Bispo está instalado.

«Fica aí. Vem aí quem conseguirá encontrar o gajo que te fez mal. Garanto-te que será apanhado com a tua ajuda. Garanto-te», e deixa-o à

espera.

Do escuro do pátio o homem do Armani vermelho-brilhante começa a gritar:

«Está aí alguém? Está aí alguém?»

«Foge... foge... foge...», diz-lhe uma brisa invisível com a voz do Doutor Branco.

Nessa altura, o homem de Armani vermelho-brilhante é alvejado por um dardo de *Succinylcholine*.

8.

«Novamente, o Doutor Branco tem uma certa razão. Este boçal deve morrer», diz a voz do Brigadeiro-e-Bispo no escuro.

«Hum-hum», concorda uma outra voz. «Can I put away the gun?»

Agora o Brigadeiro-e-Bispo pede a Kurtz que volte ao whisky e não se preocupe com mais nada. Kurtz arruma a espingarda e a caixa dos dardos, com todo o cuidado.

Este homem? Quem era ele? Porque lho trouxera o Doutor Branco? Qual a sua ligação com o facto de Sandy ter andado quase dois dias desaparecida? Teria isso que ver com Verónica, essa eterna fonte de divisão?

Quem é este nada, esta gravata vermelha, óculos escuros à noite?... Que bonifrate. Trafulhas de fatinho que atafulham as nossas cidades. Estes gajinhos que têm toda a maldade sem nenhuma competência para a executar. Massa amorfa de gatinha que quer subir a todo o custo e nem sabe como. São os preciosos elos da gigantesca cascata da corrupção. São os descartáveis, as verdadeiras caganitas de cabra que só servem para ser apertadas entre dois dedos e arremessadas em piparote para a cara de outrem. São aquelas pessoas que perderam a alma começando por roubar a avó, e depois as irmãs, e mais tarde maltratando as meninas do bairro. Caganitas de cabra, túmulos caiados que só servem para que os cusparamos, como escarretas, da nossa boca para fora. Na direcção do teu focinho, estupor.

O Brigadeiro-e-Bispo contempla o homem de Armani vermelho-brilhante com repugnância. O homem debate-se, tentando fugir. Dentro de instantes o químico paralisá-lo-á.

Novamente o Doutor Branco estivera bem ao trazer-lhe este naco fresco de informação – ao indicar-lhe mais esta mosca, caçada na sua invisível teia camuflada estendida sobre esta cidade pantanosa.

O Armani viera em bom momento. O Brigadeiro-e-Bispo tem necessidade de um pedaço de pele nova para a coxa. Também lhe foi encomendado um coração e retinas. Em breve necessitará de um cordão espinal. Bom dinheiro. Armazenará o resto para uso próprio caso se prove a compatibilidade. Os seus transplantes de pele continuam a devolver resultados positivos. Poupa-se um cão ou um porco. Tanto um cão ou um porco valem mais que este indivíduo vestido à palhaço.

O homem conseguiu fugir uns metros até à entrada e ainda está agarrado

ao portão, tentando aguentar o impacto do dardo sem cair. O paralisante alastra e os músculos começam a entrar em convulsão.

O Brigadeiro-e-Bispo cheira um pouco de cocaína e acelera com a sua cadeira de rodas – apanha o corpo mesmo antes de este cair e leva-o para dentro do anexo, uma casa de banho escondida nos fundos. Já tinha usado este anexo muitas vezes. Havia transformado toda a casa de banho numa sala de cirurgia, mais parecida com uma garagem de carros. Não é asséptica: os pacientes não são merecedores desses luxos higiénicos. A única coisa que interessa é conservar bem as amostras extraídas. Para o efeito tem uma geleira de bebidas, essa sim cuidadosamente esterilizada.

O Brigadeiro coloca o corpo no balcão de inox estendido sobre a banheira.

Abre uma caixa metálica de instrumentos e inicia a excisão do segmento de coxa. Após isso decide começar uma operação que aprendeu por meio de um *download* da Internet visionado sob o estado de auto-hipnose. O quarto estágio dos painéis de William Hogarth também forneceu um quadro de execução modelar. Existem inúmeras cirurgias disponíveis *on-line* para os alunos de medicina e isso é útil também para os curiosos. Esta operação também só é possível graças à aceleração artificial auto-induzida com uma elevada dose de Epinefrina (20 mg diluídos), cocaína (20% pura, cortada com Oxandrolone), Abilify (15 mg de Aripiprazol); e Zyprexa (20 mg de Olanzapina). O Brigadeiro-e-Bispo está com uma velocidade superior à do resto do mundo, vendo tudo a partir do futuro.

Depois de delicadamente guardar o tecido que lhe servirá de enxerto, o Brigadeiro-e-Bispo passa para a segunda etapa do seu trabalho: em alta velocidade corta as dez camadas de derme e o músculo, serra as costelas, coloca os separadores, expõem o coração, retira-o e liga as veias e as artérias à complexa bomba sanguínea de hemodiálise que se encontra ao lado da mesa, ligada a um pequeno gerador a gasolina. Acciona a bomba.

O sangue corre, borbulha e espirra.

Passam-se sete segundos. Enfia energicamente a ponta duma mangueira de borracha ligada ao oxigénio pela narina adentro do homem inanimado e põe a bomba de oxigénio a funcionar, que alternada expira e inspira.

Ao todo demorou dezassete segundos no procedimento. Está exausto.

O Brigadeiro-e-Bispo desacelera o seu próprio organismo tomando Oxycontin (40 mg de Oxycodone). De seguida verifica a temperatura do seu corpo e a do homem de Armani vermelho, administrando ao último uma injeção intravenosa antichoque. E espera.

Sangue borbulha no corpo do homem e na bomba.

«É isto que somos: bolhas de gás, numa sopa de sangue. Surgimos, crescemos e rebentamos de volta no caldo de sangue de onde viemos», observa o Brigadeiro-e-Bispo.

Cinco minutos mais tarde, retira o tubo de borracha do oxigénio. A respiração reflexa continua. O homem já não tem coração mas ainda está

vivo.

«Este não perdeu nada. Nunca teve coração. Apenas lhe retirei um músculo. Apenas lhe retirei uma bomba que permite um canhão de estupidez deambular pelas nossas ruas. Acabei de neutralizar uma mina antipessoal. Apenas isso.»

O Brigadeiro-e-Bispo sentado à beira do balcão de aço inox espera. O homem do Armani vermelho-brilhante continua inconsciente. Observa o relógio no pulso do homem. Parece-lhe um anacronismo. Um espécime primitivo com um pedaço de tecnologia da era espacial preso ao pulso. Incongruente. O Brigadeiro-e-Bispo lê um pouco da *Psicologia de Massas* de Wilhelm Reich para não se entediar.

O homem do Armani vermelho-brilhante acorda e começa aos gritos.

O sangue corre, borbulha e espirra.

O Brigadeiro aproxima-se mais ainda, aperta as tiras de borracha de câmara-de-ar um pouco mais, e debruça-se sobre o homem sem coração.

«Desperta», sussurra-lhe junto à cara com a sua voz de traqueo-tomia e aperta-lhe o pescoço em dois pontos aprendidos com os chineses durante a guerra.

O homem grita sem som.

«Iniciam-se agora os passos do paradigma de Kübler-Ross... 1.º passo: Negação.»

O Brigadeiro-e-Bispo tira os dedos dos meridianos da garganta do homem. A voz regressa.

«Ai, meu Deus, meu Deus. Isto não me está a acontecer. Isto é mentira!», grita o homem do Armani vermelho-brilhante.

«Está a acontecer sim. Está a acontecer sim. Não é mentira. É um pesadelo, mas verdadeiro. É a tua última kakutassanda. Surpresa: estás morto.»

O homem de Armani vermelho-brilhante desmaia de medo. O Brigadeiro reanima-o com uma injeção de adrenalina, complexo B12 e a mangueira de oxigénio firmemente enfiada pela narina esquerda adentro. Tudo em simultâneo com dois dedos de cocaína esfregados nas gengivas.

«Agora vamos ter o 2.º passo da escala de Kübler-Ross: Raiva», anuncia o Brigadeiro-e-Bispo com a sua voz metálica.

«Monstro! Feiticeiro! Sabes quem eu sou? Eu trabalho para o governo! Vou-te destruir, Satanás! Vou-te matar! Vou-te chapar! Vou-te furar um olho!»

«Que previsível. Fascinante...», comenta o Brigadeiro-e-Bispo acompanhando o desdobrar determinístico do comportamento humano. «É como uma máquina dispensadora de chocolates... Agora vamos ter o 3.º passo da escala de Kübler-Ross... A qualquer momento...»

«Eu não fiz nada de mal!», grita o homem do Armani vermelho-brilhante.

«Não fizeste nada de mal? Toda a gente já fez algo de mal, mesmo que disso não se consiga lembrar. Principalmente se disso não se lembrar!»,

sussurra-lhe o Brigadeiro-e-Bispo.

«Deixa-me morrer!», implora o homem do Armani vermelho-brilhante.

«Estamos em pleno 3.º passo da escala de Kübler-Ross: Negociação», anuncia o Brigadeiro-e-Bispo como se fosse um médico legista gravando uma autópsia. «Não. Não te deixo morrer. Antes, vou-te ampliar a vitalidade», e enfia-lhe cocaína pelas narinas adentro. Esbofeteia-o duas ou três vezes e injecta-lhe mais Epinefrina e vitamina B12.

«Socorro! Piedade, meu Deus! Pago-te quanto quiseres! Tenho dinheiro, muito dinheiro. Pago-te!»

«Ah, o dinheiro», arfa o Brigadeiro-e-Bispo. «Agora sim, está a tentar negociar.»

«Estou a falar contigo, responde-me. Não fales de mim como se não estivesse aqui. Eu pago-te. Já paguei a muita gente. O meu patrão servia-se de mim para pagar a muita gente. Sei que queres dinheiro. Podemos conversar. Tudo se pode resolver. Tudo se pode resolver.»

O Brigadeiro-e-Bispo ter-se-ia rido se isso não fosse esforço inútil. Rir é um esforço inútil.

«Os grandes criminosos têm tudo a agradecer a homens como tu», responde-lhe o Brigadeiro-e-Bispo.

Os grandes bandidos existem graças a uma delicada e extensa rede em cascata de gente ingénua, minuscilmente podre – pessoas pequeninas apenas com um vestígio de mácula – pessoas que representam aquele piparote na longa linha de montagem, o sopro no gatilho de um longo tiro: as pessoas que passam um papel falso, carimbam um diploma escolar, dão a vaga na universidade ao iliterato (o político já tem um bom cargo mas também quer o estatuto de doutor sem ter de se sentar centenas de horas).

E a gente pequena, que toma banho de caneca e vai à discoteca Tchirinawa com perfume rasca e camisa lustrosa – essa gente é quem abre a porta, permite o acesso pela passividade generosa de um «sim» submisso (a quietude da cadela com o cio que se deixa montar), o gesto minuscilmente pequeno, uma gotícula e todo o moinho começa em movimento – a peça de dominó que despoleta e contribui para toda uma cadeia de corrupção em grande escala: a investida de uma enorme besta na qual cada um desses ínfimos anões (cada uma dessas moscas dum enxame Leviatan), esses anões de salário e regalias microscópicas, é apenas um pêlo, uma carraça, uma célula. Apenas uma metástase de um imenso cancro.

«Isso de Povo é uma doença. Quantas células haverá como tu? Bem-aventurados os estúpidos, o mundo será deles. Conquistá-lo-ão pela lei dos números. São em incalculável maior quantidade...»

«Deixa-me viver!», grita o homem do Armani vermelho-brilhante e: «Deixa-me morrer!»

«Onde está a moça?»

«Ela ia-me matar, tive de me defender.»

«Que dizes?!»

«Nós matámos a feiticeira! Nós matámos a Verónica.»

«Essa não me interessa. Quero saber da outra. Com quem fugiu a outra moça? A moça loura?»

«Ó meu Deus! Ó meu Deus! Isto é mesmo necessário? Eu podia ter respondido se me tivessem perguntado!»

«Agora já pensas assim. Eu quero mais do que respostas. Eu vou transplantar o teu coração. Vou vender as tuas retinas – e reaproveitar o teu baço, fígado e pulmões. Eu transplanto tudo o que quero, daqui para ali e de ali para acolá. Vou decapitar um cão e meter-te uma cabeça nova. É isso que fazemos todo o tempo, nós homens civilizados: transplantamos sistemas de lá para cá, recursos de cá para lá, modelos educativos, de saúde, de desenvolvimento de um país para outro, transplantamos a nossa linfa doente no organismo de outro e ficamos-lhe com o coração. Até transplantamos países! Os chineses no Tibete que o comprovem. Os judeus na Palestina. Os negros nas Américas. Os soviéticos em África. Todos transplantaram o seu cérebro doente para dentro dum corpo alheio, jovem, para o parasitarem. Responde-me.»

O homem abana a cabeça de um lado para o outro sem perceber do que lhe fala o Brigadeiro-e-Bispo.

«Eu não fiz nada – alguém me impediu!»

«Exactamente por isso a tua língua ainda não foi parar ao lado do coração na bandeja. Preciso que me digas quem foi esse homem com quem a moça fugiu.»

«Foi o mesmo que me entregou a ti!»

«Não. Não. Esse é outro. O Doutor Branco também está a tentar descobrir onde a moça está. De ti quero uma descrição em primeira mão. A moça vai mentir, porque não há mulher que não minta quase todo o tempo. É a natureza delas. São muito poucas as que apenas mentem de vez em quando. O melhor para evitar que as mulheres nos mintam é não fazer perguntas às quais elas não nos queiram responder.»

«Foi um chinês escuro.»

O sangue corre, borbulha e espirra.

Olhando o corpo do homem o Brigadeiro-e-Bispo pensa como seria ideal que toda a humanidade estivesse sintetizada naquele homem. Uma carne macia à mercê da manipulação, alteração, aniquilação. As pestes, as guerras, as fomes já não conseguem rivalizar com a multiplicação exponencial da nossa espécie. Nem Deus nem a Natureza parecem querer parar-nos. Teremos que o fazer pela nossa própria mão. Uns aos outros.

Despedindo-se do homem de Armani vermelho-brilhante, o Brigadeiro-e-Bispo partilha com ele uma teoria de como acelerar a História.

«É necessário materializar (tal como a fórmula $E = mc^2$ o faz) aquilo que é praticamente impensável. Dar uma forma física, visível – uma corporalização ao que não existe. A relatividade é impensável para a grande maioria. Os cérebros do povo como tu não foram arquitectados de modo a que

compreendam que espaço e tempo são ambos a mesma coisa. Da mesma forma poucos compreendem o poder da projecção. A força implacável de se projectar, pela visualização, um estado íntimo. O meu desejo íntimo é a extinção deste mundo – o testemunhar da grande conflagração universal. Talvez o desejo profundo de muitos homens antes de 45 também fosse o fim do mundo – e isso então surgiu sob a forma da bomba de Hiroshima e Nagasaki.

Desejo formar uma bomba, que não expluda, isso é grosseiramente pirotécnico, antes que *contagie*. Uma bomba que funcione como um bacilo mental, uma imagem indelével, uma cicatriz simétrica na alma colectiva. Algo que funcione com o poder iconográfico da imagem da tortura de Cristo; ou como as execuções em massa de Mao, massivamente testemunhadas; ou como a tortura pública de Palden Gyatso, esse santo inocente; ou o derrube cinematográfico das torres gémeas – diante dos olhos permanentemente traumatizados do colectivo. Não quero arrasar edifícios – quero, sim, produzir uma bomba que funcione como as doenças que os europeus e africanos levaram para os ameríndios – algo que se entranhe pelo contágio e poluição. Detonar uma imagem que nunca mais permita uma mente ser, de novo, flexível. Uma imagem que submeta o espírito perante nada. Algo totalmente sem sentido, gratuito, cruel –

impossível. Como a tortura pública do melhor dos homens.

Quero uma bomba que represente a materialização do absurdo de tudo isto, o grotesco que somos – e que revolucione, subverta e inverta em simultâneo todas as leis da existência. Quero uma manifestação do que não existe, nem pode ser, e é contra toda a lei. Quando isso existir e for visto pela consciência humana, o contágio dessa imagem provocará ondas de choque, a nível subconsciente, que alastrarão de pessoa para pessoa como um vírus do pesadelo.

Uma cabeça humana num corpo animal.

O corpo da última palanca do mundo, o símbolo duma irremediável extinção de algo nobre e belo – servirá de base, funcionará como ciclotrão. Uma cabeça humana, esse potencial amputado, decapitado, interrompido – será utilizado como reactor. Ambos artificialmente conectados gerarão a projecção da bomba. Uma cabeça humana num corpo animal.

Não te preocupes. A cabeça não será a tua. Tu não és o melhor dos homens. Uma cabeça de cão vale mais que a tua.»

O sangue corre, borbulha e espirra.

O Brigadeiro tenta fazer com que a cabeça de cão abra os olhos agraçada ao corpo do homem. A cabeça que espreita por cima da gola do fato Armani fica cómica. O Brigadeiro-e-Bispo faz uma curta filmagem com o seu telemóvel.

Antes de se recolher aos seus aposentos o Brigadeiro-e-Bispo coloca a cabeça do homem num saco de plástico e pendura-a num prego, atrás da porta.

O cão vestido de Armani vermelho abre e fecha a boca como um peixe de aquário.

9.

Nos últimos meses, Sandy tem sido rebelde e atrevida. Quando chegaram a Benguela, o Brigadeiro-e-Bispo castigou-a. E agora ela fugiu.

As portas do inferno e do paraíso são adjacentes. Que o diga 1 em cada 4 homens deste mundo, 1 em cada 4 homens espanca, com regularidade, a mulher por quem diz que se apaixonou.

Todos os dias, como um ritual médico, o Brigadeiro-e-Bispo aprecia Sandy a espalhar-lhe o creme sobre os enxertos de pele. Pele negra, pele branca – cicatrizes castanhas, cicatrizes vermelhas, cicatrizes roxas. É a melhor parte do dia do queimado. Agora faz dois dias que não lhe massaja a pele.

Quantas cores pode um homem ter, como pele? Todas.

Tal como as cores, um homem pode ser todo o tipo de contradições em si mesmo. Todas elas metidas num só e mesmo saco. Uma tripa com dois nós, um nó em cima e outro em baixo. Por dentro, todo o tipo de coisas sujas. É isto um ser humano. Uma tripa de carne enxertada.

Não há coisa mais satânica que a cor da pele: uma fonte de orgulho e vergonha. Se alguém tiver todas as cores misturadas? Um africano albino é de raça negra?

Sandy espalha o creme hidratante sobre a pele toda enxertada do Brigadeiro-e-Bispo. Estica-lhe as peles e alisa-lhe os colóides de cartilagem: uma boneca de retalhos. *O meu corpo é como uma boneca de retalhos, um monstro criado pelos fogos de Prometeu*, medita o Brigadeiro-e-Bispo vendo-se a si mesmo pelas palmas das mãos da rapariga.

A fronteira entre a pele branca e negra é vermelha, é uma cicatriz recente. Do outro lado da linha vermelha a pele é negra, um enxerto mais antigo. Os músculos por baixo são os originais, tal como a raiva que lhe inunda o coração – quase todo o homem tem uma enorme raiva mal contida dentro do peito: que se alertem todas as mulheres. Que o diga 1/4 dos homens deste mundo, que espancam mulheres todos dias. A fronteira entre o inferno e o paraíso são adjacentes, tal como entre duas peles de cores diferentes. No meio está uma cicatriz, uma raiva mal contida – um vulcão íntimo pronto a explodir.

Como da primeira vez que o Brigadeiro espancou Sandy. Partiu-lhe um dente com os murros que lhe acertou no rosto. A culpa era dela. A culpa é sempre delas, desde o tempo de Eva: ela tinha-lhe metido cabelo na sopa, de propósito. O homem leva a colher à boca e a língua fica-lhe com cabelo.

Nojento.

«Não disseste que adoravas o meu cabelo?», perguntou-lhe Sandy desafiadora. «Agora tens o meu cabelo aí. Já não o achas lindo? Come-o.»

O Brigadeiro levantou-se e atirou-lhe com o prato de sopa. Depois bateu-

lhe até que lhe partiu um dente. Também a atirou ao chão.

«Não tentes ensinar-me», ameaçou-a.

Na véspera o Brigadeiro tinha-a agarrado pelos cabelos e arrastado para o quarto. Agora Sandy tinha-lhe preparado a sopa e metido lá dentro cabelo. O cabelo de que ele e todos os homens tanto gostavam. O cabelo que ele lhe dizia ser lindo. O cabelo que ele tinha puxado enquanto a arrastava.

A fronteira entre estar apaixonado por uma mulher – e depois começar a odiá-la, é muito ténue. Uma fina linha vermelha entre dois enxertos de pele. Uma cicatriz que se torna visível. Um homem pode fazer coisas horríveis a uma mulher, a uma criança e àqueles que lhe estão sujeitos. Quase nenhum desperdiça a oportunidade de se vingar do que lhe fizeram na vida, sobre os mais pequenos e melhores.

É fina, quase imperceptível, a linha entre o carinho que ele sente por uma menina e a luxúria que começa a despertar ao adivinhar-lhe as formas de mulher, que ainda não é. Assim surge um homem que abusa de uma criança. Ele não consegue distinguir as formas que adivinha e projecta, do que de facto existe. Ele não consegue ver as coisas como são – apenas como as quer ver – e gosta de ver o mal. O homem quer ver o mal.

Eu gosto de ver o mal. Quem não gosta?

No dia seguinte a lhe ter quebrado o dente, Sandy entregou uma caixa de ourives ao Brigadeiro. Quando ele a abriu para ver o conteúdo encontrou lá dentro o dente quebrado de Sandy.

«Não tinhas dito que os meus dentes eram lindos? Que eram como pérolas? Então enfia esse num fio e usa-o ao pescoço – ou guarda-o num cofre!»

O que é a beleza? O cabelo? Come-o na sopa! Os dentes? Guarda-os numa caixinha! A pele? Arranco-ta à navalha e enfio-ta pela boca abaixo, para que a engulas!

A beleza é a pele integrada no corpo. A beleza é o dente integrado na boca, a boca no rosto, o rosto na cabeça, a cabeça com o cabelo livre – a parte no todo. E o todo em harmonia.

«Não me ensines», ensinara-lhe o Brigadeiro.

Agora ela espalha o creme Nivea sobre a pele manchada, quadriculada, e pensa que gosta de tomar conta deste homem.

Sandy comete o mesmo erro de tantas mulheres. Julgam que gostam dos homens. Mas os homens...

Eu nunca conheci um homem que amasse uma mulher, pensa Sandy com razão.

Sandy queria pensar que o Brigadeiro-e-Bispo tinha razão. Assim a vida castigada dela faz algum sentido. Em última instância todo este sofrimento tem uma razão de ser qualquer. No fundo queria que o Brigadeiro-e-Bispo tivesse razão. Uma razão final, resultado de uma escrita bem tortuosa,

misteriosa, incompreensível: como a do terrível Deus de Job. Como a pessoa violentada se entrega ao seu violentador ao proteger um segredo escabroso – tal como a criança protege, pelo silêncio de uma culpa assumida, o parente adulto que a abusa – assim Sandy delegava na esperança de haver *uma qualquer razão*, uma qualquer lógica ou sentido por detrás daquele homem que justificasse o facto de tê-la escolhido – justo a ela Sandy – para continuamente sujeitá-la. E Sandy tentando encontrar uma «razão» continuava a sujeitar-se a si mesma a algo mais antigo que a sua própria memória. Contrariar esse estado de coisas, esse *status quo* de violência cíclica, as leis dinâmicas e excessivas que regiam as relações de ambos, implicava questionar-se acerca de décadas da sua existência – assumir uma cobardia que se materializara na sua inacção repetida, violação após violação da sua dignidade: contrariar e confrontar este *status quo* seria, no fundo, questionar toda a sua própria existência em ligação aos propósitos daquele que lhe sequestrou a infância e juventude. Negaria a sua própria razão de existir – até ao momento, essa mesma razão de existir, a sua *raison d'être*, não lhe pertencera – mas, sim, obedecera a desígnios obscuros e fora posse de um homem de caprichos secretos. Numa espécie de síndrome de Estocolmo, Sandy confiava num milagre...

11.

Desde que conhecera Verónica, começou a ajoelhar junto da sua cama, antes de dormir.

Sandy esperava o vento soprado da noite ficar quente como um beijo. Esperava a lua vibrar uma nota de platina que ecoasse pelo seu corpo em pequenas ondas das margens de lagos espelhados. Esperava frescura, seiva e vaga-lumes surgindo ao longo da visão. Esperava um toque.

Sandy pensava:

Eu queria ser um anjo-da-guarda.

E Sandy também pensava:

Eu não procuro ninguém – todos me procuram a mim.

Eu não procuro ninguém – não acredito que alguém me possa fazer feliz.

Flores sem pétalas.

Eu, para ser feliz, preciso da Primavera – saber que essa pessoa me ama. Não é pedir demais, pois não? Saber que estou com alguém que me ama. Apenas isso.

Não acredito que alguém me ame – não acredito que alguém se preocupe mais comigo do que consigo mesmo. O pronome pessoal «eu» vem sempre em primeiro lugar, em todas as línguas, em todos os corações.

Toda a gente está obcecada consigo mesma apenas.

E, na outra pessoa, apenas gosta daquilo que de si encontra nela.

Eu não acredito que alguém, uma pessoa sequer, tenha alguma vez gostado de mim – para alguém gostar de mim, tinha de me ter conhecido.

Nunca ninguém me conheceu.

As pessoas nem a si próprias se conhecem – quanto mais darem esse gigantesco salto de amar e descobrir o... desconhecido.

Eu morri para mim mesma para viver de ti.

É preciso morrermos para a nossa pequenez para conhecermos a grandeza do desconhecido. Essa receptividade ao desconhecido, essa sensibilidade ao novo, ao diferente, é a raiz das grandes aprendizagens. Essa curiosidade por algo mais do que nós mesmos é o primeiro passo da busca do amor. É preciso conhecer algo mais para lá de nós.

Quantas pessoas conhecem o meu primeiro pensamento ao acordar?

Ninguém.

Quantas pessoas sabem o que mais gosto de vestir ao sair de um longo duche?

Ninguém.

Quantas sabem o porquê de eu amar o cheiro da colónia de bebé? Ou quem sabe que as maçãs amargas são o meu fruto favorito, por causa do sabor do beijo depois de comer uma? Quem sabe que me sento, todos os pores-do-sol, no telhado, sobre o depósito da água – e o quanto amo o sopro do vento fresco na pele dos meus pés?

Ninguém.

Ninguém sabe nada de importante sobre mim. Algumas pessoas atrevem-se a dizer que me amam. Como é atrevida a ignorância! Não me amam nada – apenas precisam de mim, como vampiros – e, às vezes, como crianças carentes e doentes, que nunca tiveram nem mãe nem carinho.

Não procuro ninguém – deixo que me visitem, que me entrem sob o céu estrelado da minha noite – que me invadam a cama – e que aliviem os seus corações e corpos.

Que encontrem o vinho quente das minhas carícias de apaziguamento – que sejam tocados pelo doce inebriante dos meus beijos – *atentos e sentidos* – divinas caligrafias desenhadas sobre a pele, sopros como nunca ninguém lhes ofereceu – nem eu própria nunca recebi.

Nunca ninguém me beijou nem tocou com a mesma intensidade e intenção com que eu senti os outros em mim. Talvez porque eu soubesse exactamente o que os outros precisavam – ninguém me conheceu os desejos, silenciosos pedidos. Apenas me olham e cobiçam.

Nunca ninguém gostou de mim.

Pobres pessoas que não sabem descobrir nem aprender nada de novo e diferente na vida – e ficam agrilhoadas apenas à âncora de si mesmas. Perdem a oportunidade do oceano todo pelos baixios da sua insegurança, do seu hábito, da sua mediocridade. Preferem o pequeno pântano da sua própria vidinha à experiência do mar sem fim.

Eu queria o céu sem fundo, a noite sem fim. Eu queria ser um anjo-da-guarda e dar-lhes asas – velar por essas almas em todos os seus passos, antes que lhes chegue a palavra à boca já eu a conheço perfeitamente – conhecer

todos os seus caminhos, quando se levantam e quando se deitam – guardá-las tal como quando as observo enquanto dormem, a meu lado, corpos suados, contentes por tão pouco – satisfeitas de me terem usado, de me terem roubado aquilo que, livre, lhes dei – elas não sabem que lhes foi dado, por isso permanecem culpadas – criminosos os seus actos furtivos – poluídos pela má intenção que carregam como fardo. A maioria tem um fardo por coração. Um fardo de falta de atenção, de falta de sensibilidade, um fardo de queres envenenados que se transformam em pensamentos, palavras e actos – feios.

A maioria das pessoas é feia. Muito feia.

Eu queria ser um anjo-da-guarda para todas essas pessoas.

A mim, elas chamam-me de puta.

12.

«Eu conheço este lugar», diz o Chilato. «Mas nunca cá estive antes.»

Não, o Chilato nunca esteve. Só que o Chilato não é apenas o Chilato, tal como tu não és apenas tu. Somos toda uma esteira de existências para trás, na indeterminada passadeira do tempo. No *Banquete*, Platão define o amor como sendo o desejo de possuir de modo permanente aquilo que é o Bem. O desejo de amor, ou o amor ao bem, só é concebível se já houver um conhecimento, uma experiência ou memória anterior desse mesmo Bem. Então isto significa que só podemos desejar aquilo que já intuímos existir, logo, o querer o bem, o querer o amor é uma saudade do lar, uma vontade de reencontrar um jardim perdido na nossa infância espiritual.

«Este jardim é o único lugar seguro do mundo», responde Sandy. «É o único lugar de amor na minha vida.»

O matagal selvagem atrás da casa de Verónica é um lugar sem medo, é esse jardim perdido. Um enorme pedaço de terreno esquecido pelo governo provincial devido a uma confusão na atribuição de lotes. Um milagre, como flor, nascido entre as placas obtusas do pavimento da burocracia, dos papéis de compra e venda, das letras de promessa, da especulação, do kwata-kwata dos terrenos, das heranças, das propriedades, do querer sem fim. Um terreno crepuscular, como um triângulo das Bermudas, desaparecido dos mapas da ganância.

O matagal selvagem atrás da casa de Verónica é um refúgio, não excluindo quaisquer ervas daninhas, pássaros, rãs ou estrelas. Todos fazem parte.

Dentro do jardim há uma fonte, e quem atravessar o labirinto de capim, erva-príncipe e papiros pode chegar junto da fonte e pedir perdão – e ser perdoado. Mas, isso implicará perdoar a todos os que nos tenham ofendido. Quase ninguém vai até ao centro do jardim, junto da fonte – todos querem ser perdoados, mas quase ninguém sabe perdoar. Essa fonte é Verónica.

Quando as pálpebras se fecham – todo o universo cerra o seu olhar numa linha quente e delicada. Já sentiste o beijo dos teus olhos transformado em noite?

Ensina-me a rezar.

Sandy está a respirar de forma normal, de novo. Agora, após a fuga, inicia-se a busca por Verónica. Larga a mão do Chilato. Algo lhe chama a atenção. Acabaram de passar uns pesados portões de metal, e entrando no terreno – muito ao longe vêem a vivenda em ruínas.

«Verónica», murmura Sandy.

As paredes são sólidas e pintadas, muitas das divisões não têm tecto. Lá dentro, estará tudo muito bem limpo e arranjado. Tudo é plantas e flores. Ao longe ouve-se o mar. A ruína ao longe e, no centro da mesma, a fonte do perdão, Verónica.

«Tenho aí um quarto para quando aqui venho. Fica ao lado do de Verónica», explica a moça. «O resto é para o vento, o sol e os pássaros... Aqui, dentro da própria casa, há árvores, plantas e natureza.»

Verónica está lá dentro. Têm de se apressar.

Atravessam o jardim, que é longo, uma procissão de doze passos, um percurso iniciático, quase interminável. Ao longe a ruína de pedra. Dentro está Verónica. Eles caminham rápido, o tempo passa, o capim sussurra-lhes sob os pés, não chegam nunca mais. Apressam-se para chegar a Verónica. O tempo parece distorcido pela distância do jardim. Como quando se caminha no escuro sob o efeito de um poderoso tóxico.

Agora chegam a meio do jardim e os contornos selvagens tornam-se mais suaves. Aí o Chilato fica por momentos deslumbrado com o jardim espontâneo que se abre ao seu olhar. A sua mão procura a de Sandy enquanto avança por entre buganvílias, acácias de flores rubras, mulembeiras, flores e, no meio de tudo, um enorme embondeiro oco com ramos de várias outras espécies, enxertados no seu tronco.

«Este embondeiro dá figos!», murmura Sandy. De imediato fica séria. Os acontecimentos da noite voltam a dar-lhe um sabor metálico à boca.

Chilato olha a linda rapariga que avança passo a passo diante de si, ligeira e determinada, puxando-o pela mão, ao longo deste pequeno templo do éden, este teatro mágico da mãe natureza. Um pequeno palco e santuário onde se desenrola o espectáculo das aves, dos perfumes, dos barulhinhos da noite e dos insectos.

A paz que ultrapassa toda a compreensão é a vivência directa da consciência sem atributos. Logo, a queda do Paraíso toma lugar quando a consciência no ser humano desliza para o reino das atribuições, dos nomes e taxonomias. É a queda da unidade para o múltiplo. Só que aqui a multiplicidade tem unidade. É a unidade dada pela lei da natureza, a harmonia mútua das coisas que se comungam em paz.

De repente saem de dentro do embondeiro dois miúdos. Um menino e uma menina gémeos, de olhos enormes, cabelos espetados em carrapito.

«Olha, vocês aqui?!», pergunta Sandy cada vez mais espantada e maravilhada com tudo.

«Os manos matrindinde», responde Chilato. «Os meus palhaços!»

«Kaviula e Xinganje!», gritam os miúdos em simultâneo e fazendo uma dança louca em volta de Sandy e de Chilato, espetando duas mãozinhas para cumprimentar. Sandy espalma as minúsculas mãos de ambos entre as suas duas num aperto de mão colectivo e dançam loucamente em piruetas e saltos. «Apressem-se, Verónica vai partir.»

«Sei muito bem quem vocês são», responde Sandy.

O vento faz um *sush* pelas copas das árvores. Silêncio! As ondas batem na areia das praias da Baía Azul.

«Não sabes quem ninguém é. Nem sabes quem tu própria és, como poderias saber dos outros?», diz a menina Kaviula.

«Não sabes quem Verónica é!», responde o menino Xinganje.

«Ela é quem consola», afirma a menina Kaviula.

«Consola?», pergunta o Chilato.

«Sim. Porque te perdoa. Te perdoa de tudo, sem te pedir nada em troca», diz o menino Xinganje.

«Existirá maior consolo que ser livre da culpa?», acrescenta a menina Kaviula.

«E que preciso para ser perdoada?», interrompe Sandy.

«Basta perdoares aos outros e és logo perdoada. Tu estás incluída nos outros. És a principal entre eles!», respondem os meninos palhaços em coro.

«Perdoai-nos assim como nós perdoamos a quem nos ofendeu», murmura Sandy e compreende. Por um instante Sandy compreende o grande milagre do perdão. O perdão anula todo o passado transformando todo o presente e futuro noutra possibilidade. Um novo caminho se abre, uma possibilidade, uma fuga perfeita à prisão. Sandy descobre que um dia será livre, pois saberá perdoar.

Quem perdoa não está condenado à eterna roda da repetição, como largou tudo, já não tem contas a ajustar.

De repente a mulher partiu dali, para o alto, brilhando como uma estrela.

O mar, rouco, murmura sutras sobre a efemeridade das dores e conquistas humanas – e sobre os ciclos eternos e renovados da lei da natureza. Todos se calam. Sandy olha o jardim. Agora tendo atravessado o jardim em toda a extensão, escutam as estrelas que navegam no céu do hemisfério sul e Sandy dá a mão a Chilato enquanto os dois miúdos lhes acompanham a caminhada rápida, dançando, lambidos pelo fogo de uma pequena vela. Uma dança de despedida e partida.

«Obrigado», diz Sandy e beija o rapaz no rosto. «Por me teres salvo daquele homem.»

«Eu perdoo-te», suspira o Chilato.

«Porquê?», responde Sandy surpreendida.

«Por me teres feito apaixonar por ti.»

Sandy percorre em silêncio o que resta do jardim. Chilato fica parado no mesmo lugar, de vela na mão – lá atrás, seguindo-a com os olhos. Os miúdos saltitam ao lado de Sandy, como gafanhotos, sem fazerem ruído.

Estão diante do quarto que serve de sepulcro a Verónica.

Sandy sente o coração dilatar por um instante maior do que todo o tempo junto de sua vida.

«Perdão, Verónica», soluça Sandy.

Dentro do quarto, Verónica já morreu.

13.

Ao morrer, Verónica exclamou:

«Eu sou o ponto de contacto.»

No seu pensamento, Verónica ainda disse:

Eu sou a fronteira sensível entre o corpo e o solo, entre um lábio e o outro – entre duas superfícies quentes, a fina linha duma lágrima escaldante, esse fio rubro, esse lugar do toque, entre tudo e tudo.

As forças não lhe permitem a voz chegar aos lábios. Por isso, não se ouviu:

«É isso que eu sou, o ponto de contacto.»

Expirou sozinha.

No dia seguinte de madrugada, quando Sandy entra no quarto para levarem o corpo a enterrar, a porta está aberta e o quarto vazio. Entrando no quarto, Sandy não achou o corpo de Verónica. O lençol onde Verónica estivera embrulhada está dobrado aos pés da cama, ainda com as manchas de sangue húmidas e frescas. Repara que os panos de linho estão espalmados no chão, ao passo que o lenço que Verónica tivera em volta da cabeça não está espalmado no chão juntamente com os panos de linho, mas de outro modo, enrolado noutra posição. Verónica desapareceu. Sandy vê e começa a crer.

«Ainda um pouco, e deixareis de me ver; e um pouco mais, e por fim me vereis», diz Sandy em voz alta recordando o que Verónica lhe repetira tantas e tantas vezes.

14.

Depois de saírem da casa de Verónica, Sandy, Chilato e os palhaços vão procurar o senhor Svart. Agora sabem que têm de ficar todos juntos. Não sabem porquê. Intuem essa necessidade.

O senhor Svart está inconsciente, deitado de costas sobre a caixa. O bar está cheio, mas com outro turno de pessoas. Alguns olham o velho, riem-se, deixam-no em paz a curtir a sua ressaca.

A custo Sandy e o Chilato acordam o senhor Svart.

«Os homens que fizeram isto a Verónica vão querer prova de que ela foi enterrada. Vão continuar a procurá-la. Sandy, assim, está em perigo também. Temos de partir já, senhor Svart. Vamos para onde quiser, para as montanhas, as matas, ou o deserto. Temos de partir já», a urgência na voz do Chilato é absoluta e persuasiva.

«Vamos ver a Palanca Negra Gigante!», gritam os meninos Xinganje e Kaviula. «Festa! Festa!»

Passam no mercado da Kaponte onde compram duas tendas, cinco mantas, quatro colchões, sopas de pacote, compridos desinfectantes de água, corda, facas, latas de conserva, carvão, bidões de gasolina, papel higiénico, etc. O jovem Chilato começa a ficar nervoso, enquanto o senhor Svart, devagarinho, começa a despertar e a protestar com o rumo que a expedição está a tomar.

«A nossa logística toda está com os homens da CEFÉ e o seu presidente. Não podemos meter-nos pelo mato adentro sem uma boa logística!», geme o velho Svart.

«O senhor Brigadeiro-e-Bispo e os restantes elementos da expedição da antena virão ter connosco. Apenas nos adiantaremos!», justifica-se o jovem Chilato.

O senhor Svart grunhe com franco desdém.

«Não é uma *expedição da antena*. A expedição é para avistar a Palanca Negra Gigante! Precisamos de logística!»

«Os pássaros não se preocupavam, porque haveria o homem de se preocupar? Não penseis no amanhã. Não é a alma mais importante que a carne? Não é o corpo mais importante que as vestes?», responde Sandy citando a Bíblia.

«Amanhã, quando as vestes estiverem coladas ao corpo e os pássaros a quererem comer-nos a carne, veremos se vale a pena ou não preocupar-nos...», responde o velho Svart e adormece.

A expedição, quebrada em dois grupos, por fim!, inicia-se. O grupo do senhor Svart procurará a Palanca Negra Gigante e colocar Sandy a salvo. O grupo de Kurtz procurará o senhor Svart e fazer mal a Sandy. O mais importante será a implementação da antena de televisão. Tudo está orientado para o mesmo objectivo. O acto. O acto que será testemunhado por todos: a inauguração da antena televisiva em simultâneo com a extinção da última Palanca Negra Gigante. Depois, a reserva da Cangandala será mais um parque temático para turistas.

PARTE 4

*Um bom viajante não tem planos fixos
E não tem a intenção de chegar.
Um bom caminhante não deixa rasto ou pegadas.
Um bom capturador não usa nós, nem cordas
No entanto ninguém se pode soltar.*

(Tao-Te-Ching)

1.

Quando recentemente a revista da National Geographic fez um artigo sobre a Palanca Negra Gigante, sob o título *Hippotragus Niger Variani, Mito e Fantasma da Cangandala*, ficou a saber-se que a última expedição ali realizada tinha desaparecido nas matas. Não era a primeira. Um relatório elaborado por Pedro Vaz Pinto (relativo ao início da sua própria expedição) foi utilizado pela National Geographic para incorporar o artigo da revista. Segundo o relatório mensal de Pedro Vaz Pinto (também publicado na Internet), dois grupos de homens acompanhados de algumas mulheres e crianças tinham-se misteriosamente transformado em vento, rumores e boatos. A numerosa expedição (que se propunha também instalar uma antena de televisão em pleno coração da reserva) desaparecera do mundo. Os propósitos do bizarro e heterogêneo grupo de pessoas não eram claros nem óbvios. Este incluía engenheiros informáticos portugueses, o presidente de uma ONG para-religiosa (em cadeira de rodas) e até meninos de rua. O único personagem algo coincidente com os objectivos de avistamento de um espécime considerado inexistente era o pseudocientista estrangeiro contratado. Inexplicavelmente todos desapareceram no meio das matas.

Tudo quanto sobrou foi uma enorme caixa de madeira, que as populações supersticiosas afirmam ter dentro uma velha múmia dos tempos coloniais. Segundo essas populações todo o grupo foi engolido pela voracidade da velha dentro da caixa, ao ter-se estupidamente aberto a tampa da mesma. De certeza isso fora feito de forma inadvertida por algum estrangeiro, contando encontrar algo diferente no seu interior.

Um gravador de voz Samsung, encontrado (por mero acaso) junto de uma ruína na foz do Cunene parece ter pertencido a um dos principais membros da tal expedição: um criptozoólogo escandinavo chamado Svart. Os registos de voz coincidem com a cronologia dos eventos e personagens envolvidos nessa malograda expedição.

2.

Gravador Samsung #2 (em sueco no original):

Alguns criptozoólogos defendem a ideia de que os diferentes planos materiais do mundo animal são apenas a grosseira manifestação dos diferentes planos quânticos que dinamizam as criaturas, por debaixo. Logo, para avistar, na sua forma directa (como um antropólogo faz com as tribos dos Kohisan, por exemplo), o criptozoólogo deve entrar num estado psíquico diferente do habitual para poder, de forma verdadeira, ver os animais. O criptozoólogo, como humano, é uma corda sobre um abismo de duas margens. De um lado tem a fronteira animal e do outro a transcendência geométrica, matemática, se bem que ambas dimensões não estejam realmente separadas, o humano tem de percorrer essa ponte numa ou noutra direcção. Ele é a ponte entre mundos: do

infra-humano ao supra-animal.

Muitos criptozoólogos, de forma radical, optam por experiências-limite para visualizar a Espécie. Optam por experiências-limite para chegar à visão completa, integral, de toda a pirâmide orgânica e supramaterial, onde se visualiza a Espécie na sua dinâmica integral. Para isso uso o termo científico, cunhado por Espinosa: contemplação da *sub especie aeternitates*. Logo, por meio de drogas, paragens cardíacas, mergulhos a grande profundidade, ou períodos de isolamento nos matos, provoca-se a necessária receptividade – e da abertura do seu próprio inconsciente surge perante o criptozoólogo a Espécie.

Gravador Samsung #3 (em sueco no original):

Começámos as caminhadas na mata. Os pisteiros da Cangandala estavam a postos, faz meses. Esperavam por mim. Eu também espero.

Estou à espera. Ainda estou à espera do milagre de ver.

Entretanto fiquei velho. Continuo à espera, sabendo que o tempo finda. Devo continuar? Devo continuar apenas por continuar e porque toda a minha vida foi uma espera? E a espera foi o que deu sentido à minha vida? Estar aqui, como gato à entrada do buraco, à espera que o rato saia. Que fazer? Desisto... enquanto ainda tenho algum tempo de vida? Desisto de esperar, logo agora, após ter gasto uma vida inteira nesta busca?

Estamos no coração da treva.

Gravador Samsung #4 (em sueco no original):

Imagina o que é seres considerado um «fazedor de chuva», um homem milagroso que trará chuva a toda uma nação com sede e fome devido a uma prolongada seca. Anos e anos sem cair uma única piedosa gota de água do céu... Chegas a tal território e és apresentado como o tão esperado profeta que fará acontecer o milagre. É assim que os pisteiros e as pessoas da aldeia me olham.

Os dias vão passando e nada de chuva. Não consegues fazê-la cair. És impotente.

Nos olhares da população e dos que te apresentaram uma tensão cresce. Sentes a natural expectativa, esperança que se transforma em desilusão, alívio que se torna em desespero. Encontrar a Palanca Negra Gigante é essa chuva que esta população espera que eu faça descer dos céus.

*

Gravador Samsung #5 (em sueco no original):

Chegámos ao limite inacessível por carros da reserva da Cangandala. Deixámos a carrinha «20 Buscar» escondida. Já fui apresentado a todos os pisteiros e homens que nos acompanharão dentro das matas. O Chilato e Sandy, como elementos da CEFÉ, trataram da diplomacia. A partir de agora é

tudo feito a pé.

4.45: Acordar. Balde de água fria pela cabeça abaixo. Coração acelerado demais. Pequeno-almoço de café e farinha de milho com peixe seco.

5.30: Entrar na picada, chegar às salinas. Procurar rasto fresco, da manhã. Procurar numa, duas, três, quatro salinas. Quinze quilómetros percorridos. Começar a procurar nas anharas, procurando sempre pelo rasto a partir do lugar onde os pisteiros dizem tê-lo perdido, no dia anterior. As mulheres ficam no acampamento.

Normalmente, só acabamos por encontrar o rasto do presente dia, no fim do mesmo. A Palanca Negra Gigante leva muitas horas de avanço! Sempre.

11.00: Beber água e comer uma lata de atum ou salsichas com um pão. Aproveito sempre o líquido das conservas, e bebo (da lata) o azeite e a água. O apetite é o melhor ingrediente para tornar tudo saboroso. Dormimos um pouco na sombra.

12.30: Iniciar as buscas da tarde. Andar, andar, andar.

17.30: Começar a regressar ao acampamento. Apanhar tortulho e frutos silvestres.

19.00: Tomar banho com água do rio, bem gelada. Preparar o fogo. Fazer café e começar a fritar os cogumelos. Ver as estrelas, ouvir as rãs, ler um pouco com a lanterna. Leio e releio Walker e Variani. Deste último estudo a obra *Some African Milestones*. Foi graças a este homem que a Palanca Negra Gigante foi reconhecida como uma subespécie única em si mesma: *Hippotragus Niger Variani*, baptizada honrando o nome de H. P. Variani, trabalhador dos caminhos-de-ferro de Benguela.

*

Gravador Samsung #6 (em sueco no original):

Do Camitungo já caminhámos até à comuna do Kimbango onde montámos um acampamento intermédio junto ao rio. As gentes da aldeia chamavam-me *kayala kamôche*, o homem isolado, em quimbundo. Confundem-me com um homem do passado. Tratam-me como uma espécie de avatar do velho biólogo Doutor Richard Estes que outrora aqui teve uma casa (agora em ruínas) da qual apenas se encontram três degraus a apontarem para lado nenhum, tal como os degraus da guerra que por aqui passou: levaram tudo para lado nenhum.

Toda esta área até ao Mulundo, Kunga Palanca, está pejada dos escombros da 21.ª Unidade. Aqui era o ponto de «reencontro de todo o tipo de guerra», segundo me explicam as populações. E apontam as árvores mulembeiras, constantemente mutiladas à faca pelas pessoas da aldeia. É impressionante ver essas árvores todas retalhadas a golpe. Os ramos dessas árvores milenares eram utilizados para as chicotear durante os comités públicos. Agora as pessoas vingam-se nas árvores.

Gravador Samsung #7 (em sueco no original):

O orvalho muito frio da manhã e a água gélida que me corre pela pele, mal saído do saco-cama... O céu escuro está no instante final de um silêncio que antecede a expiração do dia, do sol, do calor. Agora o pulmão da noite ainda está no ponto de viragem, a hora mais fria da noite, o fim da inspiração.

O fogo está aceso e buscamos o tortulho, cogumelos, na mata, junto da fonte onde de madrugada bebem os veados, ao meio-dia os foquecheiros, e à noite os gulungos.

Gravador Samsung #8 (em sueco no original):

«Quando se tenta ver um animal de noite não se deve olhar para ele directamente. O olhar enviesado captura-o na sua total clareza. Para veres em diante o invisível, nunca se olhe para ele directamente», diz-me um pisteiro chamado Bebek. Parece ser o mais importante entre eles, um líder natural.

«Tudo começa por se encontrarem as pegadas. A partir do momento em que encontramos as pegadas, a nossa esperança regressa. Aí já sabemos que não é imaginação. Tal criatura existe mesmo. Nós estamos a ver a sua impressão marcada na terra», diz o Soba de Kapossa.

Indexação. Uma impressão digital, única, a terra testemunha a passagem deste ser pela sua superfície. Não encontramos pegadas. Apenas dejectos duma suposta Palanca Negra Gigante que, com delicadeza, guardamos numa caixa. Afinal vieram a revelar-se ser merda humana.

Gravador Samsung #9 (em sueco no original):

Para se conhecer a idade dum antílope, conta-se o número de anéis do corno e divide-se por sete. Em contrapartida, para se saber o tamanho dos crocodilos deve-se medir a cabeça e depois multiplicar por sete, o que dá o tamanho total. Os animais mais perigosos e agressivos são os crocodilos do Cunene. Os do lago Vitória são os mais mansos e quase nunca atacam pessoas, têm muito peixe – enquanto que os crocodilos do Cunene têm apenas curtos períodos de abastança alimentar por ano, quando o caudal engrossa e traz carcaças de animais e de pessoas (talvez pescadores caídos de barcos) pelo rio abaixo.

Termina-se na foz, na boca de um crocodilo.

Gravador Samsung #10 (em sueco no original):

As palancas híbridas não procriam. Além de não terem a beleza das suas mães, não poderão ter crias. São mulas.

Têm pescoços menos fortes e cornos mais curtos. Tal como todos os antílopes (e diferentemente dos cervídeos) não têm hastes. As hastes caem, os cornos nunca. Pertencem ao animal para toda a sua vida, insubstituíveis. A insubstituível beleza dos cornos da Palanca Negra Gigante não se encontra

nestes pobres híbridos. Os cornos da genuína palanca chegam a ter mais de 65 polegadas de comprimento – enquanto que o recorde mundial da palanca comum, como a zambiana, é de 46 polegadas – tendo este troféu sido vendido por 4 milhões de dólares americanos. Um dos mamíferos mais caros do mundo que foi vendido na Namíbia.

As palancas híbridas não darão futuro, nem transmitiram o manto de pelagem negra típica da Palanca Negra Gigante. A curva da anca da Palanca Negra Gigante genuína é completamente diferente da destes híbridos – nestes pobres enfeitados a anca descai de forma acentuada no final das costas e a cabeça é projectada, não para o alto, mas para diante lembrando um patético asno. O rosto assemelha-se ao de rena ou zebra, mas com orelhas de burro. O progenitor destes pobres híbridos é um macho de kissema, ou burro-do-mato, um outro tipo de antílope, outra sub-espécie que além da usurpação do lugar do macho da Palanca Negra Gigante foi, infelizmente, colocada na nota de 10 kwanzas, com uma legenda chamando-lhe Palanca, o que contribuiu para a ignorância geral e levou a maioria das pessoas a ficar totalmente confundida acerca do verdadeiro aspecto da Palanca Negra Gigante.

A Palanca Negra Gigante é grandiosa, ativa, e o característico triângulo da máscara facial, que nunca é caído ou inclinado (como se vê noutras palancas), já é visível desde nascença na mais pequena das crias. Há sinais inconfundíveis de realeza que nascem naqueles que um dia serão grandes. Tal como o maciço pescoço, que na corrida faz lembrar o guindaste da girafa, e suporta os gigantescos cornos que lhe chegam a cobrir toda a envergadura do corpo, terminando o espectacular arco ósseo já atrás da cauda do animal.

Gravador Samsung #11 (em sueco no original):

Sento-me no capim, bem dentro do mato da Cangandala, dentro de um mosquiteiro, e fico a ouvir o respirar da floresta. Toda a natureza respira: o vento que sopra por entre os ramos e folhas. O bafo da terra. Um homem que quer fazer uma captura tem de estar bem no centro da respiração do mundo e harmonizar o seu ritmo com essa pulsação.

A tentativa de captura de um animal por meio de dardos torna-se, portanto, extremamente arriscada. Na mata, com arvoredos e capim, é difícil medir a distância. Na verdade esse é o maior perigo na mata, agudizando-se conforme ela se adensa: é muito difícil saberem-se as distâncias. Objectos que parecem estar a cem metros estão, afinal, muito mais perto – enquanto que em clareiras, planícies ou espaços abertos, com maior profundidade, os objectos parecem muito mais perto de nós, mas estão na verdade a uma grande distância.

Pode-se por engano matar o animal que se tenta capturar para colocar uma trela transmissora, por exemplo. Tudo tem de ser cuidadosamente calculado em relação à carga da arma, a sua potência, o vento, o sol e o arco natural que a inércia e gravidade irão imprimir à balística. Caso contrário, falhando uma

das variáveis, começando pelo cálculo da distância – mata-se o precioso animal. Não se quer que haja ricochete, que o projétil volte e ressalte, ou fure o animal com tal violência que o atravesse. Também não deve acertar no tronco, junto das costelas. O projétil, a droga e o peso do animal, tudo isto obedece a uma matemática semelhante à floresta: é algo não linear, complexo, em constante alteração mútua. Bochecha, ombro ou anca são os melhores lugares de grande superfície muscular para acertar um dardo.

Eu apenas quero fazer o avistamento e localizar o território da Palanca Negra Gigante. A captura para se lhe colocar a trela transmissora é algo que me angustia e desgosta. É trabalho da CEFÉ. Quando eles chegarem que decidam... Daí lavo as minhas mãos...

Gravador Samsung #12 (em sueco no original):

Ao contrário dos outros antílopes, a Palanca Negra Gigante tem como principal meio de controlo do território a sua própria visão. Cheira, ouve – e também vê muito melhor que o seu caçador. O único modo de ficar à distância de um tiro da Palanca Negra Gigante é conseguir trazê-la até nós. Tem de ser seduzida por meio de um chamariz. Se o caçador tentar chegar a ela, já aos oitenta metros ela vê tudo, enquanto que o caçador, entre árvores, precisa ainda de se aproximar mais e mais. A dificuldade de penetração dentro da selva leva a que quando se encontra um animal é porque já está, necessariamente, ao alcance do tiro. Na mata nunca se avista algo a mais de sessenta ou setenta metros.

As variáveis do tiro à distância parecem obedecer a uma verdadeira arte do tiro com o arco, de Herrigel. Na verdade, o livro é de culto entre estes peritos do tiro e pontaria. Primeira regra é que «as coisas nunca correm bem, mas tem-se sempre de planear à mesma». O mato é cerrado ou clareira aberta – a medição procura sempre um ponto de referência fiável, como o caso de alguma árvore que se reconheça e possa calcular, portanto, a verdadeira envergadura. A posição do corpo do capturador é muito importante e essa postura deve ser treinada de antemão, porque ele terá de ficar muito tempo imóvel. O rasto tem de ter sido bem encontrado, não confundindo pegadas frescas com as da noite anterior, por exemplo. O chamamento, ou chamariz, deverá ser utilizado? Se sim, como espaçá-lo, alto, baixo? Uma vez, muitas vezes, aumentando o volume, ou baixando? Visto que o meu aparelho da WildCall foi destruído na prisão, como fazer esse grito impressionante, de jovem cria? É um problema grave de que a CEFÉ não tem noção. A Palanca Negra Gigante está habituada a percorrer vastas distâncias, logo a cria tem de se preparar para aprender a chamar bem alto, pois a sua progenitora muitas vezes anda já muito muito longe. Só que não consigo imaginar como vamos substituir o chamariz...

Onde estarão os outros? Onde andarão o resto do grupo da CEFÉ? Kurtz, os engenheiros portugueses... Onde andarão essas pessoas?

Gravador Samsung #13 (em sueco no original):

Tomo os medicamentos às escondidas. O saco-cama que caiu na água não seca nem por nada. A febre do paludismo faz-me doer todo o corpo e a cabeça. Insuportável. De noite o frio que vem do chão empapa-me por completo, misturando o suor da febre com cacimbo frio. Pelo menos as pequenas covas feitas no chão duro para encaixe da anca e do ombro ficaram milimetricamente perfeitas. Deito-me de lado e encaixo-me no chão duro.

As galochas de borracha «mata-cobras» são o item que mais invejo aos pisteiros. Caminho com botas que se degradam rapidamente, a cada dia. Já parti os atacadores várias vezes, desgastados pelo capim cortante e espinhos. Invejo as galochas de borracha, porque sou sempre o terceiro na fila. O alvo da víbora. O primeiro homem acorda-a, o segundo assusta-a, o terceiro é mordido... As ervas e ramos enrodilham-se-me nas canelas demasiado finas e brancas – e a febre, a malária, a espessar-me o sangue como polpa de tomate escaldante – pelas finas veias de velho, quase a rasgarem-nas... esta febre insuportável, que me faz alucinar... que me faz imaginar que por instantes Verónica, aquela mulher resplandecente, está aqui, senta-se a meu lado e limpa-me o rosto com um lenço fresco, que cheira a flores. O suor e terra e poeira marcam o lenço de Verónica, como sudário do meu esforço...

Gravador Samsung #14 (em sueco no original):

Pela moldura da tenda vejo a catana espetada na terra – adivinho também os pés do pisteiro que está deitado no capim de encontro a uma árvore – as ramagens, a erva, uma densidade de verde rasgada por lagos de azul no céu, onde cristas de nuvens colossais como tsunamis se juntam em promessa de muita chuva.

A febre faz o corpo tremer-me todo em arrepios sacudidos.

A garrafa de água tem cinco borboletas pousadas, talvez vendo-se ao espelho. A deliciosa água veio duma nascente abaixo da barragem da Malanga, a tal destruída pelos mulekisses. Aí a água cruza, vinda da nascente perpendicular ao rio. A nascente brota num fiozinho de água cristalina e gélida que se precipita para um cálice de pedra polida. Tudo é fresco. A água é deliciosa ao escorrer pela cabeça e ombros escaldados, descascados, da pele ferida pelo sol. Bebo-a em grandes goles depois das horas de caminhada ao longo do rio.

Nem uma pegada.

Gravador Samsung #15 (em sueco no original):

A febre e dores no corpo obrigam-me a aumentar as doses de químicos. Agora, como é natural, também o estômago se queixa. A seguir aos pés, o

estômago é a segunda pior parte do corpo para estar afectada numa expedição que envolva longas caminhadas.

As poças de luz entre a malha de sombra nas encostas das montanhas de pedra negra – e as dunas vermelhas erguidas por detrás de planícies de erva verde e amarela em molhos de algodão, nas planícies da savana – diluem-se com o meu próprio corpo... *Panta rei*, tudo flui em meu redor.

Parece que estou parado, bem no centro de uma esfera líquida, e as imagens vêm até mim, e eu parado atraio as montanhas, as longas curvas serpenteantes da floresta... O caminho faz-se em mim mesmo...

A sede na boca. A garrafa de plástico, com água mineral. Vejo o pisteiro que abre a garrafa com a sua mão negra, de palma branca. Um cliché, ainda assim com estética...

O gás ascendente quando se abre uma garrafa de água mineral em andamento... bolhas de prata, reflectindo a luz, tal como logo surgem, logo desaparecem. Fica apenas um vestígio, uma pegada, uma ligeira marca – e depois, mesmo essa, desaparece.

Uma silhueta de uma árvore morta e negra de encontro a um céu azul-choque, sobre dunas de areia de um vermelho-vivo...

A estrela raiada num canto de espelho quebrado... a jovem aranha faz a sua primeira teia desconhecendo o voo da mosca. A mosca dança para o centro da rede que foi laboriosamente construída para si, sem que para isso tenha tomado uma decisão particular – não existe vontade pessoal independente – tudo se faz por si mesmo, num movimento total, em que a jovem aranha e a mosca cumprem um papel conjunto sob uma dinâmica que as integra – e tudo sem esforço se realiza.

Como, nesta noite, o olho da lua espreitando entre nuvens. Não consigo dormir. Fico a olhar as nuvens correrem em diferentes tons de treva pelo céu. E a lua espreitando por detrás.

Gravador Samsung #16 (em sueco no original):

Queria encontrar algo que fosse real, experienciável como um cheiro de cocaína: algo em que não fosse preciso «acreditar» ou «não acreditar», como se fosse a hóstia do padre. Com a cocaína o efeito é universal – a aceleração é um fenómeno incontornável. É termodinâmica. Funciona e dormes mal a seguir. Mesmo com auto-sugestão não alterarás o efeito científico dessa experiência.

Após os anos 60 a população começou a diminuir. Simultaneamente o número de cegonhas também: conclusão? As cegonhas é que trazem os bebés e estão a desaparecer. Não. O que se passa é que a todo o momento apenas vemos o que queremos: rostos nas nuvens, anjos desenhados nas cascas de árvores, o futuro nas linhas das palmas das mãos, assassínios em borrões de Rorschach.

Há quem diga que viu *aquilo*. Onde? Onde está isso que viram? Ou...

inventaram?...

EXISTE OU NÃO EXISTE?

Gravador Samsung #17 (em sueco no original):

Tomo o pequeno-almoço entre despojos de vários mundos. Os edifícios em ruínas são a arqueologia de eras de violência – de sucessivas vagas de salteadores que se apropriaram do território, todos com o mesmo mote nos lábios – o pronome possessivo: «Meu!»

Gravador Samsung #18 (em sueco no original):

Olho para estas ruínas da era colonial perdidas no meio da mata. Vejo estes prédios esventrados, com ombreiras queimadas e telhados de telha substituídos por placas de zinco. Peças enormes enferrujadas, de máquinas irreconhecíveis, como ossadas de criaturas infernais já extintas, que se espalham entre o capim – lagartas de tanques, rodas de tractor, eixos de camiões – e a nova antena, com cercas de estacas toscas e afiadas à catanada, que as protegem.

Tudo isto reconheço como uma reminiscência de outra vida.

Já aqui estive. Já fui isto, já fui daqui. Já, sim. Fundo dentro de mim reconheço as diferentes camadas de existências ainda impressas nestas paredes, nestes olhos cegos de janelas. Outrora vim da paz neutra da Escandinávia para o meio duma semente de guerra – e da guerra para o limbo dos mortos; e desse abismo do coma estou de regresso aos escombros – e neles vejo nascer uma nova vida, uma nova fase, um reinício. Mais uma volta na roda-das-existências, mais um *loop* no carrossel do eterno retorno.

Gravador Samsung #19 (em sueco no original):

Os avistamentos são sempre súbitos e fulgurantes. No entanto, quando se diz que se viu os antílopes, quem nos ouve julga que eles estavam perfilados para exposição, como gado ou cavalos. Até chegam a perguntar se se «tirou uma foto»! Como?! Já tiraste uma foto a um espirro, a um grito na noite, a um relâmpago no meio dum sonho?

Não existe instante mais rápido do que o movimento das Palancas Negras Gigantes, em corrida por entre as árvores da mata.

Gravador Samsung #20 (em sueco no original):

Quando um caminhante atinge o ponto máximo de exaustão surge, de nenhures, um fôlego extra – um terceiro pulmão. Aí a caminhada é feita sem mais resistência pessoal, sem objectivo de chegada – sem medo de morrer, ali mesmo, no próximo passo. Nesses estranhos momentos, por uma razão

ininteligível, dão-se avistamentos.

*

Gravador Samsung #21 (em sueco no original):

Subimos o rio Quimbango, eu e o pisteiro Bebeká, e chegámos à chana do Mulhangombe onde o rio tem nenúfares. Horas depois, caminhando na direcção oposta, e descendo ao longo do rio, encontrámos uma antiga e pequena barragem do tempo colonial, totalmente destruída.

«Foi quebrada pelos mulekisses que têm escamas brancas e enormes, estilo cágado do mar: eles são os donos da água e não gostavam da barragem, apesar de ela nos ajudar muito nas lavras e casas», explica Bebeká.

Gravador Samsung #22 (em sueco no original):

O macho da Palanca Negra Gigante marca sempre o território. Após defecar sempre raspa o solo, enquanto que a palanca vulgar nunca o faz. O macho da Palanca Negra Gigante gosta que o seu território inclua uma clareira, orla de floresta, salina, e um morro a partir do qual tenha vista panorâmica. As raspagens dos cascos na terra e dos cornos nas árvores são comportamentos típicos da Palanca Negra Gigante.

«É preciso pensar como o animal. Assim sabemos que ele vai subir aquele morro enquanto o resto da manada bebe aqui», e Bebeká apontou um salalé.

Passados minutos, no alto do morro, o pisteiro confirma que, de facto, estão ali pegadas.

«Tem rasto. Tem pegadas.»

Sinto algo no ombro. Penso ser uma mosca tsé-tsé. Era uma linda borboleta.

Gravador Samsung #23 (em sueco no original):

As Palancas Negras Gigantes bebem numas salinas naturais, provocadas pelas térmitas. As térmitas revolvem a terra em montes de vários metros de altura (os salalés), fazendo uma acumulação natural de minerais e captando água – sendo, portanto, fonte fundamental de equilíbrio do sistema ecológico que abrange animais que nunca sobreviveriam sem estas formigas.

Gravador Samsung #24 (em sueco no original):

«Há muita gente que vem cá à Cangandala faz muitas décadas, e nunca viu uma Palanca Negra Gigante. É preciso mudar-se para aqui. É preciso viver aqui – ficar cá para sempre. Assim talvez veja a Palanca Negra Gigante», comenta o pisteiro Bebeká.

Abrimos, à catanada, picadas no miombo para chegar às anharas (as clareiras naturais, nas zonas sem árvores, geralmente com grandes salalés) do Kalukee (onde nos anos 60 caiu um avião cheio de brancos).

O miombo é uma vegetação de alta pluviosidade (120 mm por ano), com solos muito pouco férteis, que são lexiviados pelas fortes e constantes chuvadas, levando todos os minerais consigo. Neste sentido toda e qualquer zona de floresta e densidade arbórea é fundamental para proteger os solos e reter o húmus.

As espécies de miombo são de crescimento muito muito lento e a erva é amarga. Este tipo de território, apesar de luxurioso aos olhos, tem muito pouca capacidade para suportar ecossistemas de animais selvagens ou gado.

Mais tarde, após verificarmos que as pegadas têm cinco horas de avanço sobre nós, partimos da chana do Kaluke até à chana Yela Bikila.

Gravador Samsung #25 (em sueco no original):

Aconteceu algo muito estranho... Encontrámos uma ampola de M99, ou seja, hidrocloreto de Etorfina, que no geral é utilizada para imobilizar grandes herbívoros. Tem uma dose de opiáceo equivalente a mil doses de heroína. O caçador tem de ter, sempre, o antídoto à mão. Se acontece apenas tocar com a seringa em algo, a dose de morfina pura é tal que o mata em menos de dois minutos, só por contacto.

Não é o tipo de munição típica do caçador furtivo. Estas são as ampolas de Kurtz. Que fazem aqui??

Gravador Samsung #26 (em sueco no original):

Não há resistência aqui. Não há lixo, nem ruído, nem máquinas.

Encontrei uma pegada!!!

Nesta manhã chuvosa, foi a minha manhã de sorte e saiu-me um Ás de Espadas: encontrei o meu primeiro trilho, e a inconfundível pegada em forma de coração. O formato da pegada da Palanca Negra Gigante é idêntico ao de um Ás de Espadas!

Quando vi aquela pegada recordei o que o pisteiro Joveti comentou:

«Quando se vê uma Palanca, o coração bate como assustado. Trum,trum. Como ter encontrado um diamante grande. Não sei porquê.»

Gravador Samsung #27 (em sueco no original):

Ao lado da pegada da palanca um buraco onde o foquecheiro enfia a cabeça para esconder os dentes das trovoadas. Vê-se o 8 deitado da sua pata.

Os montículos dos salalés das térmitas apontam para o lado mais novo do monte. Esse lado indica o norte. Ao invés, os tortulhos e cogumelos crescem no lado sul das cascas das árvores.

Os veados saltam como molas e disparam pela vereda a alta velocidade. Quando digo que eles voam disparados estou a ser literal. Esses delicados animais parecem ser projectados por forças que utilizam os corpos como

cordas, cabos, molas – mas a energia motriz rodeia todo o animal num halo bem maior do que a estrutura física que observamos. Eles antecedem o tempo, o seu instinto e reacção de corpo demonstra uma simultaneidade, uma sincronia com a totalidade dos eventos. Portanto, um galho que estala sob os pés faz disparar dois veados, mais rápidos que o pensamento e o olho, do meio das brenhas. Abro as narinas tentando cheirar o dênim da Palanca Negra Gigante. Este cheiro a bode é o macho de Kissama, o horroroso burro-domato.

Bebeka inicia a sua palestra de taxonomia tribal, acerca das plantas e do que se pode e não pode comer: «Alimento é para o corpo. Amor é para a alma. E Deus é para o espírito», e inicia a sua aula de plantas:

Primeiro começamos pelas árvores que dão fruto. Em quimbundo os nomes são: mumbula, os deliciosos mofongo chamados na capital de loengos (já comi muito); mundengo, mukia, maboqueiro (já comi); as balas vermelhas e azedas da árvore da mussamba (já comi); malolo-a-mbulu, muiandi, muriambambi (já comi).

Investigamos também as árvores medicinais e de feitiçaria: raiz de kakate para as lombrigas; folha de muéia para lombrigas, febre e como substituto do antibiótico Cotrimoxazol; raiz de muhungwa para dores de barriga e como antibiótico; raiz de mundondo para a virilidade; folha de ndendo para lavar os dentes e abscessos, agindo como ampicilina; raiz de cavuko ou mutungo (cujo ramo emana um maravilhoso aroma perfumado) serve como bálsamo analgésico; raiz de kasswaienzi ou kamwelele que serve também como antibiótico para as crianças; raiz de mussoxe para hemorragias.

Depois fomos ao encontro das árvores principais, as mágicas: ndabi, cujo enxerto colocado no telhado da casa reduz os efeitos da faísca. Idealmente deve ser enxertada numa árvore fora de casa e assim o relâmpago nem sequer «come» por ali. Luvudi, uma trepadeira cuja folha colocada debaixo da língua confere o máximo grau de camuflagem ou invisibilidade. Camufla o indivíduo sob a forma de raiz, pedra, tronco: até te mijam na cabeça, confundindo-te com uma rocha. N’vuca é uma trepadeira que também confere o poder da invisibilidade.

Gravador Samsung #28 (em sueco no original):

Faz cinco horas que estamos no ponto de encontro de Kambembe. O céu começa a ficar muito carregado, e o vento que abre caminho está prestes a acertar-nos. Ao longe já vemos as árvores a tumultuarem. Dois pisteiros desapareceram.

Os pisteiros que ficaram comigo no segundo grupo aproveitam para me mostrar as plantas e árvores das redondezas. Joveti, Kapevi e o chefe Bebeká: um de machado, outro de catana, outro de metralhadora AK, com um pau afiado na ponta, para fazer de ponteiro quando indica as pegadas.

Bebeka apanha ramos, raízes, frutos e tudo isso cheiro, meto à boca e

como, quando me é permitido. Os pisteiros falam dos seus amigos mortos durante o período de guerra. Todos eles foram militares.

A noite aproxima-se e a mata ficará na treva total. Não nos poderemos movimentar. Temos de partir já, e os pisteiros não aparecem. Daqui a nada nem um palmo se verá diante do nariz, e os olhos dos chacais serão os únicos pontos luminosos na treva. Não vamos conseguir voltar a tempo para o acampamento onde Sandy e Kaviula já terão preparado o jantar quente. Xinganje e Chilato tremem de frio, junto a mim.

Uma rã começa a dar o seu toque de xilofone, cantando junto de nós. Lamento não ter uma especialização como batracólogo para saber o nome deste delicado amigo que nos canta.

Gravador Samsung #29 (em sueco no original):

Voltamos a encontrar vestígios de um outro grupo de homens que se move na floresta.

«Os caçadores furtivos são um problema», diz Bebek. «Para prevenir, o melhor é ir à aldeia e oferecer uns cartuchos armadilhados aos homens. Garante que os misturas bem entre os que eles já lá têm. Enfia-os lá para o meio, entre sorrisos, os cartuchos propulsores do morteiro 82, que é de calibre 12, tal como os cartuchos normais para as caçadeiras dos gajos. Depois bastará o gajo dar um tiro e aquela merda explode-lhe com a arma, levando a cara do filho-da-puta à mistura. Vai-se-lhe a cara e as mãos para o caralho. Também fica sem a arma. É assim que se deve acabar com os caçadores furtivos.»

Gravador Samsung #30 (em sueco no original):

Com milhões de dólares envolvidos, a caçada a animais em extinção tornou-se um fetiche perverso e tentador. Como essas parafilias de comer cérebro de macacos raros, matar ursos polares a tiro de helicóptero, ou tentar assassinar o último rinoceronte preto do planeta... Há um prazer tarado em testemunhar o fim eterno, em cortar o troféu de um derradeiro espécime, e colocar essa matéria viva numa parede em casa, e numa tabela das revistas da especialidade. Quem não quer ser um recordista?

Existem também muitas histórias de falsificações, logros, embustes – pseudocaçadas que acabam com um multimilionário morto. Caçadas em que se dispara através do escuro, na noite, no nevoeiro, ou se caça uma fantasia apenas. Muitos conseguem encenar fantasias tão sofisticadas que até iludem veteranos e mercenários da vida selvagem.

Palancas Negras Gigantes são falsificadas a todo o momento, sendo apresentadas como *a última*. Apresentam híbridos anormais em tamanho ou envergadura de corno, ou tentam impingir as Palancas da Zâmbia e África do Sul, a palanca comum, *Hippotragus Niger Niger*. Aproveitam espécimes

esquisitos, com cornaduras anormais, e tentam impingi-los como Palanca Negra Gigante.

Houve, por exemplo, o caso de um multimilionário árabe que quis possuir um espécime de Palanca Negra Gigante e levá-la para uma fazenda na Arábia Saudita. O animal é exclusivo, a nível mundial, da província de Malanje. Não existe, nem existirá, nem nunca existiu em qualquer outro lugar senão esse. Portanto é ilegal deslocar um animal destes. No entanto, o dito milionário acabou por receber, via Internet, uma informação confidencial da presença de duas Palancas Negras Gigantes, fêmeas, na África do Sul, onde lhe impingiram duas palancas comuns, da Zâmbia. Não tendo suficiente noção, não soube distinguir o verdadeiro do falso. Estas palancas também são de muita beleza. No entanto, suspeitas acumularam-se e acabou por comprar um bilhete de avião para um consultor do Kruger Park ir visitar os seus animais. Perante a compra (que ascendeu a muito milhões) Jeremy Anderson riu ao dar-lhe as piores das confirmações:

«Comparar aquelas palancas com uma Palanca Negra Gigante nem é como comparar laranjas com limões – é, antes, como comparar laranjas com cenouras.»

Horrorizado e pronto para matar, o árabe tentou recuperar o dinheiro por via legal. Também aí o certificado de compra o veio a trair. Sabendo que se envolvia num negócio do mais criminoso que existe, e sabendo do facto de ser muito grave ser-se apanhado a transportar um animal exclusivamente originário da Cangandala, ao comprar a sua «Palanca Negra Gigante», o árabe, de bom grado, aceitou a proposta dos seus interlocutores: assinar um certificado de transporte do animal onde se asseverava que aquelas criaturas eram apenas palancas comuns da Zâmbia. Querendo evitar problemas com a lei, agora a lei nada podia fazer. O que ele comprou *é* o que está assinado no certificado.

«You are fucking blind, man. How could you make such a mistake?», disse Jeremy Anderson ao multimilionário árabe.

Porque, quando se vê a verdadeira Palanca Negra Gigante, não restam quaisquer dúvidas. Intuitivamente sabe-se que é ela: aquele porte imponente, a pelagem impecável e negra, a força do pescoço – e aquela *certa curva* dos cornos, a espiral adivinhada duma harmonia divina...

Gravador Samsung #31 (em sueco no original):

Vêm-se as teias de aranha, suavemente abanadas pelo vento. A sua transparência e tamanho criam fronteiras dimensionais que delimitam mundos dentro de mundos. A aranha Kabubi chega a apanhar pássaros na sua teia em forma de T. Os braços abertos da teia estendem maior amplitude acima do chão e dois delicados fios ligam toda a estrutura à terra, ocupando o mínimo espaço de solo. Para que bichos, como nós, não lhes estraguem o véu entre mundos.

Gravador Samsung #32 (em sueco no original):

Sono do coma: sede: calor nas anharas: sede: planícies sem fim: caminhar, caminhar, caminhar: sede: sono do coma: caminhadas na mata: sede: coma: sede no coma: sono.

Acordo deitado no capim, ainda a pensar se acordei noutra hospital, passados outros vinte e cinco anos. Podia rir da ideia. Já não tenho vinte e cinco anos para viver. Talvez cinco, com sorte. Não acabei de acordar, após novas décadas, em outro quarto de hospital, quase o mesmo. Acordo com a sensação de nada ter conquistado. Tudo se repetirá de novo, de novo, de novo.

Gravador Samsung #33 (em sueco no original):

Aquele que quer fazer um avistamento da Palanca tem de estar, seja na mata, seja na sua própria vida, em harmonia com a maneira de ser das coisas – e como elas o são. Aquele que avista a Palanca é Mestre na Natureza. Não porque a conquistou ou dominou – porque se tornou nela.

Transformou-se, como crisálida, em algo diferente.

O candidato a um avistamento tem de ter uma especial atitude de receptividade, algo feminino mesmo, uma humildade que se deixa guiar pelos trilhos. Faz não fazendo. Tal como um bom caçador que intuitivamente se move na floresta, em que a consciência do seu corpo e meio circundante despoletam o disparo exacto no momento exacto, por si mesmo, sem esforço ou intenção do voluntarismo consciente. A acção pura em que o bailarino se transforma na dança, o espadachim na espada, e o combustível se transformou totalmente na própria chama e fogo.

Gravador Samsung #34 (em sueco no original):

Assaltaram-nos o acampamento. Talvez os caçadores furtivos que nos controlam. Roubaram-nos os mapas assinalando as pegadas das Palancas Negras Gigantes, o whisky e a minha lanterna frontal. Estava tudo guardado nas tendas lá junto da aldeia. O Bebe está furioso, por causa do whisky, decidiu emburrar com os homens que guardam a plataforma onde vai ser enfiada a nova antena de televisão, da CEFE.

Nas matas é raro encontrar-se aqueles que procuramos. Aqui as coisas vêm ter connosco. Daí a necessidade de total quietude. Além do mais, as únicas pegadas de quem não encontrámos os donos (felizmente, imagino) são as dos gatunos que nos seguem. O whisky já era. Lamento os mapas e a minha lanterna frontal.

Gravador Samsung #35 (em sueco no original):

À noite, depois de regressarmos, comemos um jantar que nos sabe a um banquete, preparado por Kaviula e Sandy.

Sandy continua a chorar por Verónica – eu tenho de evitar pensar nisso. Por vezes ainda sinto que sou visitado pela presença dela... Da Verónica...

É o décimo dia de caminhadas de mais de 30 quilómetros por dia. Atiramos com os nacos de carne directamente para cima dos carvões.

«Vida militar», diz o Bebek.

Bife mal passado, gordura a crepitar. Faca para cortar o pão. Pão para abafar, o bife na fome e no frio da noite – frio que vem pelas costas, enquanto as faces ardem, viradas para as chamas.

«Corta-lhe os cornos, limpa-lhe o cu e está pronto para comer», murmura grosseiro o Kapeve para a fogueira.

Gravador Samsung #36 (em sueco no original):

Acordo do breve descanso sobre o capim. Encontraram uma pegada e estão a chamar-nos, tocando-nos ao de leve. Acordo debaixo das árvores, com a luz em pequenos salpicos a escorrer por entre as folhas sobre o meu corpo. Bato as botas para dizer aos lacraus que é hora de irem embora.

A pegada é de ontem – está mais enterrada na terra – isso porque ontem choveu, e as unhas mais separadas demonstram que o terreno estava mais mole.

O capim está pisado em círculo na zona da salina, onde a Palanca Negra Gigante deambulou por instantes. Encontramos a anhara onde dormiu. A erva ainda está deitada e bem verde. É trilho recente. O meu peito comprime-se-me de expectativa.

O caminho foge da espiral de erva pisada, abrindo um corredor pela mata que parece ser causado por um poderoso vento silencioso, ou uma enorme jibóia invisível.

Ao passar sob as árvores, excessivamente concentrado nas eventuais cobras camufladas pela erva, e atento ao próprio trilho, sou de repente picado por três marimbondos que circundavam um ramo acima da minha cabeça. Sei que fui mordido – vejo um clarão por detrás dos olhos. Uma dor insuportável.

Acelero a caminhada procurando à volta. Faço força com o músculo afectado para garantir irrigação sanguínea e acelerar o processo de assimilação do veneno. As picadas foram na parte de trás do ombro, logo não lhes consigo chegar. Encontro o que procuro, um cacto de aloé. Corto uma ponta de um dos braços, abro a meio com a faca e esfrego a seiva nas feridas. O alívio é mínimo, pelo menos desinfecta. O suor escorre-se-me por todo o corpo misturado com terra e adrenalina.

Gravador Samsung #37 (em sueco no original):

Não se pode parar nem descansar antes do zénite. Temos de encontrar pegadas frescas antes que a Palanca Negra Gigante pare para comer, ao meio-dia. Aí teremos uma janela de tempo para tentar alcançá-la e recuperar os quilómetros que nos dividem.

O estômago dói de fome. O enorme consolo são as lascas de raiz de mandioca crua, os loengos e mussambias. Os ngangolos vermelhos e adstringentes fazem a língua ficar como lixa. Tiram a sede.

Gravador Samsung #38 (em sueco no original):

Estamos entre três árvores onde se vêem as marcas feitas durante a noite pela Palanca Negra Gigante.

Ela dormiu aqui!

O suor escorre-me em cascatas pelo rosto e pelos braços. Deixo-me colapsar no solo. Sento-me bem no centro da erva pisada. Uma mancha de grandes proporções entre o capim alto. Deito-me na cama da Palanca Negra Gigante, sob a luz peneirada pela delicada filigrana da folhagem duma mussamba.

A mussamba, ou *Brachystegia*, é muito comum nas matas de miombo. Os outros dois tipos de árvores são uma jubelardia e uma isoberlinia. Desta última um dos pisteiros está a retirar lascas, para fazer uma corda. Passa-ma. Já reparou que as minhas botas e atacadores estão em muito má condição. Adormeço por quarenta minutos até que os zumbidos me acordam. Todos os homens dormem em qualquer posição. Dormimos e por momentos somos bons homens. Até que nos acordam os zumbidos.

Vejo a mosca tsé-tsé com o seu corpo verde e cinza, olhos vermelhos e asas sobrepostas. Gosto das asas cruzadas. Olho-a pousada no meu antebraço. Não me movo, estou pronto para a afastar caso me tente picar. Neste momento de exaustão prefiro nem me mover, nada fazer, deixar o insecto investigar-me a carne, que eu próprio nem sinto como minha. Prefiro as asas sobrepostas, são lindas, enquanto os olhos vermelhos cobrem toda a cabeça com um capacete de perfeita panorâmica.

Passamos por inúmeras flores que adoraria fotografar. Sei que muitas delas nunca foram taxonomizadas. Ao contrário do que acontece entre os humanos, na floresta há infinitamente mais diversidade, e menos densidade – ou seja, menos indivíduos por espécie.

Logo, basta matar um espécime que o impacto, ou extinção, reverbera por toda a delicada teia de seres interdependentes.

Gravador Samsung #39 (em sueco no original):

Conforme a manhã avança aumenta o calor. Primeiro atravessamos o rio Maúbe e chegamos ao Kassakua, uma zona onde costuma haver caçadores furtivos. Todos os lugares parecem idênticos para quem aqui venha pela

primeira vez. Capim, árvores e mais verde, verde, verde. Os pisteiros sabem os nomes de todos estes lugares a olho indiferenciáveis.

«Como eles são filhos da terra, cada lugar, cada clareira ou ajuntamento de árvores já ganha um nome.»

Avançamos por Kasela, Ombe, atravessamos mais um rio, o Kuke, e depois o riacho Kamoma.

Os insectos começam a zunir e fervilhar, furiosos. Toda a mata ferve de zunidos. O sol fura a pele e a cabeça começa a pensar diferente, menos, muito menos, mas mais intensamente por cada vez que se atreve. O nosso pensamento incessante é, de facto, o maior dos venenos que metabolizamos em nós mesmos. Quando este processo silencia, nem que seja pela violência dos eventos, invade-nos uma paz. Por isso se ouvem relatos paradoxais de imensa alegria e coragem em situações-limite, no meio dos matos. Porque a cabeça calou, a euforia natural da existência adianta-se em todo o seu esplendor. O espírito da natureza é como uma criança feliz – brinca, constrói. Empenha-se longos períodos na construção de um castelo de areia, de um salalé – que depois desfaz com um salto e um pontapé, quando chegou a hora de voltar para casa. O espírito da natureza não sofre do luto da morte: sabe que sempre se renova.

Sede, sede, sede.

Coloco uma pequena pedra na boca para controlar o sofrimento. Trouxe o equipamento todo errado: botas pesadas que me arrastam os pés entre o capim; calças compridas que ficam todas empapadas nas primeiras horas da manhã entre a erva; T-shirts demasiado grossas... Precisava de sandálias para os trilhos abertos, e galochas para quando entramos em capim com víboras aríete. Precisava de calções e de um chapéu. Ou pelo menos de óculos escuros.

Estou com os pés empapados. Estão cheios de feridas. Na neve a principal parte do corpo a proteger é a cabeça, por causa da perda de calor. No mato a principal parte do corpo a proteger são os pés – aqui anda-se e anda-se e anda-se – e todas as larvas e infecções podem entrar por feridas entre os dedos, sob as unhas ou nos calcanhares. Larvas de bicho-cachorro, bitacaia por exemplo.

A má escolha das T-shirts já levou a que esteja com as axilas feridas.

Ritmo, atenção e silêncio são ingredientes necessários a uma boa caminhada na mata. Cada vez faço mais barulho. Os passos transformam-se em tropeços – até que todo eu sou um bêbedo cambaleante num tropeção sem queda. Já não consigo levantar os pés do chão, ninguém me diz nada, porque o silêncio das vozes ainda é mais crucial que o dos passos. É preciso não deixar traço de presença.

Estamos em território de leopardos. Tigres como lhes chamavam os ignorantes dos bóerers e outros europeus. A famosa Baía dos Tigres era uma zona de leopardos. Outros dizem que o nome se deve às estrias provocadas pelos ventos nas areias daquele deserto. O nome não poderia, nunca, ter sido dado por alguém daqui, não se pode nomear o que nem se sabe existir.

Sou avisado por sinais para não pisar nem esmigalhar os troncos com que cruzo. Eles são ocos e moles, podem ser ninhos de mamba negra – ou o corpo das jibóias. Desfio outro ramo de *isoberlinia angolensis* para fazer um segundo atacador para as botas, agora para a bota esquerda. A bota direita, entretanto, começou a descolar a sola devido ao orvalho e folhas, apesar de ter dado um reforço com cola pvc.

Encontramos mais uma víbora aríete, *bitis arietans*. Aqui chamam-lhe surucucu, por via brasileira, ou buta, pela via tribal. Ao vê-la, ali camuflada entre o capim, compreende-se o quão perto se está de pisar onde não se deve. Encolhida sobre si mesma, lenta na espera, explosiva na dentada – injectando uma dose de 100 a 350 miligramas, o veneno desta cobra é citotóxico, e uma dose de 100 miligramas já fatal para um humano adulto, destruindo de imediato as células do organismo, em grande quantidade e velocidade. A reacção é de um inchaço maciço, levando à frequente necessidade

de amputação de membros – isto caso se sobreviva. A gangrena e veneno causam cicatrizes para a vida. A sua cabeça, grande e triangular, continua no seguimento dum corpo da grossura dum punho de homem, com um comprimento de um pouco mais de um metro. É uma criatura que ataca emboscada. Duas barras oblíquas de cor descem-lhe dos olhos até ao lábio. Sabe nadar quando chove, e gosta de se deitar no asfalto quente das estradas de noite. Depois do hipopótamo, este é o animal que mais mortes causa entre humanos em todo o planeta.

Depois de me ter cruzado com mambas negras, jibóias e víboras aríete nestes trilhos de capim, ainda caminho com mais precaução, apesar da velocidade. De olhos no chão, piso as pegadas do homem à minha frente. Os meus olhos estão demasiado fracos para poder abrir sozinho o meu próprio trilho. Cada ramo caído parece-me uma cobra emboscada, sem falar dos ramos escondidos sob a erva.

O vento está bom: quer dizer que os animais no seu ziguezaguear não nos sentirão o cheiro. Por outro lado, significa que vamos ter de continuar a caminhar por muitas e muitas horas. Rápido.

A Palanca Negra Gigante faz ziguezagues na sua passada, para obrigar, pelo vento, o perseguidor a denunciar-se. Tal como o búfalo da floresta, a pacaça, o búfalo africano, que utiliza uma técnica de surpresa, desenhando na sua trajectória o formato de um anzol, a famosa «volta da pacaça» que já custou a vida a muitos perseguidores. O búfalo fugitivo adianta-se alguns quilómetros e depois apanha o perseguidor no seu próprio rasto. O búfalo perseguido torna-se atacante: dá uma volta e espera o caçador, de lado, na oblíqua, no seu próprio trilho – agora, de frente, e de maneira a poder investir de surpresa. O caçador atento ao trilho que se estende para diante, mal imagina que mais à frente o búfalo deu meia volta e prepara-se para o atropelar vindo do lado, do meio do arvoredo.

Estou a perder o controle da minha respiração, junto com os passos já perdidos.

Gravador Samsung #40 (em sueco no original):

Dizem-me para não me sentar nem deitar junto das árvores. Têm térmitas. Tenho oito tipos diferentes de moscas pousadas nos meus antebraços. Outras tentam entrar-me pelo nariz e uma estranha forma de abelha tenta pousar-me nas retinas. Dizem que se sente atraída pelo cristalino do olho, por lhe parecer água.

S

Gravador Samsung #41 (em sueco no original):

Acabei por me perder na floresta...

Distraí-me com um buraco, um círculo geométrico, mecanicamente escavado no meio da terra. Quatro metros de profundidade para um metro e meio de diâmetro. No tempo colonial dos portugueses foram feitos inúmeros buracos deste tipo em prospecções à procura de diamantes.

Faz horas que caminho sem encontrar o trilho dos meus companheiros. Bastou-me baixar os olhos para o buraco e nesse instante ainda os via mais adiante. Levantei os olhos e tinham desaparecido. Fui invadido por um pânico total.

Acabei de encontrar uma nova salina onde os animais bebem. Para meu transtorno descobro também várias estacas afiadas à catanada, enterradas na terra e camufladas pelo capim. Tudo isto revela a marca muito recente de um acampamento de caçadores furtivos que nos acompanha de perto...

Seis horas depois sou encontrado pelo grupo...

Gravador Samsung #42 (em sueco no original):

Sem o macho da Palanca Negra Gigante as fêmeas da espécie estão condenadas. Duas delas já acabaram por acasalar com um enorme macho de outra espécie, o Roan. O resultado é uns animais feios, com orelhas caídas, cornos imprecisos e rostos ridículos. Estéreis como mulas.

Na manada que procuramos, podemos constatar pelas pegadas que todas as crias são híbridos. A mais jovem das três fêmeas está prestes a entrar em idade de acasalar. Onde está o grande e perfeito macho, a Palanca Negra Gigante? Onde está? Toda esta espécie, toda esta terra, todo este continente, todo este mundo necessita desse Grande Mamífero, e das suas crias. Todo eu necessito de ver esse Ser...

Onde andas tu, enquanto o teu Reino é usurpado por uma criatura ridícula que gera absurdos e morte-a-prazo? Esterilidade e extinção – é o que acontecerá se não te encontrarmos, solitário macho de Palanca Negra Gigante.

Será que na Cangandala já não existe mesmo? Na verdade há mais de trinta anos que ninguém vê um macho, no entanto estas fêmeas puras tiveram de ter um progenitor. Será que existem outros?

Em plena mata, Chilato, Sandy, os pisteiros e os meninos começam a temer pela vida do velho Svart. Sandy diz ter encontrado uma figura resplandecente, com vestes imaculadas, junto à imponente árvore que foi arrancada para dar espaço à antena. Essa visão de Verónica disse-lhe que um grande perigo se abate sobre eles.

Com tal relato e as febres do senhor Svart, os jovens começam a ponderar procurar os restantes elementos da CEFÉ e evacuar o velho Svart. Essa ideia provoca ainda mais mal ao velho, levando-o a ameaçar que fugirá sozinho para dentro das matas.

Durante as noites, o velho Svart alucina alto com a malária:

O velho Svart está acordado há muitas horas seguidas, pensa que dormiu. Está a alucinar e agora que começou a reflectir sobre as imagens febris pensa que acordou. Fala em voz alta e estala os dedos diante do nariz como para se chamar à atenção a si mesmo.

«Atenção ao que te digo! Isto são revelações únicas acerca da vida!», geme e o suor escorre-lhe pelas costas e testa.

Procura no escuro por um copo de água, apenas vê manchas de cor que lhe saltam para diante dos olhos. Toda a escuridão do quarto se fragmenta como um lago de lama seca. Cada segmento do seu campo de visão começa a inchar como um balão vidrado, e mais outro e mais outro, subdividindo-se, multiplicando-se – e dentro de cada bolha a febre produz um pequeno objecto, uma parte do mundo: um olho, uma gengiva com dentes, um pedaço de computador, um gesto, um som, uma cor, uma palavra, tudo conectado apenas pela proximidade, cada coisa isolada dentro de um balão interligado a outro e outro, não pela ordem normal – um olho podia vir associado a um pedaço de aço; uma semente associada a um texto; o passado associado ao futuro; um pedaço da alma de um homem associado à de outro – e essa era a sua história desses fenómenos díspares e isolados, todos a terem uma insuspeita realidade interdependente e mútua. Uma prega unindo mónadas aparentemente estanques.

A meio de um gemido Svart estala os dedos em frente do seu próprio nariz, como um professor que na aula assusta algum aluno que dorme, e logo o velho Svart volta à posição de observador exterior desse borbulhar incessante do caldo da existência, como um aluno que acorda para a matéria que lhe apresentam.

«Tudo são bolhas... Cachos incessantes e rapidíssimos...», explica no escuro em voz pausada e académica.

A ideia do universo ser como cachos de uvas, com objectos estranhos contidos dentro de cada bago de seiva, parece-lhe de uma pertinência máxima. Sente ter descoberto um modelo revolucionário que explique e mapeie a realidade. Dentro do corpo do velho Svart o plasmódio *palsifarium* já lhe

ocupa com 500 milhões de parasitas cada milímetro cúbico de sangue.

As dores de cabeça são atrozes. Svart sentado na cama sacode-se para trás e diante, num embalo catatónico. Geme em altos brados. O sangue nas veias corre espesso e fervente, o coração bombeia devagar devido ao esforço e nas temporadas a hipertensão já se transformou numa aguda encefalite.

«Bolhas incessantes, surgindo e desaparecendo, incessantes! Cachos de bolhas! Isoladas e interligadas!»

4.

Gravador Samsung #43 (em sueco no original):

Estou prestes a fazer um avistamento. Na savana tudo se amplia: os mínimos sons dos insectos contra o silêncio – as rochas contra a planície – o capim amarelo contra a areia vermelha.

Os animais, totalmente camuflados, ao denunciarem-se pelo movimento, realçam-se como um extraordinário surgimento contra aquele espaço minimal – aí perdem-se as fronteiras que distinguem os padrões das rochas dos padrões presentes na pelagem dos animais – ou aquelas fronteiras que separam uns cornos dos indistinguíveis emaranhados de ramos duma árvore – diluindo os reinos animal, mineral e vegetal uns nos outros. Tudo se torna um fluido com diferentes velocidades, tempos e ritmos:

Elegantes cabras-de-leque, *antidorcas marsupialis angoleis*; os olongos, *tragelaphus strepsiceros*; os guelengues, *orix cuissis*, escondidos, camuflados em perfeição até à mínima oscilação duma folha de capim, uma nuvem no céu, um galho de árvore – que, de repente, como disparados por uma mola de alta densidade, saltam em corrida.

A noite cai. Ouve-se o kalabuata, em português, noitibó. Nesta noite do chefe-de-posto, os insectos, pássaros, matrindindes, grilos – todos juntos formam pequenas e brilhantes estrelas sónicas.

Nestas vastas savanas se compreende a desarmonia do ser humano nesta sinfonia em que tudo está incluído e participante do outro – a desarmonia do ser humano, com as suas falsas noções de individualidade, com as suas estranhas noções de civilização, a fealdade das suas cidades, do resultado da sua vida concentrada aos milhões de indivíduos doentes e sujos, a agressividade da sua vida colectiva e o pesadelo da sua existência íntima.

Somos o único animal que considera a sua vida insuportável. Somos o único animal que destoa de todo este universo. Somos o único que não está bem. E quem não está bem –

Que se mude.

Gravador Samsung #44 (em sueco no original):

Como apontam grandes cientistas «não se faz a mínima ideia, nem da mais pequena ordem de magnitude» do número de espécies no nosso planeta. As mais sérias estimativas rondam entre os três milhões e os duzentos

milhões.

Segundo um relatório publicado no *The Economist*, cerca de 97% de todas as espécies de plantas e animais do nosso planeta ainda aguardam ser descobertas... e entre essas espécies, o *Hippotragus Niger Variani* necessita de ser redescoberto, urgentemente.

Se em terra tudo é um mistério para nós (onde o número de insectos ou plantas é uma total incógnita) o que dizer dos oceanos? Nunca se chegou a investigar um milionésimo ou um bilionésimo dos nossos mares. Existem cientistas que dedicaram toda a sua vida – toda a sua vida! – para tentar capturar, ou pelo menos avistar, uma lula gigante. Este animal com olhos do tamanho de bolas de futebol pesa uma tonelada e tem tentáculos de 18 metros. No entanto, nunca ninguém viu nenhum vivo, encontrando-se apenas restos dos seus cadáveres nas costas das praias da Nova Zelândia. Estas lulas gigantes *existem!* e são a principal dieta da *baleia sperm*. A prova de que estes monstros existem está no pescoço de muitas pessoas: os rígidos bicos das lulas gigantes, impossíveis de digerir pela baleia, acumulam-se nos estômagos das mesmas dando origem a um líquido de nome *ambergis*, que é um fixante de perfumes. Ou seja, os perfumes que temos nas casas de banho existem graças

aos bicos não digeridos dum Leviatan subaquático que nunca, nunca!, ninguém viu.

No início do século xx havia três milhões de baleias a nadarem, em ciclos bianuais, por todos os nossos oceanos. Agora são menos de três mil. A baleia tem uma língua que pesa o mesmo que um elefante, um coração do tamanho de um carro, e vasos sanguíneos tão largos que poderíamos nadar através deles. No entanto, a maior parte das vezes não se consegue prever as suas rotas, nem por onde andam – nem sequer onde estão! Não sabemos onde vão procriar, nem por que caminhos lá chegam. O pouco que se sabe desse maior mamífero do nosso planeta é resultado de escutar as suas melodias subaquáticas. As baleias cantam de um oceano para outro. As baleias constroem melodias que interrompem e voltam a pegar no mesmo exacto ponto meio ano depois. Frequentemente, iniciam novas melodias – que era impossível as outras baleias terem ouvido – que todas elas, estranhamente, já conhecem. A Baleia Azul é apenas o maior mamífero do planeta, e vem à superfície – mostra-se! Isso é *quase tudo* o que sabemos.

Gravador Samsung #45 (em sueco no original):

Novamente caçadores furtivos. Junto ao rio.

Fugiram. O Chilato disse-me algo perturbador. Diz que viu Kurtz no meio destas matas. O Chilato acha que os caçadores furtivos são o grupo de Kurtz. Acha que estamos a ser seguidos por eles...

Porquê?

Gravador Samsung #46 (em sueco no original):

É este o quadro diante de mim. A chuva que escorre na rocha sobre as plantas. Não existe nada mais libertador do que desistir de querer – ou de achar que se deve conquistar seja o que for. A harmonia das cores, sons e movimentos. Não tenho nada que ver com esta realidade. Eu não existo nela. A natureza nada tem de pessoal, o meu espaço aqui não se faz sentir, nem importa. A natureza é indiferente a nós, aos nossos quereres. Tudo o que queremos está errado. As folhas seguem em queda, a água que corre – a chuva sobre a rocha e o som das plantas.

Gravador Samsung #47 (em sueco no original):

Aconteceu...

Estávamos na orla da anhara do Cambambe. Onze de Novembro, 14 horas e 45 minutos. Um milagre. A testa pingava suor e os olhos estavam postos noutro lugar, visualizando as loucuras que o pensamento oferece. E, depois de tanto querer, quando menos estava à espera tudo aconteceu. Não foi um avistamento do grande macho de Palanca Negra Gigante – foram as três fêmeas.

Depois de comerem na anhara, as Palancas Negras Gigantes gostam de descansar sob as mussambas que ficam na orla. Estas mussambas dão uma maravilhosa sombra, tendo pouca competição, crescem em altura e largura.

Levanto os olhos e ali estavam elas, as Palancas Negras Gigantes, a cento e vinte metros de distância correndo de sul para este entre as árvores.

As coordenadas desta visão tornaram-se sagradas para mim. Este lugar mais do que um nome tem de ser marcado no mapa da minha consciência, e no gravador também, para que alguém, um dia, possa vir aqui e, quem sabe, ver o que eu vi:

(Sul 09° 52' 16.0" Este 016° 41' 20.4").

Diante dos nossos olhos a corrida das Palancas Negras Gigantes era um trote acelerado (uma velocidade impressionante considerando a calma dos seus movimentos). O todo da passada parecia lento, com o enorme pescoço alçado em silhueta e os impressionantes cornos penteados para trás numa certa curva de inconfundível beleza.

Fomos atrás do rasto, procurando saber de onde se iniciou a corrida e o que faziam antes de dispararem. Com espanto concluímos que elas nos tinham visto aproximar e por ali tinham ficado a observar-nos, até que simultâneo ao momento em que as vimos elas deci-dem desaparecer em corrida. Ou seja, mal as vimos, elas fugiram.

Elas tinham estado ali mesmo, na sombra, a descansar. As pegadas com as unhas fechadas, formando um coração, ainda não estavam abertas, o que mostra que tinham ali estado paradas. A corrida veio metros depois.

Será que o grande macho também nos está a observar?

Será que, também ele, nos conhece melhor do que julgamos? Será que já estivemos juntos, nós procurando e ele observando a uma distância mínima?

Eram as três Palancas Negras Gigantes, as últimas fêmeas do planeta, onde se deposita toda a esperança. Com elas estavam quatro fêmeas de Roan vermelhas. Ao grupo juntavam-se as crias puras de Roan, e as extravagantes crias híbridas de duas das mães Palanca Negra Gigante.

A fé subitamente renovada em encontrar o macho de Palanca Negra Gigante agudiza-se. A vontade de o ver torna-se ainda mais severa, estas fêmeas precisam de um macho, de um futuro, de alguém que expulse o usurpador do território.

Agora, diga-se o que se disser de mim, apontem-me o que me apontarem, critiquem como me quiserem criticar – eu sei que existe.

Eu sei que existe.

5.

Nessa tarde, depois do avistamento das fêmeas, o velho Svart cai inconsciente devido à malária. Chilato e os pisteiros decidem transportá-lo do acampamento para a aldeia. De certeza que o resto do grupo da CEFPE já lá se encontra e terão alguma ideia do que fazer com ele. A expedição alcançou um momento crucial: com o avistamento das Palancas Negras Gigantes fêmeas. O macho será o passo seguinte. Para isso é necessário que o velho Svart não morra e a CEFPE assuma as responsabilidades.

Durante a viagem para a Cangandala, o velho Svart está o tempo todo a delirar falando sem cessar para dentro do pequeno gravador Samsung. Felizmente este está desligado.

«Já imaginaste?», grita o senhor Svart. «Já imaginaste o que é acordares uma manhã para descobrires que te tornaste, de repente, num velho – e que esse será o corpo com que terás de viver o resto da tua vida toda? Isso aconteceu-me.»

«Calma senhor Svart», sopra o Chilato. «Calma.»

«A ti, se ainda não te aconteceu, vai acabar por acontecer – caso tenhas sorte e não morras antes. Com sorte serás um velho!»

Chegam à orla da aldeia. Reencontram os engenheiros, instalados em confortáveis cadeiras de praia, plantadas no meio do escuro, whisky na mão, dando um ar de quem tem estado muito atarefado com a instalação da antena de televisão. Debaixo da árvore onde eles se sentam passa uma aragem amena, acompanhando o balanço dos cubos de gelo dentro da bebida.

Ao longo do caminho, os pisteiros já ouvem, pelos contrerrâneos com quem se cruzam, rumores perturbadores relativamente aos caçadores furtivos. De novo os caçadores furtivos!

Ao chegarem à aldeia da Cangandala a noite já caiu e todo o povo está de archotes na mão. O velho Svart tenta caminhar pelo seu próprio pé e começa insistentemente a perguntar o que se está a passar.

«Porque está toda a gente fora de casa? Porque estão todos de archotes na

mão?», insiste o velho limpando vezes sem conta o suor da febre. «Porque é que nunca respondem quando os velhos fazem perguntas?»

Vindos do único edifício de pedra da aldeia, o Brigadeiro-e-Bispo aproxima-se empurrado pelo Administrador que segura firmemente as pegadas da cadeira de rodas.

Ao ver Sandy, o Brigadeiro-e-Bispo acena-lhe com a cabeça. Obediente, Sandy aproxima-se e substitui o Administrador na função de empurrar a cadeira de rodas.

«Durante anos comeste-me da mão, cadela. A tua traição já faz parte do filme», ciciou selvagem o Brigadeiro-e-Bispo, seguindo-a com os olhos. «E eu sei como o filme acaba. Já te seguimos desde há muito. Não falta que saiba o teu propósito. Agora empurra-me.»

Nisto o Administrador começa a falar à população:

«Será encontrado o autor deste horrível acto de vandalismo. Isto é um crime de lesa-pátria que ofende os nossos símbolos nacionais e as ordens explícitas do nosso comandante da polícia que obrigou à confiscação de todas as armas nestas aldeias», vocifera o Administrador.

Ao seu lado Kurtz olha o chão e abana a cabeça em reprovação. Crianças agarradas às mães sentem desconfiança e medo – estas reuniões em círculo, com gente importante, amiúde resultam em coisa má.

«Deixem passar o perito para que ele possa ver!», gritam os engenheiros de bigode preto, cinzento e castanho. «Aproximem o homem para que ele faça o reconhecimento. Ele é que é o perito!»

Começam a empurrar o senhor Svart para a frente, pelo meio da multidão, em direcção ao centro. A angústia do senhor Svart torna-se palpável.

«Nesta trágica ocasião, gostaríamos de apresentar um famoso Doutor, formado nas melhores universidades da especialidade... Um cripto...»

«Criptozoólogo», diz, tímido, Svart, bem consciente do olhar fixo do Brigadeiro-e-Bispo e de um ligeiríssimo sorriso cruel. «Ri-se de mim...», pensa o velho Svart.

O Bispo não ri do criptozoólogo. Ri do que o senhor Svart está prestes a ver.

Aproximando-o de uma enorme bancada de madeira, lá está o corpo dela. A aldeia está reunida em volta de um cadáver. Um corpo de Palanca Negra Gigante fêmea decapitado.

Uma visão obscena.

O Administrador continua:

«O reaparecimento da Palanca nos nossos matos representa a justa prosperidade que todos almejamos! É a nossa principal riqueza em termos de fauna animal. É uma mais-valia, um potencial capital turístico! O seu regresso representará o regresso dos tempos antigos, com o seu passado glorioso e financeiramente abastado para todos aqueles que tiverem a sensatez e inteligência de reconhecer um tesouro, uma verdadeira mina de diamantes! Vocês sabem reconhecer uma mina viva?»

Ninguém compreendeu bem a comparação duma Palanca Negra Gigante a uma mina de diamantes – perante o olhar feroz do Administrador, o coro das vozes respondeu: «Sim, sabemos reconhecer uma mina viva!»

«Nesta trágica ocasião gostaríamos de reiterar um pedido, uma súplica ao Doutor Svart, para que encontre a Palanca Negra Gigante macho. Esse macho poderá reiniciar uma nova linhagem de crias para que o nosso futuro esteja garantido!», acrescenta o pomposo Administrador.

Toda a gente olha o velho Svart com intensidade. Todos querem que ele descubra a Palanca Negra Gigante. Ele *tem* de descobrir o macho de Palanca! É isso que todos esses olhares imploram, suplicam. Apenas com duas crianças a baterem umas tímidas palmas, o senhor Svart é empurrado – mirrado e febril – para diante da montra dos olhares – um magro passo à frente.

O corpo decapitado da fêmea pinga sangue para o chão.

O velho Svart soluça alto. Para surpresa de toda a gente, começa a chorar.

«Riem-se de mim», ainda pensa o velho Svart limpando as lágrimas furtivas e deitando um olhar embaraçado a Kurtz e ao Brigadeiro-e-Bispo.

Não é disso que riem. Riem da Kaviula, a miúda maltrapilha que agora está de mão dada com Svart. Riem de Sandy que, submissa, está a empurrar a cadeira de rodas. Riem dos nós brancos dos seus dedos, tão apertados à pega da cadeira.

Riem daquilo que têm na bagageira do seu Hummer. A cabeça decapitada da Palanca Negra Gigante embrulhada numa lona de plástico.

6.

Gravador Samsung #47 (em sueco no original):

Já vou no terceiro dia de medicação, Coartem (um combinado de arteméter e lumefantrina, o novo antipalúdico). Passei dois dias deitado a beber chá de erva-príncipe.

Tento suportar o que não compreendo. Procuro e não encontro. Encontro e logo perco. A efemeridade...

Primeiro veio uma esperança. A esperança! As coisas começavam a fazer sentido. De repente tudo o que se sofreu para trás pareceu por momentos justificado, integrado num sentido maior. A confiança que me nasceu no coração! A fé, porque vi! E, agora, este corpo de Palanca fêmea decapitado. A impermanência de tudo: num dia o júbilo e êxtase de as ter visto. No dia seguinte encontrar uma delas assim, estuprada pela violência.

O corpo da Palanca fêmea sem cabeça.

7.

Sentado pela primeira vez em muitos dias, o senhor Svart ainda bebe chá de caxinde, numa cozinha improvisada duma casa que o Administrador cedeu ao velho.

A menina Kaviula, Xinganje, Chilato, Bebeká e Sandy fazem companhia ao velho.

«Que horror. Que coincidência cruel...», murmura Svart. «Logo após encontrarmos as fêmeas, aparece o corpo de uma Palanca Negra Gigante... naquele estado...»

«São pontas opostas do mesmo pau», replica Sandy. «É o teu dom. E é a tua maldição. Fazer o avistamento do macho de Palanca Negra Gigante é também fazer o avistamento do maior troféu de caça do mundo.»

«Andámos sempre a ser seguidos por caçadores furtivos», comenta Bebeká.

«Se o macho for visto...», pergunta o Chilato.

«... Será morto», responde Bebeká. «É isso que eu sei. Será visto e será morto.»

«Não foram os caçadores furtivos que fizeram essa coisa horrível...», intervém o menino Xinganje.

«Porque dizes isso?», pergunta Sandy.

«Sabem o que estava no chão daquele carro?», Kaviula aponta ao longe o Hummer de Kurtz. «O que faltava ali!», e aponta para a mancha de sangue no chão onde estivera deitado o corpo da Palanca Negra Gigante.»

Faz-se um silêncio prolongado.

«Porque não me matam?», geme o senhor Svart.

«Há uma dependência. O senhor Svart depende da CEFE para ver a Palanca Negra Gigante. E o presidente da CEFE depende do dom do senhor Svart para localizá-la. O dom de avistar um milagre – para depois caçá-lo. Pois caçar um milagre é sim o maior troféu do mundo...», murmura o Chilato começando a entender o problema.

«Ambos querem algo. E esse querer custará a vida do último macho de Palanca Negra Gigante», acrescenta Bebeká.

«O melhor é fugires daqui e lebares a tua filha contigo. É melhor para todos. Um grande mal aproxima-se», ameaça Kaviula.

«Filha?»

«Uma prova do esquecimento», diz Kaviula e aponta para Sandy.

Surge no espírito de Svart uma palavra:

PECADO.

Aparece pintada a vermelho de encontro a um fundo de luto.

Pecado (a falta de sabedoria, o falhar do alvo) é o esquecimento. A origem da palavra pecado é a mesma da palavra esquecimento. Amnésia: o contrário da anamnese. Esquecimento: o contrário da memória. O contrário de se saber por onde se andou e quem se é. Por onde andaste, quem és?

Não sei quem sou, nem por onde andei.

Milhões de vidas para trás e nem um sentimento de gratidão tenho pelos que me precederam.

«Sandy, a tua filha», repete Kaviula.

O meu esquecimento. O meu pecado.

E, pela primeira vez na vida, Svart bate numa mulher. Dá uma bofetada em Sandy. Bate no rosto de Sandy. O rosto de Sandy arde-lhe na palma da

mão.

Sandy, com pudor, delicada, inclina o rosto agredido para o lado. E, assim, inocentemente oferece a outra face.

Envergonhado, o velho Svart deixa cair a mão.

8.

Nessa noite, o velho Svart tem um sonho em que a morte da Palanca Negra Gigante é também a morte da sua filha. São um ritual sincronizado. O velho Svart encontra-se com aquela criança. Dentro do sonho o velho Svart sente isto:

Escuros olhos, que me reconhecem, mesmo antes de eu a reconhecer. Primeiro é aquele sobressalto de não saber a quem vejo. Uma certeza de que a pessoa que me apareceu na frente tem muito que ver comigo. Depois, o reconhecimento. A certeza de que sei que *é a tal pessoa*, e isso inunda-me de inquietação eufórica. Dentro de mim algo diz: enfim. Enfim te encontro. Quem és tu? Olho a criança e dizem as vozes em meu redor: «É a tua filha!» e o coração inunda-se-me de uma tristeza sem fim.

É nisto que tudo se resume: não quero morrer. É por isso que queremos ser amados por alguém: ao menos haverá uma testemunha que nunca nos esquecerá. E por causa desse amor sentimos que não morreremos.

Morremos, afinal.

A criança tem a cara virada para o alto, para mim, com um sorriso e olhar como um cálice de oferenda. Esta criança ensina-me a sua identidade: é a filha de Muxima.

Não quero morrer.

Um corpo completo, um indivíduo, é mente e coração. Duas partes que fazem uma unidade completa. Dois pólos de equilíbrio que não se podem separar.

Dois corpos decapitados.

Svart agora vê: no seu pesadelo duas cabeças perdidas e recapitadas em corpos trocados. Um corpo sem cabeça e uma cabeça sem corpo. A desarmonia, um diapasão de um só braço. Um céu sem sol, ou sem lua. A cabeça alienada do corpo, alienada do seu próprio coração, do seu centro espiritual. O coração, desejante, desprovido do leme da visão. O coração pulsante sem bússola. A cabeça, a máquina de somar, um motor que trabalha sozinho, uma ogiva atómica, recapitada sobre um corpo de animal, um corpo de instinto e violência.

Uma visão obscena.

No sonho, Svart vê toda a aldeia. A aldeia reúne-se em círculo, não para dançar ou celebrar. Reúne-se em comité, para ser sujeita a uma impressão indelével, a uma pegada na memória colectiva. Todos olham com curiosidade a inauguração da antena de televisão. Um acto político com pessoas importantes e um objecto, enorme, no meio da reserva. Concluído.

Cuidado pessoas, cuidado com os vossos olhos negros que penetram

fundo e vêem o segredo das coisas. Esse segredo é uma armadilha! Há coisas que são escondidas de propósito. A descoberta do segredo é descobrir que se está mordido entre os dentes da armadilha. Ao penetrarmos uma imagem, somos penetrados por ela. Há imagens assim, fabricadas para que as olhes, rebuscando num fundo íntimo, por algo escondido – e depois de as sondares, rebentam-te de dentro para fora. Uma semente de embondeiro que te é plantada no interior do olho, para te cegar com as suas raízes.

No sonho, o velho Svart vê o Brigadeiro-e-Bispo a preparar a inauguração da antena de televisão. O homem aproxima-se da estrutura de aço e vidro. A estrutura está coberta com um pano típico das inaugurações.

O homem aproxima-se e arranca o pano, como quem despe de forma infame uma mulher. A imagem é detonada.

Há coisas que nunca deviam ser vistas por ninguém.

Todos os olhos negros se abrem muito.

A estrutura de aço e vidro expõe o seu conteúdo diante do olhar de todos. Um aquário gigante. E lá dentro a imagem dos corpos com movimento.

Uma bomba obscena. Uma imagem indelével.

Todos os olhos negros se abrem muito, revelando mais branco do que é costume.

«Estão a dançar», geme uma menina com a boca contraída.

«Não. Não estão a dançar», comenta o adulto a seu lado, torcendo as mãos em desgosto.

O vento sussurra com um som semelhante a serpentes deslizando em lama fresca. Um bando de aves voa para longe e as borboletas da noite acordam precipitando-se na direcção da mente ardente de uma criança – e transformando-se em cinza, de forma imediata.

Alguém dá uma gargalhada nesse silêncio total que abafa a roda de gente. Uma clareira de fogo no meio da floresta, onde crepita uma labareda de gargalhada mal contida, involuntária como um soluço.

Mulheres e idosos desviam os olhos, uns para o lado, outros para o chão. Um sulco na rocha do espírito. O tempo não vai apagar o que acabaram de testemunhar. Esta emissão.

Dentro do aquário, uma máquina move lenta uma bomba viva, o corpo da mulher tem uma cabeça com cornos, olhos esbugalhados, a cabeça errada enxertada na fina carne humana. Os corpos entrelaçados flutuam como algas, cabelos lentos de cadáver morto, boiando nas águas do pesadelo – o rosto de mulher agraçado ao corpo musculado do animal. O olhar dela é vazio e desalmado. Cabelo, cascos, pele e dentes. Sem essência, mas vivo. Vivo pela intenção. Tal como um arame farpado ou uma granada, estão vivos pela intenção de causar sofrimento.

Gravador Samsung #48 (em sueco no original):

Estamos em movimento de novo. Já não busco, apenas fujo. Qualquer

coisa de sinistro se abate sobre nós e quer destruir a pouca dignidade que me resta: a minha filha. Tenho de salvá-la.

Fugimos a meio da noite no «20 Buscar», abandonando o acampamento, a Cangandala, a expedição. Acabou-se a odisseia de tentar fazer o Grande Avistamento. Tudo recomeça de novo, uma fuga para diante, a busca incompleta. Uma sede insuportável.

Vamos tentar atravessar a fronteira a sul, transpondo o rio Cunene, para a Namíbia. Um homem de contacto ajudar-nos-á no processo de atravessar o rio. Sandy afirma ter o contacto de alguém que costuma prestar este tipo de serviços de emergência. Tudo me parece muito inseguro e vago.

A malária causa-me delírios e paranóia.

9.

O Chilato afirma ter uma caixinha de fósforos que nos garante a fuga. O velho Svart queixa-se da conversa, dizendo estar cansado de tanta superstição e esperanças e ameaças. Tudo em vão. O Chilato insiste em passá-la de mão em mão, garantindo que o pequeno espelho lá dentro é a prova de que a caixinha de fósforos funcionará. Ora, isso é o que o Chilato nunca chega a provar, porque na curva seguinte do carreiro eles encontram alguém inesperado. Agora as rodas dentadas do destino querem o Chilato.

Tudo acontece muito rápido. Svart experiencia uma agonia a rodar-lhe o estômago, um *déjà vu* com mais de trinta anos. Na cabeça a vertigem da malária. Medo.

Eu lembro-me...

Uma cena cristalina como uma reminiscência. O senhor Svart com uma lâmina por respiração lembra-se daquela outra vez: uma perseguição atravessando toda a planura do deserto – através daquele calor e uma sufocação terríveis. Num absoluto momentâneo, numa sequência instantânea, o velho Svart vê no seu rosto e corpo os vestígios, inconfundíveis, de outros rostos e corpos.

«Eu já aqui estive», geme o senhor Svart em voz alta. «Eu lembro-me disto.»

Lembra-se também de acordar depois, num outro lugar. Após mais de trinta anos de kakutassanda.

Estão a guiar entre o arvoredo e, de repente, está alguém no meio da mata – uma viatura parada no meio da vereda, mesmo sobre o carreiro. A posição foi bem escolhida pelo homem, conseguiu surpreendê-los – e bloqueá-los. O Xinganje ainda dissera segundos antes:

«Isto é um bom lugar para uma emboscada.»

Ali está um homem. Uma figura indistinta, incompreensível. Um rosto impossível de classificar e, logo, de memorizar. Poder-se-ia apenas dizer que era um homem, agachado, ou encostado, a um carro escuro. Todos pensaram que estaria a tentar mudar um pneu, porém o homem está em posição de ataque, como uma víbora bem camuflada.

O Chilato sai do carro, caminhando na direcção do homem e do carro que lhe bloqueia o caminho

«Vem, vem! Rápido!», o homem gesticula com urgência, quase numa angústia. «Ai, ai!», geme num tormento insuportável e o gesto da mão que chama o Chilato quase parece um pedido de socorro de um homem envenenado de morte, num estertor de dor. Depois ri-se de forma abafada, uma tosse de tuberculoso, cheia de esforço contido, um espirro para dentro.

«Vem, vem! Rápido!», e chama o Chilato, do chão, onde está todo agachado, uma mancha incompreensível de homem, onde apenas se distingue a mão que chama e o riso abafado.

O Chilato pergunta em voz alta:

«O que se passa aqui? É preciso ajuda?»

Ninguém ouviu a resposta, da distância parecia ouvir-se um sussurro, uma gargalhada mal contida. Como se o homem tivesse asma, ou sibilasse como uma cobra. Sandy começa a chamar o Chilato de volta, como quem implora. Então ouve-se o som da voz do homem, o seu rosto indistinto, como uma nuvem líquida de expressões escondidas – uma poça de chuva suja de petróleo – e o homem arfa:

«Doutor Branco. Trata-me por Doutor.»

O medo invade o carro e Sandy agarra o manípulo da porta com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos. O Chilato espanta-se, não recua. O homem ergue-se em toda a envergadura. Ordena-lhe que se aproxime, ao que o Chilato não obedece. Na mão o homem tem uma enorme pedra com que lhe acerta em cheio na cara. O Chilato cambaleia enquanto uma cascata de sangue dispara do nariz e da maçã do rosto direita. O homem agora recua até ao seu carro. Debaixo do banco tem uma catana na qual pega com facilidade e começa a avançar para a carrinha «20 Buscar».

«Fujam...», grita o Chilato. «Senhor Svart, por favor! Fujam!»

«*Encontraram-nos*», pensa Svart. «*Encontraram-nos*.»

O homem volta para trás para calar o Chilato. A catana voa na direcção do Chilato, este já está de sobreaviso e tenta afastar a cabeça. O Doutor Branco acerta com a catana no rosto do Chilato, a lâmina acerta de lado, como uma pá, e não como uma faca.

Sandy geme sem cessar, paralisada pelo pânico, mas Svart já conseguiu destravar o carro acelerando na direcção do homem de camuflado que ocupa o único pequeno pedaço de estrada livre. Svart faz uma razia ao carro parado, tenta atropelar o homem camuflado, mas falha e passa por cima do Chilato por engano.

Oh meu Deus, oh meu Deus, oh meu Deus. Pára, pára!

Svart guia em transe, sem escutar os lamentos e lágrimas de Sandy, nem os gritos dos meninos Kaviula e Xinganje. Guia sem parar, hipnotizado pela velocidade e terror – o carro sacudindo-se, basculando como uma barçaça do inferno, saindo da estrada, voltando a entrar, arrancando ramos de árvores, passando por cima de montes duros de térmitas.

Gravador Samsung #49 (em sueco no original):

Os corpos mal decompostos espreitam-nos na nossa fuga em direcção ao ponto de encontro. Um ponto de encontro com o homem que nos levará para fora do país. Quem é esse homem? Sinto uma agonia de morte.

Tivemos de abandonar a carrinha Toyota na areia e continuar a pé. Os miúdos desapareceram na última aldeia. Disseram que iam usar a caixinha de fósforos e fugiram a dançar.

Caminho com Sandy. Em direcção à Namíbia, à salvação. É só atravessar o deserto e o rio. Este deserto... cheio de corpos de focas, cães e gaivotas.

É difícil pisar de modo a que não se enterrem os pés na areia mole – em redor dos tornozelos emaranham-se fiapos de redes de pesca e sacos de plástico soprados pelo vento. Ossadas polidas e re-fulgentes, semiexpostas na areia amarela. Caminhamos a grande velocidade e eu esforço-me para não pisar os cadáveres submersos na areia, dunas movediças e esponjosas, um inframundo para onde graviticamente, inexoravelmente somos sugados, dissolvendo-nos lentamente, desagregados da nossa identidade, em carne-cabelo-dentes, soltos.

Espreitando entre o amarelo das areias, avançamos ao longo da língua de areia, o mar de ambos os lados – o deserto para trás – e avançamos tendo o farol abandonado ao longe como ponto de referência. Passamos pelo casco destruído de um barco, umas costelas de areia e uma pequena placa assinalando a identidade perdida do destroço:

Ozymandias, de carne-cabelo-dentes, soltos.

O ponto de encontro com o homem que nos fará passar a fronteira, parece surgir de todo o lado – casas de olhos furados, sem portas, ruínas de três paredes e uma linha abstracta, invisível, inventando uma fronteira, um jardim, um pátio, um muro, uma propriedade sem dono, sem ninguém.

Ninguém habita a casa.

Talvez o nosso contacto, o tal homem que nos ajudará, esteja numa dessas casas de três paredes, nessas ruínas tomadas pela areia. Talvez ele esteja à entrada, num simulacro de recepção, num ponto que é uma convenção de porta, um vazio com o mar e o deserto por fundo.

Ninguém habita a casa.

O nosso contacto ainda não chegou. Vamos esperar...

Gravador Samsung #50 (em sueco no original):

Aproxima-se uma tempestade. O vento sopra violento sob um céu de metal pesado. Vai chover no deserto...

A noite cai e tudo ficou treva – o mar começou a explodir em rastilhos de branco cru, a rebentação como uma linha de trovoadas que corre paralela ao horizonte e à praia – e os passos deixam rastros de faíscas luminosas no refluxo

das ondas.

Vemos o rasto dos nossos passos, brilhando no escuro.

10.

Quando o jovem avistou o velho, sentiu o que os homens sentem quando se cruzam com outros homens.

Ao longe o velho Svart já tinha visto o jovem chegar sem o reconhecer – aproximando-se rápido sob o sol encoberto, sal e areias.

O velho estava sentado a contemplar o mar pela janela da ruína colonial, ali no deserto do Namibe, frente à foz do rio Cunene, na fronteira com as gigantes dunas da Costa dos Esqueletos.

O corpo do velho está encolhido. Tinha atravessado toda a planura do deserto através daquele calor e uma sufocação terríveis. É fácil ver o homem que se aproxima, através da paisagem despida de árvores e plantas. Apenas destroços de madeira, carcaças de animais cuspidos do mar e barcos apodrecidos. O céu, escuro, está carregado de nuvens baixas e velozes. O céu é cinzento como um canal de televisão sem sinal. Quando já entardecia, o velho e a mulher instalaram-se naquela ruína do tempo colonial, uma casa só com três paredes, sem tecto, junto à foz daquele rio que, segundo os rumores, tem os mais perigosos crocodilos, e cuja água nenhum vaso pode conservar. Enquanto se bebe esquece-se tudo, assim dizem.

Ouve-se um trovão – e a ponta da arma fumega. Surge o jovem camuflado de novo. Não é o homem que se esperava, não é o homem de contacto, que vinha salvá-los. É um homem com um nome de código. Um exército de um só homem.

De repente, com uma caixinha de fósforos, a mulher partiu dali, para o alto, brilhando como uma estrela.

O homem velho, atingido, sangra para dentro da água do rio, para onde se afastou. O jovem camuflado segura, suavemente, a cabeça do velho e empurra-a para dentro do rio.

«Esquece-te de tudo. Esquece-te de quem és», o vento leva as palavras que ninguém ouve.

O jovem camuflado pressiona a cabeça ainda mais para o fundo das águas. Debaixo de água o rosto do velho grita em silêncio.

Tenta respirar. O cérebro dispara imagens. Toda a sua existência, então, corre em segundos diante dos seus olhos. Num absoluto momentâneo, numa sequência instantânea, vê no seu rosto e corpo os vestígios, claros, de outros rostos e corpos. Vê ombros largos e musculados, um rosto duro e antigo, cabelos longos e vermelhos, uma criança fraca e doente, uma fiada de execuções públicas, enforcados, decapitados, empalados, chicoteados, uma mulher de olhos rasgados e belos, um lagarto negro, um peixe de águas profundas, corais e algas. O oceano. O seu olhar tem todos aqueles rostos, e todos aqueles olhares têm o seu próprio rosto. Svart tenta observar melhor o rosto e o olhar que são os seus.

O Doutor Branco tem suor na testa. O seu hálito tem uma mistura de erva e álcool. O jovem está a segurar, firme, a cabeça do velho, não sabe que o velho tem uma arma no bolso. Empurra a cabeça do velho debaixo de água enquanto procura a mulher. É nessa altura que vê algo entre a chuva que cai.

De uma beleza indescritível, contempla-os.

Respirar. Tenta respirar. Engole água do rio, afoga-se no esquecimento.

O velho sabe que vai desistir. Procura a granada no bolso e puxa-lhe a cavilha.

Tenta respirar. Inspira, expira.

Ouve-se um trovão, enquanto algo, de uma beleza indescritível, os contempla, ali.

Através da chuva.

AGRADECIMENTOS

Preciso de agradecer a estas pessoas: José Eduardo Agualusa e Conceição Lopes, por me lerem e relerem e pedirem mais; Cecília Andrade e Patrícia Reis, por me editarem e trabalharem o texto com amorosa impiedade; Pedro Vaz Pinto, por me levares até à Palanca Negra Gigante no coração das matas; S. N. Goenka e Nancy Gottlieb, por me darem uma bússola; Verónica Ngando, por seres mesmo filha de Deus.